

Entre a Língua, o Texto e o Discurso

(Organizadores)

Max Silva da Rocha

Maria Margarete de Paiva

João Benvindo de Moura

Emanuelle Maria da Silva Piancó

Natália Luczkiewicz da Silva

Entre a Língua, o Texto e o Discurso

(Organizadores)

Max Silva da Rocha

Maria Margarete de Paiva

João Benvindo de Moura

Emanuelle Maria da Silva Piancó

Natália Luczkiewicz da Silva

Copyright © do autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

FICHA CATALOGRÁFICA

R672t Rocha, Max Silva da
Entre a língua, o texto e o discurso / Max Silva da Rocha, Maria
Margarete de Paiva, João Benvindo de Moura, Emanuelle Maria da Silva
Piancó, Natália Luczkiewicz da Silva(organizadores) - Teresina: Editora
Pathos, 2023.
246p.
ISBN 978-65-85696-00-5.
1. Discurso. 2. Texto. 3. Língua. 4. Retórica. I. Título.

CDD 410

Diagramação, capa e projeto gráfico:

Vinicius Alves

Conselho Editorial:

Argus Romero Abreu de Moraes (UFSJ); Bruna Toso Tavares (UEMG); Carlos Ângelo de Meneses Sousa (UCB); Edmilson José de Sá (UPE); Ida Lúcia Machado (UFMG); João Benvindo de Moura (UFPI); Ivanete Bernardino Soares (UFOP); Márcio Rogério de Oliveira Cano (UFLA); Max Silva da Rocha (UNEAL); Rony Peterson Gomes do Vale (UFV); Rosane Monnerat (UFF).



editora

PATHOS

contato@editorapathos.com.br

editorapathos.com.br

Teresina - Piauí

2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
PREFÁCIO	11
O ETHOS COMO TÉCNICA ARGUMENTATIVA EM UM PRONUNCIAMENTO DE CIRO GOMES Josefa Joyce Silva do Nascimento Max Silva da Rocha Maria Margarete de Paiva	14
“MAIOR TRAGÉDIA DO SÉCULO EM PERNAMBUCO”: ESTADO, LAMA E EFEITOS DE SENTIDO Sóstenes Ericson	36
RELAÇÕES DIACRÔNICAS DO LATIM AO PORTUGUÊS: ALGUMAS MUDANÇAS MORFOLÓGICAS Pedro Antonio Gomes de Melo	49
SABERES DOCENTES RESPONSIVOS DE LICENCIANDAS EM LETRAS NO CONTEXTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO Silvio Nunes da Silva Júnior	66
A METÁFORA RETÓRICA E O LUGAR DA QUANTIDADE ENQUANTO DISPOSITIVOS ARGUMENTATIVOS NO GÊNERO REPORTAGEM TELEVISIVA Maria Alice da Rocha Eduardo Pantaleão de Moraes José Nildo Barbosa de Melo Junior	81
ABORDAGENS DE ESTUDO DE GÊNEROS: O RESUMO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO E A PESQUISA NA UNIVERSIDADE John Hélio Porangaba de Oliveira	98

DISCURSO E CAPITALISMO: A FOME NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 118

Alexandre Souza Cavalcante
Josenilda Rodrigues de Lima

INTERPRETAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE LEITURAS LITERÁRIAS ADAPTADAS MULTIMODAIS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA 134

Maria Verônica Tavares Neves Cardoso
Helena Gomes Wielewicki

A CONSTITUIÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE EM MEMES DA INTERNET 152

Deywid Wagner de Melo
Marcos Vinícius Lúcio Fragoso

A PATEMIZAÇÃO E OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS EM MATÉRIAS DO JORNAL O DIA SOBRE O SANATÓRIO MEDUNA 166

Francisco Herbert da Silva
João Benvindo de Moura

MARCAÇÃO EXPLÍCITA DE PLURAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL (PB) 186

Elias André da Silva
Aldo Matheus do Nascimento Silva
Ana Patrícia Alves Limeira

LETRAMENTO CRÍTICO E DECOLONIALIDADE: CONSTRUINDO ESPAÇOS DE RESSIGNIFICAÇÃO 206

Natália Luczkiewicz da Silva
Flávia Colen Meniconi

UMA ANÁLISE DO PROPÓSITO COMUNICATIVO EM POSTAGENS POLÍTICAS DE DEPUTADOS FEDERAIS NO INSTAGRAM 225

Emanuelle Maria da Silva Piancó

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS 238

APRESENTAÇÃO

Esta obra, intitulada “Entre a língua, o texto e o discurso”, representa mais uma importante publicação realizada pelo Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua (GEEAL), sediado na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), em Palmeira dos Índios, e cadastrado formalmente no CNPq. Esse importante grupo, fundado ainda em 2020 no interior alagoano, tem como coordenadora geral a professora doutora Maria Margarete de Paiva, que vem, todos os anos, juntamente com os demais membros do GEEAL, organizando eventos e publicações acadêmicos de grande importância às ciências da linguagem.

Desde a fundação do GEEAL, constatamos a presença constante de alguns importantes eventos. O primeiro foi realizado remotamente em 2020 e teve como temática: “I JORNADA DE WEBCONFERÊNCIAS COM DISCENTES EGRESSOS DO CURSO DE LETRAS DA UNEAL CAMPUS III”. Neste, discentes egressos puderam apresentar suas pesquisas e relatar experiências a partir do curso de Letras da UNEAL. O segundo evento também foi remoto e ocorreu em 2021, apresentando a seguinte proposta: “I JORNADA VIRTUAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO GRUPO GEEAL”. Aqui, contamos com palestras, mesas-redondas e simpósios temáticos. Docentes de várias instituições do Brasil participaram e cederam textos para que pudéssemos publicar a nossa primeira coletânea: “Texto, discurso e sentidos”¹.

Ainda em 2021, virtualmente, realizamos um evento intitulado: “I SEMINÁRIO DO GEEAL-UNEAL: MULHERES EM (INTER)AÇÃO”. Apenas mulheres linguistas foram as responsáveis pelas palestras, minicursos, mesas-redondas e mediações. Já em meados de 2022, realizamos o “II SEMINÁRIO DO GRUPO GEEAL-UNEAL”. Foi um evento totalmente presencial, retomando as interações face a face após o período pandêmico. Esse evento contou com palestras, mesas-redondas, comunicações orais, sorteios de livros, atividades culturais, entre outras programações. O resultado das interações fruto desse encontro está culminando com a publicação desta importante obra que ora apresentamos. Não é algo construído apenas pelos integrantes do GEEAL, ao contrário, é um trabalho realizado por meio de muitas mãos.

1 - O livro encontra-se disponível gratuitamente neste endereço: <http://editorapathos.com.br/texto-discurso-e-sentidos/>. Acesso em 10 de fev. 2022.

Nesse sentido, pesquisadores e pesquisadoras de grande capacidade percorreram diferentes teorias, a exemplo da Argumentação, Análise do Discurso, Estudos Retóricos de Gêneros, Estudos Sintáticos e Morfológicos, Linguística Aplicada, Retórica, entre outras, a fim de nos agraciar com teorizações, metodologias e análises consistentes em diferentes gêneros orais e escritos. A língua, o texto e o discurso são os ingredientes presentes neste importante livro. Os autores e as autoras, de forma eficaz, mobilizam dispositivos teórico-analíticos capazes de mostrar como é possível ter contato com as vias de acesso aos mais diferentes sentidos que ora estão explícitos, ora estão implícitos, carecendo de um olhar transcendente, para que seja possível filtrar as informações e reter as intencionalidades apresentadas à adesão do outro, representado pelo sujeito ideal, o alvo da enunciação do persuasor.

Este livro se tornou realidade porque os autores e as autoras confiaram nesta proposta e, gentilmente, cederam seus preciosos textos para a nossa publicação. São vinte e quatro pessoas, divididas entre discentes da graduação, especialistas, mestres/as, doutores/as que se juntam e nos brindam com textos imprescindíveis ao universo linguístico. Antes mesmo de apresentar cada capítulo, é necessário afirmar que nós do grupo GEEAL somos gratos a cada pesquisador e pesquisadora que participou do nosso último evento e que aceitou o desafio de contribuir com esta coletânea. São treze capítulos que perscrutam os diferentes conhecimentos em torno da língua, do texto e do discurso. Tudo isso só foi possível graças a vocês, autores e autoras. Ratificamos o nosso agradecimento por esta expressiva contribuição que, sem dúvidas, ficará registrada na história do nosso grupo de pesquisa.

O primeiro capítulo que inicia esta coletânea, intitulado “O *ethos* como técnica argumentativa em um pronunciamento de Ciro Gomes”, foi escrito por Josefa Joyce do Nascimento, Max Silva da Rocha e Maria Margarete de Paiva. Neste texto, as autoras e o autor mostram de que maneira o orador político Ciro Gomes, por meio de um pronunciamento, formula diferentes tipos de *ethé* com o objetivo de conquistar a adesão do outro. Para tanto, as pesquisadoras e o pesquisador recorrem ao *ethos*, inserido numa linha retórico-discursiva.

O segundo capítulo é “Maior tragédia do século em Pernambuco: estado, lama e efeitos de sentido”, redigido por Sóstenes Ericson. Ancorado nos estudos da análise do discurso materialista, o referido autor aborda o caos provocado pelas fortes chuvas que vitimaram 128 pessoas, deixando milhares de desabrigadas e desalojadas. Assim, o pesquisador busca pensar a resistência na circulação de imagens que escapam em transmissão ao

vivo, tendo em conta a cobertura feita pela Rede Globo NE a partir da manhã do sábado, 28 de maio de 2022.

O terceiro capítulo, “Relações diacrônicas do latim ao português: algumas mudanças morfológicas”, tem a assinatura de Pedro Antonio Gomes de Melo. Neste texto, o autor apresenta um estudo de Morfologia Histórica sobre um recorte das relações diacrônicas do latim ao português. A partir das importantes reflexões que são aventadas pelo pesquisador, o trabalho espera contribuir para uma melhor compreensão da Língua Portuguesa do Brasil, em sua formação, sua estrutura e seu funcionamento.

O quarto capítulo intitula-se “Saberes docentes responsivos de licenciandas em letras no contexto do estágio supervisionado no ensino médio”. O autor Silvio Nunes da Silva Júnior apresenta uma reflexão sobre os saberes docentes responsivos de professoras de Língua Portuguesa na formação inicial, enfatizando os percursos trilhados por estas no estágio supervisionado. Especificamente, compreende as relações entre teoria e prática nos discursos analisados e estuda as experiências de estágio para atuação profissional futura das licenciandas.

O quinto capítulo tem a autoria de Maria Alice da Rocha, Eduardo Pantaleão de Moraes e José Nildo Barbosa de Melo Junior. Tem por título “A metáfora retórica e o lugar da quantidade enquanto dispositivos argumentativos no gênero reportagem televisiva”. A autora e os autores investigam o funcionamento dos seguintes dispositivos argumentativos: metáfora retórica e Lugar argumentativo da quantidade presentes no gênero discursivo reportagem televisiva, na linha de estudos linguísticos, numa perspectiva retórico-argumentativa.

O sexto capítulo desta coletânea, “Abordagens de estudo de gêneros: o resumo e sua importância para o ensino e a pesquisa na universidade”, tem autoria de John Hélio Porangaba de Oliveira. Fundamentado nos estudos retóricos de gêneros, o trabalho em tela tem como objetivo principal apresentar uma visão panorâmica dos estudos de gêneros, considerando a contextualização da linguagem teórica em relação com a prática e seus processos de compreensão do resumo para finalidades específicas.

O sétimo capítulo escrito por Alexandre Souza Cavalcante e Josenilda Rodrigues de Lima, “Discurso e capitalismo: a fome no contexto da pandemia de COVID-19”, analisa, no campo da análise do discurso materialista, o processo de produção de sentidos relacionados à miserabilidade e à degradação humana como efeito da crise econômica, política e sanitária que se aprofunda com a pandemia de COVID-19 espalhada pelo mundo, a partir da análise de uma manchete do Jornal O Globo, publicada em 29 de setembro de 2021.

O oitavo capítulo, “Interpretação e apropriação de leituras literárias adaptadas multimodais no ensino de língua inglesa”, redigido por Maria Verônica Tavares Neves Cardoso e Helena Gomes Wielewicki apresenta um recorte de pesquisa em nível de doutoramento, no qual as autoras desenvolveram uma proposta de trabalho com adaptações de textos literários do escritor estadunidense Edgar Allan Poe. As atividades de ensino tinham o objetivo de colocar os alunos como designers-produtores de sentidos, por meio da prática do letramento crítico.

O nono capítulo foi escrito por Deywid Wagner de Melo e Marcos Vinícius Lúcio Fragoso, intitulado “A constituição da intertextualidade em memes da internet”. Os autores, ancorando-se nos estudos em linguística textual e em gêneros textuais, pretendem fomentar saberes que possam auxiliar estudiosos da linguagem e quaisquer leitores do gênero em questão para que eles possam reconhecer e empregar as estratégias linguísticas para interpretação e análise dos memes, reconhecendo a intertextualidade como principal critério da textualidade.

O décimo capítulo que integra esta obra, “A patemização e os imaginários sociodiscursivos em matérias do jornal o dia sobre o sanatório meduna”, foi escrito por Francisco Herbert da Silva e João Benvido de Moura. Neste capítulo, fundamentados na semiolinguística, os autores analisam a produção de sentidos acerca da loucura num veículo midiático, desvelando o fenômeno da patemização na construção da finalidade comunicativa do jornal no que tange à credibilidade (informar) e à captação (afetar pela emoção).

O décimo primeiro capítulo desta coletânea tem por título “Marcação explícita de plural no Português do Brasil (PB)”, e foi redigido por Elias André da Silva, Aldo Matheus do Nascimento Silva e Ana Patrícia Alves Limeira. Fruto de um projeto ligado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFAL), o objetivo deste estudo é elucidar a motivação para a prevalência e admissão de a marca de plural localizar-se em elementos mais à esquerda, em detrimento dos elementos núcleo do escopo verbal ou mesmo nominal.

O décimo segundo capítulo deste livro tem como título “Letramento crítico e decolonialidade: construindo espaços de resignificação”. O capítulo, que foi escrito por Natália Luczkiewicz da Silva e Flávia Colen Meniconi propõe um trabalho que envolve o letramento crítico e a decolonialidade no ensino de línguas, no sentido de que, primeiramente, os alunos possam conhecer as narrativas hegemônicas que circulam nas mais diversas esferas sociais, de modo a refletirem e criticarem essas construções.

O décimo terceiro capítulo, “Uma análise do propósito comunicativo em postagens políticas de deputados federais no instagram”, tem autoria de Emanuelle Maria da Silva Piancó. Nele, a autora objetiva verificar o propósito comunicativo em posts de natureza política na rede social instagram. Essa ferramenta tem características textuais e estas expõem um aspecto da vida dos usuários, os quais constroem o seu perfil a partir das postagens que, em sua maioria, ficam arquivadas no perfil, formando a imagem pessoal ou profissional construída pelo usuário.

Após percorrer essa apresentação dos treze capítulos que compõem a obra “Entre a língua, o texto e o discurso”, constatamos os diálogos possíveis que este livro é capaz de possibilitar a você leitor e leitora. Diferentes autores e autoras, diferentes perspectivas teóricas, diferentes olhares, mas tudo isso entrelaçado de forma coerente e coesa. Temáticas polêmicas e atuais que movem e comovem os nossos ânimos, nos obrigando a realizar escolhas: concordar, discordar, criticar. Gostaria de concluir esse epílogo com a seguinte citação do célebre semiólogo e filósofo francês Roland Barthes²: “Mas a língua, como desempenho de toda a linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. Após essa leitura, você será conduzido coercitivamente a tomar alguma atitude.

Desejamos, portanto, a todos e todas ótimas leituras!

Max Silva da Rocha

Doutorando em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

2 - BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

PREFÁCIO

Desde os gregos antigos já tínhamos diferentes olhares sobre os fenômenos linguageiros que, de modo avassalador, arrebatam mentes e corações. Engana-se quem pensa que os estudos sobre língua, texto e discurso são recentes. Ao contrário, sempre é preciso revisitar os grandes mestres da Antiguidade, pois eles ainda têm muito a nos dizer. Aristóteles, por exemplo, em sua obra “Retórica”, mostra como o discurso tem o poder de conquistar a adesão do outro, a partir da utilização de diferentes técnicas argumentativas que se insurgem contra a força física ou mesmo a violência.

Já o filósofo Platão, mestre de Aristóteles, na obra “Górgias”, vilipendia de forma vociferada a retórica sofisticada, considerada por ele como um engodo que deveria ser extirpado da sociedade. Platão via na retórica de sua época um mal que pervertia a verdade. Uma verdade como a busca de algo inatingível, algo não palpável, mas que deveria ser priorizada pelo homem de virtude. Todavia, quando saímos da Grécia e adentramos em Roma, os exímios oradores Marco Fábio Quintiliano e Marco Túlio Cícero asseveram, cada um à sua maneira, que o discurso é senhor de todas as coisas.

A língua oral, a materialização no texto e os efeitos de sentido suscitados entre os sujeitos de um ato de linguagem não são temáticas das últimas décadas. Há pelo menos 2.300 anos temos reflexões devidamente documentadas acerca do poder da palavra, palavra esta que é uma entidade mágica, que faz perseguir um sentido, que, às vezes, se esconde, mas que consegue nos arrebatar, nos encantar e toma conta dos nossos corações, das nossas almas e das nossas mentes, como poeticamente preleciona o professor doutor Luiz Antonio Ferreira³, docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Prefaciando este livro intitulado “Entre a língua, o texto e o discurso” é como mergulhar em um mar cheio de recônditos onde os sentidos estão postos cada qual de um modo peculiar, necessitando de um mergulhador que seja capaz de mergulhar e encontrar os possíveis interpretativos que estão submersos. Cada capítulo do presente livro mostra uma

3 - FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2015.

singularidade própria, original, relevante, mas que se completa somente com toda a coletânea da qual faz parte. É preciso trilhar esse prazeroso percurso e, por meio da leitura, descobrir como os diferentes efeitos de sentido são construídos.

Esta obra possibilita aos leitores e às leitoras enveredar em um universo linguístico com temáticas contemporâneas, por meio das quais os assuntos tratados são sobremaneira imprescindíveis, ainda mais em tempos de superação da pandemia da COVID-19, de extrema polarização social e política, travadas nos últimos pleitos eleitorais e da era da pós-verdade aqui no Brasil e no mundo. Assumimos que os textos que compõem essa importante coletânea do GEEAL conseguirão, de algum modo, mostrar a importância de compreender os fenômenos sociais e o próprio ser humano por meio da língua, do texto e do discurso. Em síntese, por meio do universo maior que é a linguagem, descobrimos algo novo e, em seguida, devemos anunciar a novidade encontrada.

A importância dos trabalhos que se apresentam neste livro é imensurável, uma vez que abordam temáticas sobre política, formação de professores, ensino de línguas, entre outras, que podem servir como reflexões sobre diferentes fenômenos linguísticos e discursivos, mas também podem ser aplicados na escola, como forma de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos/das discentes. Assim, tanto na prática acadêmica enquanto universo de pesquisa, quanto na prática pedagógica, este livro tem o potencial de viabilizar sólidas contribuições acerca das relações entre linguagem e sociedade, pois os seres humanos, inscritos socialmente, são seres de palavra, de discurso.

Os estudos sobre língua, texto e discurso têm um compromisso inadiável com a sociedade, haja vista que a língua não é transparente; todo texto apresenta elementos explícitos e implícitos que precisam ser interpretados; e o discurso carece ter seu funcionamento apreendido a partir de sua materialização. Esse movimento tríplice nos mostra que nada está pronto ou acabado. Ao contrário, a sociedade está em movimento e, com ela, a língua também. Por isso, a necessidade de obras como esta, redigida por pesquisadores e pesquisadoras capazes de mostrar, de forma pormenorizada, de que maneira os sentidos são construídos na seara linguística, textual ou discursiva.

Entendemos que esta segunda publicação do GEEAL se soma a outros importantes livros que versam sobre língua, texto e discurso. Se esta obra despertar em você leitor ou leitora inquietações, dúvidas, críticas ou qualquer outro sentimento, é porque o livro cumpriu o seu objetivo. Convidamos à leitura, releitura e, principalmente, a divulgação

ou compartilhamento para que outros também possam ler e encontrar nas linhas desta coletânea achados importantes sobre o universo linguístico, textual ou discursivo. Gostaríamos de encerrar nossa peroração com a seguinte assertiva de Paulo Freire⁴: “Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante”.

Enfim, desejamos a todos e todas ótimas leituras!

Max Silva da Rocha

Doutorando em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

4 - FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 8. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

O ETHOS COMO TÉCNICA ARGUMENTATIVA EM UM PRONUNCIAMENTO DE CIRO GOMES

Josefa Joyce Silva do Nascimento

Max Silva da Rocha

Maria Margarete de Paiva

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No momento em que ocorre o período das eleições governamentais, é possível perceber, por meio dos pronunciamentos dos candidatos, diversas questões acerca de suas vidas, de seus interesses, de suas perspectivas e propostas para o futuro governo, caso eles sejam eleitos. Na maioria das vezes, os pronunciamentos políticos se apresentam num processo de comunicação que visa convencer e persuadir o outro. Para isso, os oradores se valem de recursos retórico-discursivos a fim de alcançar seus objetivos. O pronunciamento é um gênero predominantemente argumentativo e conforme conceitua Morais (2019, p. 99), “enquanto gêneros discursivos, os pronunciamentos ocupam lugares específicos, pois estão agrupados na tipologia do argumentar, dadas as suas especificidades discursivas onde ocorrem”. A partir dessa argumentatividade que aparenta ser intrínseca ao referido gênero, perscrutamos as marcas das imagens de si construídas discursivamente pelo orador.

O pronunciamento não é um gênero que pertence apenas à esfera discursiva política, pelo contrário, ele se insere em diferentes domínios discursivos, a exemplo do jurídico, religioso, jornalístico, entre outros. Neste trabalho, consideramos o discurso político, entendido segundo o pensamento de Charaudeau (2018, p. 8): “o discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz”. Não se deve tomar o discurso ao pé da letra como se tudo fosse dito de modo transparente e explícito.

Por isso, analisamos três atos de linguagem⁵ do orador Ciro Gomes a partir de um pronunciamento oficial, com o objetivo principal de analisar de que maneira esse orador constrói em seu discurso diferentes imagens de si (*ethé*), almejando conquistar a adesão do seu auditório social. Nesse sentido, a temática deste trabalho está inserida nos estudos retóricos da linguagem, através da análise de um pronunciamento do candidato a presidente da República, Ciro Gomes, pertencente ao Partido Democrático Trabalhista (PDT). Identificar como se dá a organização argumentativa alicerçada sob o *ethos* é a grande tarefa deste estudo.

Atualmente, na sociedade brasileira, notamos uma polarização social que vem provocando sérios conflitos. Durante os pronunciamentos dos candidatos presidenciais, percebemos estratégias argumentativas que têm o poder de influenciar a opinião pública, fazendo com que esta seja persuadida a realizar ações coordenadas por meio do discurso dos políticos, seja concordar, discordar, criticar, agredir, entre outras. Esse é um dos motivos para a realização deste trabalho. A política influencia de modo exorbitante as nossas vidas e é uma instância que não podemos abdicar de forma alguma, pois ela constitui a sociedade em que vivemos. Nesse sentido, analisamos como um discurso político consegue, por meio de recursos argumentativos e discursivos, interpelar o auditório a que se dirige e como se dá a tentativa de persuasão à luz da construção do *ethos* do orador político.

Quanto às questões de natureza metodológica, trilhando a esteira de Paiva (2019), informamos que seguimos a pesquisa de natureza básica, uma vez que esta tem o objetivo de aumentar o conhecimento científico sobre o objeto estudado. As fontes de informações são de linha primária, pois o próprio pesquisador coleta as informações que serão analisadas. A abordagem é qualitativa, visto que analisa as informações, a partir da explicação processual dos fenômenos sociais. Os objetivos são interpretativos, descritivos e explicativos, já que interpretam as informações, descrevem o fenômeno estudado e explicam os fatores que determinam o acontecimento de um determinado fenômeno investigado.

Inicialmente, selecionamos o pronunciamento de Ciro Gomes, realizado em 21 de janeiro de 2022, transmitido ao vivo pelo canal desse político no YouTube⁶ e por outras plataformas digitais, a exemplo do Facebook. Esse pronunciamento refere-se à convenção nacional do PDT com a pré-candidatura do referido presidencial. Todo o pronunciamento

5 - É uma terminologia cunhada por Charaudeau (2019, p. 37): “na verdade, todo ato de linguagem veicula, através de sua expectativa discursiva, um saber sobre as representações linguísticas das práticas sociais dos protagonistas da linguagem”

6 - O pronunciamento na íntegra está disponível em: https://youtu.be/4O2qJ8_l4nU. Acesso em 10 de março de 2022.

tem 54 minutos e 27 segundos de duração. Recortamos apenas três momentos iniciais em ordem sequencial do pronunciamento. Esse recorte se deu em razão da dimensão do material, pois este trabalho tem um limite de páginas por ser um artigo científico, e pelo fato de os atos de linguagem selecionados fazerem parte do exórdio e da narração do discurso.

De posse desse material, procedemos às transcrições de todo o pronunciamento na íntegra, mas escolhemos apenas três fragmentos. Em seguida, identificamos os diferentes *ethé* presentes nos recortes; interpretamos os possíveis sentidos que as imagens de si formulavam nos atos de linguagem; descrevemos as estratégias argumentativas fundamentadas no *ethos*; agrupamos os diferentes *ethé* encontrados nos fragmentos; e realizamos uma leitura retórico-discursiva de tudo o que foi encontrado. Todo esse percurso se manteve ancorado nos estudos retóricos da linguagem e nos estudos da análise do discurso contemporânea, tomando como categoria-chave o *ethos* e sua respectiva tipologia organizacional.

Este trabalho está dividido, além das considerações iniciais, finais e das referências, em quatro seções. Na primeira, discorreremos sobre a importância dos estudos retóricos da linguagem. Na segunda, teorizamos sobre as importantes contribuições dadas pelo pai da retórica, Aristóteles, a partir de sua sistematização. Na terceira, mostramos as diferentes concepções sobre a categoria do *ethos*, a partir das definições de autores da análise do discurso francesa contemporânea. Na quarta, realizamos as análises dos três atos de linguagem que foram selecionados para este estudo. Com isso, cada seção mostra de que maneira está organizada a estrutura geral deste estudo sobre a construção da imagem de si.

OS ESTUDOS RETÓRICOS DA LINGUAGEM

A retórica surge na Sicília grega, a partir do século V a. C. Originalmente, possuía teor judiciário por estar diretamente ligada à reivindicação de propriedades tomadas por tiranos. A princípio, ela aparece como instrumento de poder através de técnicas linguísticas sedimentadas discursivamente. “Ela era ferramenta de enorme poder que os Sofistas souberam potenciar aconselhando as elites políticas, sociais e culturais do seu tempo” (MATEUS, 2018, p. 69). Diante disso, vemos que os sofistas foram, inicialmente, os primeiros que fizeram o uso astucioso da retórica enquanto arte de persuadir.

Ainda conforme o citado autor português, após o declínio do reinado dos tiranos que tomavam muitas terras, os povos que tiveram suas terras e outros bens espoliados passaram a reivindicar seus direitos e

a conquistar tudo aquilo que lhes foi subtraído. Como naquela época não havia advogados para defender a população, os sofistas ocupavam-se em ensinar as técnicas de persuasão, como ressalta Fiorin (2017). Assim, os próprios cidadãos tinham que defender suas causas diante de tribunais improvisados nas ruas, assembleias e em outros espaços onde ocorriam os debates eloquentes, visando angariar a adesão do auditório.

Os sofistas eram mestres na arte de falar bem e mais ainda em argumentar publicamente em prol de algumas causas, como exemplo, as próprias reivindicações ora aqui já mencionadas. Nesse sentido, os sofistas podem ser considerados como os primeiros advogados daquela época, por intercederem em benefício dos camponeses expropriados. Conforme salienta Reboul (2004, p. 9), “pode-se dizer que os sofistas criaram a retórica como arte do discurso persuasivo, objeto de um ensino sistemático e global que se fundava numa visão de mundo” das crenças que eram compartilhadas via o aparato dóxico.

Logo após a retórica ser considerada como arte argumentativa que servia para qualquer finalidade, ela passou a ser desacreditada pelos filósofos da época, entre eles, Platão. Isso foi o motivo do desprestígio dessa arte ao longo do tempo. Todavia, apesar desse desprestígio, a retórica, até o séc. XIX, era parte central da educação ocidental, mas voltada apenas às questões estilísticas, de ornamento e não como uma arte ou técnica de convencer e persuadir o outro por meio do discurso, como nos apresenta Rocha (2020). Desse modo, a retórica declinou, mas conseguiu, por muito esforço, se manter viva até hoje.

No séc. XX, a retórica se ascende em virtude da generalização das teses relativas e do descrédito das ideologias. A verdade que os filósofos afirmavam não poderia ser aceita como ponto de partida para qualquer discussão conflituosa. Era necessário buscar adesão de um dado auditório para suas posições e crenças racionais e emocionais. No entendimento de Mateus (2018), quanto mais um discurso se apresenta como verdadeiramente científico, demonstrativo, mais ele se afasta da retórica como disciplina argumentativa.

O recente trabalho de Mateus (2018) nos mostra que durante o período da primeira Guerra Mundial a propaganda e as mídias de modo geral surgiram como meios de conseguir enganar o auditório. Para isso, utilizavam-se de muitos artifícios retóricos. Atualmente, a retórica é um campo do saber importantíssimo para o *marketing* em face das técnicas de persuasão usadas nos novos meios de comunicação de massa. Para que se possa convencer e persuadir alguém, é necessário recorrer a técnicas específicas de persuasão e buscar esses recursos na retórica é quase uma

obrigatoriedade, desde meados do século XX, a partir das eficientes contribuições da nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014).

A SISTEMATIZAÇÃO DA RETÓRICA POR ARISTÓTELES

O termo retórica foi introduzido por Córax, discípulo de Empédocles e considerado como um dos criadores da retórica, entretanto, é com o filósofo grego Aristóteles que a retórica é verdadeiramente sistematizada e organizada. O nome de Aristóteles é importante no ramo da retórica, por ele considerar que essa arte milenar consiste no que se pode provar e não naquilo que é unicamente verdade, no campo da demonstração, como nos lembra Mateus (2018). Não se pode negar a origem sofística da retórica e as grandes contribuições dos mestres sofistas, mas devemos tributar a Aristóteles a grande arquitetônica da retórica enquanto uma disciplina e teoria do discurso argumentativo.

Os filósofos Sócrates e Platão, por exemplo, foram considerados opositores dos viajantes sofistas, por estes cobrarem taxas dos estudantes que buscavam por educação. O motivo da crítica se dava por acreditarem que a retórica negava os princípios dos filósofos. “A grande consequência da Sofística – encarada como um método e não uma ciência – é que o discurso não pretende ser um discurso verdadeiro nem comprometido com aquilo sobre o qual está a convencer” (MATEUS, 2018, p. 64). Enquanto a filosofia da época só aceitava um discurso virtuoso, honesto, verdadeiro, a sofística não desconsiderava a verossimilhança dos discursos que, verdadeiros ou falsos, conseguiam lograr êxito persuasivo.

Em suas publicações das célebres obras intituladas *Górgias* e *Fedro*, Platão faz uma distinção entre o discurso argumentativo dos sofistas e o discurso argumentativo dos filósofos. Segundo esse entendimento, o primeiro busca, através da arte da persuasão, manipular os cidadãos de forma desonesta. O segundo procura atingir unicamente a verdade por meio do diálogo, pois somente esta importa nesta concepção. Consoante Mateus (2018, p. 67), a problemática da retórica realizada pelos sofistas, “de acordo com Platão, é que em vez de se dedicarem à virtude e à verdadeira sabedoria, eles inventam definições convenientes de justiça de acordo com aquilo que lhes for mais conveniente. A Retórica está, deste modo, ligada à adulação e subserviência”. Eis aqui uma das razões pelas quais os filósofos rejeitaram a retórica que era muito praticada pelos mestres sofistas da antiguidade.

O grande mestre Aristóteles, por sua vez, procurou intermediar o pensamento de Platão e o dos sofistas, mas nosso filósofo estagirita também condenava os sofistas por aguçarem as emoções e sobreporem o discurso

judicial e, mais ainda, pela dedicação demasiada à estrutura formal do discurso com vistas ao engodo. “Aristóteles é o grande fundador da Retórica enquanto prática de comunicação persuasiva. Após a condenação da Retórica, é ele que procede à sua reabilitação e a caracteriza enquanto técnica (*techné*), ao contrário de Isócrates que rejeitava essa possibilidade” (MATEUS, 2018, p. 69).

Entendemos que o objetivo de Aristóteles era obter com sua teorização uma comunicação mais eficiente a fim de que o fenômeno da persuasão pudesse conquistar a adesão dos mais diversos auditórios. Dessas ideias, surgiu a famosa definição de retórica: “Pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função” (ARISTÓTELES, 2011, p. 44). E o mesmo autor continua definindo: “Quanto à retórica, todavia, vemo-la como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir. E esta é a razão por que a retórica não aplica suas regras a nenhum gênero particular e definido” (ARISTÓTELES, 2011, p. 44-45).

Aristóteles, em sua magistral obra intitulada *Retórica*, composta por três volumes, estabelece as bases de um discurso consistente ou apelos à audiência; nela, enfatiza também três aspectos fundamentais para um bom discurso: *ethos* – que é a credibilidade, a imagem de si que um orador deve transmitir à audiência; *pathos* – que é o conjunto de paixões ou emoções que o orador deve despertar em seu auditório; e *logos* – que diz respeito ao encadeamento racional de estratégias argumentativas via discurso. “Essa tríade, com o passar do tempo, ainda se configura a base persuasiva de todo discurso. Assim, existem três tipos de meios para persuadir pela palavra falada ou escrita” (ROCHA, 2020, p. 26).

Foi o filósofo Aristóteles quem, primeiramente, discutiu sobre os gêneros do discurso, classificando-os em judiciário, deliberativo e epidítico. Todavia, quando pensamos nos postulados de Marcuschi (2008), percebemos que essa tipologia aristotélica refere-se, na verdade, aos domínios discursivos e não a gêneros discursivos. Por exemplo, no domínio judiciário, temos vários gêneros, a exemplo da sentença, defesa, acusação, veredito, petição, entre tantos outros; no domínio deliberativo, temos a votação, os requerimentos, os relatórios, entre outros; no epidítico, temos o aconselhamento, testemunho, juramento, cerimônia fúnebre, entre outros. Por esses motivos apresentados, advogamos que os gêneros do discurso propostos pela retórica são, aos nossos olhos brasileiros, grandes domínios discursivos.

Aristóteles (2011) nos apresenta várias categorias imprescindíveis para o estudo retórico dos discursos. Podemos encontrar as figuras retóricas, os lugares da argumentação, os argumentos pelo exemplo, o sistema retórico com suas partes e etapas e, principalmente, a famosa tríade retórica formada pelo *ethos*, *logos* e *pathos*. Neste trabalho, não iremos enveredar por todas essas categorias teórico-analíticas. Iremos investigar a categoria do *ethos*, a fim de analisar como ela serviu de argumento para que o orador pudesse interpelar o auditório sobre o seu caráter e sua imagem. O *ethos*, na concepção aristotélica, aparece no momento exato da enunciação. Consideramos essa ideia pertinente, mas também avançamos um pouco mais, com o objetivo de examinar o *ethos* na perspectiva do discurso. Por essa razão, faremos um rápido percurso da retórica até à análise do discurso francesa contemporânea, sobretudo, com as contribuições de autores como Dominique Maingueneau.

ETHOS SOB À LUZ DA RETÓRICA E DA ANÁLISE DO DISCURSO

O conceito de *ethos* remonta à Grécia Antiga (350 a. C.), e esse conceito foi sistematizado pelo filósofo grego Aristóteles. Numa perspectiva retórica, o *ethos* acumula elementos extradiscursivos, sendo a oralidade sua principal arma, uma vez que os oradores usufruíam de aspectos físicos, a exemplo de suas vestimentas, gestos corporais, entre outros, a fim de promover uma imagem positiva ao seu auditório. Como Aristóteles foi o primeiro a definir essa prova retórica, trazemos, na íntegra, a sua conceituação:

A persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito. Confiamos em pessoas de bem de modo mais pleno e mais prontamente do que em outras pessoas, o que é válido geralmente, não importa qual seja a questão, e absolutamente válido quando a certeza exata é impossível e há divergência de opiniões. Esse tipo de persuasão, semelhantemente aos outros, deve ser conseguido pelo que é dito pelo orador, e não pelo que as pessoas pensam acerca de seu caráter antes que ele inicie o discurso (ARISTÓTELES, 2011, p. 45).

Como podemos notar na citação do filósofo, a construção da imagem de si por parte daquele que enuncia o discurso tem o poder de persuadir e se configura como um dos principais recursos persuasivos. Essa credibilidade é posta via discurso e o orador precisa fazer com que o auditório possa aderir a esse aspecto imprescindível. Assim, o orador precisa moldar seu discurso em consonância com o que acredita o auditório, é aqui que urge se adaptar ao alocutário, compartilhando crenças, valores e opiniões em

comum. O auditório precisa ver no orador a imagem de uma pessoa que o representa. Se isso não acontecer, a persuasão não obterá sucesso e todo o projeto de influência será perdido.

Além das contribuições provenientes da teoria retórica, a análise do discurso francesa mais contemporânea também empreendeu muitos estudos em torno do *ethos*, trazendo muitas teorizações sólidas. Autores renomados como Amossy (2019), Charaudeau (2018) e Maingueneau (2008) apresentam considerações que fazem avançar cada vez mais os estudos sobre o *ethos*. Amossy (2019, p. 9) pontua que: “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si”. Em Charaudeau (2018, p. 115), temos: “O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê”. Em Maingueneau (2008, p. 17), verificamos: “O *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma ‘imagem’ do locutor exterior a sua fala”.

Como podemos observar em todas essas definições apresentadas, os autores não se contradizem e nem se distanciam muito. Aqui e ali podemos notar diferenças, mas todos eles têm a mesma premissa: o *ethos* é a construção da imagem de si por meio do discurso. Há um único caminho, qual seja, o retorno ao mestre Aristóteles, pois é dele que surge essa definição. Embora tenhamos avanços e, por sinal, muito significativos, ao falarmos de *ethos*, necessitamos dialogar com o discípulo de Platão. Neste trabalho, propomos um diálogo amistoso entre a retórica e a análise do discurso contemporânea, haja vista que os autores citados no parágrafo anterior dialogam de forma colaborativa, tendo, inclusive, produções conjuntas. Por exemplo, no *Dicionário de Análise do Discurso*, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 220) dizem que o *ethos* refere-se à imagem de si que “o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso, em que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal”.

A partir desse entendimento de convergência entre esses autores mencionados, partimos nesse momento para as três qualidades que o orador deve apresentar com o objetivo de despertar confiança no auditório visado. Em um importante trabalho, Ferreira (2019) apresenta as três qualidades: *phrónesis*, *areté* e *eúnoia*. A primeira é traduzida como prudência e refere-se à “sabedoria prática refletida no bom uso da mediania entre virtudes e vícios, na confirmação de capacidade de valer-

se da reta razão em circunstâncias singulares e necessárias para uma ação pretendida” (FERREIRA, 2019, p. 16). Assim, a *phrónesis* diz respeito ao viés intelectual do orador, por meio do qual demonstra-se grande inteligência.

A *areté* significa virtude do homem bom, que o leva a fazer as coisas com honestidade. “Nesse sentido, o homem virtuoso cumpre o ato determinado, conhece o que faz e o executa voluntariamente como resultado de uma disposição permanente” (FERREIRA, 2019, p. 16). A *eúnoia* significa benevolência, no sentido de que prestar serviço ao outro caso ele necessite. “No exercício de ser e parecer no discurso, a generosidade, o altruísmo, a condescendência e a magnanimidade traduzem conformações de amizade característicos da *eúnoia* pelo gesto solidário de simpatia que se infiltra no discurso como um caminho para mover o auditório” (FERREIRA, 2019, p. 17).

A partir desses três elementos que circunscrevem o *ethos*, o orador poderá alcançar o sucesso desejado em seu empreendimento retórico. O auditório precisa sentir que o orador é alguém que apresenta sabedoria; é alguém que defende e pratica a honestidade; é alguém que se preocupa com os outros. Conjuntamente, essas qualidades que inspiram confiança aumentam ainda mais as chances de o discurso do orador conseguir conquistar a audiência desejada. Na próxima seção, analisaremos as construções do *ethos* do orador Ciro Gomes durante um pronunciamento por ocasião de sua candidatura oficial como presidenciável pelo PDT. Não poderemos afirmar quantas pessoas foram persuadidas, todavia, podemos identificar quais artimanhas persuasivas baseadas no *ethos* foram utilizadas pelo referido político brasileiro em seu discurso.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO ATO DE LINGUAGEM I

Este primeiro fragmento faz parte do exórdio do pronunciamento do candidato Ciro Gomes. Aqui, esse político inicia o seu discurso a partir do estabelecimento de uma aproximação com o seu auditório, por meio de uma linguagem com características poéticas a fim de construir diferentes imagens de si. É o que podemos verificar a seguir:

Minhas irmãs e meus irmãos, Eu sou daqueles que gostam de ver o sol nascer. E de assistir, a subida aos céus, do aro flamejante da esperança. Eu sou também dos que gostam de ver o sol do meio-dia acender sobre o mundo a chama da rebeldia. Eu sou daqueles que não usam a noite para dormir, mas para sonhar e construir a aurora radiante do novo dia. É por isso que trago hoje para vocês a voz da rebeldia da esperança. Rebeldia e esperança são as duas únicas energias capazes de retirar o Brasil das trevas e da estagnação

onde nos encontramos. Elas têm que estar juntas e aliadas. Uma separada da outra não consegue, não alcança! A rebeldia sem esperança é a rebeldia sem causa. E a esperança sem rebeldia é um sonho que nasce moribundo. Mas quando se juntam rebeldia, esperança e um novo Projeto Nacional de Desenvolvimento está firmado um elo inquebrantável. Uma corrente capaz de eletrizar o Brasil e levá-lo adiante. Mas esta não é uma tarefa isolada de um presidente. É de toda uma nação de pé, mobilizada para transformar profundamente o Brasil. De pé, a cantar um hino de amor à rebeldia e um cântico de fé à esperança.

No início deste pronunciamento, podemos perceber que o orador **Ciro Gomes** constrói, por meio do seu discurso político, diferentes construções da imagem de si. O pronunciamento em tela não teve unicamente como auditório as pessoas que estavam presentes na cerimônia do evento organizado pelo PDT. Diante disso, como foi transmitido ao vivo por meio de diferentes mídias, é possível considerar que se trata de um auditório universal, uma vez que não é possível definir quantas pessoas tiveram acesso ao referido pronunciamento.

Partindo desse pressuposto, o orador, de forma estratégica e habilidosa, se dirige a todos os brasileiros e a todas as brasileiras. Inicialmente, ele ressalta: “Minhas irmãs e meus irmãos”. Nesse momento, constatamos que **Ciro Gomes**, se utilizando da modalidade enunciativa alocutiva⁷, busca estabelecer um contato mais afetivo possível com seu auditório, visto que quando ele usa o vocativo mostra a construção dos *ethé* de companheirismo e fraternidade. Isso ocorre porque o orador se coloca no mesmo nível do seu auditório visado, a fim de agir sobre ele, diminuindo as diferenças e buscando negociar aproximações.

Em seguida, com o objetivo de interpelar o seu auditório para que este veja o orador como alguém digno de crédito, ele apresenta um *ethos* com características de poeta, quando enuncia: “Eu sou daqueles que gostam de ver o sol nascer. E de assistir, a subida aos céus, do aro flamejante da esperança. Eu sou também dos que gostam de ver o sol do meio-dia acender sobre o mundo a chama da rebeldia. Eu sou daqueles que não usam a noite para dormir, mas para sonhar e construir a aurora radiante do novo dia”. Com essas asserções, o orador recorre à modalidade enunciativa elocutiva⁸, haja vista que argumenta a partir da primeira pessoa do singular, expressando para o auditório toda a sua subjetividade e os seus ideários.

7 - Para Charaudeau (2019, p. 82), é nessa modalidade em que o “sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor no momento em que, como o seu dizer, o implica e lhe impõe um comportamento”.

8 - Nessa outra modalidade, segundo Charaudeau (2019, p. 83), o “sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo, sem que o interlocutor seja implicado nessa tomada de posição”.

Por meio de uma linguagem predominantemente poética, Ciro Gomes também encadeia em seu discurso duas ideias que defende de forma contumaz: esperança e rebeldia. A primeira transmite uma noção de desejo por dias melhores; a segunda transmite a ideia de transgressão, ou seja, de enfrentar o sistema opressor que rege o Brasil. Implicitamente, o *ethos* de potência pode ser percebido nesse discurso, visto que a rebeldia exige luta, esforço.

Continuando o seu pronunciamento, o orador explora esses dois pontos que considera decisivos em seu futuro projeto, caso seja eleito presidente do Brasil em 2022. Para Ciro Gomes, é necessário ir além do que está posto no modelo político de governança e regime presidencialista. O orador defende: “É por isso que trago hoje para vocês a voz da rebeldia da esperança. Rebeldia e esperança são as duas únicas energias capazes de retirar o Brasil das trevas e da estagnação onde nos encontramos. Elas têm que estar juntas e aliadas”. Neste ato de linguagem, podemos vislumbrar as construções de diferentes *ethé* formulados pelo orador, a exemplo de salvador, pois Ciro Gomes diz ter um projeto capaz de dar esperanças a uma melhor sociedade; de patriota, uma vez que demonstra ser um político muito preocupado com o país onde vive, bem como com o povo brasileiro; de guia, visto que ele é capaz de conduzir o povo brasileiro a uma sociedade mais justa e longe das trevas da estagnação.

Todas essas formulações dos *ethé* apresentados pelo orador em seu discurso têm o potencial de despertar a confiança (*pathos*) do auditório. Desde Aristóteles (2011), aprendemos que a prova pelo *ethos* é uma das principais artimanhas argumentativas utilizadas pelo orador para persuadir o seu auditório. Aqui, verificamos as estratégias discursivas que Ciro Gomes mobiliza em seu discurso para se promover enquanto candidato presidencial nas eleições de 2022, mas também como forma de perscrutar os recônditos racionais e passionais daqueles que têm acesso a esse pronunciamento político.

Ademais, Ciro Gomes continua enfatizando a importância da rebeldia e da esperança como duas categorias que se apresentam como inter-relacionadas. Para o orador, “Uma separada da outra não consegue, não alcança! A rebeldia sem esperança é a rebeldia sem causa. E a esperança sem rebeldia é um sonho que nasce moribundo. Mas quando se juntam rebeldia, esperança e um novo Projeto Nacional de Desenvolvimento está firmado um elo inquebrantável”. A partir dessas asserções, notamos que o orador mantém a construção do *ethos* de salvador, isto é, ele pode, se for eleito pelo povo, construir um melhor país. Também vemos o *ethos* de poeta, pois o orador define a esperança sem rebeldia como um sonho que

nasce moribundo. Assim, percebemos surgir um *ethos* de especialista, uma vez que o orador adiciona o seu Projeto Nacional de Desenvolvimento às categorias da rebeldia e da esperança.

Já não se trata apenas de duas categorias, mas de três, tendo em vista que esta terceira se transformou em um livro escrito pelo orador Ciro Gomes. Nesse sentido, implicitamente, é possível considerar os seguintes *ethé*: sério, uma vez que o orador trata de assuntos que envolvem a vida das pessoas; competente, já que o orador escreveu e publicou um livro sobre como transformar a sociedade brasileira no regime presidencialista; inteligente, visto que domina de forma técnica assuntos relacionados à política, economia e direito; credibilidade, tendo em vista que o orador, previamente, se apresenta como alguém que nunca cometeu nenhuma arbitrariedade nos cargos públicos e privados que já ocupou; virtude, porque o orador demonstra ser alguém crível; solidariedade, haja vista que o orador busca transformar a sociedade em prol do povo brasileiro que mais necessita. Certamente, o orador almeja que o auditório consiga apreender essas diferentes imagens que são construídas discursivamente. Desse modo, interpelado pelo *ethos* do orador, o auditório poderá ou não aderir ao discurso que lhe é apresentado ao assentimento via racionalidade e emotividade.

Por fim, no último ato de linguagem desse recorte do exórdio do pronunciamento, o orador Ciro Gomes ressalta a importância do seu projeto para fazer com que o Brasil avance e saia do marasmo que se encontra atualmente. Todavia, o orador advoga que não se trata de uma missão apenas dele, mas de toda a nação brasileira. Ele enuncia: “Uma corrente capaz de eletrizar o Brasil e levá-lo adiante. Mas esta não é uma tarefa isolada de um presidente. É de toda uma nação de pé, mobilizada para transformar profundamente o Brasil. De pé, a cantar um hino de amor à rebeldia e um cântico de fé à esperança”. O orador Ciro Gomes, nesse momento, afirma que precisará de todo o povo brasileiro unido a ele para conseguir colocar em prática todo o seu Projeto Nacional de Desenvolvimento.

Com isso, o orador transmite uma imagem de si (*ethos*) de líder, ou seja, alguém que lidera um povo, mas que aceita o diálogo e a ajuda de seus liderados. Além disso, Ciro Gomes apresenta um *ethos* de humanidade, uma vez que engloba todos os brasileiros e não apenas os seus eleitores. O discurso desse político caminha na direção de inclusão até mesmo daqueles que possam votar contra ele nas eleições de outubro de 2022. Em seguida, o orador desperta dois tipos de *ethé*: o primeiro de patriota e o segundo de religioso. No primeiro, o orador afirma que é preciso cantar o hino de amor à rebeldia, para transformar a nação brasileira; no segundo, é preciso um

cântico de fé à esperança. Ambas as imagens de si corroboram a tentativa de o orador persuadir o seu auditório social.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO ATO DE LINGUAGEM 2

Este segundo fragmento compõe o início da narração do pronunciamento de Ciro Gomes. O candidato passa a discorrer sobre quem são os inimigos do Brasil e como irá combatê-los, caso seja eleito presidente. É isso que podemos identificar a seguir:

Minhas irmãs e meus irmãos, nós sabemos bem quais os inimigos a combater. Eles são a pobreza, a violência, a fome, a desigualdade, o desemprego, o subemprego, o baixo salário, a péssima educação, a saúde precária, o baixo crescimento, a desindustrialização, a corrupção, o racismo, a opressão da mulher e a destruição das pessoas e do meio ambiente. Nós sabemos quais as armas que devemos empunhar. A principal, e mais abrangente delas, é um moderno Projeto Nacional de Desenvolvimento que privilegie a produção em lugar da especulação, que gere bons empregos, que estructure um cenário macroeconômico favorável a quem produz, que modifique a política de juros altos, a estrutura tributária distorcida, a má qualidade dos gastos públicos e que amplie o investimento nas áreas da educação, da ciência e da tecnologia. Ou seja: que desmonte o tal tripé econômico e coloque de pé uma economia dinâmica e moderna, com inflação controlada, sem desequilíbrios e sem déficit fiscal. Quem está dizendo que isto é possível é uma pessoa que foi prefeito, governador e ministro da Fazenda, sem um só dia de déficit, com inflação controlada, e grandes obras e projetos. Sei muito bem da importância de um país viver sem inflação e com equilíbrio fiscal. E sei como fazê-lo. Sei da importância do equilíbrio fiscal para se ter juros menores, e, em consequência, diminuir as despesas do governo, abrindo mais espaço para financiar o crescimento e melhorar a qualidade dos serviços públicos. Mas sei, também, que é possível conseguir este equilíbrio sem sacrificar os mais pobres nem levar o país para a estagnação e o atraso. Precisamos fazê-lo não para agradar banqueiros ou especuladores, mas exatamente para não ficarmos sob seu jugo ou sua tutela.

Neste segundo fragmento, o orador Ciro Gomes apresenta os inimigos da nação brasileira que devem ser combatidos: “Minhas irmãs e meus irmãos, nós sabemos bem quais os inimigos a combater. Eles são a pobreza, a violência, a fome, a desigualdade, o desemprego, o subemprego, o baixo salário, a péssima educação, a saúde precária, o baixo crescimento, a desindustrialização, a corrupção, o racismo, a opressão da mulher e a destruição das pessoas e do meio ambiente”. Por meio dessa argumentação

fundamentada na modalidade enunciativa alocutiva, o orador formula diferentes construções de seus *ethé*.

Inicialmente, ele mantém o vocativo “minhas irmãs e meus irmãos”, confirmando os *ethé* de companheirismo e fraternidade, a fim de estabelecer uma aproximação com o seu auditório. Nesse sentido, Ciro Gomes passa a enumerar os possíveis inimigos que irá combater se for eleito presidente da República nas eleições de outubro de 2022. Entre eles estão a pobreza, a fome, a desigualdade, a saúde. Por meio do *ethos* de potência, ou seja, de alguém que é capaz de destruir o mal, o orador atuará para que a população seja liberta desses infortúnios que lhe aflige. Por isso mesmo, também verificamos a presença do *ethos* de solidariedade, uma vez que o orador se mostra como alguém preocupado com a situação de vulnerabilidade social da maioria da população brasileira.

Como Ciro Gomes também fala em fome, saúde, pobreza, constatamos a formulação do *ethos* de humanidade, visto que o orador demonstra zelo, cuidado, proteção, por pessoas que são acometidas por essas dificuldades. Além disso, o *ethos* de chefe é visualizado na medida em que o orador parece ser um líder, que se for eleito, cuidará de seus súditos, livrando-os dos problemas ora mencionados. O *ethos* de sério é uma outra construção da imagem de si que está presente neste ato de linguagem, haja vista que o orador enuncia de maneira enfática, tomando como base um projeto que ele mesmo organizou com o seu grupo político. Assim sendo, o pronunciamento em tela mostra que o orador realmente acredita na possibilidade de vencer as eleições presidenciais e de colocar o seu projeto em execução.

No próximo trecho desse pronunciamento, o orador Ciro Gomes começa a destrinchar as informações e as propostas presentes em seu Projeto Nacional de Desenvolvimento: “Nós sabemos quais as armas que devemos empunhar. A principal, e mais abrangente delas, é um moderno Projeto Nacional de Desenvolvimento que privilegie a produção em lugar da especulação, que gere bons empregos, que estruture um cenário macroeconômico favorável a quem produz, que modifique a política de juros altos, a estrutura tributária distorcida, a má qualidade dos gastos públicos e que amplie o investimento nas áreas da educação, da ciência e da tecnologia”. A partir desse ato de linguagem, compreendemos que o orador cria um *ethos* de comandante, não em um sentido de senhor da guerra, mas no sentido de “guerrear” contra os inimigos do Brasil, precedentemente referenciados pelo orador. Quando Ciro Gomes fala em usar armas, está se referindo, metaforicamente, ao seu recente livro, pois é nele que está toda a arquitetônica do que pensa esse político sobre o que fazer, caso se torne o presidente do Brasil nas próximas eleições de outubro de 2022.

Após isso, o orador argumenta que o seu projeto transformará a nação brasileira, privilegiando a produção com bons empregos, modificação da política de juros, o investimento na educação, razão por que reconhecemos nesses atos de linguagem o *ethos* de um salvador, isto é, alguém que pode transformar o Brasil, favorecendo os mais necessitados e cortando privilégios daqueles que enriquecem por meio de altos juros. Assim, além do *ethos* de especialista nessas áreas jurídica, política, econômica, administrativa, percebemos, também, os *ethé* de solidariedade e humanidade, uma vez que o orador *Ciro Gomes* se preocupa com o povo brasileiro, sobretudo, com aqueles que vivem destituídos e esquecidos pelas políticas públicas e, por isso, vivem abandonados.

O orador *Ciro Gomes* defende que o seu projeto, se for colocado em prática, conseguirá trazer muitos benefícios ao Brasil. “Ou seja: que desmonte o tal tripé econômico e coloque de pé uma economia dinâmica e moderna, com inflação controlada, sem desequilíbrios e sem déficit fiscal. Quem está dizendo que isto é possível é uma pessoa que foi prefeito, governador e ministro da Fazenda, sem um só dia de déficit, com inflação controlada, e grandes obras e projetos. Sei muito bem da importância de um país viver sem inflação e com equilíbrio fiscal. E sei como fazê-lo. Sei da importância do equilíbrio fiscal para se ter juros menores, e, em consequência, diminuir as despesas do governo, abrindo mais espaço para financiar o crescimento e melhorar a qualidade dos serviços públicos”. Neste ato de linguagem, fundamentado na modalidade enunciativa elocutiva, o orador se vale de suas experiências pessoais como prefeito, deputado, governador e ministro, com o objetivo de mostrar ao auditório as seguintes imagens de si: credibilidade, uma vez que o orador é alguém que já aplicou em outros lugares as ideias contidas em seu projeto, além de ser uma pessoa formada na área jurídica e também conhecer economia e administração; competente, porque *Ciro Gomes* já foi prefeito, deputado, governador e ministro sem nenhum tipo de escândalo sobre corrupção; especialista, visto que demonstra um profundo conhecimento jurídico, econômico, administrativo e político, razão por que chancela sua argumentação.

Aqui, podemos verificar como o orador engatilha diferentes imagens de si, todas positivas para ele, com o objetivo de conquistar a adesão do auditório, para que este acredite que o orador é digno de crédito e confiança. Dessa maneira, a persuasão só será concretizada se as pessoas que tiveram acesso a esse pronunciamento votarem nesse político do PDT. Provavelmente, muitas pessoas que ouviram ou assistiram na íntegra esse discurso de *Ciro Gomes*, foram persuadidas a escolhê-lo como presidente da República em outubro de 2022. Assim sendo, o orador mostra de que

maneira se deve conduzir a nação brasileira com responsabilidade fiscal e econômica. Mais uma vez, constatamos que o orador se utiliza de imagens positivas de si para conquistar o voto do povo brasileiro.

No último momento deste ato de linguagem, o orador **Ciro Gomes** defende que o seu projeto não pode sacrificar os mais pobres, nem pode agradar os banqueiros. Ele ressalta: “Mas sei, também, que é possível conseguir este equilíbrio sem sacrificar os mais pobres nem levar o país para a estagnação e o atraso. Precisamos fazê-lo não para agradar banqueiros ou especuladores, mas exatamente para não ficarmos sob seu jugo ou sua tutela”. O orador **Ciro Gomes**, por meio de diferentes *ethé*, argumenta que sabe como colocar em prática o seu projeto. Novamente, notamos o *ethos* de competência, pois ele se mostra um político preparado para presidir o Brasil; o *ethos* de responsável, alguém que se preocupa com o equilíbrio do país e que sabe conduzir a máquina econômica e fiscal brasileira; solidariedade, pois o orador defende que não se pode sacrificar os mais pobres, os quais atualmente são demasiadamente sacrificados; de salvador, uma vez que o orador pretende retirar o povo das mãos dos banqueiros e propiciar uma melhor vida econômica.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO ATO DE LINGUAGEM 3

Este terceiro fragmento apresenta a continuação da parte narrativa do pronunciamento em tela. O orador **Ciro Gomes** ressalta enfaticamente que irá modificar a economia brasileira, taxando as grandes fortunas e melhorando a vida dos mais necessitados. É o que mostra o ato de linguagem a seguir:

Sou talvez o pré-candidato que mais fala de macroeconomia e o único que tem um plano delineado -e publicado em forma de livro- para ser discutido com a sociedade. Mas quero ser também o candidato que anuncia com transparência e coragem, com rebeldia e com esperança, atos concretos para melhorar a vida das pessoas e do País. Por isso reafirmo, em alto e bom som, que taxarei, sim, as grandes fortunas; que cobrarei, sim, impostos sobre lucros e dividendos; que modificarei, sim, a estrutura tributária para acabar com a pouca vergonha e a injustiça do pobre e da classe média pagarem mais impostos do que os ricos, e para poder desonerar compensatoriamente a produção, de forma seletiva e bem planejada, acabando o festival de desonerações sem controle e sem retorno. Podem tremer de medo os apenas 50 mil privilegiados deste sistema injusto de impostos! E podem vibrar de esperança os mais de 210 milhões de brasileiros que serão beneficiados. Resolverei, sim, o endividamento de mais de 60 milhões de brasileiras e brasileiros, prisioneiros do SPC

e do Serasa. Podem tremer de medo as cinco ou seis famílias de banqueiros, e os poucos milhares de especuladores que lucram com isso. E vibrem de esperança milhões e milhões de pais de família e todo o setor produtivo que se beneficiarão com a recuperação do poder de compra dos trabalhadores. Mudarei, sim a criminosa política de preços e de gestão da Petrobrás. Podem tremer de medo os tubarões que dela se apossaram e que querem tomá-la, em definitivo, dos brasileiros. Mas vibrem de alegria milhões e milhões de compatriotas que pagarão combustível mais barato e poderão gritar de novo: “O Petróleo é Nosso”.

Neste terceiro e último fragmento, o presidenciável Ciro Gomes introduz seu discurso fazendo uma breve apresentação de si, a partir da modalidade elocutiva: “Sou talvez o pré-candidato que mais fala de macroeconomia e o único que tem um plano delineado - e publicado em forma de livro - para ser discutido com a sociedade. Mas quero ser também o candidato que anuncia com transparência e coragem, com rebeldia e com esperança, atos concretos para melhorar a vida das pessoas e do País”. Neste início, percebemos que o orador segue formulando diferentes e novas construções de seus *ethé*, com o objetivo de conquistar a adesão de seus interlocutores, sobretudo, o sagrado voto do eleitor.

À vista disso, Ciro Gomes segue criticando os demais candidatos por não tratarem da macroeconomia, bem como não terem um plano inovador ao longo de seus governos, ou seja, seus oponentes apresentam propostas soltas e Ciro Gomes, de modo astucioso, suscita diferentes imagens de si nesse pronunciamento. Desse modo, é possível perceber mais uma vez um *ethos* de competente, pois o orador demonstra, através de sua proposta oral e escrita (sua obra) que ele saberá conduzir o país, de forma honesta, caso seja eleito. Além do *ethos* de competente, o candidato do PDT, formula outros tipos de *ethé*, a exemplo de salvador, uma vez que se apresenta como o único capaz de colocar em prática “um plano delineado”; de inteligente, pois o orador colocou o seu plano em formato de livro; de corajoso, visto que almeja, se for eleito, alterar a economia que há muito tempo beneficia poucas pessoas e desfavorece a maioria do povo brasileiro; de revolucionário, posto que pretende, com rebeldia e esperança, melhorar a vida da população; de patriota, uma vez que demonstra ser alguém que defende a qualquer preço o povo que configura toda a nação brasileira.

No seguinte trecho desse pronunciamento político, o orador Ciro Gomes detalha as medidas que deverão ser tomadas em seu possível governo, em relação às altas taxas cobradas no Brasil: “Por isso reafirmo, em alto e bom som, que taxarei, sim, as grandes fortunas; que cobrarei, sim, impostos sobre lucros e dividendos; que modificarei, sim, a estrutura

tributária para acabar com a pouca vergonha e a injustiça do pobre e da classe média pagarem mais impostos do que os ricos, e para poder desonerar compensatoriamente a produção, de forma seletiva e bem planejada, acabando o festival de desonerações sem controle e sem retorno”. A partir dessas ações languageiras, fundamentadas na modalidade enunciativa elocutiva, inferimos que o orador cria os *ethé* de justiceiro, de salvador, de sério, de solidariedade, de guia-político, ou seja, aquele que governa para todos, mas que olhará, principalmente, para os que são mais afetados, os pobres, como é possível identificar nesse trecho: “Podem tremer de medo os apenas 50 mil privilegiados deste sistema injusto de impostos! E podem vibrar de esperança os mais de 210 milhões de brasileiros que serão beneficiados”. Como podemos perceber, o orador se apresenta como alguém capaz de fazer justiça, salvar o país de um sistema econômico opressor, tratar o assunto de forma cuidadosa, apresentar preocupação com o outro que padece e conduzir um grande povo à libertação.

No próximo ato de linguagem, o orador Ciro Gomes segue destrinchando as medidas que tomará, caso seja eleito presidente: “Resolverei, sim, o endividamento de mais de 60 milhões de brasileiras e brasileiros, prisioneiros do SPC e do Serasa. Podem tremer de medo as cinco ou seis famílias de banqueiros, e os poucos milhares de especuladores que lucram com isso. E vibrem de esperança milhões e milhões de pais de família e todo o setor produtivo que se beneficiarão com a recuperação do poder de compra dos trabalhadores”. Neste momento, fundamentado nas modalidades enunciativas elocutiva e alocutiva, o orador constrói os *ethé* de justiceiro, pois Ciro Gomes promete resolver o problema econômico que assola a maioria do povo brasileiro; de potência, já que o orador se mostra capaz de enfrentar a classe dominante para libertar o povo desfavorecido; de guia-político, tendo em vista que o orador promete a esperança de uma vida melhor aos mais de 210 milhões de brasileiros e brasileiras; de especialista, uma vez que apresenta dados específicos da quantidade de brasileiros e brasileiras que sofrem com dívidas, bem como dos banqueiros e seus familiares, que são minorias, mas que são os mais beneficiados com esses débitos.

No último excerto deste pronunciamento, o orador Ciro Gomes permanece descrevendo o que fará se for eleito: “Mudarei, sim a criminosa política de preços e de gestão da Petrobrás. Podem tremer de medo os tubarões que dela se apossaram e que querem tomá-la, em definitivo, dos brasileiros. Mas vibrem de alegria milhões e milhões de compatriotas que pagarão combustível mais barato e poderão gritar de novo: O Petróleo é Nosso”. Aqui, Ciro Gomes critica a gestão atual da Petrobrás por cobrar

altíssimos preços, referindo-se aos gestores, metaforicamente, como “tubarões”, aqueles que se acham grandes e donos da estatal. Dessa forma, é possível perceber a predominância dos seguintes *ethé*: de competente, uma vez que o orador promete modificar a política de preços da Petrobrás, algo que já vem desde o governo Michel Temer; de potência, visto que Ciro promete atacar os que se apossaram da estatal; de salvador, pois a referida empresa servirá aos brasileiros e brasileiras e não aos grandes “tubarões”; de especialista, tendo em vista que o presidenciável promete colocar a economia a favor do povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, traçamos um percurso sobre os estudos retóricos da linguagem, através da análise de um pronunciamento do candidato a presidente da República, Ciro Gomes, pertencente ao PDT. Atualmente, vemos na sociedade brasileira uma polarização social que vem causando muitos conflitos odiosos. Durante os pronunciamentos dos candidatos presidenciáveis, percebemos estratégias argumentativas que têm o poder de influenciar a opinião pública, fazendo com que esta seja persuadida a realizar ações coordenadas por meio do discurso político que é, por natureza, um discurso argumentativo.

Partindo desse entendimento, dentre as muitas categorias da teoria retórica, escolhemos o *ethos*, entendido como a construção da imagem de si que o orador formula quando profere o discurso. Foi por meio dessa prova retórica que o orador Ciro Gomes agiu de forma persuasiva, a fim de interpelar o seu auditório social. Os diferentes *ethé* formulados nos atos de linguagem analisados mostram de que maneira o referido político utilizou suas estratégias argumentativas. Para uma melhor visualização e compreensão, apresentamos um quadro-síntese com a tipologia das imagens de si encontradas no discurso.

Fragmento 1	Fragmento 2	Fragmento 3
Companheirismo		
Fraternidade		
Poeta (2)	Companheirismo	Competente (2)
Salvador (2)	Fraternidade	Salvador (2)
Guia-político	Potência	Inteligente
Potência	Solidariedade (3)	Corajoso
Patriota (2)	Humanidade (2)	Revolucionário
Especialista	Chefe	Patriota
Sério	Sério	Justiceiro (2)
Competente	Comandante	Sério
Inteligente	Salvador (2)	Solidariedade
Credibilidade	Especialista	Guia-político (2)
Virtude	Credibilidade	Potência (2)
Solidariedade	Competente (3)	Especialista (2)
Líder	Responsável	
Humanidade		
Religioso		

Fonte: Os/as autores/as.

Quadro-síntese dos *ethé* encontrados nas análises.

De acordo com as informações apresentadas no quadro-síntese, constatamos que o orador *Ciro Gomes* formulou pelo menos 23 *ethé* diferentes. Dentre eles, os que mais recorreram foram os de salvador, competente, solidário, potente, especialista e sério. Por meio dessas imagens de si, o orador buscou a todo instante convencer no plano das ideias e persuadir no plano das emoções o seu auditório visado. Não podemos afirmar se o discurso do referido político conseguiu persuadir, mas podemos assumir que ele se serviu do *ethos* como meio de agir sobre o outro, almejando, a todo instante, persuadir.

Este trabalho analisou apenas trechos de um único pronunciamento de *Ciro Gomes*. É algo muito restrito para fazer qualquer tipo de generalização, razão pela qual ratificamos que esses resultados encontrados dizem respeito apenas aos fragmentos analisados nesta investigação e não ao pronunciamento na íntegra. Assim sendo, convidamos outros pesquisadores e outras pesquisadoras para que possam contribuir e fazer avançar pesquisas na área da teoria retórica em interface com a análise do discurso contemporânea que investiguem as artimanhas persuasivas nos discursos de cunho argumentativo.

A relevância deste trabalho se dá pela necessidade e importância das questões políticas que envolvem a sociedade brasileira na atualidade,

haja vista a extrema polarização social neste ano de 2022. Compreender o funcionamento retórico-discursivo dos pronunciamentos políticos pode mostrar de que maneira um determinado candidato se apresenta diante do seu auditório. Ciro Gomes, por exemplo, apresentou em seu discurso imagens de si positivas, deixando transparecer a ideia de que ele é o candidato que pode ser a melhor opção para presidir o Brasil. Certamente, muitas pessoas aderem ao discurso desse político, a partir daquilo que ele mostra ser para a opinião pública de um modo geral.

Portanto, o nosso trabalho é mais uma contribuição aos estudos retóricos da linguagem que trabalham com as provas *ethos*, *logos* e *pathos*. Outros estudos precisam ser realizados sobre os pronunciamentos dos outros candidatos, a fim de analisar as imagens de si que eles formulam em seus discursos. Este estudo apresenta, de alguma maneira, uma possibilidade de lançar novos olhares para o discurso político na atual sociedade brasileira. A retórica, enquanto disciplina milenar do discurso persuasivo, nos permite trilhar por caminhos que podem, de algum modo, desnudar e compreender as tentativas de persuasão. Foi essa a grande tarefa realizada neste estudo. Esperamos ter conseguido fazê-la.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

FERREIRA, Luiz Antonio. A. Introdução: Inteligência retórica e vocalidade: constituição e manutenção do *ethos*. In: FERREIRA, Luiz Antonio. (org.) **Inteligência retórica: o ethos**. São Paulo: Blucher, 2019, p.10-23.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATEUS, Samuel. **Introdução à retórica no séc. XXI**. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2018.

MORAIS, Eduardo Pantaleão de. **O macroethos racional e o afetivo na argumentação do julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

REBOUL, Oliver. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROCHA, Max Silva da. **As práticas argumentativas de oradores religiosos cristãos do agreste alagoano**. 2020. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

“MAIOR TRAGÉDIA DO SÉCULO EM PERNAMBUCO”: ESTADO, LAMA E EFEITOS DE SENTIDO

Sóstenes Ericson

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta exposição decorre de um momento importante da cena pernambucana recente, quando no fim de maio de 2022, o estado de Pernambuco foi assolado por fortes chuvas que vitimaram fatalmente 128 pessoas, deixando milhares de desabrigadas e desalojadas. A imprensa local fez ampla cobertura nas comunidades atingidas, mostrando o socorro às vítimas, as condições de moradia e estimulando o envio de doações.

Foi nesse percurso da notícia que meu olhar de analista do discurso se deparou com duas narrativas em disputa: por um lado, foi se constituindo um dizer sobre a chuva, alinhado a um movimento parafrástico de repetição como “fortes chuvas”, “temporal” etc.; e por outro lado um incômodo de narrar uma cena que, historicamente, tem se repetido⁹. Especialmente, nesse último caso, ganha fôlego um espaço em que a memória do dizer recupera no dito (e no implícito, no silenciado), um deslocamento de terreno no qual o político produz uma enxurrada de sentidos e efeitos.

É por esta via que, na perspectiva da Análise do Discurso inaugurada por Pêcheux, este trabalho busca pensar a resistência na circulação de imagens que escapam em transmissão ao vivo, tendo em conta a cobertura feita pela Rede Globo NE a partir da manhã do sábado, 28 de maio de 2022.

MÍDIA E ESTADO EM DISCURSO

Inicialmente, cabe apontar que esta exposição tem em conta o espaço do jornalismo televisivo, e mais especificamente no telejornal, considerado por Berger (1996 apud SALDANHA e PACHECO, 2007, p.15) como “detentor do ato de nomear, pois nele se encontra o poder de incluir ou excluir, de qualificar ou desqualificar, de legitimar ou não, de dar voz, publicizar

9 - A exemplo do que tem ocorrido também nos últimos anos na região serrana do Rio de Janeiro.

e tornar público fatos/acontecimentos decorrentes de qualquer esfera social”.

Dado o entrecruzamento das muitas vozes que o constituem, o telejornal é materialidade discursiva que põe em relação, como Ducrot (1987) afirma, produtores, repórteres, apresentadores, cinegrafistas, editores e proprietários das emissoras. Trata-se, no entanto, de um tecido de muitos fios que se articulam em torno de uma função social que não pode prescindir da relação constitutiva com a figura do telespectador, para quem o fato/acontecimento se dá da forma como este pode ver, numa funcionalidade que procura se confundir com o real pelo efeito de atualidade na enunciação. Todavia,

a escolha dos fatos a serem noticiados, a abordagem apresentadas (sic) os ditos e silenciados são objeto da AD e encontram nos corpora midiáticos exemplos das contradições da sociedade, mesmo quando, aparentemente, revelam nomes não conhecidos, informações até então não divulgadas (RAMIRES, 2017, p.48).

É o que também identifico na perspectiva de Charaudeau (2010, p. 19), para quem “a informação é essencialmente uma questão de linguagem e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo”. Desse modo, o discurso do telejornal vai se constituindo

[...] na construção de diferentes acontecimentos dentro dos media, abandonando o registro do real, segundo estratégias engendradas pelos dispositivos de enunciação [...] onde a televisão intervém no sentido de remodelar os fatos provenientes do campo político, na medida em que essa atividade na contemporaneidade solicita pedagogia mediadora (FAUSTO NETO, 1995, p.121).

Ao me aproximar, então, do noticiário televisivo sobre as consequências das “fortes chuvas” em Pernambuco, já me deparo com uma formulação que põe nas fortes chuvas as causas do fato que rompe com o cotidiano local e orienta o telejornalismo pernambucano a uma pauta que merece cobertura especial, servindo, portanto, de critério de noticiabilidade, em seu caráter involuntário e excepcional. Conforme Ramires (2017, p.47), “a lógica do jornalismo se constrói a partir de um ideal de neutralidade e imparcialidade que fornece evidências ao público de verdade e isenção naquilo que é divulgado pela mídia”. Assim,

enquanto linguagem, o dizer jornalístico não traz consigo o fato, mas um gesto de interpretação do mesmo. A imprensa, mais que simplesmente narrar acontecimentos e servir de suporte para tais narrações, produz sentidos para os acontecimentos que elege como

de destaque em um momento dado (DELA-SILVA, 2008, p.16).

Com base em tais pressupostos, procuro pôr em perspectiva a transmissão ao vivo, uma vez que nela funciona algo diverso do editável em estúdio para um telejornal, por exemplo. O imprevisível da cena incorpora elementos de outra ordem na relação repórter-cinegrafista-entrevistado/a e considera também o imagético que compõem o plano de fundo do enquadramento. Não raro, aparecem pessoas acenando, tentando aparecer na TV, cartazes de protestos que não remeteriam diretamente à pauta da reportagem etc. Lidar com entrevista de rua ao vivo é sempre um desafio para muitos/as jornalistas e não faltam garfes e memes para ilustrar o caráter inusitado que ronda essa cena.

Nesta análise, mobilizo especificamente as condições de produção (CP) do discurso em seu sentido estrito (nos termos apresentados na crítica feita por Courtine, 2009), considerando “um conjunto de definições que nomeamos *definições empíricas*, no qual as CP do discurso tendem a se confundir com a definição empírica de uma situação de enunciação” (p.49, grifo do autor). Desse modo, levo em conta o caráter imediato da enunciação, a saber, uma entrada ao vivo no telejornal Bom Dia Pernambuco, no qual a repórter Bianka Carvalho fez uma cobertura da situação de uma comunidade do município de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana de Recife/PE. Numa rua repleta de entulhos trazidos pela enxurrada e/ou jogados pelos moradores na limpeza de suas casas, a repórter apresentou a situação das muitas famílias afetadas “pelas fortes chuvas”.

Figura 1: Imagem de rua após fortes chuvas em Jaboatão dos Guararapes/PE



Fonte: @biankacarvalho_oficial, maio/2022.

É, no entanto, pelas condições amplas de produção do discurso que dou a ver a relação constitutiva entre mídia e Estado, considerando a imprensa como o *quarto poder* “a quem não cabe legislar, nem deveria julgar e nem administrar, mas que poderia vigiar os três poderes legitimamente constituídos. Ao longo de sua história, a mídia assumiu o papel de mediadora das relações entre estado e sociedade civil, na intersecção entre o público e o privado” (RAMIRES, 2017, p.57), na sociedade do capital.

Em minha tese de doutoramento, ao tratar da responsabilidade civil do Estado, aponte que

o Estado (a dimensão política do capital) nunca exerceu o momento predominante na relação indissociável entre política e economia. [...] Trata-se, por este prisma, não de uma mera incapacidade do Estado, passiva de correção, mas de uma condição estrutural fundamental a sua existência, uma vez que pertence a sua natureza, enquanto Estado, operar no campo da efetivação das condições legais e sociais indispensáveis à reprodução do sistema (SILVA, 2015, p.209).

Eis, então, o ponto no qual a mídia não pode romper com o Estado, uma vez que ambos são, guardadas as devidas particularidades, parte indispensável do sistema do capital e atuam para a sua reprodução, o que realça a concepção althusseriana da mídia enquanto aparelho ideológico do Estado, pois “pensando no funcionamento da ideologia como mecanismo de reprodução do sistema dominante, imprensa e comunicação organizacional integram o aparelho de informação [...] para o fim de reproduzir as relações de exploração capitalistas” (PIMENTEL, 2015, p.44).

Voltando ao telejornal há pouco citado, ponho em perspectiva o momento em que a repórter é interpelada pela cena ao fundo e outra narrativa (posta pela imagem) ganha expressão, possibilitando a formulação e circulação de dizeres distintos das formulações mais repetidas pelo senso comum, que estariam voltadas ao drama das famílias afetadas “pelas chuvas”, nas descrições individuais dos relatos que sustentariam a transformação do fato em notícia. É por esta via que a transmissão ao vivo diretamente da localidade, bem como as entrevistas com moradores, como efeito de sustentação, procuram trazer para os telespectadores uma interpretação que se pretende mais próxima do real do acontecimento.

Nesse sentido, o acontecimento histórico (a tragédia provocada “pelas fortes chuvas”) pode produzir desdobramentos enunciativos e discursivos. Ao tratar da relação constitutiva entre memória e discurso, Courtine (2009) refere-se a uma sessão do Partido Comunista Francês ocorrida em Lyon, em 10 de junho de 1976, e descreve as condições imediatas do acontecimento histórico e o modo como o discursivo daí irrompe:

O esforço de informação e de mobilização empreendido pelo Partido Comunista Francês para a retomada da “política da mão estendida” produziu seus efeitos: são 12.000 a esperar no burburinho das interrogações – quantos cristãos nessa multidão? A sala é ocupada principalmente pelos comunistas? – a entrada de Georges Marchais. Uma longa ovação. O secretário-geral do partido saúda a plateia. Os aplausos extinguem-se, tornam-se murmúrios. **O acontecimento discursivo da reunião pode começar** (COURTINE, 2009, p.103, grifo meu).

Desse modo, o autor apresenta os interlocutores imediatos da cena enunciativa, para então situar o momento em que a dissidência no ritual impõe a produção de outros efeitos de sentido. Trata-se da manifestação de cristãos, presentes na sessão, às ações do referido Partido:

a hesitação é de curta duração, as aclamações transformam-se em vais: cerca de cinquenta cristãos fundamentalistas, comandados por um padre de batina, cantam em pé. Antes de serem expulsos desdobram uma faixa lembrando a condenação pronunciada por Pio XI: *O comunismo é intrinsecamente perverso*. **A memória irrompe na atualidade do acontecimento** (COURTINE, 2009, p.103, grifo meu).

O atravessamento do discurso religioso no político, portanto, é apontado por Courtine (2009, p. 104) como “um efeito de memória na atualidade de um acontecimento”. Por sua vez, ao tratar da eleição presidencial da França, Pêcheux se refere ao “especial-eleições”, no qual a TV francesa apresenta F. Mitterrand como “vencedor”, momento em que o acontecimento jornalístico e da mídia de massa remete “a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente (o veredito das cifras, a evidência das tabelas) e profundamente opaco” (PÊCHEUX, 2008, p.19-21). Irrompe aí a expressão “On a gagné” (Ganhamos) do discurso esportivo no discurso político, tratando-se, portanto, de um acontecimento discurso, que se constitui “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008, p.17), situado historicamente “na França no dia 10 de maio de 1981, às 20 horas e alguns minutos” (idem, ibidem).

É precisamente esta passagem do acontecimento histórico (sessão do Partido Comunista Francês em 10 de junho de 1976 e eleição presidencial francesa em 10 de maio de 1981) ao discursivo que interessa nesta exposição, pois instaura um dizer deslocado de outro lugar, que pela memória produz efeitos de sentido distintos da formação discursiva com a qual, inicialmente, se filiam. Nas análises apresentadas acima, trazidas por Courtine (discurso religioso no discurso político) e por Pêcheux (discurso esportivo no discurso político), observo que há um funcionamento que,

pelas condições de produção estritas, permite identificar o momento em que a memória irrompe no acontecimento, instaurando um novo dizer.

Em se tratando deste gesto de análise, no nível intradiscursivo, situamos o discurso jornalístico, nas condições de produção anteriormente apresentadas. É, no entanto, pela falha do que escapa ao roteiro da reportagem ao vivo, que pela memória outros dizeres produzem seus efeitos na atualidade do acontecimento, conforme damos a ver na Figura 2:

Figura 2: Rua do município de Jaboatão dos Guararapes¹⁰.



Fonte: @biankacarvalho_oficial, 2022.

10 - A imagem de apenas uma sandália deixada ao lado da bandeira também constitui um elemento importante para pensar a pressa na fuga dos moradores, o imaginário em torno dos pés descalços, enquanto um dizer que aponta, de uma perspectiva de classes, para uma parcela da população para a qual os direitos básicos são negados pelo Estado burguês.

Na reportagem em tela, ao apresentar as condições das pessoas e moradias, a repórter se depara com a bandeira de Pernambuco na lama; é esse o momento em que a narrativa assume outro contorno e, pelo efeito de contra-identificação¹¹ com a FD midiática na qual a reportagem se insere, outros dizeres vão desnaturalizando o acontecimento. O aparente afastamento dos entulhos para que a bandeira fosse melhor exposta, enquanto possível ato de denúncia dos agentes de limpeza, recuados ao fundo na cena, compõe um gesto político que se contrapõe ao senso comum, para o qual as chuvas são a causa da situação de catástrofe “natural”, recuperadas pela memória de outras tragédias ocorridas no Recife, a exemplo da formulação apresentada na matéria a seguir:

Figura 3: Reportagem do Portal de notícias FolhaPE¹²

CHUVAS EM PERNAMBUCO

Maior tragédia do século em Pernambuco, mortes pelas chuvas de 2022 superam total da cheia de 1975

Até o momento, são 122 mortes nessa que já se tornou a maior catástrofe dos últimos 50 anos do Estado. Registros sobre a cheia de 1966 indicam 175 mortos

Por Fabio Nóbrega
02/06/22 às 09H07 atualizado em 10/06/22 às 16H51



Fonte: FolhaPE, 2022.

Como efeito de sustentação no dizer, considerando o que é apresentado no título e no lead da matéria divulgada pelo Portal de notícias FolhaPE¹³, em 02 de junho de 2022, os números indicando datas e quantidades e o uso do comparativo realçam a dimensão do que foi designado como tragédia. É nessa inscrição que a formulação “mortes pelas chuvas” contribui para compor uma narrativa que passa a circular na mídia apontando a consequência mais grave (mortes) e sua causa (pelas chuvas). Tal formulação, então, pelos números (“são 122 mortes”, “175 mortos”) e efeito de temporalidade (“cheia de 1975”, “até o momento”, “cheia de 1966”) ganha os contornos para produzir efeitos de sentido que reforçam a importância do acontecimento pela argumentação: as chuvas de maio de

11 - Por contra-identificação, Pêcheux entende tratar-se do processo no qual “o sujeito, o ‘mau sujeito’ [...] se contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo ‘interdiscurso’ como determinação exterior de sua interioridade subjetiva, o que produz as formas filosóficas e políticas do discurso-contra” (2009, p.216).

12 - Disponível em: [Maior tragédia do século em Pernambuco, mortes pelas chuvas de 2022 superam total da cheia de 1975 - Folha PE](#). Acesso em: 15 jun. 2022.

13 - Considerando as distinções entre a materialidade televisiva da TV aberta e o espaço do noticiário digital.

2022 são a “maior tragédia do século em Pernambuco”, porque as “mortes pelas chuvas de 2022 superam total da cheia de 1975”.

História e memória, então, são postas em funcionamento pelo efeito de temporalidade, abrindo possibilidade para o político, enquanto constitutivo do/no discurso, produzir sentidos para além da notícia e através dela. De acordo com Courtine (2009, p.105, nota 5), “as práticas discursivas (editorial, reportagem...) ligadas ao funcionamento do aparelho de informação geralmente são tomadas na instância do acontecimento do tempo curto”, utilizando o registro metafórico da *mise-en-scène* ou do afrontamento para traduzir a “atualidade política” do acontecimento.

NA METÁFORA DA LAMA, UMA CRÍTICA SOCIAL AO ESTADO: POR UMA TOMADA DE POSIÇÃO DO SUJEITO DO DISCURSO

A lama compõe o imaginário social pernambucano e pode ser observada na literatura, a exemplo da produção de Josué de Castro e de João Cabral de Melo Neto, como também na música, espaço no qual destaco o movimento de contracultura Manguebeat, surgido em Recife a partir de 1991, e o importante legado de Chico Science. Adiado por hora, um aprofundamento da Análise do Discurso com esse espaço da interlocução, volto o meu olhar de analista para o uso metafórico da imagem.

Figura 4: Imagem da bandeira de Pernambuco coberta por lama



Fonte: @biankacarvalho_oficial, 2022.

Ricoeur (2005, p.157) afirma que “a metáfora é o processo retórico pelo qual o discurso libera o poder que algumas ficções têm de redescrever a realidade”. Em diálogo com Jakobson, Ricoeur (2005, p.228) põe em perspectiva que “a metáfora do espaço interior do discurso deve ser tratada como toda figura: ela denota a distância entre a letra e o sentido virtual, e conota todo um regime cultural, o de um homem que privilegia na literatura contemporânea a sua função auto-significante”. Sardinha (2007, p.15) afirma que “as metáforas são o instrumento que possuímos para

criar novo conhecimento ou para dar conta de algo novo na ciência ou no cotidiano”.

De acordo com Pêcheux (2009, p.240, grifo do autor),

De fato, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. [...] Na verdade, a metáfora, constitutiva do sentido, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por *uma região* do interdiscurso.

É, portanto, do espaço interdiscursivo, que a imagem da bandeira do estado de Pernambuco é deslocada, para produzir efeitos de sentido do discurso político no discurso jornalístico. Mobilizo, então, nesse gesto de análise, a distância entre a imagem e a letra, entre o imagético e o verbal, ao tempo em que analiso o funcionamento do dizer “lama” produzido a partir da imagem em cena, recuperando pela memória os fatos/acontecimentos nos quais a lama simboliza um efeito imediato dos deslizamentos que levaram à morte tantas pessoas. No entanto, para além desse sentido estrito, comum à narrativa dominante que associa chuva-lama-morte, o que está em questão é a retomada do imaginário social sobre a “lama”, produzindo sentidos a partir da/na associação com a bandeira de Pernambuco, possibilitando outros dizeres alinhados a outras formações discursivas.

Orlandi (1990, p.44) afirma que “a metáfora, que é condição de uso da linguagem, diz do uso de uma palavra por outra. A paráfrase é o uso do diferente no mesmo, do outro no um. Repetição. A relação entre metáfora e paráfrase pode nos dar a larga dimensão do ‘sem fundo’ do sentido”. Nessa perspectiva, considero que a imagem possibilita pensar o efeito metafórico da lama, para dizer do político, em contraposição ao natural, efeito quase inevitável na relação da sociedade com a natureza (chuva, lama, etc.).

Do ponto de vista ontológico, é precisamente no afastamento das barreiras naturais, que se coloca uma relação de dominação, primeiro pela necessidade de sobrevivência e em seguida no atendimento às demais necessidades humanas. Todavia, com o desenvolvimento das sociedades e no que vivenciamos no capitalismo contemporâneo, o movimento de acumulação e expansão do capital, em sua incontornabilidade (MÉSZÁROS, 2009), impõe à natureza um ritmo de destruição sem precedentes, realçando a determinação econômica sobre a esfera da reprodução da sociedade, considerando aí as suas mediações.

Desse modo, o gesto de colocar¹⁴ a bandeira de Pernambuco na lama, pondo-a em destaque centralmente aos entulhos trazidos pela enchente ou desprezados pelos moradores, precisa ser pensando em seu sentido político. Aqui não se trata de especular quem colocou ou mesmo quem posicionou a bandeira no chão, o que daria margem a uma descrição voltada a um sujeito empírico, consciente, autor desse feito que une signos distintos como bandeira e lama.

Na perspectiva aqui assumida, o que interessa é o modo como o funcionamento discursivo materializa nesse gesto (de colocar a bandeira de Pernambuco na lama) uma posição política do sujeito do discurso, produzindo metaforicamente o sentido de um estado encoberto pela lama, abrindo possibilidade para interpretar. De acordo com Pêcheux,

Nessas condições, a tomada de posição resulta de um retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo que ele “toma consciência e a propósito do que ela toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus “semelhantes” e com o “Sujeito”. O “desdobramento” do sujeito – como “tomada de consciência” de seus “objetos” é uma reduplicação da identificação, precisamente na medida em que ela designa o engodo dessa impossível construção da exterioridade no próprio interior do sujeito (PÊCHEUX, 2009, p.172, grifos do autor).

Interessa, então, considerar que a plena identificação do sujeito do discurso com a formação discursiva que o afeta é posta a prova quando “o sujeito da enunciação ‘se volta’ contra o sujeito universal por meio de uma ‘tomada de posição’ que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) com respeito ao que o ‘sujeito universal’ lhe dá a pensar”, o que Pêcheux considera como *contra-identificação*, enquanto um processo no qual o sujeito questiona os saberes inseridos dentro da mesma FD, resultando numa heterogeneidade.

Embora eu esteja levando em conta essa tomada de posição em sua *contra-identificação*, cabe considerar que não se trata de um processo de transformação-deslocamento da forma-sujeito de determinada FD, o que para Pêcheux consiste em *desidentificação*, no qual há, pelo efeito da interpelação, uma ruptura do sujeito com a FD na qual se inscreve. Em se tratando dos discursos produzidos na mídia, são evidenciadas “posições

14 - Considerando que bandeira de Pernambuco está disposta de maneira completamente aberta e sua imagem foi capturada na reportagem num ângulo horizontal lateral.

ideológicas organizadas na e inserida na formação social do capital” (RAMIRES, 2017, p.47),

Ainda de acordo com Ramires (2017, p.67),

a influência e interferência da TV Globo nos estados se dá em diversas formas de padronização de conteúdo e formas de apresentação. As empresas afiliadas à Globo são submetidas a uma grade de programação com poucas possibilidades de apresentação de programas regionais. A padronização no formato de apresentação pode ser observada na interferência em questões regionais que se manifestam desde a priorização de temas nacionais, a apresentação e noticiário nacional que prioriza o eixo Rio de Janeiro-São Paulo – além das notícias políticas vindas de Brasília – e faz com que se saiba mais sobre o Sudeste do Brasil do que acontece em cada um dos estados.

Tal constatação permite observar que o realce ao noticiário local consiste em certa abertura na programação, dentro do tempo e formato permitido pela emissora, considerando também os seus patrocinadores e sua importância comercial. Em se tratando da transmissão ao vivo, da qual me ocupo neste trabalho, a abertura se dá pelo inusitado latente e o momento no qual o político irrompe, pondo em tela as falhas do ritual da cena discursiva do telejornal, e abrindo fissuras na narrativa dominante que vai sendo (re)produzida em torno da “Maior tragédia do século em Pernambuco”, até então.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas em disputa, por um lado, apontam as fortes chuvas como causa dos deslizamentos e alagamentos, mas, por outro, permitem considerar tal condição como efeito da ação humana. Desse modo, metaforicamente, a imagem da bandeira coberta por lama pode apontar para a indignação e luto pelas pessoas que morreram em Pernambuco, como também para as contradições da função social do Estado para com a população, desnaturalizando a lama, em seus efeitos de sentido.

Cabe ressaltar que como efeito dessa relação entre lama e bandeira de Pernambuco, outros dizeres foram se constituindo, possibilitando um movimento de contra-identificação com a formação discursiva dominante, que associava as mortes às “fortes chuvas”. O próprio gesto da repórter de fazer um post em sua conta pessoal numa rede social demonstra efeito do acontecimento, conforme apresento a seguir.

Figura 5: Print de comentário da repórter Bianca Carvalho

56.730 curtidas

biankacarvalho_oficial Quando vi nossa bandeira tão linda na lama hoje cedo, passou na cabeça o filme de terror desses dias todos. De tantas vidas que não conseguimos salvar, do pouco que o povo tinha e perdeu. Não vale culpar a chuva por ter feito o que ela existe pra fazer que é... chover. Já vi isso tantas vezes que nem cabe mais a ingenuidade de mandar a conta pra natureza. Eu não me conformo. A gente chora, a gente se desespera, a gente não dorme com o trauma de testemunhar tanta dor. Esse sofrimento não pode ser em vão. É preciso mais do que sofrer. Tô cansada de lamentar. Cansada de ouvir as mesmas explicações. Nossa função é cobrar e cobrar e cobrar. Tragédia é o que acontece quando pessoas vivem de um jeito que ninguém merece viver. Tragédia é aceitar o inaceitável.

[#chuvas](#)

[#tragedia](#)

[#pernambuco](#)

Fonte: @biankacarvalho_oficial, 2022.

Encaminho as considerações finais desta análise, situando esse gesto no campo político do dizer, ao tempo em que ponho em causa a suposta neutralidade na imprensa, e deixo em aberto à interpretação.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad. de Ângela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2009.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa a constituição da TV como grande mídia, 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000436084>. Acesso em: 18 jul. 2022.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Rio de Janeiro: Pontes, 1987.

FAUSTO NETO, Antônio. **O impeachment da televisão**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ORLANDI, Eni. **Terra à vista!** Discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas/SP, Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas/SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2009.

PIMENTEL, Mércia. **Política e mídia em discurso**: análise de manchetes do jornal da Assembleia Legislativa de Alagoas. Maceió: Edufal, 2015.

RAMIRES, Lídia. **“Eles conseguiram”**: os sentidos de ‘sucesso’ no jornalismo de televisão. Maceió: Edufal, 2017.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SALDANHA, Ana Paula e PACHECO, Dalmer (Org.) **Intermídia**: mídia, mediações e midiatizações. Maceió: Edufal, 2007.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007. Coleção Linguagem, n.º 24.

SILVA, Sóstenes Ericson V. **Agronegócio e agricultura familiar**: a desfaçatez do Estado e a insustentabilidade do discurso do capital. Maceió: Edufal, 2015.

RELAÇÕES DIACRÔNICAS DO LATIM AO PORTUGUÊS: ALGUMAS MUDANÇAS MORFOLÓGICAS

Pedro Antonio Gomes de Melo

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É inquestionável que o estudo do Latim viabiliza a compreensão de numerosas indagações linguísticas que se referem ao conhecimento das línguas românicas, podendo fornecer explicações para fenômenos aparentemente inexplicáveis do português. (MELO, 2013, p. 61)

Apesar de pouca tradição de estudos no campo da Morfologia Histórica no Brasil, neste capítulo, apresentar-se-á um recorte das relações diacrônicas ocorridas durante a dialeção do Latim e deste ao Português, em particular três tipos mudanças de caráter morfológico e seus desdobramentos no sistema nominal da língua portuguesa (doravante LP), quais sejam: i. a alteração do aspecto de sintetismo do latim para o analitismo no português; ii. o desaparecimento da marca dos casos e declinações latinos no sistema flexional do português; iii. a ausência da flexão de gênero gramatical neutro no português.

Como se sabe, a LP, com suas influências internas e externas, se originou de forma mediata/indireta do latim vulgar (*sermo plebeius*) e de forma imediata/direta de uma língua nascida no Norte da Península Ibérica (galego ou galego-português). Seu percurso evolutivo se deu por meio de modificações de ordem linguística (em seus diferentes níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical.) e de ordem extralinguística (determinantes culturais, históricos, econômicos etc.) durante o processo de dialeção do latim.

Para contextualizar tais mudanças linguísticas que distanciaram ao longo do tempo - o falar da imensa massa populacional do Império Romano do Ocidente e a escrita de textos clássicos latinos em relação ao português contemporâneo, apresentar-se-á, neste texto, diferenças morfológicas entre as variantes latinas *sermo vulgaris* e *sermo classicus* que repercutiram

no atual sistema nominal da LP, em sua variedade brasileira. É oportuno dizer que o conhecimento dessas variantes latinas – vulgar e clássica – é de importância vital, pois ajuda a esclarecer a relação entre a história e a estrutura morfológica da LP.

Pontua-se que essas duas variedades latinas não se caracterizam como dois sistemas linguísticos distintos, mas duas variedades de uma mesma língua, que existiam simultaneamente e que o latim, como qualquer língua, estava suscetível a variações dialetais, socioletais e de registro e que a variante popular não foi derivada da erudita.

Este capítulo está dividido em duas seções: a primeira seção é de caráter expositivo e traz informações sobre a língua latina, abordando de forma concisa sua origem e suas variedades linguísticas: vulgar e clássico, com base na literatura canônica tanto no cenário nacional quanto internacional; a segunda seção é de caráter analítico e exibe uma análise comparativa de três mudanças de cunho morfológico entre o latim vulgar e o latim clássico, com seus desdobramentos na morfologia nominal da língua portuguesa atual. Ao final deste capítulo, expõem-se algumas considerações finais e as referências utilizadas nesse texto.

UMA BREVE EXPOSIÇÃO SOBRE A LÍNGUA DOS ROMANOS: PROCEDÊNCIA E VARIEDADES LINGUÍSTICAS

Nesta seção, expositivo-histórica, busca-se apresentar um panorama geral do latim desde sua origem, pondo em foco uma contextualização ampla de suas duas principais variedades linguísticas: vulgar e clássica. Cumpre registrar que o termo “variedade linguística”, neste texto, designa um falar de uma região, de uma comunidade ou até mesmo de um dialeto.

Ao recorrer à abordagem genealógica, considera-se na gênese das línguas a existência de uma protolíngua (língua mãe)¹⁵ - o ancestral comum - que teria dado linhagem a diversas línguas, cada uma das quais teria gerado posteriormente outras línguas que foram agrupadas pela proximidade linguística e suas correlações em diversos troncos, formando o que se conhece como as famílias de línguas.

Nessa perspectiva, deu-se o nome de indo-europeu (relativo à Europa e à Índia) para se referir a essa língua hipotética, que supostamente está na origem da maior parte das línguas faladas na Europa e em outros continentes. Ela teria sido utilizada por um povo que se dispersou, por razões desconhecidas, alguns milênios antes de Cristo, espalhando-se na época pela Europa e parte da Ásia (CARDOSO, 2006).

15 - Para a Genealogia – tal como tem sido feita – uma língua pode ter apenas uma língua-mãe (monogênese), enquanto para teorias de contato, uma língua poderia descender de duas ou mais línguas. Neste texto, adotar-se a hipótese da monogênese.

Ao tratar sobre a origem da língua dos romanos, Bassetto (2005) explica que, primitivamente, o latim

[...] era apenas um dialeto de Roma restrito à margem do Rio Tibre. Língua de camponeses e pastores, era rude, concreta e sem refinamento de qualquer espécie. Pertence à família indo-europeia e, dentro dela, ao grupo *kentum*. Juntamente com o osco dos samnitas, o sabélico, o volsco, o umbro e o falisco, o latim forma o grupo chamado itálico (BASSETTO, 2005, p. 87).

Ao relacionar aspectos linguísticos da língua latina aos análogos de outra da mesma família, infere-se a possível existência de uma língua única anterior que teria dado origem ao seu ramo linguístico. Por conta desse fato, quanto ao seu parentesco linguístico, o latim faz parte da grande família das línguas indo-europeias ocidentais do grupo itálico.

No âmbito do léxico, originariamente, o latim se apresentava limitado, suas palavras mais antigas foram incorporadas do patrimônio indo-europeu e se referiam, grosso modo, ao *modus vivendi* que traduzia a vida cotidiana de seus falantes. Posteriormente, foi sendo incorporado a esse acervo, na fase das ramificações dos indo-europeus, “[...] elementos vocabulários célticos, germânicos e, sobretudo, gregos, aos quais se juntaram vocábulos mediterrâneos, em geral, e orientais” (CARDOSO, 2006, p. 13).

Considerando o tempo histórico de uso da língua latina, há diversa propositura de periodização e classificação. Neste estudo, adotou-se a proposta de Cardoso (2006) que considera a época e as circunstâncias em que o latim foi usado, a saber:

[...] a) *Latim pré-histórico* é a língua dos primeiros habitantes do Lácio, anterior ao aparecimento dos documentos escritos. Deve ter sido falado entre os séculos XI e VII ou VI a. C.; b) *Latim proto-histórico* é o que aparece nos primeiros documentos escritos da língua. [Fragmentos da língua escrita encontrados apenas em inscrições] Deve ter sido falado entre os séculos VI e IV a. C.; c) *Latim arcaico* é a língua utilizada entre o século III a.C. e o início do século I a. C. manifesta-se em antigos textos literários – obras de Nêvio, Plauto, Ênio, Catão – bem como em epítafios e textos legais [corresponde também aos primeiros textos literários em latim, as comédias de Plauto e Terêncio, que escrevem sob influência grega]; d) *Latim clássico* é a língua usada a partir do segundo quartel do século I a. C., quando são compostas as grandes obras que marcaram os momentos mais importantes da prosa e da poesia latina: as obras de Cícero, Virgílio, Horácio Tito Lívio e numerosas outras figuras de relevo; e) *Latim vulgar* é a língua falada pelo povo. Como toda língua oral, esteve sujeita a alterações determinadas por diversos fatores: épocas, delimitações geográficas, influências estrangeiras, nível cultural dos falantes, etc.; f) *Latim pós-clássico*

é o que se encontra nas obras literárias compostas entre os séculos I e V de nossa Era. Embora ainda surjam textos de grande valor, a língua começa a perder a pureza e a perfeição que a haviam caracterizado no período anterior. (CARDOSO, 2006, p. 7-8)

Na medida em que se ampliavam as fronteiras do Império e se desenvolvia o processo de latinização, marcava-se o início das mudanças linguísticas que o latim viria a sofrer, pois ao ser incluído dentro de um grande território passou a influenciar e ser influenciado por outros idiomas existentes na época, sobretudo em sua variedade popular de uso corrente, tais transformações ocorreram de modo gradual, constante e inconsciente.

Nesse aspecto, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21). De um modo geral, a partir do século IV d. C., se destacavam duas variedades latinas, a primeira o *sermo urbanus* (falar da cidade) – linguagem do estrato social mais culto, também conhecido como *sermo quotidianus* (falar diário), que era a língua falada pela aristocracia de Roma mais próxima dos padrões da gramática latina tradicional, cuja forma escrita com intensão estética constitui o *sermo litterarius* (latim literário) ou *sermo classicus* (latim clássico).

A segunda, o *sermo plebeius* (falar da plebe) – linguagem da massa popular inculta que, tradicionalmente, é conhecido como *sermo vulgaris* (latim vulgar), que agrupa: *sermo rusticus* (falar dos camponeses), *sermo castrenses* e *militaris* (falar dos soldados) e *sermo peregrinus* (falar dos estrangeiros, imigrantes). (MAURER Jr., 1962; BASSETTO, 2005)

VARIEDADE DO LATIM VULGAR

O latim vulgar (doravante LV) corresponde à variedade coloquial dos romanos, caracterizada pelas diversidades diatópicas (formas diferentes a depender do lugar), diastráticas (diferentes características sociais dos falantes) e diafásicas (de acordo com a situação de fala) e não correspondia uma decadência da língua culta dos textos escritos na idade áurea da literatura latina.

É importante dizer que o vocábulo ‘vulgar’ e a expressão ‘latim vulgar’, termo cunhado por Friedrich Diez, é empregado, neste texto, com o sentido de popular, sem conotação pejorativa, referindo-se à língua falada e, em alguns casos, escrita em situações informais pela população romana (incluindo a aristocracia) em oposição ao latim conhecido através das obras clássicas, o latim literário.

No dizer de Melo (2020), foi uma variedade linguística

[...] que existiu em todas as épocas da língua latina que o afastava bastante da variante do latim clássico; com a expansão do Império, tornava-se cada vez mais diversificado na medida em que se disseminava com o alargamento do vasto Império Romano Ocidental. (MELO, 2020, p. 5)

Sendo assim, em condições reais de uso, o LV representa a língua em sua heterogeneidade, como toda língua viva estava sujeito às forças de variação e mudança linguística determinadas por diversos fatores externo/extralinguísticos: épocas diferentes, delimitações geográficas, influências estrangeiras, nível cultural de seus falantes etc., como também fatores de natureza interna, como os de aspectos linguísticos (morfológicos, fonológicos, sintáticos, etc.).

Seu processo de dialeção se deu início quando foi levado ao Noroeste da Península Ibérica pelos romanos em 27 a. C. “À romanização se seguiu, cinco séculos depois, em 441, a invasão dos suevos, povo germânico que dominou a região e adotou a língua ali falada, isto é, latinizou-se linguisticamente” (FARACO, 2019, p. 92).

Nesse aspecto, Spina (2008) explica que o LV

[...] evidentemente se transformou com o tempo; entre uma conquista e outra muitas vezes decorriam séculos, e a língua imposta nas diversas regiões se apresentava, com certeza, distinta. Assim, o latim levado para a Península Ibérica, por exemplo, em 197 a.C. mais ou menos, deve ter sido mais arcaico que o levado para Dácia em 107 d.C. (SPINA, 2008, p. 27)

O mapa apresentado a seguir (Figura 1) traz a localização geográfica da Península Ibérica na época que se deu início ao processo de dialeção do latim durante a expansão do Império Romano do Ocidente.

Figura 1: Mapa da Península Ibérica na Europa.



Fonte: Melo (2020)

Na dimensão sociolinguística, sabe-se que LV correspondia ao grupo de variantes populares usadas por todas as camadas da população e existiu em todas as fases da língua latina, refletindo a estratificação social de Roma. Por ser a língua dos romanos oralmente dissipada pelas regiões conquistadas, ela apresentava inúmeras transformações linguísticas em relação à variedade da língua clássica.

A língua não é uma estrutura estática, por conseguinte, trazia formas diferentes dependendo do seu tempo histórico de uso e do lugar onde fora usado. Assim, deduz-se o quão era diferente o latim do século III no norte da África e o latim da Península Ibérica no mesmo período, por exemplo. Esses ‘latins’ se resumem no chamado *sermo plebeius* tradicionalmente conhecido como *sermo vulgaris*.

Em linhas gerais, pertencia a uma população pouco ou quase nada escolarizada, que não tinha acesso à leitura e à escrita, e apresentava um conjunto de inovações gramaticais em relação à variedade do latim clássico. Teve sua origem nos meios plebeus e cercanias, sendo essencialmente, a fala da plebe romana (*plebs*), embora “[...] muito de seus característicos se infiltrassem no seio da classe média e até das classes mais altas, sobretudo na época imperial.” (MAURER Jr., 1962, p. 5).

O LV se tornou a matriz comum de todas as línguas românicas, a esse respeito Silva Neto (1986) destaca três causas fundamentais - temporal, étnica e político-social - nesse processo, quase sejam:

A causa cronológica considera a evolução da língua pelo tempo. Dito de outra forma: o latim difundido pelos países a fora não era o mesmo, sendo considerado cada vez mais hodierno; a causa étnica considera a mestiçagem linguística que o latim vulgar sofreu, as influências como indígenas e muitas outras foram experimentadas por ele; a causa político-social considera a relevância da descentralização do poder de Roma, que possibilitou a formação de diversas regiões linguisticamente distintas.

Em razão do intenso contato com as línguas dos diversos povos dominados, o LV se popularizou com a expansão do Império Romano, tornando-se cada vez mais diversificada na medida em que era disseminada juntamente com o alargamento territorial do vasto Império.

Embora sejam escassas as fontes de que se dispõe para sua (re) constituição, uma das principais é o glossário *Appendix Probi*¹⁶, composto por uma lista de 227 variações linguísticas, destinado a corrigir possíveis desvios da norma culta clássica registrada nas grandes obras. Por meio dele,

16 - “[...] O nome de Probi decorrente do fato de esta fonte ter sido encontrada anexada a um texto gramatical de Valério Probo, que viveu no século I d.C. e daí terem alguns preferido, inicialmente, a expressão *Appendix ad Probum*.” (ARAUJO, 2012, p. 98.)

pode-se evidenciar que a língua do povo se distanciava do latim clássico. Além dessa fonte, aponta-se também:

[...] Os diálogos das comédias de Plauto (séc. III-II a. C.), que registram algumas formas populares da língua, os poemas de circunstância de Catulo (séc. I a. C.), bilhetes em versos, de caráter muitas vezes jocoso, endereçados a pressupostos amigos -, algumas das cartas de Cícero (séc. I a. C.) dirigidas a familiares, inscrições cristãs, feitas sem nenhuma preocupação literária, textos edificantes cristãos. (CARDOSO, 2006, p. 8)

Do mesmo modo, recorrendo a Coutinho (2011), cita-se ainda:

[...] Os poucos informes que temos do latim vulgar são-nos ministrados: a) pelos trabalhos dos gramáticos, na correção das formas errôneas usuais; b) pelas obras dos comediógrafos, quando apresentam em cena pessoas do povo, falando; c) pelas inscrições, que nos legaram humildes artistas plebeus; d) pelos cochilos dos copistas; e) pelos erros ocasionais dos próprios escritores cultos, principalmente dos últimos tempos. (COUTINHO, 2011, p. 31)

Como visto, o LV foi composto por diferentes variedades latinas mescladas a outros falares, era uma língua eminentemente oral e, por isso, sua reconstituição é árdua e problemática. Ademais, a tradição não deixou uma ampla documentação para atestá-la.

VARIEDADE DO LATIM CLÁSSICO

O latim clássico (doravante LC) era o instrumento linguístico literário, *sermo litterarius*. Costuma-se considerar como marco inicial da literatura latina a tradução para o latim do poema épico grego do século IX a.C., *Odisseia*, feita por Lívio Andronico nas proximidades de 240 a. C.

O LC correspondia à variedade linguística usada pelos escritores do período clássico da literatura latina, entendido geralmente como as épocas de Cícero e de Augusto, como também pelos grandes poetas, prosadores, filósofos, retóricos da Antiguidade Romana, durante o segundo quartel do século I a. C.

Segundo Faria (1958, p. 5-6), era manobrada

[...] com maestria pelos vigorosos escritores da época áurea da literatura latina, não saiu já assim burilada do primitivo indo europeu. Fruto sazonado de uma prolongada elaboração, representa esse momento o seu maior esplendor, que no decurso de sua alongada história fora precedido de vários estágios perfeitamente demarcados. (FARIA, 1958, p. 5-6).

O LC, por ser uma modalidade escrita e idealizada, não registrava variantes em nível diatópico ou diastrático como ocorria no LV. Em razão disso, tornou-se uma variedade cada vez mais artificial e de uso restrito aos letrados.

Nas palavras de Williams (1975, p. 15):

[...] Enquanto a língua das classes cultivadas (o latim clássico) se tornava cada vez mais uniforme sob a influência estabilizadora da cultura e do aprendizado, a língua do povo (o latim vulgar) se tornava cada vez mais diversificada na medida em que se disseminava com a expansão do vasto Império Romano. O latim clássico se tornava uma língua morta, enquanto o latim vulgar se desenvolvia nas chamadas línguas neolatinas ou românicas.

Vale dizer que a grande diferença entre essas duas variedades latinas não é cronológica, nem exclusivamente ligada à escrita, mas social e culturalmente constituída. Sendo assim, atesta-se que elas

[...] refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos alienígenas, a partir do primitivo núcleo da plebe. (ILARI, 1992, p. 61)

A classe culta de Roma, o patriciado, era uma elite conservadora caracterizada pela educação e por costumes refinados, procuraram ainda, por muito tempo, manter um uso normativo do latim. Porém, com a fragmentação do Império Romano do Ocidente, aproximadamente em 476 d. C., as escolas foram fechadas e a nobreza desbancada, logo não havia mais os elementos unificadores da língua. Como consequência, o latim perdeu a sua unidade como língua, se ramificando em diversos falares locais que se desenvolveriam, posteriormente, nos idiomas românicos modernos, entre eles, o português.

TRÊS TIPOS DE MUDANÇAS MORFOLÓGICAS IDENTIFICADAS ENTRE O LATIM VULGAR E O LATIM CLÁSSICO QUE REPERCUTIRAM NA ESTRUTURA MORFOSSINTÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção analítica, tratar-se-á, com base em uma descrição linguístico-histórica, de algumas mudanças de cunho morfológico que ocorreram na passagem do latim – vulgar e clássico - ao português, quais sejam: i. a alteração do aspecto de sintetismo do latim para o analitismo no

português; ii. o desaparecimento dos casos e declinações latinos no sistema flexional do português; iii. a ausência da flexão de gênero gramatical neutro no português.

Os pontos aqui apresentados, amparam -se, a princípio, na pesquisa bibliográfica que, não se esgota em si mesma, mas subsidia, ancorada na literatura especializada em obras basilares de autores e estudiosos da Língua Latina e da Língua Portuguesa como: Coutinho (2011); Teyssier, 2009; Almeida (1992, 1995); Williams (1975); Faria (1958) entre outros.

A ALTERAÇÃO DO ASPECTO DE SINTETISMO DO LATIM PARA O ANALITISMO NO PORTUGUÊS

O LC consistia numa língua sintética, isto é, cada caso possuía terminações que eram fixadas no fim dos vocábulos para indicar as diferentes funções sintáticas exercidas pelas palavras nos enunciados latinos.

As funções sintáticas marcadas morfológicamente nos casos latinos eram: *caso nominativo*: indicava a função de sujeito e/ou predicativo do sujeito; *caso genitivo*: indicava a função de adjunto adnominal restritivo; *caso dativo*: indicava a função de objeto indireto; *caso acusativo*: indicava a função de objeto direto; *caso vocativo*: indicava a função de chamamento; *caso ablativo*: indicava a função de agente da passiva e/ou adjunto adverbial; e ainda, os antigos casos *locativo* e *instrumental* que “deixaram de ser usados já em épocas remotas, e suas funções foram absolvidas na maioria das vezes pelo ablativo.” (GARCIA, 2000, p. 26). Embora o locativo possa ser representado de outras formas. No LC, restaram apenas os seis primeiros casos.

Nesse rumo, forçosamente, os casos exibem diferentes terminações. Dessa forma, usava-se uma quantidade menor de palavras para compor um enunciado em latim, por exemplo:

(1a.) *Poëta pulchram rosam fēmīnae dat.*

(1b.) O poeta dá uma bela rosa para a mulher.

Ao comparar as duas sentenças acima, percebe-se que a frase latina (1a.) se apresenta mais sintética em relação a sua versão em português (1b.), em virtude de a marca morfológica dos casos no final dos vocábulos dispensar o uso de artigo e de preposição presentes na frase em português, i. é., quando as preposições e os artigos estão explícitos em português, os mesmos estão implícitos nas desinências casuais que compõem os vocábulos da frase latina.

Dito isso, é possível constatar que o LC era mais conciso do que LV e do que a LP, pois ele se caracteriza pelo uso apenas de palavras essenciais ao entendimento. Assim, podia-se omitir palavras, expressões e categorias que nas línguas românicas modernas não se pode como: artigo, pronomes, alguns advérbios e outras partes do discurso que são necessárias nessas línguas.

Outro ponto a destacar no percurso da mudança do aspecto de sintetismo para o analitismo, trata-se da tendência de uso de formas analíticas no LV em substituição às formas sintéticas para o emprego de superlativos (por exemplo: *justissimus*) e de comparativos (por exemplo: *certior*) do LC. Nesse particular, progressivamente, foi ocorrendo a predominância de uso das formas sintéticas do grau dos adjetivos, (por exemplo: *altior* ‘mais alto’ etc.) em substituição a formas analíticas (por exemplo: *plus/magis altus*, ‘mais alto’, *plus/magis certus* ‘mais certo’, *multumjustus* ‘muito justo’ etc.).

De forma análoga, ainda analisando o percurso da mudança do aspecto de sintetismo para o analitismo, tem-se a substituição do uso de forma verbal de infinitivo por forma verbal analítica, por exemplo:

(2a.) *Vulgus terra rotundam esse* dicit.

(2b.) O povo diz a terra ser redonda.

Como se observa no enunciado (2a.), o uso da forma verbal de infinitivo (*esse* ‘ser/estar’) será substituída por uma forma verbal analítica (*est* ‘é/está’) no enunciado (3a):

(3a.) *Vulgus dicit quod terra est* rotunda.

(3b.) O povo diz que a terra é redonda]

Tais mudanças ocorreram devido a causas fono-fonéticas (processos fonológicos em evolução) e morfossintáticas (emprego de preposições e da ordem direta: SVO), para compensar o empobrecimento da morfologia dos nomes, a ordem das palavras tornou-se mais rígida viabilizando a alteração do aspecto sintético para um aspecto mais analítico o que contribuiu, consideravelmente, para a independência sintática dos constituintes na frase latina.

O DESAPARECIMENTO DOS CASOS E DECLINAÇÕES LATINOS NO ATUAL SISTEMA MÓRFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A estrutura morfossintática do sistema flexional nominal do LC, que marcava o número, o gênero e a função sintática dos nomes, já não estava mais presente em sua completude no LV. Conforme Coutinho (2011),

essa redução na morfologia nominal foi proveniente da confusão na fala popular do uso da 5ª. declinação (*glacies*, ei, ‘gelo’) com a 1ª. (*glacia*, ae, ‘gelo’) e da 4ª. (*fructus*, us, ‘fruto’) com a 2ª. (*fructus*, i, ‘fruto’), resultando um novo paradigma de três declinações no LV: 1ª., 2ª. e 3ª. declinações.

Em outros termos, a 4ª. e 5ª. declinação existentes no LC foram incorporadas pelas três primeiras (1ª., 2ª. e 3ª. declinação) e houve também o desaparecimento de todos os casos, com exceção do *nominativo* e do *acusativo*. Posteriormente, com a queda do *nominativo*, no português arcaico, a distinção de caso se extinguiu, permanecendo apenas a flexão de número do LC. Com efeito, os substantivos e os adjetivos da LP conservam, quase que na sua totalidade, uma forma oriunda do *acusativo* latino (caso lexicogênico do português), que passou a exercer a função de sujeito, de objeto verbal e de objeto preposicionado. (MONARETTO; PIRES, 2012).

Poggio (2002, p. 84) explica que já no período clássico,

[...] muitos casos apresentavam formas idênticas para expressar relações diferentes. Mais tarde, com as mudanças fônicas (apócope do **-m**, marca do *acusativo* singular; a identidade estabelecida entre **-o** e **-u** finais; a perda da distinção de quantidade, como por exemplo, na primeira declinação **-a** para o *nominativo*, **-a** para o *ablativo* e **-a(m)** para o *acusativo* etc.), as desinências causais tornaram-se, pouco a pouco, semelhantes e, conseqüentemente ambíguas. (POGGIO, 2002, p. 84, grifo da autora.)

Pelo dito, constata-se que, de fato, houve mudança do caso morfológico latino para o caso sintático no português, ocasionando redução em todas as cinco declinações, o caso *nominativo*, pela semelhança de suas terminações absorveu o caso *vocativo*; já os casos *genitivo*, *dativo* e *ablativo* se tornaram desnecessários em virtude do emprego mais frequente de posições para marca-los morfossintaticamente.

A complexa morfologia flexional dos nomes, em LV, passou por um processo de simplificação, sobretudo por motivações fônicas, durante a dialeção do latim para as línguas românicas, sendo reduzidos pouco a pouco. Com o desaparecimento do caso *nominativo* em LP, “a distinção casual terminou. Apenas a flexão de número permaneceu. A forma oriunda do *acusativo* latino passou a exercer a função de sujeito, de objeto de um verbo e de objeto de uma posição” (WILLIAMS, 1975, p. 123).

Neste contexto de mudanças, pode-se inferir que, por haver muitas confusões de uso de marcas casuais no registro cotidiano do latim, em razão de as terminações de muitos casos e de gêneros diferentes se tornarem idênticas, os falantes, seguindo uma tendência natural de simplificação linguística, buscavam facilitar a compreensão da língua falada adaptando-a

e transformando-a lenta e gradualmente; quer seja pela queda de consoantes finais (apócope); quer seja pelo desaparecimento do acento melódico (quantidade silábica), nivelando-a prosaicamente a formas mais simples.

Nesse particular, a ordem das palavras na frase era mais livre, apesar de haver uma preferência pela ordem inversa no LC e o uso das preposições se restringia aos casos acusativo e ablativo apenas para indicar o tipo de circunstância que acompanhava tal função. Todavia, no LV, não havia um rigor na ordem das palavras na oração.

Com a progressiva perda das marcas de caso e, posteriormente, com a queda do nominativo, no português arcaico, a distinção de caso se extinguiu, permanecendo apenas a flexão de número do LC. Isso ocorreu em razão de semelhanças de desinências casuais que acarretavam “[...] dificuldades ao homem do povo, principalmente em se tratando de províncias mais distantes do poder central, sediado em Roma” (IVO, 1978, p. 88), a variante popular passou a apresentar uma simplificação na estrutura morfológica e sintática do latim.

Na base de tal ideia, a literatura especializada aponta geralmente dois fatores preponderantes que ocasionaram a redução de marca flexional dos casos no LV, quais sejam: a perda de material fonético (processos fonológicos, metaplasmos) e a redundância (preposições como elementos determinantes da função sintática como substitutivo das marcas de caso).

Nesse processo de perdas e inovações no LV, as funções sintáticas passaram a ser expressadas por meio de preposições e a ordem das palavras passou de sujeito + objeto + verbo (SOV), ordem habitual no LC, para sujeito + verbo + complemento (SVO), apesar de outras ordens também ocorrerem, mas eram pouco produtivas, em termos de frequência de uso.

Em LC, os condicionamentos SOV era predominante em razão da presença das terminações de caso nas palavras, assim, havia uma maior liberdade na disposição linear dos vocábulos, com essa perda no LV, fez-se necessária uma ordem mais fixa das palavras: SVO. Com isso, a acomodação das palavras se simplificou e sua ordem obedecia à rigurosidade de colocação, essa característica se consolida na sintaxe da língua portuguesa.

O professor Ivo (1978, p. 74) explica que

[...] No português, são instrumentos gramaticais, por excelência, as preposições e as conjunções. No latim, as conjunções. Quanto às preposições, assumem tal valor, na sua plenitude, no latim vulgar, pelo menos a partir do momento em que podemos estudá-las em documentos escritos (IVO, 1978, p. 74).

A simplificação da declinação nominal latina se deu pelo processo de dialeção do latim que produziu um apagamento de muitas de suas formas, sobrevivendo apenas duas formas oriundas do acusativo latino (uma para o singular e outra para o plural). Nesse sentido, as terminações casuais das declinações foram reduzidas, ao longo do tempo, no uso real da língua, desaparecendo posteriormente da morfologia da língua portuguesa.

Com a perda progressiva das desinências finais átonas de caso, há uma preferência de uso de preposições em substituição às terminações, contribuindo, assim, para a mudança no sistema flexional do LV e, como consequência, no português. Dessa forma, a posição dos vocábulos na frase e o uso regencial da preposição (que tornaram dispensáveis as terminações de casos) converteram-se nos dois marcadores sintáticos por excelência.

A AUSÊNCIA DA FLEXÃO DE GÊNERO GRAMATICAL NEUTRO LATINO NO PORTUGUÊS

Na língua latina havia três gêneros gramaticais: o masculino, o feminino e o neutro. O neutro era utilizado para designar seres inanimados ou assexuados aos quais não se poderia atribuir nem o sexo masculino nem o feminino. Cumpre ressaltar que a identificação dessa categoria de gênero, juntamente com a de número e a de caso, era apontada simultaneamente “por uma única e mesma forma nominal” (FARIA, 1958, p. 57).

Para usar os termos de Silva (2014, p. 115):

No primitivo indo-europeu o gênero gramatical dos substantivos fundamentava-se no sexo real e por isso os seres inanimados eram do gênero neutro (*neuter*= nem um nem outro). Tal distinção [no latim], porém, tornou-se, fundamentalmente falando, uma superfluidade (SILVA, 2014, p. 115).

Pelo supracitado, observa-se que embora o latim tivesse conservado o gênero neutro do indo-europeu, seu uso não era rigoroso, sobretudo no LV e era comum os inanimados serem categorizados pelo gênero masculino e feminino, uma vez que gênero/sexo natural nem sempre corresponde ao gênero gramatical. Essa diferença que supostamente regia o indo-europeu, com o tempo, “logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero se tornou uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária” (BAGNO, 2007, p. 30).

Para espelhar essa superfluidade com alguns exemplos de uso morfológico no âmbito do gênero latino, recorre-se a Faria (1958, p. 57):

[...] substantivos que designam objetos e seres inanimados

pertencem ao gênero masculino ou feminino: mensa “mesa”, pirus “pereira”, manus “mão”, memoria “memória”, etc. são femininos; enquanto que pes “pé”, riuus “regato”, ager “campo”, mensis “mês”, etc. são masculinos. A forma da palavra também não é bastante para determinar o gênero gramatical de um vocábulo. Lupus, pirus e uirus “veneno”, todos da mesma forma e pertencentes à mesma declinação, à segunda, são, entretanto, de gêneros diferentes: lupus é masculino, pirus, feminino, e uirus, neutro (FARIA, 1958, p. 57).

Na verdade, a motivação para a distinção entre os gêneros no indo-europeu não foi, em absoluto, a diferenciação dos sexos, mas a oposição entre os seres animados e inanimados (ou coisas).

Nas palavras de Faria (1958):

[...] a primitiva divisão dos gêneros seria esta: os substantivos que designavam seres vivos, bem como os adjetivo ou pronomes que a eles se referissem, pertenciam ao gênero animado, enquanto que os substantivos que designassem coisas, ou os adjetivos ou pronomes que a eles se referissem, pertenciam ao gênero inanimado. Deste modo, o gênero animado compreendia sem distinção o masculino e o feminino, enquanto que o inanimado, o neutro (FARIA, 1958, p. 63).

De mesma forma que ocorreu a redução das declinações nominais no LV, o terceiro gênero gramatical, o neutro do LC, perde força e praticamente desaparece no *sermo plebeius*, seu uso linguístico se torna difícil e sua distribuição arbitrária, visto que, muitas vezes, não obedecia a regras fixas nem lógicas. Conseqüentemente, os três gêneros presente no LC foram reduzidos a dois no LV: masculino e feminino e assim se estabeleceu na morfologia da LP atual.

A morfologia nominal do latim, quanto ao gênero gramatical, era assim distribuída (BAGNO, 2007):

i. Os nomes que compunham a primeira declinação, cuja terminação se dava em -a, eram quase todos femininos, não havendo nomes neutros, motivo pelo qual essa terminação passou a designar os nomes femininos em Português.

ii. Os nomes que compunham a segunda declinação eram, em sua maioria, masculinos e neutros. Logo, a terminação em -o (acusativo singular -um > -u > -o) acabou por se tornar a característica dos nomes masculinos; os neutros, por sua vez, devido à semelhança de sua desinência com os nomes masculinos, também passaram a esse gênero, como em *templum* > *templu* > *templo*. Quando no plural, em razão da terminação -a, houve confusões com o gênero feminino. Portanto, as palavras neutras

plurais do Latim passaram a femininas singulares no Português, como *folia* (neutro plural) –*folha* (feminino singular).

Dito de outra forma: como no Latim não se podia aplicar a todos os nomes de coisas o gênero neutro, o seu desaparecimento nas línguas neolatinas foi uma consequência bastante natural. Primeiramente, pela redução a dois, seguindo uma tendência a tornar masculinos os nomes neutros, quando no singular, por exemplo: *factum*, i (neutro, ‘o feito’) e *factus*, i (masculino, ‘o feito’), e os nomes femininos, quando no plural, por exemplo: *folia* i (neutro, ‘as folhagens’) e *folia*, *ae* (feminino, ‘as folhagens’); e por fim, a ausência da flexão de gênero gramatical neutro latino no português¹⁷, deixando de existir como categoria gramatical na LP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar o passado para compreender o presente da língua portuguesa, percebe-se que as transformações de cunho morfológico ocorridas no latim vulgar foram determinadas, sobretudo por fator fônico, em razão de um grande número de variantes faladas durante a dialetação do latim ao português. Se por um lado, tais mudanças representam perdas e simplificações; por outro lado, elas foram, de certa forma, compensadas pelas inovações conservadas na atual configuração estrutural da língua portuguesa.

No âmbito da morfologia, pode-se considerar que a mudança mais significativa entre *sermo vulgaris* e *sermo classicus* que repercutiu na estrutura morfológica da língua portuguesa foi a desflexionalização de caso, determinando paulatinamente a alteração do tipo morfológico para o tipo sintático - por meio de expressão analítica das relações sintáticas. Por conta disso, pouco se restou dos casos e declinações do latim na língua portuguesa usada no Brasil.

Nesse processo, pontua-se que a 4^a. e a 5^a. declinação existentes no LC foram incorporadas pelas três primeiras (1^a. , 2^a. e 3^a. declinação) e houve também o desaparecimento dos casos, exceto o *nominativo* e o *acusativo*. Em seguida, ocorreu a queda do caso *nominativo* e a distinção casual se extinguiu, permanecendo apenas a flexão de número do latim.

No âmbito do gênero gramatical, o *sermo classicus* apresentava: o masculino, o feminino e o neutro, este último era utilizado para designar seres inanimados aos quais não se poderia atribuir nem o sexo masculino

17 - Como uso de resquícios do gênero neutro latino no português, autores como Almeida (2005), Bagno (2007), Cardoso (2006), Santos Sobrinho (2013), Silva (2010), entre outros, apontam quatro demonstrativos que ainda refletem a carga do gênero neutro latino, extinto na Língua Portuguesa como gênero gramatical, quais sejam: isto, isso, aquilo e o.

nem o feminino. No entanto, como a indicação do gênero real (ou suposto) dos seres nem sempre era de fácil suposição *sermo vulgaris*, o neutro tendeu à queda e, conseqüentemente, se manteve como categoria gramatical na língua portuguesa.

Por fim, espera-se que este estudo de Morfologia Histórica sobre um recorte das relações diacrônicas do latim ao português possa contribuir para uma melhor compreensão da Língua Portuguesa do Brasil, em sua formação, sua estrutura e seu funcionamento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina**: curso único e completo, 24. ed., São Paulo: Saraiva, 1992.

_____. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 45. ed., São Paulo: Saraiva, 2005.

ARAUJO, Ruy Magalhães de. **Fontes do Latim Vulgar**. Soletras, [S.l.], n. 5-6, p. 96-115, dez. 2012.

BAGNO, Marcos. **Gramática Histórica**: do latim ao português brasileiro, Brasília: UNB, 2007.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Filologia Românica**: História Externa das línguas. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2005.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **História do português**. São Paulo: Parábola, 2019.

FARIA, Ernesto. **Gramática Superior de Língua Latina**. 14. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do latim**. 2. ed. rev. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Contexto, 2018.

IVO, Oscarino da Silva. **Introdução ao estudo do latim vulgar**: a coordenação e a subordinação. Ensaios de Literatura e Filologia. 1978, p. 73-99.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **O Problema do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1962.

MELO, Pedro Antonio Gomes de. A história externa da Língua portuguesa: do Latim ao Português. **Revista do DLCV/UEPB**, João Pessoa, PB, v. 16, n. 1, e020007, jan./jun. 2020. p. 1-15.

_____. O Uso de Expressões Latinas como Elementos de Ornamentação na Linguagem Publicitária Escrita no Português Contemporâneo. **Revista Interfaces**, Guarapuava, v. 4 n. 2 dez. 2013. p. 60 -71.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira; PIRES, Caroline de Castro. O que aconteceu com o Gênero neutro Latino? Mudança da Estrutura Morfosintática do Sistema Flexional nominal durante a Dialetação do Latim ao Português Atual. **Revista Mundo Antigo** – Ano I, V. 01, N. 02-Dez. – 2012, p. 155-172.

POGGIO, Rosaura Maria Galvão Fagundes. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcional**. Salvador: DUFBA, 2002.

SANTOS SOBRINHO, José Amarante. **Dois tempos da cultura escrita em Latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção**, 2013, 1.204s. Tese (Doutorado Língua e Cultura), Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução aos estudos da Filologia Portuguesa**. 2. ed. ver. e ampl. por Evanildo Bechara e Joram Pinto de Lima. Rio de Janeiro, Grifo, 1986.

SILVA, José Pereira da. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro : Intragráfica Editorial, 2010.

SPINA, Segismundo. (org.) **História da língua portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Trad. port. de Celso Cunha: Martins Fontes, 2009.

WILLIAMS, Edwin Bucher. 1938, **From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language**. Trad. port. de Antônio Houaiss: Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa.2. ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

SABERES DOCENTES RESPONSIVOS DE LICENCIANDAS EM LETRAS NO CONTEXTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO

Silvio Nunes da Silva Júnior

PONTO DE PARTIDA: RELAÇÕES ENTRE OS SABERES DOCENTES E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Tratar de saberes docentes é uma tarefa complexa que exige levar em conta especificidades diversas, considerando que cada sujeito age e responde de modo diferente no mundo contemporâneo. A multiplicidade de visões que implica a pluralidade dos saberes docentes se articula ao pensamento de Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, para o qual a diferença entre ingenuidade e criticidade não significa uma ruptura, mas, sim, uma superação (FREIRE, 2019). Consequentemente, as respostas que as práticas pedagógicas dão diariamente podem estar no plano da ingenuidade ou no plano da superação, e tal imbricamento depende de fatores subjetivos voltados à prática educativa, uma vez que a formação do professor é ofuscada e não se estaciona quando o sujeito possa se autointitular formado ou pronto. Isso ocorre porque todo e qualquer saber estabelecido na atuação profissional é experiencial e, de acordo com Tardif (2002, p. 39), este saber “se transforma num saber funcional, prático, interativo, sincrético e plural, heterogêneo, não-analítico, aberto, personalizado, existencial, pouco formalizado, temporal e social”, voltando-se tanto à formação continuada como à formação inicial.

O estágio supervisionado é um pilar comum entre os cursos de licenciatura. No curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas, o estágio se revela como um caminho para afinidades, desafios e perspectivas para o futuro. É nele que o sujeito pode optar pela

língua ou pela literatura, pelo ensino fundamental ou pelo ensino médio, pela educação básica ou pela permanência na vida acadêmica com vistas à docência no ensino superior, entre outras possibilidades daquilo que Freire (1997) chama de inserção no mundo¹⁸. O estágio, em linhas gerais, é um caminho sempre atravessado por muitos acontecimentos pelo qual todo licenciando passa. A partir disso, considero que é a atuação como estagiário que propicia a formação/construção dos primeiros saberes docentes do professor e, conseqüentemente, apresenta as primeiras problemáticas para a produção daquilo que Bakhtin (2011) define como *respostas ativas* desses sujeitos na sala de aula. Um veículo favorável para a observação dessas respostas, que abarcam os desafios e os avanços dados pelos estagiários, está nos relatórios de vivência, nos quais angústias, medos, dúvidas e outros processos são detalhados.

Diante de tal realidade, assumir a função de orientador de estágio, em especial no ensino médio, é um ofício também repleto de complexidades e caminhos para o aprendizado conjunto a partir dos processos responsivos e dos saberes docentes que acompanho quando tenho contato com discursos escritos que me são apresentados pelos estudantes ao término das ações de regência no ensino de Língua Portuguesa. Assim, meu objetivo com este capítulo é refletir sobre os saberes docentes responsivos de professoras de Língua Portuguesa na formação inicial, enfatizando os percursos trilhados por estas no estágio supervisionado. De modo específico, procuro compreender as relações entre teoria e prática nos discursos analisados e estudar as contribuições das experiências de estágio para atuação profissional futura das licenciandas. Para este fim, estruturo o capítulo em tópicos como: ponto de partida: relações entre saberes docentes e estágio supervisionado; lugares e suas pontes: saberes docentes e responsividade; curva metodológica; primeira parada: relação teoria-prática; segunda parada: perspectivas para o futuro na docência; e chegadas.

LUGARES E SUAS PONTES: SABERES DOCENTES, RESPONSABILIDADE E ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A área da Educação tem se expandido em relação aos processos educativos, o que chama, ao mesmo tempo, a questão da formação dos professores, tanto em início como em continuidade, uma vez que, ao longo da atuação profissional, o docente precisa passar por contextos formativos pelos quais os avanços da contemporaneidade possam ser mais

18 - Para Freire (1997), há uma diferença entre adaptação no mundo e inserção no mundo. Na adaptação o professor se acostuma e se adequa às situações a ele colocadas; na inserção a ação docente é situada e depende do modo como o professor compreende e responde ao seu contexto de trabalho.

efetivamente levados para as escolas. Sobre isso, Tardif (2002) compreende que o trabalho modifica o trabalhador e, por consequência, o seu saber trabalhar. Nesse sentido, as próprias vivências no contexto de ação pedagógica podem ressignificar a formação do professor.

De acordo com Silva Júnior e Gomes (2021, p. 8):

os fatores responsáveis pelos desafios e enfrentamentos dos professores no âmbito de suas práticas pedagógicas devem ser tratados com naturalidade, pois o conhecimento adquirido na atividade docente vai sempre estar inter-relacionado com as situações vivenciadas nas práticas estabelecidas nos contextos escolares.

Nessa perspectiva, o fluxo natural da vida possibilita variados processos de reconstrução de saberes. Acredito que os saberes docentes são atravessados por diferentes acontecimentos e isso passou a ser perceptível, como destaca Tardif (2000), após o movimento de profissionalização da atividade docente. Ao ser entendido como um ofício de trabalho inter-relacionado a uma formação inicial, a atuação do professor passa a ter uma outra finalidade, diferente daquela que se restringia a uma função doutrinadora de transmissão de informações pré-determinadas. A esse respeito, “os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada pela de outrem” (PIMENTA, 1999, p. 20). Ao mencionar o papel do outro, Pimenta (1999) esclarece que estes são os colegas de trabalho, os alunos, os formadores e até mesmo os textos com os quais os docentes têm contato ao longo da sua constituição em meio aos processos educativos.

Assim, a vivência prática do professor é fundamental para a construção de seus saberes. Pimenta (1999) alerta que conhecer a educação e a pedagogia no plano teórico não dar conta de aprimorar ou construir um saber docente. Esses saberes, para a autora, são determinados e influenciados pela prática pedagógica, a qual, conforme explica Geraldini (1984), sempre articula uma postura política por parte do professor. Para Tardif (2000, p. 14), os “saberes profissionais também são variados e heterogêneos porque não formam um repertório de conhecimentos unificado”. Tal repertório representa a articulação de saberes antecedentes e novos, implicando a produção de novos pontos de vista sobre temas variados. Percebo, com isso, que os saberes docentes são condicionados pela atuação prática do professor. No entanto, defendo, neste trabalho, que o quadro teórico da formação inicial prepara o professor para a construção de

seus saberes docentes após aquele período, já que o estágio supervisionado, por exemplo, ocorre nos últimos passos da formação universitária.

Complementando essa reflexão, Tardif (2000) ensina que um professor raramente tem uma teoria ou uma perspectiva unitária de sua prática. Para a mesma autora, “os professores utilizam muitas teorias, concepções e técnicas, conforme a necessidade, mesmo que pareçam contraditórias para os pesquisadores universitários” (TARDIF, 2000, p. 14). Por essa razão, a formação continuada do professor é um tema muito defendido e explorado nas pesquisas acadêmicas, visto que se a formação não acompanhar os avanços da contemporaneidade, é inviável que se estabeleçam práticas favoráveis aos processos educativos, os quais são atravessados por sujeitos que passaram por contextos formativos também múltiplos e complexos. De acordo com Tardif (2002, p. 39), “o saber experiencial se transforma num saber funcional, prático, interativo, sincrético e plural, heterogêneo, não-analítico, aberto, personalizado, existencial, pouco formalizado, temporal e social”. A partir disso, é pertinente lembrar que embora os saberes docentes estejam, na própria construção semântica dos termos, voltados ao contato do professor com o seu ofício em sala de aula, eles não estão limitados ao modo com o qual o docente desenvolve e planeja a sua ação pedagógica. Nessa linha de pensamento, o sujeito/licenciando responde ativamente ao contexto social em suas experiências de estágio supervisionado. O processo de compreensão e resposta pelo discurso retoma as bases filosóficas do chamado círculo de Bakhtin, para pensar as práticas interlocutivas entre os sujeitos na linguagem.

O chamado círculo de Bakhtin traz nas suas principais obras conceitos caros a uma compreensão ampla, plural e dialógica de linguagem. Isso permite que estudos que lidam com sujeitos e seus respectivos discursos possam recorrer a essas bases teóricas para pensar nas respostas ativas dadas pelos interlocutores em suas práticas de linguagem em contextos específicos, como o da formação inicial de professores, foco desta pesquisa centrada nos saberes docentes de docentes de língua portuguesa no processo de formação inicial na licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas. Nesse sentido, a noção que é utilizada na pesquisa é a de responsividade ativa, que chama outras duas, quais sejam: a de compreensão e a de atitude responsiva ativa.

Após fortes críticas às tendências filosófico-linguísticas que ainda perpassam por algumas vertentes de pensamento linguístico, Volóchinov (2017) depreende que a interação discursiva é a realidade fundamental da língua. Por isso, o discurso está por toda parte e o que determina a sua

produção e disseminação é a compreensão do sujeito sobre as práticas de linguagem com as quais tem contato. Para Bakhtin (2011, p. 272):

toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O próprio falante [enunciador] está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc.

Diante disso, a interação discursiva é sempre atravessada por atitudes responsivas a partir da alternância de sujeitos do discurso. Bakhtin (2011) deixa claro que toda compreensão é ativamente responsiva justamente porque mesmo que haja discordância ou dúvida, o sujeito acaba respondendo àquilo que lhe é imposto, mesmo que a resposta seja o silêncio, por exemplo. Isso quer dizer que a compreensão passiva é uma abstração para a Teoria Dialógica da Linguagem, uma vez que para ela o sujeito vai ser sempre responsivo ativo. Ainda nessa linha de pensamento, Bakhtin (2011, p. 272) destaca que “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte”. Assim, a resposta do sujeito para algum discurso com o qual teve contato pode não ser dada de imediato. Ela pode ter efeito retardado, segundo Bakhtin (2011), pois a compreensão acompanha os variados acontecimentos que atravessam a vida do sujeito e sua atuação nas práticas sociais.

Nesse sentido, há sempre uma atitude de resposta que sucede uma compreensão por parte do interlocutor. Produções orais e escritas, dessa maneira, podem revelar os diversos modos pelos quais os sujeitos se apropriam para a construção de seus discursos dentro de interações específicas. A título de exemplo, ao preencher um parecer de aluno num diário escolar, o professor responde a toda uma realidade vivenciada com uma turma e um aluno específico. Dessa forma, ele produz uma atitude responsiva com base naquilo que compreendeu durante a sua vivência. Com isso, a compreensão responsiva ativa não vai ocorrer somente a partir de uma prática discursiva instantânea. Ela pode ser produzida tempos depois por meio do que lhe é solicitado num ambiente de trabalho ou até mesmo em relações pessoais e interpessoais.

Outro aspecto, que é apresentado na discussão proposta por Zozzoli (2012), é a implicação que a noção de compreensão responsiva ativa pode ter nas ações de sala de aula, quando o professor observa como os alunos respondem aos comandos de atividades e até mesmo na explanação de um objeto de ensino. Em decorrência dessas possibilidades, percebo

que tal noção é bastante cara a este estudo que procura estudar como se estabelecem os saberes docentes de estagiários a partir de seus relatórios de estágio supervisionado.

O estágio supervisionado representa uma etapa relevante e, sobretudo, decisiva para as escolhas que o sujeito faz para o seu trajeto após o término do curso de graduação. Em qualquer que seja a habilitação, chegar na etapa do estágio é bastante complexo, uma vez que o professor em formação inicial precisa de um apoio sólido e capaz de intervir quando necessário. Por essa razão, este estudo parte do princípio de que o estágio supervisionado se torna a primeira etapa para a produção dos saberes docentes, pois nele comumente há a primeira experiência prática do sujeito com a ação pedagógica na sua totalidade.

Barreiro e Gebran (2006, p. 26-27) inferem que:

De modo geral, os estágios têm se constituído de forma burocrática, com preenchimento de fichas e valorização de atividades que envolvem observação participação e regência, desprovidas de uma meta investigativa. Dessa forma, por um lado se reforça a perspectiva do ensino como imitação de modelos, sem privilegiar a análise crítica do contexto escolar, da formação de professores, dos processos constitutivos da aula e, por outro, reforçam-se práticas institucionais não reflexivas, presentes na educação básica, que concebem o estágio como o momento da prática e de aprendizagens de técnicas do bem-fazer.

Uma problemática bastante frequente quando o assunto é o estágio supervisionado, nas licenciaturas e em outras modalidades, é a quantidade de procedimentos burocráticos necessários para o cumprimento da carga horária necessária. O privilégio dado a essas questões acaba apagando o potencial formativo e pedagógico que a etapa prática da licenciatura possibilita para a formação de novos professores. Outro aspecto lembrado por Barreiro e Gebran (2006) é o foco no bem-fazer ou até mesmo a expectativa por chegar a uma ação pedagógica perto da perfeição. Essa convicção pode ser bastante frustrante para os professores que estão dando seus primeiros passos.

Frente a isso, uma das defesas trazidas pelos autores é a de a sala de aula ser vista pelo estagiário e pelo professor em atuação como um campo de pesquisa. A partir dessa premissa, é mais favorável uma visão de estágio como uma etapa formativa que admite erros, acertos e aprendizagens coletivas. Ainda para Barreiro e Gebran (2006, p. 118), “a formação para a docência de qualidade deve se pautar na perspectiva investigativa, na qual a pesquisa, assumida como princípio científico e educativo, apresenta-se como uma proposição metodológica fundamental para o rompimento das

práticas de reprodução”. Com isso, percebo que a noção de reprodução precisa ser banida da formação do professor desde as primeiras etapas do curso de licenciatura, pois este tem sido um forte empecilho para o amadurecimento e o aprimoramento das práticas pedagógicas.

Ainda nesse sentido,

Durante o curso de graduação começam a ser construídos os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional. Em períodos de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão. (ALMEIDA; PIMENTA, 2014, p. 73).

O processo de ressignificação de conhecimentos entra em diálogo com a visão de saber docente plural e heterogêneo (TARDIF, 2002, 2000) explanada anteriormente. As experiências de estágio não devem ser totalmente positivas, uma vez que é sempre necessário que o estagiário conheça as demandas complexas com as quais os professores têm de lidar. “É necessário, pois, que as atividades desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 112). Por essa razão, o espaço da universidade e, conseqüentemente, a produção do relatório de estágio, precisam ser propícios ao questionamento e à reflexão do sujeito diante de tudo o que vivenciou.

Toda escola carrega uma bagagem cultural que revela diversas das suas complexidades. O projeto pedagógico, as crenças das comunidades, dentre outros fatores, são culturais e acabam sendo do conhecimento de todos os que compõem a comunidade escolar. Assim, conceitos relacionados à formação reflexiva dos sujeitos são relevantes para que o estagiário possa ter uma visão do conteúdo teórico que sustenta a prática pedagógica, do objeto de ensino a ser explanado e de demais elementos relacionados às formações dos alunos e questões referentes à comunidade. Por isso, o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos (PIMENTA; LIMA, 2012).

Viro, no tópico a seguir, a curva metodológica.

CURVA METODOLÓGICA

Assim como grande parte dos estudos que investigam as práticas pedagógicas e os processos de formação de professores, a abordagem

seguida no estudo que aqui apresento é qualitativa, distanciando-se do que Bortoni-Ricardo (2008) define como paradigma positivista, uma vez que minha preocupação se volta às problemáticas sociais diversas, não levando em conta a neutralidade do investigador. Dessa maneira, pensar o adjetivo “qualitativo” para uma pesquisa científica é levar em conta todo um panorama histórico que foi trilhado para que uma perspectiva social de investigação fosse considerada ciência, o que antes era considerado mera abstração devido à defesa de uma diversidade de verdades. Com isso, a defesa de uma verdade absoluta passou a ser desconstruída ao longo dos anos (SILVA JÚNIOR, 2021), uma vez que a pesquisa qualitativa passou a questionar esse tipo de conceito, alegando que toda prática social é única e permite interpretações distintas.

Em relação à vertente de pesquisa, caracterizo esta como estudo de caso. Sobre tal vertente, Yin (2005, p. 32) explica que o estudo de caso “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. O presente estudo se concebe como estudo de caso devido ao foco de estudar os discursos de licenciandas em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas a partir de seus relatórios de estágio, levando em conta o processo de construção de seus saberes docentes. A problemática emerge da importância de se pensar nos saberes docentes das licenciandas durante o estágio em uma situação de pandemia mundial. Tal metodologia de pesquisa também fica evidenciada pelo fato de a pesquisa se voltar a um pequeno grupo, de 3 (três) licenciadas do curso de Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas de uma universidade pública do estado de Pernambuco, situada no município de Garanhuns, matriculadas no Estágio Supervisionado IV (3º ano do ensino médio). No decorrer das análises, que tomam como objeto os relatórios de vivência no estágio, as colaboradoras da pesquisa serão chamadas de Ingrid, Roberta e Vitória, nomes fictícios que se justificam pela dimensão ética da pesquisa em tela. Vale ressaltar que antes de sua realização a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia, sob o processo de número 48230821.9.0000.0057.

PRIMEIRA PARADA: RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA

A relação entre teoria e prática, conforme explicam Barreiro e Gebran (2006), é algo primado no campo do estágio supervisionado. Nesse sentido, é esperado que os relatórios de estágio possam apresentar indícios dessa relação nos discursos dos discentes da licenciatura que vivenciam diversos momentos quando cumprem a carga horária exigida pela universidade

na educação básica. Pensando nas respostas ativas que as licenciandas desenvolvem ao longo de seus relatórios e ressaltam seus saberes docentes, dedico este espaço para pensar a proximidade ou o distanciamento entre a teoria da universidade e as práticas de sala de aula no campo de estágio.

Em um dos trechos do relatório de Ingrid, tem-se que:

As aulas aconteceram de maneira lúdica, onde os estudante participaram de forma ativa em todas as atividades propostas pelas estagiárias, nas observações foi possível um contato breve com os estudantes que fez com facilitasse nas aplicações das atividades em sala de aula, dessa maneira, se atentando para pensar em possíveis formas de trabalhar os conteúdos de uma maneira que chamasse a atenção deles para as aulas e conseqüentemente para que pudessem participar ativamente das atividades propostas, além disso, o contato entre o professor da turma de Língua Portuguesa com as estagiárias foi de suma importância, pois, houve troca de conhecimentos e uma parceria para o estágio aconteceu, também foi possível uma conversa sobre didática e diferentes formas de planejar aulas lúdicas. (Trecho do relatório de Ingrid).

No escopo de seu relatório, Ingrid não faz qualquer menção teórica ao tema ludicidade no ensino. Entretanto, na interpretação que a licencianda faz dos acontecimentos de sala de aula, observo algum conhecimento prévio acerca da ludicidade. Ingrid considera a ludicidade como uma estratégia de ensino que pode chamar a atenção dos alunos para o trabalho com a língua na sala de aula, o que já mostra uma observação que a licencianda faz das respostas ativas (BAKHTIN, 2011) que a professora regente dá para o contexto de ensino (ao identificar uma problemática, a professora busca uma estratégia, nesse caso, o lúdico). A partir disso, Ingrid articula as ações da professora observada com a sua formação e constitui, no seu relatório, um olhar para a relação entre teoria e prática de ensino. Conseqüentemente, esse processo implica a produção dos saberes docentes de Ingrid, que, quando lidar com alguma problemática ao assumir a docência, poderá levar em conta o uso de estratégias didáticas que favoreçam a participação dos alunos, constituindo vivências pedagógicas que, na visão de Tardif (2002), acarretam novos saberes docentes.

No relatório de Roberta consta o trecho a seguir:

Diante das observações, notou-se que os alunos estavam cansados e muitas vezes desinteressados de aulas tradicionais que acabavam se tornando chatas, por isso buscou-se trabalhar de forma lúdica durante todo o processo de ensino e aprendizagem, sempre fazendo com que os alunos relembassem os conteúdos que eles trabalharam e participassem das aulas. Em decorrência do momento difícil que estamos vivendo, sendo as aulas remotas, não

foi uma tarefa fácil realizar o Estágio Supervisionado IV. (Trecho do relatório de Roberta).

Mais uma vez, as observações desenvolvidas no período de estágio giram em torno da ludicidade, o que pode gerar um questionamento sobre o que as licenciandas estão entendendo por ludicidade no ensino. Algo que fica evidenciado é a dicotomia que ambas as licenciandas criam, a saber: ensino tradicional x ensino lúdico. Essa questão se torna problemática, pois é sabido que nem tudo o que foge do tradicional é realmente lúdico. Pelo que se pode identificar, a própria docente regente da turma alegava que o que fazia era lúdico e, assim, acaba havendo, mesmo depois de discussões sobre a prática de reprodução, uma visão espelhada entre o que a professora regente diz e faz e a formação da futura professora de Língua Portuguesa. Por essa razão, é possível afirmar que há, por parte de Roberta e, possivelmente, até mesmo de Ingrid, compreensões responsivas de menor grau (BAKHTIN, 2011), uma vez que as percepções generalizadas podem não se voltar à ludicidade, já que nos relatórios não há nenhuma reflexão teórica sobre esse tema.

Para os saberes docentes, que modificam e constroem o saber trabalhar do professor (TARDIF, 2002), esse fato pode ser em partes prejudicial. Em primeiro plano, pode levar as licenciandas a pregar a dicotomia já mencionada e, em segundo, pode eleger o que se tem chamado de ludicidade como única estratégia de ensino. Diferente dessa realidade, o relatório de Vitória aponta que:

Vale salientar a importância dos assuntos da língua portuguesa para a interação e comunicação no cotidiano dos alunos e no ambiente escolar, os professores quanto facilitadores de aprendizagem devem proporcionar aos estudantes aulas interativas, dinâmicas, enriquecedoras e produtivas para que eles reconheçam os conteúdos trabalhados no ambiente escolar a partir de suas características e estruturas, diferenciando um de outro, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem de cada discente. (Trecho do relatório de Vitória).

Mesmo que o trecho de Vitória pareça mais global do que os de Ingrid e Roberta, os termos interação e cotidiano são elementos importantes para que se possa pensar na produção de saberes docentes de professores de Língua Portuguesa. Por meio do que traz Vitória, é possível observar que ela, ao vivenciar situações de diálogo em processos de aprendizagem da língua, se sente, de alguma maneira, inspirada para pensar o ensino daquele modo. Isso faz com que ela seja levada a produzir respostas ativas em seu relatório, dar passos positivos na sua constituição e, nas palavras de

Pimenta (1999), produzir novas significações como professora na regência da educação básica. Diante disso, identifico, em linhas gerais, que existe relação entre teoria e prática nas observações e ações do período de estágio. Contudo, ainda há algumas questões teóricas que precisam ser mais bem debatidas na universidade.

Na segunda parada, trago considerações sobre as perspectivas das licenciandas para o futuro na docência.

SEGUNDA PARADA: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO NA DOCÊNCIA

A partir das experiências obtidas ao longo do período de estágio supervisionado, é comum que as licenciandas tenham diferentes expectativas e perspectivas para a atuação profissional, que, no caso dos sujeitos desta pesquisa, não demoraria muito para acontecer, visto que todas estavam no último estágio do curso de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas. Assim, procuro identificar elementos que ressaltam as perspectivas que Ingrid, Roberta e Vitória apresentam, em seus relatórios, para a atuação profissional frente a tudo o que foi vivenciado no estágio. Com base na afirmativa de Pimenta (1999), para a qual toda e qualquer profissão é atravessada por significações sociais, pensar em como o sujeito, em contexto formativo, significa e ressignifica a profissão, é enveredar por um caminho desafiador, mas que deixa evidenciados aspectos que são caros aos centros de formação inicial.

No relatório de Ingrid, destaco o trecho a seguir:

O docente se forma a partir da prática em sala de aula, a junção entre prática e teoria, e o estágio supervisionado contribui diretamente para o processo de formação dos professores. As atividades de docência possibilitam a percepção de como agir, e não agir em uma sala de aula, em como lidar com as relações entre aluno/aluno e aluno/professor, outra coisa muito importante que o estágio obrigatório proporciona é que através dele o estagiário pode ver se realmente é a profissão que deseja seguir, pois a teoria não traz tanta experiência quanto está na prática onde se está vivenciando literalmente como é o dia a dia de um professor e os problemas que enfrenta.

O Estágio Supervisionado é muito importante para a aquisição da prática profissional, pois durante esse período o aluno pode colocar em prática todo o conhecimento teórico que adquiriu durante a graduação. Além disso, o estudante aprende a resolver problemas e passa a entender a grande importância que tem o educador na formação pessoal e profissional de seus alunos. (Trecho do relatório de Ingrid).

Ingrid inicia sua discussão com um pensamento que muito se articula às considerações de Barreiro e Gebran (2006) no que compete à relação entre teoria e prática, o que ressalta a sua visão ampliada sobre a formação do professor. A licencianda responde ativamente ao contexto de estágio quando menciona que naquele período é que se forma verdadeiramente o professor, uma vez que se tem vivência prática com a profissão que, muitas vezes, é aquela a ser trilhada pelo licenciando ao terminar as atividades acadêmicas. Algo também relevante mencionado por Ingrid é a implicação que o estágio tem para o futuro, visto que muitos discentes da licenciatura têm no período de estágio a certeza ou a incerteza de que quer realmente ser professor.

A prática profissional e, conseqüentemente, a construção heterogênea dos saberes docentes (TARDIF, 2002, 2000), se inicia no estágio supervisionado e estabelece relação com a atuação prática do professor, tanto de Língua Portuguesa como de outros componentes curriculares que interdependem de um determinado curso de licenciatura. Ingrid evidencia, ainda, que no período em que atuou como estagiária passou a compreender melhor o ofício do professor, o que dá indícios dos primeiros passos dessa licencianda no que Tardif (2002) discute sobre o saber trabalhar. É válido considerar, nesse sentido, que o saber trabalhar é fluido e se encontra em constante movimento de reconstrução.

Já no relatório de Roberta:

O estágio foi fundamental, para mim, discente do curso de Licenciatura em Letras, pois através dele tive novas experiências na docência, o que me proporcionou uma nova visão de como agir em sala de aula, através da forma que foi trabalhado e das orientações que recebi dos professores, pude também ter experiência nova com o ensino remoto, me reinventando, buscando novos meios de melhorar o ensino-aprendizagem, me dedicando a cada dia para com esforço, conseguir concluir mais essa etapa, me proporcionando uma sensação de trabalho cumprido. (Trecho do relatório de Roberta).

Uma questão pertinente que se destaca no discurso de Roberta é a construção de uma nova visão sobre o agir do professor em contexto de trabalho pedagógico. Conforme discutem Almeida e Pimenta (2012), são muitos os fatores que contribuem para a constituição de uma concepção de docência. Acredito que alguns desses fatores são: os contatos que o sujeito teve com os professores durante a educação básica, o que ele ouviu/leu sobre a docência em diferentes veículos de comunicação, a atuação dos professores na universidade etc. Dessa maneira, não há como ir ao estágio supervisionado sem uma visão prévia do que vai encontrar. No entanto,

ao assumir que reconfigurou suas concepções, Roberta deixa claro que o período de estagiária foi atravessado por descobertas.

Outro ponto importante trazido no discurso de Roberta foi a constante adaptação que precisou passar ao longo de suas vivências no ensino remoto emergencial mediante a situação de pandemia mundial. Percebo, assim, que há atitudes responsivas que conduzem o olhar de Roberta a uma compreensão mais ampla e complexa de formação docente, o que pode revelar, para a licencianda, que toda a sua atuação como professora vai ser marcada por reaprendizagens. Dando continuidade, Vitória traz que:

é relevante a prática do estágio supervisionado para a formação acadêmica dos universitários dos cursos de licenciatura, assim como para os discentes que vivenciam essa experiência juntamente com os estagiários, pois podem vivenciar de atividades diferenciadas e dinâmicas a partir dos conteúdos programados pelo professor efetivo da turma. (Trecho do relatório de Vitória).

Vitória apresenta um olhar bastante acurado para a própria finalidade em se ter estágio no curso de licenciatura, ponto discutido por Almeida e Pimenta (2012), bem como por Barreiro e Gebran (2006). A licencianda destaca, com suas considerações, que o estagiário aprende tanto quanto os alunos que estão na turma através do que o professor regente planeja e efetua. Entretanto, cabe lembrar que tais aprendizagens também implicam diariamente a formação desse professor, a qual é, também, heterogênea. A vivência pedagógica pode trazer diversas contribuições para a produção constante dos saberes docentes de quem, literalmente, se aventura na docência. Assim, discutir sobre o saber docente no processo de iniciação à prática pedagógica vai ser sempre necessário e relevante para que a profissão docente possa avançar cada vez mais em meio a práticas sociais que tanto a esquecem.

CHEGADAS

Por meio de todas as discussões teóricas, metodológicas e práticas desenvolvidas ao longo do capítulo, observo que os saberes docentes de professores de Língua Portuguesa em formação inicial seguem uma linha processual, multifacetada e, sobretudo, dialógica. Consequentemente, a investigação sobre os processos responsivos que norteiam a produção dos saberes docentes no período de estágio supervisionado se torna relevante não somente no plano da licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas. O estágio é um período no qual o sujeito aprende e reaprende o que compreendia sobre ensino, aprendizagem e atuação pedagógica.

A articulação de saberes teóricos e práticos por parte das licenciandas, mesmo que com algumas dificuldades, que são naturais, existiu, e algo positivo que pode ser destacado é a consciência por parte delas acerca da necessidade de se existir tal relação.

Dessa forma, além de responderem ativamente aos contextos que integraram como estagiárias, as licenciandas conseguiram observar as respostas ativas dos professores regentes com seus alunos, questão que se torna pertinente para a frutificação de novos professores de Língua Portuguesa. O estágio se revela, com isso, como um espaço plural para a produção de saberes docentes, levando professores a assumir posturas de pesquisa para redescobrir cada vez mais os contextos de sala de aula. Com isso, pensar o estágio como espaço de pesquisa é formar sujeitos que desenvolvam de modo progressivo a criticidade e fujam das barreiras impostas pela ingenuidade (FREIRE, 2019). Nesse sentido, a pluralidade de chegadas que se pode alcançar com este estudo deixa evidenciado que a busca pelos saberes docentes não segue uma linha somativa, mas de reconstrução diária a partir das variadas problemáticas e aprendizagens que atravessam a prática docente.

Espero que as reflexões trazidas neste capítulo possam estimular novos pesquisadores a também problematizarem o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, podendo expandir as possibilidades de pesquisa acadêmica nas variadas interfaces existentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágios supervisionados na formação docente**. São Paulo: Cortez, 2014.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. P. Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Ed. Avercamp, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Adaptação X Inserção - Paulo Freire**. 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NBAaJpNIIjc> Acesso em 15. Nov. 2022.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo. Cortez, 1999.

SILVA JÚNIOR, Silvio Nunes da; GOMES, Geam Karlo. Os saberes docentes e a responsividade de licenciandas/estagiárias em letras/português no ensino remoto emergencial. **Diálogo das Letras**, v. 10, p. 1-20, 2021.

SILVA JÚNIOR, Silvio Nunes da. Abordagem qualitativa, pesquisa colaborativa e verdades *pravidas* sobre ensino de língua portuguesa. **Revista Letras Raras**, v. 10, p. 269-277, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional**. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 05-24, 2000.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

YIN. Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed., Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 7, p. 253-269, 2012.

A METÁFORA RETÓRICA E O LUGAR DA QUANTIDADE ENQUANTO DISPOSITIVOS ARGUMENTATIVOS NO GÊNERO REPORTAGEM TELEVISIVA

Maria Alice da Rocha
Eduardo Pantaleão de Morais
José Nildo Barbosa de Melo Junior

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo apresenta os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica (Pibic), realizada na Universidade Estadual de Alagoas, *campus* IV, no período de 2019-2020. Situado na linha dos Estudos Linguísticos, numa perspectiva retórico-argumentativa, o estudo teve como objetivo geral investigar o funcionamento da metáfora retórica e do lugar argumentativo da quantidade como Dispositivos Argumentativos presentes no gênero discursivo reportagem televisiva.

Nesse tipo de projeto, seguindo fundamentos teórico-metodológicos, executamos as várias etapas concernentes à pesquisa. Essas etapas incluíram atividades de leitura da bibliografia existente sobre os temas selecionados, fichamento dos conteúdos, estudo das reportagens, delimitação das reportagens para a construção do *corpus*, transcrição do *corpus*, análise do *corpus* e elaboração dos relatórios parcial e final.

Os gêneros midiáticos estão no bojo deste trabalho e referem-se aos textos veiculados pela mídia jornalística, detentores de um conjunto de traços (assunto, função, estilo, composição), materializados numa situação comunicativa institucionalizada, segundo o propósito comunicativo com que são produzidos. Entre esses gêneros, estão o editorial, o comentário, o artigo de opinião, a reportagem, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura, a carta, a charge, a propaganda, a manchete, a notícia, entre outros.

Para este estudo, elencamos a reportagem televisiva, que apresenta, entre outras especificidades, a predominância de sequências argumentativas e tem, portanto, sua força presente na linguagem persuasiva ao manifestar uma informação a respeito de um assunto, analisando questões atuais. A reportagem é o resultado de um trabalho intenso de investigação sobre assuntos de interesse comum, cuja validade das informações apuradas é confirmada.

A proposta de estudo dos mecanismos linguísticos no gênero reportagem está consolidada a partir de vários teóricos, a exemplo de Costa (2009) e Lage (2006). Por meio desses autores, foi possível discutir a teoria, encontrando um caminho coerente entre os conceitos e a realidade do gênero analisado. Com essa apresentação, analisar a metáfora e o lugar argumentativo na reportagem televisiva constituiu o objetivo principal deste trabalho, fundamentando-se nos conhecimentos consolidados pela Retórica argumentativa, a partir de teóricos como Aristóteles (2005), Reboul (2004), Mateus (2018), Perelman (1997) e outros.

O interesse pelo tema, dentro do contexto comunicativo do jornalismo televisivo, buscou gerar novos conhecimentos na pesquisa ao estabelecer intersecções entre o texto jornalístico e a teoria retórica. Assim, o tema é relevante por possibilitar a análise de novos funcionamentos da linguagem jornalística, a partir do viés retórico-argumentativo, revelando a importância dessa esfera de atuação da linguagem.

UM DIÁLOGO COM A TEORIA

No estudo em tela, houve a contribuição científica dos estudos retórico-linguísticos, no sentido de discutir a teoria e analisar os dados no referido gênero textual, produzindo, assim, um diálogo entre teoria e dados provenientes da pesquisa de iniciação científica. Nesse tocante, o gênero reportagem televisiva insere-se no panorama dos gêneros midiáticos e apresenta importantes especificidades no que se refere à linguagem persuasiva. Sua análise centra-se no funcionamento da linguagem, à luz do viés retórico-argumentativo, revelado por meio de Dispositivos Argumentativos que atuam como base para a construção do discurso jornalístico.

A ORIGEM E AS PRINCIPAIS DEFINIÇÕES DA RETÓRICA

A necessidade de convencer o outro a aderir nossas ideias sempre fez parte de nossas vidas, e nós, enquanto seres humanos, vivemos

constantemente rodeados de solicitações à espera de uma decisão por parte do auditório. Logo, somos levados a fazer com que nossas propostas sejam aceitas ou adotadas pelos outros. Por essa razão, a linguagem contém em si um poder, que permite que cheguemos aos outros e comuniquemos nossas ideias ao refletir nossas ambições e necessidades. Assim, a Retórica faz uso desse poder ao consentir que os outros (auditório) compreendam essas ações e ideias e as partilhem conosco.

Em todos os domínios da nossa vida, lidamos com a Retórica, seja na religião, na economia, na política, seja no lazer. Por isso, ao ponderar algo, concordar com alguém ou discordar daquilo que é exposto, a Retórica está muito ligada à forma com que pensamos, compreendemos e interagimos com o mundo, bem como serve de orientação para as nossas decisões, mostrando-nos evidências que confirmam a existência de argumentos válidos ou de fatos que se mostram relevantes. Esse caráter estratégico da Retórica e do uso de suas técnicas vem como auxílio na manutenção da persuasão.

A Retórica vem em nosso auxílio. Ela dá-nos um método para ajuizar que opinião é a mais valiosa, virtuosa e útil. Num mundo onde é frequente constatarmos a polarização de pontos de vista, em que as múltiplas teses abundam, e onde a circulação de ideias é tão intensa que nos pode deixar aturcidos, é imprescindível aprender Retórica. Perante o desacordo, a discórdia e a falta de consenso, ela oferece-nos uma possibilidade de analisar a melhor escolha prescindido da violência física. (MATEUS, 2018, p. 27)

Segundo Reboul (2004), a Retórica tem seu início na Sicília grega, por volta de 465 a.C., e possui uma origem judiciária, ligada à reivindicação ou à posse de terras e outros bens. Inicialmente, víamos seus traços sob a forma de instrumento de poder, quando a sociedade siciliana começava a requerer seus bens ante o tribunal, e, a partir desse momento, surgiram os sofistas, pessoas eloquentes, que conseguiam comover as multidões e acabavam por auxiliar os litigantes, com a possibilidade de convencer as pessoas sobre qualquer causa.

Logo adiante, a Retórica instaura-se como uma nova disciplina reivindicativa e tem, como seus primeiros professores, Córax e Tísias, que foram os autores de uma “arte oratória” (*tekhné rhetoriké*), uma coletânea de princípios básicos e formas exemplares que serviam como base para aqueles que almejavam obter êxito ante a justiça. O ensino dessa arte oratória começa a se expandir pelas cidades-estado gregas, e Atenas, por manter estreitos laços com a Sicília, logo começa a adotar a Retórica.

Entre os Sofistas, veremos que se destacam Górgias e Protágoras, e estes trazem à tona vertentes que viriam a ser de grande importância para entender a relação entre a Sofística e a Retórica. Com Górgias, surge uma nova fonte da retórica: estética e propriamente literária (REBOUL, 2004). Colocando a Retórica a serviço do belo, como um dos fundadores do discurso epidíctico (elogio público), Górgias cria uma prosa eloquente e pauta-se em mostrar o poder da palavra, não como expressão da verdade, mas como força de persuasão.

Já com Protágoras, essa relação entre Sofística e Retórica se manifesta de forma mais clara, relativizando a verdade. Esse filósofo mostra em suas teses: “[...] o homem é a medida de todas as coisas; em outras palavras, as coisas são como aparecem a cada homem; não há outro critério de verdade” (REBOUL, 2004, p. 8). Ademais, afirma que a verdade depende do convencimento e pode assumir um valor relativo ou subjetivo.

Assim, podemos dizer que não existe uma verdade no universo sofista, pois ele tem por finalidade a valorização do discurso. Esse discurso, por sua vez, não pretende ser verdadeiro nem mesmo verossímil, precisa ser eficaz e convencer pela aparência da lógica e pelo encanto do estilo.

Os sofistas foram com certeza os primeiros pedagogos, e o objetivo de sua educação não deixa de ser nobre: capacitar os homens “a governar bem suas casas e suas cidades” (REBOUL, 2004, p. 10). Entretanto, eles excluem todo saber e levam em conta apenas o saber fazer a serviço do poder.

A forma como os sofistas faziam uso da Retórica foi motivo de crítica e de oposição dos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles. Reoul (2004) traz um novo conceito e declara que a Retórica é a arte de persuadir pelo discurso, sendo aplicável somente àqueles que visam persuadir e possibilitam os questionamentos gerados na comunicação interpessoal, questionamentos estes que a suscitam ou que se encontram nela.

Meyer (2007) apresenta as grandes definições de Retórica, que podem assim ser classificadas: a) a retórica é a manipulação do auditório (Platão); b) a retórica é a arte de bem falar (Quintiliano); c) a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir (Aristóteles). Estas definições podem ser vistas ao longo de toda a história da retórica, e, de forma clara, veremos que a primeira privilegia o papel do auditório; a segunda, a importância do orador; e, por fim, a terceira traz o peso das proposições e da linguagem que as veicula.

Para Aristóteles (2005), a Retórica é questão de discurso, de racionalidade e de linguagem. Ele define essas três dimensões a partir do logos, que subordina a suas regras próprias o orador e o auditório,

persuadindo esse auditório pela força dos argumentos ou agradando pela beleza do estilo. O auditório é passivo ao orador de acordo com suas paixões, ou seja, “é o *logos* que faz a diferença entre o discurso racional e aquele que provoca paixões, criando a emoção e chegando mesmo a fazer com que a razão seja esquecida” (MEYER, 2007, p. 22).

O orador, o auditório e a linguagem, como partes igualmente essenciais do jogo linguístico, mostram que a retórica pode ser um lugar de negociação entre indivíduos, sendo por meio desse jogo que os oradores expõem seus pontos de vista, suas queixas, seus acordos e desacordos. É na retórica que o encontro do homem com a linguagem pode resultar na exploração de suas diferenças e identidades.

A RETÓRICA AGORA: UM OLHAR PARA A COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA

A partir do séc. XX e mais atentamente no séc. XXI, desenrola-se a renovação da retórica, fundamentada numa razão argumentativa, que defende não a verdade, mas uma razoabilidade plausível. Devido à intensa midiaticização, os três gêneros oratórios – epidíctico, deliberativo e judiciário – sofrem uma abertura que os remodela, ao mesmo tempo que as técnicas retóricas incorporaram todas as formas modernas de discurso persuasivo, o que abrange não só o discurso verbal, mas também, além de todo o conteúdo, a comunicação não verbal.

Na contemporaneidade, a Retórica adquire vários sentidos, sendo estes definidos a partir dos contextos de usos e do foco persuasivo. A Retórica começa a ser redefinida pela influência da mídia na contemporaneidade e a torna inseparável da midiaticização. Mateus (2018, p. 158) mostra que a Retórica Mediatizada é “uma técnica da persuasão que não se limita à oratória nem ao orador frente o seu auditório, mas que engloba a persuasão realizada (e potenciada) por intermédio dos Media”.

Além de simplificar o processo de interação persuasiva, a midiaticização da Retórica pelos meios de comunicação de massa também faz com que as próprias organizações persuasivas se enquadrem sob essa influência, ou seja, os meios de comunicação podem mudar os processos de persuasão. A midiaticização possibilita aos oradores reproduzirem seus discursos de forma ilimitada em diversos momentos e lugares. A internet pode ser um exemplo disso, já que nela estão disponíveis discursos que podem ser consultados a qualquer momento.

Os estudos acerca da comunicação estenderam-se até a Retórica e, “[...] por um lado, interrogam as formas pelas quais a persuasão se altera e se

processa no tempo de intensa mediatização; por outro lado, interrogam os efeitos que os Media causam na técnica retórica, bem como as novas formas de comunicação persuasiva que eles induzem” (MATEUS, 2018, p. 160).

Com a retórica midiaticizada, ou seja, com a introdução dos media, acaba por ocorrer um modelo de quadrado comunicacional. Conforme Mateus (2018, p.161), “A adição dos meios de comunicação não é somente a introdução de um elemento adicional, mas um elemento central que refaz e reformula as relações dos restantes elementos entre si”. Dessa maneira, os meios, começando a fazer parte deste modelo, interferem em toda a sua estrutura.

As relações já estabelecidas anteriormente entre os ethe dos oradores passam a ser redefinidas, isto é, passam a ter espaço e tempo distanciados do auditório, e, da mesma forma, a mensagem decorre do meio por que será transmitida. Sendo assim, fica evidente como a midiaticização atua e remodela as formas de persuasão a partir do caráter do orador. A retórica midiaticizada vem para enfatizar tanto a imagem do orador quanto o seu desempenho.

[...] o *ethos* midiaticizado dessa retórica, no atual regime de visibilidade da sociedade contemporânea, não só faz do caráter do enunciador uma imagem (pela concretude da argumentação, na retórica antiga e clássica), mas também faz do próprio enunciador uma imagem (pela virtualização da demonstração, na retórica midiaticizada). (SACRAMENTO, 2009, p. 99)

A prática retórica atua na esfera da possibilidade e relaciona-se à verossimilhança, posicionando-se, assim, no centro da comunicação humana. O objetivo dos oradores é encontrar os meios mais eficazes de atrair, persuadir e debater para que possam usar a linguagem efetivamente para alcançar o que desejam, gerando a persuasão e legitimando o poder.

A verossimilhança ocorre em uma série de práticas discursivas, que expõem aquelas ideias que são aceitas como uma possível verdade, pois todo discurso verossímil produzirá um fato representativo (ficcional) e uma verdade real (verdadeira). Nesse tocante, “[...] a verossimilhança é um fato da existência – da experiência” (SACRAMENTO, 2009, p. 93). Portanto, o verossímil é o fato estabelecido em verdade, alicerçado na sua própria lógica. Para estabelecer um “efeito real”, faz-se necessário haver argumentos que o atestem.

A lógica do verossímil assinala a importância do público, do auditório, que participa da retórica como um elemento dinâmico e ativo no reconhecimento e na legitimação da prova e dos meios usados para criá-la. Dessa maneira, o efeito de verossimilhança somente existe como inseparável tanto da produção do orador

quanto da recepção do ouvinte. Ambos são agentes produtores. (SACRAMENTO, 2009, p. 93)

O orador pode não estar lidando com a verdade, mas apenas lidando com algo próximo de realidade, sobretudo ao tratar de assuntos veiculados nos espaços midiáticos ou midiaticizados, principalmente por haver uma grande possibilidade de os oradores transmitirem mensagens inverossímeis nos meios digitais e que, em certa medida, parecem ser verdadeiras, semelhantemente às chamadas *fakes news*. Muitos desses discursos falsos ganham presunção de verdade por serem atribuídos a entidades ou a personalidades, causando grandes danos à sociedade. Esse tipo de divulgação constrói um caráter imediato acerca daqueles que são relacionados aos discursos falsos e são rapidamente maximizados a partir da mídia em todas as suas especificidades jornalísticas, publicitárias e de outras naturezas.

De acordo com Sacramento (2009, p. 90), “o processo de midiaticização da retórica, tanto superdimensionou o *ethos*, quanto estabeleceu uma nova experiência com o verossímil, que é marcada por aquilo que se define como a força-índice do verossímil”. Tal força constitui-se como a própria verdade, e a experiência vivenciada pelo ouvinte é tomada por base, a exemplo do que ocorre nos discursos políticos, influenciados pelas emoções dos eleitores, produzindo um efeito de persuasão e de verossimilhança.

A LINGUAGEM PERSUASIVA

O discurso persuasivo concretiza-se a partir de meios estratégicos, de ordem racional e/ou afetiva, isto é, sentimento e razão são elementos que podem e, muitas vezes, devem estar em equilíbrio para garantir a produção de discursos persuasivos. Nesse sentido, consoante Mateus (2018, p. 15), a Retórica é “uma atividade persuasiva procurando influenciar e moldar a forma como alguém perspectiva ou age sobre determinado assunto”, e o discurso persuasivo conduz o auditório a aderir suas ideias, pondo em perspectiva determinado assunto que pretende convencer, ou seja, pretende “levar alguém a crer em alguma coisa” (REBOUL, 2004, p. 15).

Nos discursos regidos pela afetividade, segundo Reboul (2004, p. 48), predominam o *ethos* – caráter que o orador assume visando alcançar a confiança do seu auditório – e o *pathos* – conjunto de emoções, paixões e sentimentos causados pelo orador, os quais poderão servir para o convencimento. A partir de mecanismos estratégicos baseados nas intenções do orador para com o auditório, isso será base para que o ato racional seja efetivado.

Para Mateus (2018, p. 42), “a Retórica persuade recorrendo ao argumento”. Assim, a linguagem retórica exerce uma força sobre o auditório a partir de proposições que estabelecem o espaço para a dúvida, a retórica e a argumentação, sendo articuladas no espaço da verossimilhança, para que as teses sejam provadas ou sustentadas por meio do verossímil, ou seja, em “tudo aquilo em que a confiança é *presumida*” (REBOUL, 2004, p. 95).

Podemos observar tal força no jornalismo televisivo, quando o repórter, ao argumentar, tende a provocar uma mudança de espírito do telespectador, por meio de fatos que se aproximam da realidade daquele a quem se dirige. Isso provoca a confluência de sentimentos, que podem gerar confiabilidade e, conseqüentemente, persuasão.

Meyer (2007) considera a Retórica como uma parte fundamental da negociação da distância entre os homens, resultando numa mediação comunicativa. Assim, a Retórica atua como um instrumento de ação social, um espaço onde serão negociadas as diferenças. Por fim, a linguagem persuasiva utiliza argumentos, com o intuito de mudar a visão do outro e, ainda, de levá-lo a crer, refletindo e manifestando-se sobre determinada questão.

OS DISPOSITIVOS ARGUMENTATIVOS

Tendo em vista que o ato persuasivo decorre da adesão ou da aceitação de ideias pelo outro, existem algumas estratégias que fazem com que o referido ato seja efetivado, quando o orador utiliza meios/estratégias que visam garantir a persuasão do auditório. De acordo com Morais (2019), esses meios são chamados de Dispositivos Argumentativos e correspondem a todo e qualquer mecanismo linguístico utilizado para produzir um maior poder de persuasão e/ou de convencimento do auditório, pois os discursos são abertos a receber inserções de técnicas variadas para fortalecê-los. Ainda sobre os Dispositivos Argumentativos, Morais (2019, p. 52-53) afirma:

Tais Dispositivos são recursos retóricos fundamentais para a instauração da persuasão e/ou do convencimento, pois, entre os inúmeros Dispositivos, aparecem: a) figuras de Retórica; b) sequências de argumentos, baseados em pressupostos jurídicos, como provas e testemunhos, utilizados pelos retores; c) descrições de ambientes relacionados àquilo que é proferido; d) apresentação de exemplos; e) citações de autoridades; f) uso de repetições enfáticas; g) predomínio de uma das faces de *ethos* ou mesmo da ênfase na transição de um para o outro; h) utilização de metalinguagem; i) sintagmas verbais que servem de marcadores de afetividade, no tratamento para com o outro; j) estabilização de um *lugar* argumentativo; m) enumerações de ações negativas ou

positivas dos acusados ou dos defendidos; n) relatos; o) construções de enunciados de assentimento ou de desassentimento; p) trocadilhos de palavras; q) apelo ao sentimentalismo; r) comparações com elementos contextuais; e s) perguntas retóricas.

A persuasão é efetivada quando, em determinada circunstância, é empregado um tipo de dispositivo argumentativo, por intermédio do qual se intenta despertar um estado de assentimento no outro a partir do argumento posto. Nesse contexto, os Dispositivos Argumentativos atuam efetivando, sustentando e fortalecendo o argumento.

A METÁFORA RETÓRICA E O LUGAR DA QUANTIDADE

Para este trabalho, foram delimitados, entre os Dispositivos Argumentativos, a metáfora retórica e o lugar da quantidade. Esses recursos linguísticos ampliam a adesão do auditório acerca do que é posto durante os discursos e são as categorias retóricas ou os Dispositivos Argumentativos em destaque na reportagem televisiva analisada neste capítulo.

A METÁFORA RETÓRICA

A metáfora pode ser encontrada em textos literários e não literários, na linguagem formal e informal. Dependendo do seu foco de ação, pode seguir diferentes perspectivas. Numa vertente tradicional, aparece como figura de linguagem, com fins ornamentais e empregos específicos; num olhar conceptual, a metáfora representa um fenômeno cognitivo; numa visão discursiva, é entendida como um processo social (SARDINHA, 2007).

Como um recurso retórico, a metáfora apresenta-se como uma estratégia linguística resultante do emprego figurado e do poder argumentativo efetivo que se desenvolve no contexto discursivo entre orador e auditório. Além disso, apresenta um leque de interpretações no campo semântico, e seu uso retórico pode gerar convencimento e persuasão. Por isso, a metáfora retórica tem a função de ampliar a capacidade de persuasão e de enriquecer os discursos dos oradores, ora para despertar a lógica, ora para suscitar as paixões do auditório e persuadi-lo.

Na reportagem televisiva, a metáfora retórica, além de exercer uma ação por meio do convencimento que leva à persuasão, aproxima o auditório do orador por meio do sentido não literal do discurso falado. Isso faz com que o auditório memorize facilmente a mensagem transmitida, pelo fato de se construir uma imagem contextual daquilo que a mensagem metaforizada pelo orador (repórter) representa para o auditório,

evidenciando elementos figurados presentes no discurso e fazendo com que este fique mais interessante e convincente.

Os sentidos metafóricos estabelecidos no discurso retórico podem ser de maior ou menor grau de significação e, conseqüentemente, de persuasão. Nesse ponto, os efeitos de sentido e a persuasão ocorrem de acordo com o conhecimento de mundo do auditório, ou seja, a metáfora efetiva-se segundo as possibilidades de associação estabelecidas pelo público-espectador, e estas são geradas a partir dos contextos e das realidades em que a metáfora se insere.

OS LUGARES ARGUMENTATIVOS: O LUGAR DA QUANTIDADE

A ação de argumentar implica a escolha de determinadas formas linguísticas que potencializam a persuasão e a adesão do auditório, e o orador pode recorrer a essas formas – os a exemplo dos lugares argumentativos – sempre que julgar necessário. Para o discurso, os lugares argumentativos atuam como reforçadores dos argumentos, principalmente porque o lugar não é uma informação vazia, mas é uma aplicação contextual de elementos como quantificadores, qualificadores e caracterizadores do discurso, todos comprometidos com o poder da linguagem persuasiva. De acordo com Morais (2019, p. 61):

O conceito de lugares argumentativos é referencialmente virtual, pois não configuram lugares reais, mas devem ser compreendidos como uma circunstância que se efetiva à medida que são escolhidas palavras específicas, para atribuir um poder de persuasão maior ao enunciado argumentativo.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) discorrem sobre seis lugares argumentativos, sendo eles: a) o da quantidade; b) o da qualidade; c) o da ordem; d) o do existente; e) o da essência; e f) o da pessoa. Para a análise do *corpus* desta pesquisa, destaca-se o lugar da quantidade, “um lugar comum que afirma que alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 97). À medida que o discurso é construído, o lugar da quantidade tanto pode atribuir valores argumentativos positivos quanto pode evidenciar quantitativamente o que é negativo.

Ao referendarmos o lugar da quantidade, salientamos a importância de inserir dados estatísticos e numéricos como um todo. Esse lugar argumentativo inter-relaciona-se ao argumento. Para Rocha (2022, p. 40), “é neste lugar que qualquer coisa vale mais que outra em função de razões quantitativas”. A especificação de números colabora significativamente

para a construção de um argumento para justificá-lo sob a égide da racionalidade e da emotividade.

Por fim, ressaltamos que os lugares argumentativos apontam as situações de uso da linguagem persuasiva. Nessas situações de uso, os argumentos podem ser encontrados e **são** reforçados pelas caracterizações mostradas nos tipos de lugar (MORAIS, 2019).

O GÊNERO TEXTUAL REPORTAGEM

Os discursos orais ou escritos produzidos pelos sujeitos oradores tipificam-se numa infinidade de gêneros textuais. São discursos que se adaptam às necessidades dos falantes e aos contextos em que forem empregados num processo sociocomunicativo dinâmico e variável, no qual são considerados aspectos internos e externos aos discursos falados e escritos para a construção, identificação e análise desses discursos.

A reportagem é um gênero transmitido por diversos veículos jornalísticos – revistas, jornais impressos, sites, TVs, rádio, computador e outras mídias de comunicação – e apresenta elementos como levantamento de dados, entrevistas com testemunhas e/ou especialistas, análise detalhada dos fatos, uso da polifonia (a voz do autor soma-se a outras vozes presentes no texto), equilíbrio entre o discurso direto e o indireto e assinatura do autor. Segundo Costa (2009, p. 178), a reportagem configura um

texto jornalístico (escrito, filmado, televisionado), que é veiculado por órgãos da imprensa, resultado de uma atividade jornalística (pesquisa, cobertura de eventos, seleção de dados, interpretação e tratamento), que basicamente consiste em adquirir informações sobre determinado assunto ou acontecimento para transformá-las em noticiário. O resultado é uma notícia, geralmente mais longa, com ingredientes críticos, que podem ir além de uma notícia, no sentido tradicional, embora tenham muita semelhança em sua construção composicional e discursiva.

A produção da reportagem dá-se a partir do levantamento de dados pelo repórter. Partindo dos dados levantados, ele exhibirá contextualmente todo o percurso da reportagem, que pode, além dos fatos, integrar a ela, de certa forma, suas observações e seus questionamentos sobre os sujeitos, os lugares e outros elementos associados à pauta da reportagem.

É possível atestar a função social da reportagem na divulgação de assuntos relevantes – sejam de ordem social, política, econômica, sejam de outras ordens – e no detalhamento de fatos para o público-espectador. Para

estabelecer uma boa comunicação e aproximar-se ainda mais do seu público, existe a necessidade de investir em temas empolgantes para o público.

A reportagem, como gênero mais longo e detalhado que a notícia jornalística, oferece ao ouvinte/leitor um relato pormenorizado dos acontecimentos, pois é mostrado todo o desdobramento do caso que ocasionou o surgimento da reportagem. Nesse contexto, o repórter é o agente da informação. É a partir de seu faro de informação que a reportagem ganha vida no Jornalismo. Segundo Lage (2009), o repórter atua como o instrumento da reportagem, o responsável por sua produção, e apoia-se na construção de estratégias e na confiança em sua capacidade de escolher quais os caminhos mais adequados para que sua tarefa se cumpra.

A busca por apresentar os fatos da forma mais abrangente possível é feita a partir da apuração e do processamento das informações; na maioria das vezes, é necessário acessar várias fontes para que o relato seja o mais próximo possível da realidade. De acordo com Lage (2009), além de traduzir, o repórter deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se ante determinada realidade. O repórter está onde o leitor, o ouvinte e o espectador não podem estar.

Um agente inteligente deve ter autonomia, isto é, operar sem intervenção direta de seu contratante; ter habilidade social, isto é, interagir com outros agentes, desenvolvendo, para isso, competência comunicativa; ser reativo, isto é perceber o meio em que atua e responder em tempos aos padrões de mudança que ocorrem nele; e ser capa de tomar a iniciativa, comportando-se de modo a cumprir sua tarefa. (LAGE, 2009, p. 23-24)

A versatilidade, a autonomia e a habilidade social do repórter podem garantir a produção de uma boa reportagem. Devemos ressaltar que as crenças e os padrões de comportamento não devem interferir no processo de produção da reportagem, pois as informações devem refletir o sentido real do assunto em destaque, retratando com fidelidade e objetividade os fatos relatados na reportagem.

O ambiente em que se constrói toda matéria jornalística é muito importante para a produção da narrativa, permitindo que o repórter tenha uma maior percepção do evento ocorrido, delineando um contexto interativo que a torne mais evidente e significativa. Nesse sentido, o propósito comunicativo da reportagem reside em relatar eventos discursivos de expressiva relevância social. Todo o percurso que leva à sua produção, à investigação e à análise dos fatos constitui objetivo da reportagem.

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, permitiu estabelecer um diálogo entre a teoria, a elaboração do *corpus* e a análise dos dados, e buscou compreender o funcionamento do discurso jornalístico, à luz da teoria da argumentação retórica. Com o fito de examinar a metáfora e o lugar argumentativo da quantidade, a análise da reportagem televisiva apresentou viés interpretativo e fundamentou-se nos estudos da Retórica argumentativa, voltados à persuasão do público-espectador (auditório).

Para empreendermos a pesquisa, seguimos estes passos: a) delimitamos a fundamentação teórica adotada; b) realizamos a leitura e o fichamento da literatura existente sobre o assunto; c) selecionamos e armazenamos as reportagens televisivas escolhidas para formar o arquivo; d) fizemos um recorte metodológico do material arquivado; e) formamos um *corpus* de pesquisa com 10% das reportagens catalogadas; f) transcrevemos o *corpus*; g) analisamos o *corpus* utilizando os Dispositivos Argumentativos; e h) produzimos os relatórios parcial e final com os resultados do estudo.

O *corpus* da pesquisa foi obtido a partir de um banco de dados do Grupo de Estudos em Texto, Argumentação, Discurso e Conversação (GETADIC/CNPq/UNEAL-IFAL), em funcionamento desde 2019, liderado pelo Prof. Dr. Eduardo Pantaleão de Moraes, na Universidade Estadual de Alagoas. Entre os critérios de recorte do *corpus*, destacam-se os tópicos socialmente relevantes e a recorrência de Dispositivos Argumentativos no gênero textual reportagem televisiva, selecionado para o projeto de pesquisa.

O banco de dados é constituído por 15 reportagens, que passaram por coleta catalogação, apreciação, seleção, transcrição e análise. Após catalogarmos, apreciamos as reportagens a fim de delimitar aquelas que seriam reservadas para a análise. Observamos aquelas que apresentavam maior número de Dispositivos Argumentativos e selecionamos uma reportagem para a análise. Durante a apreciação, delimitamos quais Dispositivos Argumentativos seriam aplicados como categorias de análise, quais sejam: a metáfora retórica e o lugar argumentativo da quantidade.

ANÁLISE DA REPORTAGEM TELEVISIVA

Título da reportagem: **Prefeitura de Londres vai ampliar espaços para ciclistas e pedestres**

¹⁹A vida nas cidades sempre foi aos trancos e esbarrões até o mundo topar com o novo coronavírus, de um dia para outro, ruas ficaram vazias, mas Londres já comemora a voltar bem gradual à normalidade, só que não quer ser como antes. O prefeito fala numa reinvenção fundamental da vida na cidade, Sadiq Khan avisou logo que a transformação não vai ser suave, um alerta para os donos de carro. A prefeitura sonha com dez vezes mais bicicletas nas ruas, quer quintuplicar a média de caminhadas, muitas vagas e pistas começaram a virar ciclovia ou calçadas mais largas, os londrinos vão ter mais espaço para manter o distanciamento social. A prefeitura também espera que as caminhadas estimulem o comércio de bairro, um movimento importante quando a recessão já dobra a esquina. A reurbanização vai aumentar o pedágio para carros no centro e diminuir a velocidade máxima em algumas ruas, em outras só circulariam pedestres ciclistas e os ícones da cidade, o ônibus de dois andares e o táxi preto. A pandemia comprovou que as pessoas sentem mais vontade de pedalar sem tantos carros por perto, os ciclistas começaram a ganhar mil vagas de estacionamentos de bicicleta e mais de trinta quilômetros de ciclovias, e eles já agradecem. Agora, na primeira fase do relaxamento das restrições sociais, o governo britânico permite que as pessoas façam exercício à vontade desde que respeitem o distanciamento e a bicicleta é perfeita para isso porque ninguém pedala muito perto um do outro, aqui em Londres, os comerciantes já falam um boom de vendas. A maior rede do país diz que as vendas de bicicletas saltaram 17%, as lojas e oficinas de bicicleta nunca pararam, o governo britânico entende que são serviço essencial assim como farmácias e supermercados. É um transporte que ajuda a diminuir a dependência do carro, do metrô, do ônibus, a poluição das cidades e põem as pessoas pra se exercitar. Londres quer deixar a pandemia para trás e entrar num ciclo novo.

Na reportagem em foco, o repórter discorreu sobre o relaxamento das restrições sociais em decorrência da pandemia da Covid-19. Londres procura medidas que auxiliem na efetivação dessa nova fase e, para isso, recorre a atividades físicas como caminhada e ciclismo, levando em conta que tais atividades podem favorecer o distanciamento social e ainda ajudar na economia. Para a análise²⁰ dos Dispositivos Argumentativos presentes na reportagem apontada, usaremos os fragmentos a seguir para a análise da metáfora retórica e do lugar da quantidade:

No fragmento 1, o orador utiliza a metáfora retórica como Dispositivo argumentativo: A vida nas cidades sempre foi aos **trancos e esbarrões** até o **mundo topar** com o novo coronavírus [...]. No Fragmento 2, o repórter volta a usar a metáfora retórica como Dispositivo argumentativo: [...] **um movimento importante quando a recessão já dobra a esquina.**

19 Transcrição da reportagem.

20 As partes destacadas em negrito são partes da transcrição que serviram de exemplos para compor os fragmentos analisados.

Em ambos os fragmentos (1 e 2), o repórter levou em consideração a quarentena e o distanciamento social, bem como fez menção à vida em sociedade, antes e depois da pandemia. Ao metaforizar que a vida sempre foi aos “**trancos e esbarrões**”, o orador expressa tanto a movimentação densa das cidades quanto a proximidade das pessoas. No entanto, ao utilizar a sequência linguística “**até o mundo topar**”, ressignifica os termos dessa sequência para dizer que, com a chegada do novo coronavírus, a realidade muda totalmente, fazendo as ruas ficarem vazias, uma vez que a proximidade entre as pessoas poderia resultar em casos da doença.

Com as medidas restritivas e o distanciamento social, Londres entra numa nova fase de relaxamento dessas medidas. Para tanto, estimula a sociedade a utilizar bicicletas e a fazer caminhadas, o que vai garantir o distanciamento social e também alavancar a economia local, pois, como o repórter afirma no fragmento 2, a crise econômica já “**dobrou a esquina**”. Ao utilizar essa metáfora, atribui-se à pandemia a responsabilidade da recessão econômica, porque o crescimento acelerado dos casos registrados da doença é fator limitante à saída de casa, ao trabalho e ao consumo de bens, produtos e serviços.

No fragmento 3, o orador mobiliza o lugar da quantidade como Dispositivo argumentativo: *A prefeitura sonha com **dez vezes mais** bicicletas nas ruas, quer **quintuplicar** a média de caminhadas.* No fragmento 4, o orador emprega, mais uma vez, o lugar da quantidade como Dispositivo argumentativo: *os ciclistas começaram a ganhar **mil vagas** de estacionamento de bicicleta e **mais de trinta quilômetros** de ciclovias.*

Os dois fragmentos mencionados (3 e 4) enfatizam a quantidade de ciclovias e de vagas de estacionamento para alocar o aumento do número de bicicletas de ciclistas. Ao enunciar *mil vagas de estacionamento e mais de trinta quilômetros de ciclovias*, o orador (repórter) recorre ao lugar da quantidade, produzindo um efeito argumentativo importante, pois amplia a dimensão dos investimentos em mobilidade urbana durante a pandemia. O governo local acredita que, com mais bicicletas nas ruas e o aumento das caminhadas, o distanciamento social será respeitado, e a economia pode voltar ao que era antes da pandemia.

Por um lado, os Dispositivos Argumentativos utilizados para enfatizar o conteúdo da reportagem sugeriram que, apesar de se tratar de um assunto preocupante, a mensagem fosse transmitida de forma leve, viva, chamativa e cheia de significados. Por outro lado, a metáfora retórica e o lugar argumentativo da quantidade serviram como estratégias retóricas para que as informações veiculadas tivessem maior impacto social e persuadissem o público-espectador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise retórica do gênero reportagem televisiva evidenciou que o funcionamento e o delineamento dos efeitos da persuasão são alcançados por meio da metáfora retórica e do lugar da quantidade como Dispositivos Argumentativos. O cumprimento dos objetivos proporcionou a construção de um estudo que consistiu em um diálogo entre o lugar científico da pesquisa e o aparato teórico-metodológico utilizado.

Constatamos que a metáfora retórica e o lugar da quantidade, como Dispositivos Argumentativos, endossam o estatuto do gênero reportagem televisiva enquanto veículo comunicativo. Tal estatuto evidencia-se por meio dos tópicos socialmente relevantes e das realidades sociais trazidas nas reportagens, os quais são transmitidos ao público-espectador e contribuem para estimular o pensamento crítico.

Por fim, o estudo cumpriu seu propósito e seguiu o percurso metodológico descrito anteriormente. Ademais, a pesquisa apresentou resultados que mostram uma imbricação entre a teoria e os dados analisados, teorizando conhecimentos sobre categorias retóricas que fomentam a perspectiva argumentativa da reportagem televisiva.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 17. ed. Ediouro, 2005.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **Linguagem jornalística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MATEUS, Samuel. **Introdução à retórica no séc. XXI**. Covilhã: LabCom. IFP, 2018.

MEYER, Michel. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MORAIS, Eduardo Pantaleão de. **O Macroethos racional e o afetivo na argumentação do julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff**. 2019. 245 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2019. Disponível em: http://old.ple.uem.br/defesas/pdf/epmorais_do.pdf. Acesso em: 12 de março de 2023.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de Argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROCHA, Max Silva da. **A retórica no discurso religioso**: oradores protestantes e o sermão oral. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2022.

SACRAMENTO, Igor. A midiaticização da retórica. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**. São Leopoldo, 2009, vol. 11, n. 2, p. 89-102, maio-ago., 2009. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5045/2294>. Acesso em: 12 de março de 2023.

SARDINHA, Tonny Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

ABORDAGENS DE ESTUDO DE GÊNEROS: O RESUMO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO E A PESQUISA NA UNIVERSIDADE

John Hélio Porangaba de Oliveira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho surgiu como resposta ao convite e participação no II SEMINÁRIO DO GRUPO GEEAL – UNEAL, que teve como tema “LINGUAGEM E DESAFIOS”, no ano de 2022. Este evento acadêmico é um desenvolvimento do Curso de Letras da UNEAL *Campus* III em Palmeira dos Índios – AL. Caracterizado ao evento, este trabalho foi escrito para participar do diálogo acadêmico, em uma mesa redonda, com as linguistas Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira, da UFAL, e Profa. Dra. Iraci Nobre da Silva, da UNEAL. Assim, de modo geral, o presente trabalho situa uma contextualização da linguagem. Trazemos, aqui, portanto, uma discussão analítico-teórica, apresentando abordagens de estudo de gêneros. Enfatizamos, ainda, o resumo, como um termo polissêmico para muitos gêneros (OLIVEIRA, 2017; 2022a). Entendemos, desse modo, que os muitos gêneros com o propósito comunicativo geral de resumir caracterizam múltiplas dimensões do fenômeno da linguagem.

Nos estudos de gêneros, encontramos um processo de compreensão de fala, leitura, escuta, interpretação, organização, planejamento e escrita para fins específicos, sociocontextuais e comunicativos sob a construção de sentido ora para o ensino, ora para a pesquisa. Surge, assim, as necessidades de conhecimento acerca das abordagens e das teorias de gêneros para o trabalho com resumo na universidade, na relação com o ensino e com a pesquisa de questões teóricas e práticas da educação básica e superior. Desse modo, o objetivo deste trabalho consiste em apresentar uma visão panorâmica dos estudos de gêneros, considerando a contextualização da linguagem teórica em relação com a prática e seus processos de compreensão do resumo para finalidades específicas.

Nossa metodologia de estudo é analítico-teórica, que discute temas e problemas fundamentalmente teóricos, levando ao questionamento da existência de diferentes abordagens de ensino e de pesquisa enquanto distintas maneiras de compreender um objeto referente e de agir sociointerativamente. Prezamos pela reflexão crítica do tema sobre estudos de gêneros e seus conceitos, (re)situando apontamentos que sugerem uma perspectiva crítica e inovadora no campo da linguagem acadêmica e suas interfaces sociocontextuais específicas.

Destacamos a referência ao funcionamento do gênero resumo em sua variedade de uso – partindo do contexto para o texto/discurso, uma vez que se enfatiza sua importância para o ensino e a pesquisa na universidade. Nesse ponto de referência, seguimos uma metodologia autoetnográfica em que o autor deste trabalho usa a autorreflexão investigativa, considerando seu procedimento etnográfico de estudo e tarefa com a escrita acadêmica (MARÉCHAL, 2010; BHATIA, 2004; OLIVEIRA, 2022a). Nessa autoetnografia, se “exibe três principais tradições de pesquisa qualitativa que se cruzam: analítica, experimental subjetivista e pós-estruturalista/pós-moderna” (MARÉCHAL, 2010, p. 43). Ambas as metodologias, analítico-teórica e autoetnográfica, aqui, situam formação acadêmica, valores discursivos, compreensão contextual e mecanismos de consciência acerca das múltiplas dimensões reais onde as produções, uso e circulações de resumo ocorrem (OLIVEIRA, 2022a; 2022b).

Para realizar o objetivo, diante dessas metodologias, o presente trabalho está organizado em três tópicos, além destas considerações iniciais e das considerações finais. No primeiro tópico, destacamos breves compreensões acerca da contextualização e multiplicidade da linguagem. No segundo tópico, identificamos o desenvolvimento de diferentes abordagens de estudo de gêneros, reconhecendo a posição teórico-prática. Por fim, no terceiro tópico, apresentamos uma breve visão discursiva acerca da importância do resumo para o ensino e a pesquisa na universidade, com ênfase na produção para finalidades específicas.

BREVES COMPREENSÕES DE LINGUAGEM COM ÊNFASE FUNCIONAL E MULTIDIMENSIONAL

Os estudos de gêneros, de modo geral, constituem uma maneira de tratamento da linguagem, abrangendo sua contextualização, uso e funcionalidade. De acordo com Marcuschi (2008, p. 16), “a linguagem é vista como um conjunto de atividades e uma forma de ação”. Essa visão geral de linguagem, a qual os gêneros se situam e estão situados como tópicos

de estudos, se desenvolveu de maneira diversificada sob “denominações bastante variadas para análises, tais como: *sociointerativa*; *sociodiscursiva*; *socioconstrutiva*; *sociocognitiva*; e assim por diante” (MARCUSCHI, 2008, p. 16 [grifo do autor]). Marcuschi concebe essa visão como uma reintrodução de diversos ângulos dos aspectos sociais/ interacionais nos estudos da linguagem.

A vivência nos conjuntos de atividades, enquanto um conjunto de experiências sociais de ensino, pesquisa e extensão na universidade, modifica o modo de pensar, perceber e entender os fenômenos da linguagem que são sociais, motivados por situações específicas dentro de contextos e domínios discursivos em distintas dimensões sociais e comunicativas. Além disso, os fenômenos da linguagem, socialmente situados, ocorrem sob condições de percepção, compreensão/interpretação e ação, quando o que se diz significa fazer alguma coisa com finalidade especificamente reconhecida (AUSTIN, [1962] 1990).

Cada ponto de estudo de gêneros desenvolve processos estratégicos, flexíveis/dinâmicos, interativos e inferenciais para uma compreensão socialmente situada em aprendizagem e comunicação da relação entre fonte e alvo da produção. Isso constitui um entendimento acerca da multiplicidade da linguagem na vida teórica e prática. Esse entendimento pode ser explicado na acepção da teoria rizomática do filósofo e do psicanalista Deleuze e Guattari (1995), se referindo aos mil níveis de dimensões ou interpretações de um mesmo evento ou fenômeno conceitual e demais espectros da experiência humana. Embora os autores acima estejam situados em uma margem interdisciplinar da filosofia e psicologia, tanto Austin quanto Deleuze e Guattari concebem o conhecimento, por meio da linguagem, nas inter-relações contextuais e funcionais.

Os estudos dos autores citados constituem um significativo marco na evolução do pós-estruturalismo ou estudos pós-modernos da linguagem e da ciência do conhecimento nos diversos campos de atuação humana. Logo, a linguagem como um domínio discursivo da ciência linguística, pode ser vista, fundamentada e estudada enquanto um fenômeno intersocial de múltiplas dimensões e construções de sentido, uma referência contextual para os estudos de gêneros. Concebemos desse modo porque a linguagem se desenvolve por meio de gêneros específicos sob a inter-relação com outros gêneros, com distintos contextos e com variados sujeitos da produção e recepção.

A concepção rizomática constitui o entendimento de um fenômeno por características ou princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania. Ao

buscar a compreensão de um fenômeno é necessário ponderação e prudência como critério para a experimentação, administrando relações e inter-relações de práticas e saberes que influenciam ou restringem a realidade em observação. No rizoma, qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro, tornando-o uma multiplicidade em que o múltiplo, tratado como substantivo, tem “somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14-15).

Segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 16), “todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” como parte do rizoma, se remetendo umas às outras linhas. Os autores prosseguem explicando “que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau”, pois as linhas irão se remeter umas às outras. Deleuze e Guattari diluem os conceitos de Chomsky, acerca de competência e desempenho/performance, descrevendo a perspectiva de entendimento rizomática enquanto um o mapa aberto para receber constantes modificações, portanto, capaz de se conectar com todas as suas dimensões.

Os autores concebem desempenho/performance como um mapa de múltiplas entradas em que existem dinâmica e mudança²¹ a cada momento de observação e análise, implicando compreender a realidade como ela é. Já a competência, eles concebem como decalque em que uma coisa é sempre ela mesma, um equilíbrio estático, fixo e imóvel, portanto, irreal na prática de vida. Nesse sentido, “um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 19). Como não se pode contar com fatores duais ou dicotômicos dentre tantos no estudo de um objeto ou fenômeno, os autores apontam a possibilidade de trabalho “com todos esses fatores, retirando ou mesmo acrescentando alguns deles. Entretanto, permanecem todos juntos, porque se encontra, no nível de um, o essencial de todos os outros” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 117).

A visão do entendimento rezomático, em Deleuze e Guattari, nos mostra um olhar para a diversidade e a pluralidade (mil níveis, dimensões ou

21 - Embora estejamos situados na referência da multiplicidade da linguagem. Há, nas ciências linguistas, compreensões específicas acerca do caos/complexidade da linguagem que se destacam sob a característica da mudança. Um exemplo que destaca esse entendimento, não detalhado em nosso trabalho, pode ser encontrado em PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Gêneros da linguagem na perspectiva da complexidade. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 19, p. 67-85, 2019.

interpretações de um mesmo evento ou fenômeno) que ocorre em todos os campos da ciência, principalmente a partir da década de 1960, os marcados movimentos pós-estruturalistas, pós-modernos. Nos estudos de John M. Swales, assim como registrado em Oliveira (2022a), há uma substancial referência contextual para comunidade discursiva acadêmica com distintas facetas de entendimento e construção de sentido para o desenvolvimento da linguagem. Destacaremos, a seguir, algumas margens contextuais que caracterizam a realidade da linguagem sob uma ótica multidimensional.

CONTEXTOS DE LINGUAGEM NA PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS

Acrescentamos aqui, diante do exposto acima, uma sinalização para múltiplas dimensões contextuais acerca do nível de especialização acadêmica, de formação continuada, de construções de sentido para o mesmo objeto da cultura disciplinar (a diversidade de disciplinas da grade curricular), sala de aula, eventos acadêmicos, estágios etc.

Acerca de parte das múltiplas dimensões contextuais, com ênfase na modalidade da linguagem escrita, Hyland (2004) destaca a terminologia “cultura disciplinar”. O autor enfatiza o processo de escrita e as particularidades comunicativas de cada cultura disciplinar por meio da escrita. Embora o autor expanda e situe a referida dimensão contextual, ele não nos indica uma compreensão acerca da heterogeneidade dos conjuntos de atividades e formas de agir comunicativamente. Por meio da escrita, dentro de uma mesma cultura disciplinar, Hyland (2004) destaca o caráter interativo da linguagem enquanto referência contextual. No entanto, se concentra na identificação terminológica de metadiscurso da leitura, da escrita e da estrutura textual como mecanismos linguísticos.

Hyland caracteriza o metadiscurso como “aqueles aspectos do texto que se referem explicitamente à organização do discurso ou à postura do escritor em relação ao seu conteúdo ou ao leitor” (HYLAND, 2004, p. 109). O autor deixa claro que o referido termo pode ser usado de diferentes formas, por variados estudiosos. Em seu livro, o metadiscurso “não é um dispositivo estilístico independente, que os autores podem variar à vontade; é parte integrante dos contextos em que ocorre e está intimamente ligada às normas e expectativas de culturas particulares e comunidades profissionais” (HYLAND, 2004, p. 110). Nessa mesma página, o autor continua destacando que o metadiscurso “reflete uma sensibilidade às relações interpessoais e intertextuais”, além de caracterizar um reflexo do contexto particular em relação ao público, ao propósito comunicativo e à situação.

Em nosso processo de compreensão inferencial, o caráter interativo da linguagem, nessa referência, situa o metadiscorso e o interdiscorso. Para essa referência terminológica, concebemos o interdiscorso, conforme proposta de Pêcheux (1995, p. 162), como um “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas”. Nossa inferência consiste em marcar a relação entre cultura disciplinar (especificidade metadiscursiva da escrita) e comunidade discursiva acadêmica (generalidade metadiscursiva da escrita).

Se consideramos o interdiscorso em relação aos letramentos acadêmicos o que separa o geral do específico são as regularidades ideológicas. A exemplo da análise do gênero resumo, podemos situar desafios da compreensão da linguagem segundo sua contextualização. Embora não aborde todas as dimensões contextuais, Oliveira (2017; 2022a) apresenta diferentes pesquisas que enfatizam ora uma referência geral (resumo acadêmico), ora uma referência específica (resumo de comunicação oral para evento acadêmico da área de letras/linguística), dentre outras referências dimensionais da produção do resumo. Podemos perceber que a contextualização da linguagem, diante deste exposto, constitui um problema para o ensino e a pesquisa na universidade. Há nessa percepção uma necessidade de conhecimento acerca da relação e inter-relação entre metadiscorso e interdiscorso enquanto referência contextual da linguagem.

Precisamos de breves sinalizações acerca de compreensões que destaque a expansão e a situacionalidade da contextualização da linguagem na produção e recepção de gêneros. O tratamento dos estudos de linguagem para fins específicos, identificado em Swales (2000; 2004), sinaliza a diversidade e a pluralidade não apenas dos estudos, mas dos conceitos acerca do que caracteriza ser linguagem e gênero na relação com os contextos e um público-alvo. A compreensão das abordagens de estudo de gêneros se desenvolveu, a partir dos anos 1970 e 1980, com ligações de diferentes naturezas práticas e processuais (OLIVEIRA, 2022a).

Seguindo esse exposto e considerando as abordagens de estudo de gêneros, suas diferenças e valores gerais e específicos, o que se concebe hoje como “gênero” não é o mesmo que foi concebido ontem com o mesmo nome. A compreensão de gêneros é algo que está sempre em movimento, composto de diferentes aspectos e características elementares, dependendo de cada situação contextual e inter-relações com outros gêneros, com contextos e com sujeitos, incluindo as condições de produção e recepção. Acerca disso, Bezerra (2022), situado em Fishelov (1993), Swales (2004;

2009) e Bastian (2013), desenvolve uma compreensão para as metáforas pelas quais lemos os gêneros. O autor caracteriza um entendimento para diferentes e variadas maneiras de identificar, compreender e conceber os gêneros a partir do nível de conhecimento sobre o assunto, o público-alvo e a situação contextual em que determinados propósitos são postos em questão enquanto dado novo ou já recorrente.

Embora esse trabalho tenha uma base interativa entre pessoas com um mesmo grau de especialização acadêmica, o público-alvo, inicialmente, são os alunos e professores da graduação. O detalhamento da temática, de maneira teórica, constitui um referencial contextual de assuntos pertinentes ao ensino e a pesquisa com gêneros e por meio deles. Desse modo, vejamos um panorama das compreensões dos estudos de gêneros no tópico que segue.

TENTATIVA DE SISTEMATIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE GÊNEROS²²

Os estudos de gêneros, atualmente, podem ser encontrados na relação com duas perspectivas contextuais: 1) contexto estrangeiro destacado, comumente, nos cenários anglófono e francófono; e 2) contexto brasileiro²³. Apresentaremos, de modo geral, apenas a perspectiva contextual estrangeira por motivos de uma complexa reelaboração de significados e processos de construção de sentido. Os processos de readaptação das abordagens estrangeiras no contexto brasileiro carecem de discussões que ora não há espaço suficiente. Sinalizaremos algumas referências brasileiras acerca da reflexão crítica do tema sobre estudo de gêneros e seus conceitos. Isso se dará ao (re)situarmos uma perspectiva crítica e inovadora de estudos, unicamente aqui, levantando questões acerca da importância do gênero resumo para o ensino e a pesquisa na universidade.

22 - Para uma compreensão mais abrangente acerca dos estudos de gêneros nas diferentes abordagens e contextos é interessante ir até o capítulo 4 da tese de Oliveira (2022a, p. 164-200), de onde sintetizamos uma parte das descrições aqui expostas.

23 - Se buscarmos aprofundar o assunto por meio de novas pesquisas sobre gêneros no contexto brasileiro, podemos situar, partindo de Marcuschi (2008) e Bezerra (2017), divergentes acepções teóricas e práticas de ensino e pesquisa por meio de gêneros ao enfatizar uma ou outra abordagem de estudo. Essa inferência hipotética parte da perspectiva de entendimento das metáforas pelas quais lemos os gêneros situadas em Bezerra (2022).

ESTUDOS DE GÊNEROS NO CONTEXTO ESTRANGEIRO: O CENÁRIO ANGLÓFONO

Na primeira perspectiva contextual estrangeira, no cenário anglófono, segundo Bezerra (2017, p. 93), “os estudos de gênero são enquadrados em três grandes abordagens, em que se distribuem variados autores”. Contudo, em uma visão inicial e mais geral, Swales (1990) se situa na interpretação global de quatro fontes de estudo de gêneros: 1) a fonte folclórica que trabalha com as formas estáveis, genéricas ou tipos ideais percebidos como os valores socioculturais da comunidade; 2) a fonte literária que trabalha com as formas não estáveis pautadas em conhecimento estilísticos e culturais; 3) a fonte linguística que trabalha formas de comportamento no nível da frase e em estruturas textuais/discursivas; e 4) a fonte retórica que trabalha as formas expressivas, oratórias do bem falar, persuasivas, literárias e referenciais da comunicação efetiva, tratada em uma relação aos termos clássico e contemporâneo.

Para uma definição mais robusta acerca do que são gêneros, a partir dessas fontes, Swales (1990) destaca cinco características constitutivas dos gêneros: “1. Um gênero é uma classe de eventos comunicativos” (p. 45); “2. A principal característica de critério que transforma uma coleção de eventos comunicativos em um gênero é um conjunto de propósitos comunicativos compartilhado” (p. 46); “3. Exemplos ou instâncias de gêneros variam em sua prototipicidade” (p. 49); “4. A lógica por trás de um gênero estabelece restrições às contribuições permitidas em termos de conteúdo, posicionamento e formas” (p. 52); e “5. A nomenclatura de uma comunidade discursiva para gêneros é uma importante fonte de *insights*” (p. 54). Swales realiza comentários sobre cada característica, destacando suas questões amplas e processuais. Em conjunto, as características constituem os componentes gerais inter-relacionados para a definição de gêneros socialmente situados e com foco na aprendizagem e na comunicação para fins específicos do domínio acadêmico, conforme segue.

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham *um certo conjunto de propósitos comunicativos*. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva original e desse modo passam a constituir a razão subjacente ao gênero. A razão subjacente delinea a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado que opera no sentido de manter o escopo do gênero, conforme concebido aqui, *estritamente focado em ação retórica comparável*. Além do propósito, *exemplares de um gênero exibem vários padrões de*

similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se todas as expectativas de alta probabilidade forem realizadas, o exemplar será visto como protótipo pela comunidade discursiva dos membros da comunidade. Os nomes de gêneros herdados e produzidos por comunidades discursivas, e importados por outras comunidades, constituem uma comunicação etnográfica valiosa, mas normalmente precisam de validação adicional pelos membros mais experientes e especializados (SWALES, 1990, p. 58 [tradução e destaque nosso]).

Essa larga concepção sinaliza uma primeira visão panorâmica. Swales já apresenta um saber baseado em fontes prévias. Essas fontes são abordagens e formas de compreensão derivadas de conhecimento mais popular e relacionado com outras áreas das ciências da linguagem (interdisciplinaridade). Nesse sentido, podemos observar que Swales já menciona o desenvolvimento de diferentes abordagens de estudo, algo que as atuais descrições não a fazem. Swales, nesse sentido, nos apresenta um olhar etnográfico e contextualização da linguagem acadêmica para assim conceber sua definição de gêneros.

Além disso, embora o autor situe esta concepção isolada, no capítulo 3 da segunda parte de seu livro, sua definição inter-relaciona os três termos centrais em sua obra etnográfica da linguagem para fins específicos: comunidade discursiva, gênero e tarefa. Toda ação teórica e prática, que o autor desenvolve, é uma questão processual estratégica, flexível/dinâmica, interativa e inferencial da maneira de compreender e interpretar esses três termos e suas inter-relações centrada nos propósitos comunicativos. Podemos observar, nos destaques que fizemos na citação anterior, que há um sutil posicionamento voltado para múltiplas²⁴ dimensões contextuais em que o gênero varia em termos de exemplares, padrões, nomes e valorização que se pautam no escopo de propósitos específicos.

Na literatura especializada, conhecemos Sunny Hyon (1996) como a primeira referência que realiza um mapeamento das tradições acadêmicas de estudo de gênero, identificando que os diferentes pesquisadores realizavam distintas maneiras de conceber gênero como ferramentas instrucionais para o ensino de primeira e segunda língua. Como apresentamos acima, em nossas leituras, a referida autora é a segunda referência, vindo após Swales, não a primeira como assim se entende. O que Hyon realiza é um detalhamento das diferenças de três abordagens teóricas de fontes de estudo de gênero e suas aplicações ao contexto de ensino e

24 - Essa observação caracteriza a variação de exemplares de um gênero, a necessidade de validação, a multiplicidade da linguagem. Destaca a necessidade de uma compreensão mais contextual, ampla e abrangente para incluir as múltiplas dimensões contextuais e funcionais de uso e significação atualizadas momento a momento.

pesquisas na universidade. Reconhecendo as diferenças, a autora descreveu as características do *English for Specific Purposes* (ESP), do *New Rhetoric Studies* (ERG), e do *Systemic Functional Linguistics* (LSF), focalizando a atenção nos diferentes níveis de ensino e contexto de desenvolvimento sociocultural de cultura anglófona. Ao lermos *Genre Analysis*, de Swales (1990), todo o discurso do autor está atravessado por essas três abordagens.

Acerca do exposto, Bhatia (2009) destaca nessas abordagens aquilo que é mais comum enquanto uma referência analítica larga e ampla para a análise de gêneros, conforme segue.

Análise de gêneros é o estudo do comportamento linguístico situado em contextos acadêmicos ou profissionais, seja qual for o modo como é encarado; quer em termos de tipologias de ações retóricas, como em Miller (1984) e Berkenkotter e Huckin (1995); em termos de regularidades de processos sociais de vários níveis e orientados para uma meta, como em Martin, Christy e Rotery (1987) e Martin (1993); ou em termos de consistência de propósitos comunicativos, como em Swales (1990) e Bhatia (1993) (BHATIA, 2009, p. 160-161).

Bhatia não está interessando em destacar as diferentes abordagens de estudo de gêneros, mas sim desvendar a inter-relação indispensável para a análise de gênero. Cada maneira de encarar os estudos de gêneros situa uma abordagem com atenção para os aspectos convencionais de: “(a) recorrência de situações retóricas, (b) os propósitos comunicativos compartilhados e (c) as regularidades de organização estrutural” (BHATIA, 2009, p. 161). Esses aspectos convencionais têm significativa importância para o tratamento de questões explícita e implícita das práticas e processos de compreensão da realidade do gênero para fins de específicos.

Swales (2012) retoma essas referências anteriores estabelecendo o entendimento de que a centralidade nas três abordagens, ESP, LSF e ERG, pode ser muito excludente. Swales (2004), explorando a aplicação das pesquisas de gêneros, concebe que as maneiras de significá-los são formas metafóricas de explorar um mesmo objeto de referência sob óticas diferentes. Segundo o autor, não existe certo ou errado, pois todas estão centradas em uma realidade e público-alvo diferentes. Desse modo, Swales nos deixa entender que todas as concepções podem auxiliar para uma compreensão mais real do objeto de estudo, os gêneros. De acordo com nossas leituras em Bhatia (2004), esse exposto de Swales (2004; 2012) caracteriza uma compreensão mais ampla e completa da linguagem. Nesse sentido, organizamos o quadro a seguir para melhor entendimento. Cada coluna caracteriza uma visão multidimensional e inter-relacionada de uma abordagem.

Quadro 1: Processo de compreensão dos estudos de gêneros no contexto anglófono

TRADIÇÕES, ABORDAGENS E DEFINIÇÃO		
Tradições Linguísticas de ensino e pesquisa		Tradições retóricas de ensino e pesquisa
Escola Britânica e Norte-Americana	Escola de Sidney	Escola Norte-Americana
Inglês para Fins Específicos (ESP)	Linguística Sistemico-Funcional (LSF)	Estudos Retóricos de Gêneros (ERG)
Abordagem Sociorretórica	Abordagem Sociossemiótica	Abordagem Sociorretórica
Educação superior (segunda língua)	Educação Básica	Educação Superior (primeira língua)
Método de ensino mais explícito	Método de ensino mais explícito	Método de Ensino mais implícito
Um gênero corresponde uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos (SWALES, 1990, p. 58); Gênero é um evento comunicativo reconhecível caracterizado por um conjunto de propósitos identificados e mutuamente entendidos pelos membros da comunidade profissional ou acadêmica na qual ele regularmente ocorre (BHATIA, 1993, p. 13).	“No que diz respeito ao seu lugar em um modelo funcional de linguagem e contexto social, o gênero pode ser definido como uma configuração recorrente de significados”; “como um processo social representado e orientado por objetivos” (MARTIN, 2009, p. 13); Gêneros são processos sociais graduais e finalísticos [...] o gênero é uma configuração recorrente de sentidos que realiza as práticas sociais de uma cultura (ROSE, 2010, p. 235).	Gênero é uma forma de ação social tipificada em uma situação retórica recorrente, são “ações retóricas tipificadas fundadas em situações recorrentes” (MILLER, 2012, p. 32); Gêneros são fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas (BAZERMAN, 2011, p. 32).

Fonte: Elaboração nossa a partir de Oliveira (2022a)

Nesse quadro, destacamos um processo de compreensão dos estudos de gêneros no contexto anglófono. Cada uma das informações, nas específicas abordagens, compreende uma margem sociocontextual em que os estudos são desenvolvidos com foco no ensino por meio de pesquisas em que o primeiro desperta a necessidade do segundo e este, por sua vez, situa a carência do primeiro. Ao destacarmos distintas definições para cada abordagens, buscamos identificar a maneira como cada referência teórica representa diferentes rotas para compreensão dos gêneros ou metáforas pelas quais os lemos (BEZERRA, 2022).

De forma ampla, Bawarshi e Reiff (2013) realizaram uma descrição dos estudos de gêneros destacando múltiplos contextos como o acadêmico, o profissional, o institucional, o público e o privado. Os autores observam variados métodos, relações entre as abordagens e funcionamento dos textos. Nessas observações, eles referenciam o significado da escrita na pesquisa e no ensino sob a condição daquilo que os contextos implicam. Segundo a visão panorâmica dos estudos de gêneros, em Bawarshi e Reiff (2013), cada abordagem molda nossa compreensão pedagógica e maneira de pesquisar os gêneros. Nosso entendimento é moldado pelas tradições literárias, linguísticas retóricas/sociológicas e pedagógicas.

Ampliando o que ora descrevemos em Swales (1990), Hyon (1996) e Bhatia (2009), centradas no contexto anglófono, Bawarshi e Reiff (2013) situa, além do ESP, LSF e ERG, o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) que se realiza enquanto uma abordagem de estudo de tradição pedagógica originada no contexto francófono. No entanto, compreendemos que cada abordagem se desenvolve na interface teórica e prática, uma relação tanto com o ensino quanto com a pesquisa. Ao buscarmos referência e nos concentrarmos na compreensão de cada abordagem, de modo específico, verificamos que os estudos de gêneros situam uma preocupação com as questões aplicadas ao ensino, portanto um tema em linguística aplicada.

Em cada abordagem, a contextualização da linguagem é um primeiro critério de investigação. Nesse critério são considerados os contextos de circulação, de uso e de produção. São levados em conta, ainda, os sujeitos da aprendizagem e as finalidades da produção. Em um segundo momento, são considerados os gêneros específicos, explorando a relação da interface entre texto e discurso. Cada abordagem desenvolve seus estudos por meio de uma metodologia de estudo. No ESP e na LSF, por exemplo, o método de estudo de gêneros é mais explícito. Já no ERG e no ISD, por exemplo, o método de estudo de gêneros mais enfatizado é o implícito. No entanto, não há como se negar que esses métodos tenham uma relação que designa uma compreensão de metodologia interativa, conforme estudos de Pereira (2022).

Bawarshi e Reiff (2013) apresentam cada uma das três abordagens de estudo de gêneros, ESP, LSF e ERG, fazendo referência para questões mais teóricas. Quando os autores se voltam para descrições mais práticas e pedagógicas, o foco se desenvolve compreendendo o ensino de modo a considerar apenas a abordagem do ISD e a pesquisa com o que eles chamam de abordagem mistas, tipicamente brasileira. Ao considerarmos a posição de Bawarshi e Reiff uma caracterização simplista quando situam o ISD na tradição pedagógica, a referenciamos pela ótica de Veçossi (2015), fundamentado em Bronckart (1999), conforme subtópico a seguir.

ESTUDOS DE GÊNEROS NO CONTEXTO ESTRANGEIRO: O CENÁRIO FRANCÓFONO

Na primeira perspectiva contextual estrangeira, no cenário francófono, conforme Veçossi (2015), a abordagem do ISD foi fundada por Jean-Paul Bronckart a partir de uma corrente teórica da ciência humana. A partir de Bronckart (1999), Veçossi destaca que essa abordagem parte das “relações entre ações humanas e ações de linguagem, evidenciando como a atividade de linguagem, nos grupos humanos, contribui para delimitar as ações dos agentes particulares, moldando a pessoa humana em suas capacidades psicológicas” (VEÇOSSO, 2015, p. 38). De acordo com Veçossi, a centralidade dessa abordagem considera parâmetros contextuais físicos de lugar da produção, de momento da produção, de produtor e de interlocutor. Considera, além disso, parâmetros sociosubjetivos de lugar social da produção, de objetivos da interação, de papel social exercido pelo produtor e de interlocutor.

As ações humanas nas dimensões sociais e discursivas constitutivas caracterizam as atividades e função da linguagem sob a influência e avaliação das formas/representações de três mundos: o físico relativo ao que é objetivo; o social relativo ao que é conformidade; e o subjetivo relativo ao que é autenticidade (VEÇOSSO, 2015). Desse modo, essa abordagem destaca-se pela situação de ação da linguagem, tendo como unidade central os gêneros²⁵. A referência dos estudos de gêneros, nessa abordagem do ISD, caracteriza uma abordagem de ensino com ênfase em uma sequência didática (SD) para o trabalho com as modalidades da linguagem oral e escrita. O contexto de trabalho dessa abordagem é a escola básica.

Embora possamos referenciar essa abordagem pelo seu caráter pedagógico, optamos por reconhecer outra característica que consiste na base formativa inicial dos autores, o campo da psicologia. Essa base formativa marca as influências da psicologia cultural histórica de Vygotsky na fundação e desenvolvimento do ISD e estudos de gêneros por Bronckart, Dolz, Noverraz, Schnewly. Vejamos, no quadro a seguir, a dimensão dessa abordagem nos estudos de gêneros.

25 - Essa unidade comunicativa central é referenciada ora pelo adjetivo textual e ora pelo adjetivo discurso. Como já mencionamos em outra nota, entendemos o termo gênero como unidade completa, uma vez que este é, ao mesmo tempo, textual e discursiva.

Quadro 2: Processo de compreensão dos estudos de gêneros no contexto francófono

TRADIÇÃO, ABORDAGEM E DEFINIÇÃO
Tradições de psicológicas de ensino e pesquisa
Escola de Genebra
Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)
Abordagem Sociodiscursiva
Educação Básica
Método de Ensino mais implícito
Gêneros são tomados como gêneros de texto ligados a tipos de discurso como formas comunicativas “modelos que estão disponíveis no que chamamos de arqutexto (o arqutexto é o conjunto dos modelos de gêneros em uso em uma determinada comunidade verbal, em uma determinada época de sua história) e eles são indexados, isto é, considerados como sendo adaptados a tal atividade ou a tal situação de comunicação” (BRONCKART, 2010, p. 170). Gênero é “um instrumento semiótico constituído de signos organizados de maneira regular; [...] que permite realizar uma ação numa situação particular” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 74-75).

Fonte: Elaboração nossa a partir de Oliveira (2022b)

Os estudos de gêneros tanto neste contexto francófono quanto aqueles do contexto anglófono, em cada uma das informações dispostas no Quadro 1 e 2, destacam referências para o processo de ensino e pesquisa desde a educação básica até a educação superior.

O exposto até aqui caracteriza, nesse segundo tópico, o desenvolvimento das mais conhecidas abordagens de estudo de gêneros, disponíveis da literatura especializada e acolhidas em nossos estudos. No tópico a seguir, apresentaremos uma breve visão acerca da importância do resumo para o ensino e a pesquisa na universidade.

O RESUMO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO E A PESQUISA NA UNIVERSIDADE

A discussão que ora segue, acerca do gênero resumo, abrange diferentes compreensões teóricas, tais como: Austin ([1962] 1990), Swales (1990; 2004; 2012), Deleuze e Guattari (1995), Bhatia (2004; 2009; 2017), Marcuschi (2008), Bezerra (2017; 2022) e Oliveira (2017; 2022a; 2022b). Poderíamos sinalizar que este trabalho se caracteriza enquanto uma pesquisa etnográfica com foco na contextualização das compreensões de estudos de gênero. No entanto, isso não é totalmente real, pois se trata, mais, de uma relação analítico-teórica que discute o tema de estudo de

gêneros e os problemas de sua compreensão multidimensional em um específico protótipo. Esse protótipo é o resumo que constitui apenas um termo de linguagem que se realiza em uma grande variedade de gêneros específicos (OLIVEIRA, 2017; 2022a). A referência etnográfica, também, constitui um termo de linguagem, hoje, destacada em específicas categorias de estudo, a exemplo do método textográfico, destacado em Oliveira (2022a; 2022b), e o método autoetnográfico, destacado em Maréchal (2010).

Dado o exposto, nos situamos nesta última categoria etnográfica para as discussões. O autor desse trabalho se relaciona com os estudos de gênero, de modo geral, e com os estudos de resumo e contexto, de modo específico. Além disso, se relaciona com a perspectiva de ensino e pesquisa destes estudos no contexto acadêmico. A formação em ciências da linguagem vem localizar, para o autor nessas relações, uma compreensão da linha de estudo sobre processo de organização linguística e identidade social. A significação do resumo não pode ser uma questão imediata, pois se relaciona com a concepção de linguagem, conforme identificamos em Marcuschi (2008). Se relaciona com as múltiplas dimensões contextuais e autorais. Se relaciona com as múltiplas dimensões de compreensão geral e específica do ensino-aprendizagem com foco no significado e na tarefa e com a função de desenvolver relações interativas, sociais e cognitivas. Essas dimensões de compreensão pelo foco e função ocorrem como perspectiva e como realidade, referenciando experiências de adaptação da linguagem que ocorre momento a momento.

As questões de ensino e de pesquisa na universidade se dão por meio de protótipo ou modelos idealizados de formas de agir comunicativamente. Mas essas questões, em referência para o resumo, seguem dois lados de uma complexa compreensão das produções resumitivas, uma encarada a partir de orientações normativas (perspectivas) do domínio discursivo acadêmico, de modo geral, e uma outra que encara a realidade informativa a partir do domínio da cultura disciplinar ou contexto de situação, de modo específico. Essas questões são comuns desde o ensino até o relato em muitas pesquisas. Mas, se já se conhece tanto sobre essas questões, qual é a razão de fazer mais pesquisa acerca do resumo? Há muitas razões, no entanto, todas elas constituem mais questionamentos que respostas. Vejamos na ilustração a seguir uma engenharia referencial acerca do gênero resumo e sua importância para o ensino e a pesquisa na universidade. A ilustração tem como função mapear questionamentos ainda não destacados em estudos prévios, identificando nela mesma um outro resumo, o gênero resumo gráfico.

Figura 1: Mapeamento da multiplicidade da linguagem com foco no gênero resumo



Fonte: Elaboração autoral.

Quando apresentamos o desenvolvimento de diferentes abordagens de estudo de gêneros reconhecendo sua posição teórico-prática, no segundo tópico, sinalizamos que todas as maneiras de estudo partem do contexto para o texto. Situamos, também, uma observação para questões metodológicas com ênfase ora mais explícita, e, ora mais implícita. Agora, em referência para esta Figura 1, acima, podemos observar a complexidade da linguagem de modo abrangente e ampla que pode nos permitir questionar sobre o que é linguagem, mas não apenas o que ela é e sim como ela se desenvolve e é desenvolvida em cada contexto por meio de gêneros. Aqui, o contexto referente é o acadêmico.

Conforme intenção explícita, acerca da ilustração acima, levantamos alguns exemplos de questões enquanto temas de ensino e de pesquisa, vejamos: 1) qual é o significado da produção do gênero resumo para o contexto acadêmico? E, em específico, qual é o significado de sua produção para cada cultura disciplinar e, ainda, para cada momento em que o produzimos?; 2) como se dá a organização da tarefa de produzir resumo na universidade e em seus distintos contextos, gerais e específicos?; 3) quais são os processos interativos que precisamos levar em conta para o ensino e a pesquisa do gênero resumo?; 4) qual é a função social desse gênero, considerando desde seu protótipo, percorrendo sua compreensão geral

até sua realização específica?; 5) como podemos identificar, compreender e descrever os elementos cognitivos desse gênero na relação interativa e social que contextualizam a linguagem acadêmica?; e 6) qual é a relação de quem produz o referido gênero com o contexto, com aquilo que resume e com aquele para quem ele resume? O que motiva essa produção?

Essas questões são apenas alguns exemplos que sinalizam a contextualização da linguagem e exigem um olhar para múltiplas dimensões da linguagem. Elas referenciam o uso do gênero resumo, enquanto uma linguagem contextual. Além disso, identificam a necessidade de aprendizagem e conhecimento acerca da sua função a cada vez que o utilizamos para o ensino e a pesquisa. Levantamos esses exemplos de questionamentos com a intenção reflexiva de compreender que cada exemplar de um gênero resumo (não apenas como um gênero específico) possui um autor e um contexto. Essa compreensão constitui uma característica fundamental para definir a voz daquilo que se comunica e informa por meio da ação resumitiva, com seu valor discursivo, com sua própria organização linguística/retórica e com as características particulares de seus personagens, o autor do gênero ao qual se resume, por exemplo.

Pode-se, por meio dessas características individuais de cada exemplar de um gênero resumo, avaliar como se deu a aprendizagem, no caso do ensino, e desenvolver modelagens avaliativas para apreensão do significado da tarefa para o indivíduo social. Além disso, é possível desenvolver maneiras de construção de sentido de melhoramento das tarefas de ensino. Para a pesquisa, as características individuais de cada exemplar de um gênero resumo, não constituem um modo de estudo próspero, embora o ensino tenha que partir da pesquisa. O que queremos destacar é que só poderemos desenvolver uma compreensão do que é o referido resumo quando pesquisamos diferentes exemplares de um mesmo gênero. Isso é o que se chama pesquisa de *corpus*, pois o caráter qualitativo se dá por meio da observação de muitos exemplares de um objeto de estudo, ao que comumente pode ser compreendido como estudo de caráter quantitativo.

O gênero resumo não se trata apenas de uma produção que reduz, sumaria e sintetiza os aspectos relevantes de um documento fonte. O resumo é um fenômeno de linguagem com características elementares que variam de lugar para lugar, de tarefa para tarefa, de produtor para produtor, de receptor para receptor, de abordagem para abordagem, de realidade para realidade. Dada a sinalização ensaística de referência para os estudos de gênero e a abrangência de questões para ensino e pesquisa, segue algumas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, damos importância para o ensino e a pesquisa do gênero resumo na universidade, considerando uma margem dos estudos de Oliveira (2022a). Desse modo, desenvolvemos a apresentação de uma visão panorâmica dos estudos de gêneros em consideração para a contextualização da linguagem teórica e relação com sua prática e seus processos de compreensão resumitiva para finalidades específicas.

Esse estudo se deu pela necessária compreensão de que, na educação superior, os estudos de gêneros fazem referência para necessidades de análise de conhecimento comunicativo em realidades situacionais e socioculturais, atendendo ao ensino e a pesquisa de questões teóricas e práticas (SWALES, 1990; 2004). Apresentamos esses estudos em destaque para distintas abordagens como resposta para necessidades reais dos processos e práticas textuais/discursivas e contextuais. Vimos, brevemente, que o resumo, no ambiente acadêmico, representa processos e práticas sociais que se caracterizam distintamente em cada dimensão em que se estuda a linguagem. Ao tempo em que o resumo se caracteriza enquanto processos de compreensão, adaptação de planejamento e de organização comunicativa, ele se relaciona com distintos conjuntos de atividades e maneiras de agir comunicativamente sob a condição das finalidades específicas de produção.

Este trabalho cumpriu seu objetivo e desenvolveu, na sua construção de sentido, um olhar fundamental para o ensino e a pesquisa na universidade. Ele deixa, em sua discussão reflexiva, uma margem para novas e muitas pesquisas. Ele referencia os estudos de gêneros como uma base para ampliações e desenvolvimentos de ensino e pesquisa. Ele caracteriza lacunas de pesquisa sobre o resumo como um gênero muito recorrente nos mais diversos contextos onde ocorre a linguagem humana, principalmente o acadêmico. As referências em Oliveira (2017; 2022a; 2022b), pouco situadas, deixam a necessidade de estudos acerca de como cada um dos variados gêneros resumo é organizado, produzido e como se relacionam com o produtor e contexto, com outros contextos e diferentes gêneros.

Concluimos, portanto, que a produção de resumos possui um foco multidimensional no significado e na tarefa, englobando o discurso social e acadêmico cultural, a interpretação da leitura de um documento fonte e a relação com seu conteúdo, incluindo a cultura disciplinar do conhecimento em que ocorre. Sua produção tem a função de desenvolver habilidades de comunicação interpessoal para fins de conversação social e a proficiência cognitiva acadêmica em linguagem para fins de significação específica.

Precisamos nos questionar, a cada momento, quais são os conjuntos de atividades que a produção de resumo abrange. Temos necessidades de experiências acerca das formas de agir dentro de contextos específicos, por meio de recursos metadiscursivos e interdiscursivos, linguísticos e retóricos da ação resumitiva. A importância do resumo para o ensino e a pesquisa na universidade surge como necessidade de aprendizagem e comunicação que se especifica para cada dimensão do domínio discursivo acadêmico.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Trad. de Danilo Marcondes de Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, [1962] 1990.

BAWARSHI, Anis S. e REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola Editora, 2017.

BEZERRA, Benedito Gomes. Por que a sociedade precisa de professores e professoras (bem) formados em letras. In: **Revista Digital Parábola**, ano 2, 14 ed., p. 19-21, 2022.

BHATIA, Vijay K. **Worlds of written discourse: a genre-based view**. London: Continuum, 2004.

BHATIA, Vijay K. Análise de gêneros hoje. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. In: BEZERRA, Benedito, Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Orgs). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, p. 159-196, 2009.

BHATIA, Vijay K. **Critical genre analysis: Investigating interdiscursive performance in professional practice**. Taylor & Francis, 2017.

BRONCKART, Jean-Paul. Gêneros de textos, tipos de discurso e sequências. Por uma renovação do ensino da produção escrita. **Letras**, n.40, p. 163-176, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **MIL PLATÔS: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, [Les Éditions de Minuit, Paris 1980] Volume único [PDF – 2021], 1995.

HYLAND, Ken. **Disciplinary discourses: social interactions in academic writing**. United States of America: The University of Michigan Press, 2004.

HYON, Sunny. Genre in three traditions: Implications for ESL. **TESOL quarterly**, v.30, n.4, p. 693-722, 1996.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARÉCHAL, Garance. Autoethnography. In: MILLS, Albert J.; EUREPOS, Gabrielle; WIEBE, Elden (Eds.). **Encyclopedia of case study research**. Thousand Oaks, California – USA: SAGE Publications [Library of Congress Cataloging-in-Publication Data], vol. 1, p. 43-45, 2010.

MARTIN, James R. **Genre and language learning: A social semiotic perspective**. *Linguistics and Education*, v. 20, n. 1, p. 10-21, 2009.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola, 2012.

OLIVEIRA, John H. Porangaba de. **Análise de gêneros em contextos específicos: Organização retórica e construção de sentidos no resumo de comunicação para eventos acadêmicos**. 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife – PE, 2017.

OLIVEIRA, John H. Porangaba de. **O gênero resumo: agrupamentos, relações e inter-relações contextuais nos eventos acadêmicos**. 2022. 569 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife – PE, 2022a.

OLIVEIRA, John Hélio Porangaba de. Questões contextuais na análise de gêneros: considerações metodológicas e analítica. In: ROCHA, Max; SUEL, Marcos; PIANCÓ, Emanuelle; TOMAZ, Patrícia. **Discurso e texto em diferentes domínios sociais**. Teresina-PI: Editora Pathos, [ISBN: 978-65-994244-6-5], pp. 90-108, 2022b.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, M. Ladjane S. **Ensino interativo de gêneros: a escrita da resenha no curso de graduação em direito**. 2022. 323 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife – PE, 2022.

SWALES, John M. **Genre Analysis: English in academic and research settings**. Nova York: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, John M. Languages for specific purposes. **Annual review of applied linguistics**, v. 20, p. 59-76, 2000.

SWALES, John M. **Research Genres: Explorations and Applications**. Cambridge: University Press, 2004.

SWALES, John M. A text and its commentaries: Toward a reception history of "Genre in three traditions" (Hyon, 1996). **Ibérica**, n. 24, p. 103-115, 2012.

VEÇOSSO, Cristiano E. **Trabalho e saberes docentes do professor de língua portuguesa em formação na modalidade a distância: uma análise a partir do interacionismo sociodiscursivo**. 2015. 249 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

DISCURSO E CAPITALISMO: A FOME NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Alexandre Souza Cavalcante
Josenilda Rodrigues de Lima

O bicho, meu Deus, era um homem.
Manuel Bandeira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pandemia da Covid-19, que chegou ao Brasil no início de março de 2020, aprofundou as desigualdades sociais existentes neste país. A situação sanitária provocou o fechamento de alguns estabelecimentos comerciais e isso impactou diretamente na vida de trabalhadores e trabalhadoras que exerciam trabalhos informais e precarizados. Além do risco de contaminação pelo vírus e consequente luta pela vida, as pessoas em situação de vulnerabilidade social também precisaram lutar contra a fome, outra causa de morte constante no país. Em uma espécie de registro desse contexto, vários sites de jornais destacaram matérias que estampavam a situação de fome e miséria. As imagens rapidamente se espalharam pelas redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, causando choque e espanto.

Diante deste cenário, pretendemos, com este artigo, analisar o processo de produção de sentidos relacionados à miserabilidade e à degradação humana como efeito da crise econômica, política e sanitária que se aprofunda com a pandemia de COVID-19 espalhada pelo mundo, a partir da análise de uma manchete do Jornal O Globo, publicada em 29 de setembro de 2021. Tal investimento nos permitirá observar como o discurso reflete a realidade objetiva e como esta materialidade aponta para um funcionamento discursivo que expõe a face mais cruel do capitalismo com seu projeto de fome, de miséria, de extermínio dos *homens-bichos*, esquecidos e apagados pelo sistema do capital.

Fundamentaremos nossas análises nos estudos da Análise do Discurso (AD) de vertente pecheuxtiana em sua interlocução com o materialismo histórico dialético, buscando, com isso, alcançar o caráter material dos sentidos (PÊCHEUX, 2014a). Esse referencial nos levará à compreensão do discurso a partir das relações sociais concretas em que este se insere, articulando, dessa forma, “o processo de vida material e os processos discursivos” (SILVA SOBRINHO, 2018, p. 61).

No intuito de alcançar o objetivo proposto, o artigo traz, na primeira seção, alguns apontamentos sobre a AD a qual nos vinculamos. Na segunda seção, discutiremos a importância da categoria Condições de Produção para a compreensão do objeto discursivo a ser aqui estudado e, conseqüentemente, para o processo de construção de nossa análise. Em seguida, será analisada a manchete da reportagem que constituiu o *corpus* de nosso trabalho.

ANÁLISE DO DISCURSO E A POROSIDADE DE SUAS FRONTEIRAS

Falar no campo teórico da AD nos dias de hoje, e mais especificamente no Brasil, exige necessariamente que se reconheça o vasto campo de atuação dessa área do conhecimento, uma vez que desde o seu surgimento na França, no final da década de 1960, vem se operando transformações diversas em relação às suas bases epistemológicas. Por isso, como apontam Florêncio et al. (2009, p. 19-20), quando se discute o lugar da AD hoje, “é necessário explicitar de que Análise do Discurso estamos falando, pois diferentes posições teóricas possibilitam diferentes olhares sobre um mesmo objeto de estudo”.

Nosso trabalho inscreve-se, nesse caso, no campo teórico metodológico da AD fundada pelo professor-filósofo-cientista-militante²⁶ Michel Pêcheux. A AD de vertente pecheuxtiana é uma disciplina que se propõe a

discutir e a definir a linguagem e a natureza da relação que se estabelece com a exterioridade, tendo em vista seu objetivo principal de compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção dos sentidos na perspectiva de uma semântica de cunho materialista (MARIANI, 1996, p. 21),

Para atingir tal propósito, essa área do saber irá se fundamentar epistemologicamente a partir da articulação entre três regiões do conhecimento científico, conforme apresentam Pêcheux e Fuchs (2014, p.

26 - Denominação cunhada pelo pesquisador Helson Flávio da Silva Sobrinho. Sobre isso, Cf.: Silva Sobrinho (2018).

160), quais sejam: “o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias”; “a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação” e “a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos”, tudo isso atravessado “por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)”, isto é, por uma teoria psicanalista do sujeito.

A AD trabalha, portanto, no entremeio (ORLANDI, 2002), isto é, nas fronteiras entre as regiões do saber que compõem seu quadro epistemológico, cujas relações – de sentido, de força – dão-se de modo imbricado e contraditoriamente. O discurso, seu objeto de estudo por excelência, não é entendido como sendo meramente da ordem da fala, não se confunde também com o texto, ou com a simples transmissão de informações, antes, é concebido como lugar de produção de sentidos, ou como determina Pêcheux (2014a), como efeito de sentido entre (inter)locutores.

Nesta perspectiva, a AD irá questionar a ideia de “sentido literal”, a “afirmação do óbvio”, por entender que

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo (isto é, em sua relação com a ‘literalidade do significante’), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 2014a, p. 146-147).

Partindo daí, como bem observa Figueira (2014, n.p.)²⁷, Pêcheux irá articular “a questão da ideologia com a questão do sentido”, sendo o discurso, portanto, concebido como “efeito de sentido(s) provocado pelo encontro entre a(s) ideologia(as) e a linguagem”. Figueira (2014) aponta, ainda, nesse percurso, algo que é de suma importância para diferenciar a AD pecheuxtiana das outras correntes que trabalham de alguma forma com o discurso como objeto de estudo. Trata-se da relação necessária e da constitutividade do discurso com a ideologia. Para o autor, nesse sentido,

27 - O texto de Figueira, publicado na obra **Discursos em Perspectiva - Humanidades Dialógicas**, nos foi fornecido pelo próprio autor, no curso de verão *Seminários em Análise do Discurso 2: Análise do Discurso e materialismo histórico*, ofertado na Universidade Federal de Alagoas, em 2021, pelos professores Luís Fernando Bulhões Figueira e Helson Flávio da Silva Sobrinho. O motivo da não paginação na citação se deu porque o texto que recebemos foi o original do autor em PDF.

a constitutividade do(s) discurso(s) pela(s) ideologia(s) apresenta-se como condição indispensável para que a AD se singularize enquanto campo de investigação particular, pois é essa característica que permite distinguir a AD do campo das linguísticas transfrásticas, onde são situadas, por exemplo, a linguística textual, a teoria da enunciação e a pragmática (FIGUEIRA, 2014, n.p.).

Ao pensar o funcionamento da ideologia no campo da linguagem, tendo como lugar especial de observação desse funcionamento o discurso, Pêcheux inscreve sua prática científica também no campo da política, pondo assim em evidência a relação entre a AD e as práticas sócio-históricas, ou, em outros termos, a determinação sócio-histórica dos processos discursivos. A AD fundada por Pêcheux, portanto, tem seu lugar não apenas como uma mera área do conhecimento, mas é pensada, desde sua gênese, como instrumento de luta política, cuja intervenção implica, necessariamente, “o fazer ciência e o fazer política ao mesmo tempo” (SILVA SOBRINHO, 2014, p. 37).

Pêcheux desenvolveu seu gesto teórico, metodológico e político a partir de uma teoria materialista dos processos discursivos. Para nós, isso conduz, ainda, a uma tomada de posição também por dentro da AD, haja vista, como se disse aqui, o vasto campo de atuação dessa área do saber, cujas abordagens refletem diferentes posições teóricas. Silva Sobrinho (2007) já observara algo um tanto sintomático nessa diversidade teórica, a saber, o processual apagamento do marxismo como teoria fundamental no quadro epistemológico da AD e o conseqüente distanciamento das lutas de classes nas análises, o que resultaria no enfraquecimento da teoria como força material, comprometendo, assim, não apenas o alcance do caráter material do sentido, mas também a apreensão radical das contradições sociais e as formas de intervenção na vida prática.

Tais questões nos levam a situar nosso trabalho, com Silva Sobrinho, (2007, p. 32), por fim, tomando posição “dentro Linguística pela AD e [...] dentro da AD pela ontologia marxiana”. De posse desses apontamentos, partiremos do pressuposto, em nossas análises, de que todo e qualquer discurso, para ser analisado, precisa passar necessariamente pelo estudo da formação social a qual se insere. É preciso, assim, situar o discurso na sociabilidade capitalista para compreender a dinâmica de seu funcionamento a partir de sua inscrição na estrutura basilar desse sistema. Isso porque sentidos e sujeitos são construídos socio-historicamente, não sendo os discursos, portanto, entidades autônomas, seres de vida própria, pois produzidos através das relações que os indivíduos estabelecem entre si.

Justificada nossa posição dentro da AD, partiremos agora para o estudo da noção de Condições de Produção, entendendo que é através desta categoria que o analista poderá remeter os discursos produzidos às relações de produção/reprodução/transformação sócio-históricas da sociedade de classes em que vivemos.

DISCURSO E MATERIALISMO: A CATEGORIA CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO (CP)

Michel Pêcheux, em sua obra *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*, ao tratar da categoria CP, enfatiza que todo discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas. O autor está chamando a atenção, nesse momento, para o fato de que todo dizer se inscreve em “circunstâncias” específicas, as quais devem ser levadas em conta quando se pensa no estudo dos processos discursivos, que além de se submeter a este plano, considera também em seu funcionamento a ordem da língua (base linguística sobre a qual os processos discursivos se constroem).

O filósofo, diante desses apontamentos, irá nomear de condições de produção as “circunstâncias de um discurso e seu processo de produção” (PÊCHEUX, 2014b, p. 74), buscando se diferenciar da perspectiva da teoria linguística que representa o estudo desta ordem a partir das noções de “contexto” e “situação”.

Orlandi (2006), por sua vez, ao tratar das CP, retoma Pêcheux e argumenta que estas incluem o sujeito e a situação. Inclui o sujeito na medida em que este, como posição projetada no discurso, ou seja, enquanto posição sujeito discursiva, é constituído socio-historicamente, a partir da imagem que a sociedade faz dele numa dada conjuntura. Isso significa que a posição sujeito discursiva é determinada levando em conta o lugar social (do professor, do aluno, do operário, do patrão, etc.) que a representa em dadas condições de produção.

Entra nesse processo a situação, que segundo Orlandi (2006), pode ser pensada em sentido estrito – compreendendo as circunstâncias da enunciação, o aqui e agora do dizer – e em sentido lato – compreendendo o contexto sócio-histórico e ideológico mais amplo. Importante frisar, que como o discurso é resultado de algo que é histórico, o “contexto imediato” será sempre mediado pelas relações históricas, pelo imaginário, pelos sujeitos inscritos em dadas formações ideológicas e discursivas, não se tratando, assim, de uma relação mecânica entre a produção discursiva e o contexto no qual se insere.

Em um processo de análise, leva-se em conta, portanto, as circunstâncias mais imediatas que engendram à formulação dos discursos, articuladas às condições históricas e ideológicas no processo de constituição dos sentidos. À essas considerações, acrescenta-se que a AD desenvolvida por Pêcheux inscreve-se, como já apontamos, numa perspectiva materialista. Ao assumir essa posição, o autor, conforme argumenta Silva Sobrinho (2010, p. 247), “radicalizou os estudos sobre a linguagem e a produção de sentidos, dando ênfase à necessária articulação entre o **discurso** e as suas **condições de produção**”.

Para apreender um objeto discursivo através desta perspectiva é fundamental, assim, que se realize um exame rigoroso²⁸ do modo de funcionamento da sociedade capitalista atual e sua lógica contraditória de exploração dos seres humanos, o que implica a apreensão das condições econômicas e políticas que fazem parte da lógica desse sistema. Tal investigação faz parte da análise das CP amplas do discurso e tem no materialismo histórico²⁹, como “teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014), o seu fundamento.

Para examinar o funcionamento do modo de produção capitalista faz-se necessário, por esse viés, entender como se organiza a produção e o trabalho nessa forma de sociabilidade. Na perspectiva em que nos inscrevemos, a produção é tomada a partir de seu caráter material, o que significa que ela é compreendida não como se regida por leis naturais eternas, independentes da história, mas através de sua objetividade no desenvolvimento social. Marx (2008, p. 245), nesse sentido, afirma que “toda produção é a apropriação da natureza pelo indivíduo, no interior e por meio de uma determinada forma de sociedade”.

Todas as formas de sociedade, desse modo, podem ser explicadas a partir dessa relação básica entre ser humano e natureza, a qual, no geral, determina nossa capacidade de transformar a realidade do mundo concreto. Marx chama de trabalho o processo pelo qual o ser social age sobre a natureza no sentido de transformá-la para a necessária reprodução material de sua existência (CAVALCANTE, 2021). O trabalho é posto, assim, como condição primária do existir humano e, precisamente nesse sentido, se apresenta como categoria fundante do ser social (MARX, 2013; LUKÁCS, 2018).

28 - Diante dos limites da produção de um artigo dessa natureza, só é possível, como é de se esperar, apontar apenas algumas questões cruciais deste funcionamento.

29 - Essa posição afeta, também, o modo de se conceber o discurso na sociedade em que vivemos, já que são as condições materiais da existência que estão na base da produção discursiva. O discurso, nesse sentido, como argumenta Magalhães (2003), só pode ser compreendido como práxis social.

No modo de produção capitalista o trabalho assume a forma de trabalho alienado, pois se fundamenta como uma forma de sociabilidade centrada na mercadoria. Sua especificidade e natureza se assentam nas relações de exploração entre classes com interesses antagônicos: de um lado o capitalista, proprietário e detentor dos meios de produção, de outro o trabalhador, assalariado, proprietário apenas de sua força de trabalho. A produção atual, assim, conforme Magalhães (s/d), é realizada pela compra da força de trabalho, que gera a mais-valia, categoria central na exploração do trabalhador.

Dito isto, é possível compreender que as relações sociais, nesse modelo de sociabilidade, são determinadas pelo caráter de classe que está em sua base, o que significa que o desenvolvimento do ser social se dá sempre de modo contraditório. Pêcheux (2014a), a esse respeito, argumenta que os discursos que se formulam e circulam nas diferentes esferas sociais fazem ecoar sentidos diversos que, seguindo a lógica de funcionamento deste modo de produção, impõe na linguagem barreiras de classe necessárias à reprodução das relações capitalistas. É, pois, desta perspectiva que podemos afirmar que a luta de classes é a base das relações sociais e, por isso, também a base da produção discursiva.

O analista em seu trabalho deverá, assim, situar o discurso nas relações antagônicas entre as classes no capitalismo e observar a dinamicidade de sua produção em função das contradições que põem em movimento o seu funcionamento alicerçado na trílice relação entre língua, história e ideologia. É tendo em conta essa articulação que Pêcheux (2014a) irá pensar seu objeto – o discurso – como efeito de sentidos entre (inter)locutores.

É possível afirmar, tendo em conta o que se expôs até aqui, que para a AD desenvolvida por Pêcheux, o discurso sempre terá a marca da luta de classes e sempre possuirá uma determinação histórica, o que resultará numa concepção da língua e do sentido em seu caráter material, isto é, a língua fazendo sentido a partir de sua inscrição na história e “o discurso como o lugar de acesso e observação da relação entre a materialidade específica da ideologia e a materialidade da língua” (ORLANDI, 2017, p. 12).

No que se refere às CP estritas, tomam-se os discursos que se apresentam contemporaneamente tendo como plano de fundo a crise estrutural que o capital sofre nesse momento histórico. A essência dessa crise, de acordo com Mészáros (2002), consiste em sua irreversibilidade, pois se trata de uma crise de caráter universal, de alcance global, permanente e destrutiva que, além de intensificar as contradições internas do capital, leva à aniquilação progressiva dos recursos humanos e materiais do nosso planeta, afetando o funcionamento de todos os complexos que compõem a totalidade social.

Certamente, a crise econômica, política, e cultural pela qual passa o Brasil nesse momento em que assistimos a uma ascensão do ultraconservadorismo e da extrema direita no país, é uma consequência direta dessa crise do capital, que para assegurar a sua reprodução global e sua necessidade constante de controle social, incluindo aí o controle das subjetividades, precisa não só manter, mas, como aponta Tonet (2009), intensificar a exploração do trabalho, já que o que interessa a esse sistema é sempre “o maior aumento possível da taxa de lucro”, o que faz com que este recorra a todos os meios possíveis e imagináveis quando há um rebaixamento dessa taxa.

Em decorrência disto, o capital precisa mobilizar uma estrutura de comando que seja capaz de garantir a sua hegemonia em todas as dimensões. O Estado, com seu aparato jurídico e político, assume aqui um papel decisivo, já que se apresenta, de acordo com Mészáros (2002), como instituição totalizadora do controle político total da ordem sociometabólica do capital. Para este autor, o Estado é uma instituição absolutamente necessária para o domínio do capital como ordem sociometabólica de reprodução, pois o “funcionamento saudável” desta sociedade depende,

por um lado, da *natureza* das ações produtivas materiais, de acordo com as condições históricas específicas que definem e moldam o seu caráter, e, por outro lado, da modalidade do processo *geral* de tomada de decisão política que *complementa* o processo sociometabólico, tal qual ativado na multiplicidade das unidades reprodutivas materiais particulares, ajudando-as a *coerir* em um todo *sustentável*.” (MÉSZÁROS, 2015, p. 80, grifos do autor).

O Estado é, assim, um órgão de dominação de classe que, paradoxalmente, funciona como dispositivo de “coesão social”. Paradoxalmente porque tal coesão se configura nos limites do desenvolvimento de suas funções e do próprio sistema do capital em decorrência das crises históricas pelas quais esteve e está submetido – em especial a atual crise de caráter estrutural. Refletindo sobre essas questões, Mészáros (2015, p. 18, grifos do autor) aponta que

o desafio de hoje exige uma crítica radical dos termos de referência fundamentais do Estado, uma vez que a modalidade historicamente estabelecida de *tomada de decisão global* afeta mais ou menos diretamente a *totalidade* das funções reprodutivas da sociedade, desde os processos produtivos materiais elementares até os domínios culturais mais mediados.

Entender o papel do Estado na sociedade burguesa de nosso tempo, no contexto da crítica apontada por Mészáros, é, como se pode observar, de

fundamental importância para a análise dos discursos que se formulam e circulam em nosso meio.

Retomando o que discutimos até aqui, podemos dizer, para avançarmos em direção à análise do nosso material, que é tendo em conta, portanto, o caráter estrutural da crise que se encontra o capital hoje, associada ao modo de funcionamento da sociedade capitalista em sua essência, ou, em outros termos, é a partir da articulação entre as condições de produção amplas e estritas que se formula e circula qualquer discurso na esfera social. A sua compreensão perpassa, pois, pelo entendimento das determinações histórico-sociais e ideológicas que compõem essa sociedade.

O RETRATO DA FOME: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Para exemplificar o que acabamos de expor, tomaremos a imagem abaixo como Sequência Discursiva (SD) a ser analisada.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA (SD)



Fonte: Agência O Globo, 2021.

A reportagem aqui referenciada foi publicada em 29 de setembro de 2021, no site do Jornal O Globo³⁰. A imagem acima flagra um homem dentro de um caminhão que transporta restos de carne recolhidos de supermercados e que são reaproveitados, costumeiramente, como ingredientes para ração animal, para fazer sabão, graxa, cera, etc.³¹. Diante de ossos, de pelancas, de gordura, daquilo que já se considera, no mínimo,

30 - Cf.: <https://oglobo.globo.com/rio/garimpo-contra-fome-sem-comida-moradores-do-rio-recorrem- restos-de-ossos-carne-rejeitados-por-supermercados-25216803>

31 - Depoimento passado pelo motorista do caminhão.

pouco proveitoso para o consumo humano, o homem tenta, tal qual um bicho, escolher algo para saciar a sua fome. Morador de rua, ele e outras pessoas se revezam semanalmente na “fila da fome” para “catar”, entre os detritos, algo que possa alimentar suas famílias.

Na imagem, temos a manchete da reportagem: “**Sem comida**, moradores do Rio recorrem a **restos** de ossos e carne **rejeitados** por supermercados”. A escolha de determinados termos na manchete produz, da posição em que são enunciados, efeitos de sentidos de denúncia de uma realidade social dura do nosso país e abre caminhos para pensarmos a própria condição humana ante a tragédia – sem poesia – da vida real.

A preposição “sem” que introduz a manchete indicando a ausência ou carência de comida, bem como os termos “restos” – relacionado aos substantivos “ossos” e “carne” – e “rejeitados”, deslizam seus sentidos ao serem tomados no plano discursivo. Trazendo elementos das condições de produção analisadas, sobretudo em relação ao modo de funcionamento da sociedade capitalista, nosso gesto de interpretação nos leva à compreensão de que os “moradores do Rio”, pessoas, seres humanos que vivenciam a realidade opressora da divisão de classes sociais em seu extremo, são corpos também “rejeitados”, excluídos, “restos de ossos e carnes” de segunda, “restos de gente”, uma mercadoria descartável, como os “ossos” e a “carne” que catam e servirão para a sua alimentação.

A fotografia, como um flagrante dessa realidade, discursiviza, nessas condições, um processo de desumanização, de coisificação, de animalização do ser humano, projetando uma imagem que se repete no espaço e no tempo como efeito de sentido no discurso em tela, e em outras materialidades³², mas também como consequência da crise estrutural do capital no mundo atual e da natureza mesma de funcionamento da formação social capitalista.

Avançando em nossa análise, podemos dizer que saciar a fome é uma necessidade básica de todo ser humano. Entretanto, como observa Nunes (2021, p. 2), “não podemos apenas identificá-la como uma necessidade biológica, uma vez que, sua resposta é formulada por mediações que se articulam de diferentes formas em distintas sociedades e modos de produção”. No capitalismo, a produção não é voltada, essencialmente, para garantir a subsistência das pessoas, mas para a acumulação de capital, para o mercado.

A fome, nesse caso, é consequência direta da forma como se organiza a produção neste tipo de sociedade. Como a prioridade desta produção é a

32 - Veja-se, por exemplo, o poema **O bicho**, de Manuel Bandeira, publicado na década de 40 e que, num movimento parafrástico, se repete aqui potencializando seus sentidos num discurso outro.

acumulação constante de capital, tem-se, como lei geral, que quanto mais se acumula, mais se produz miséria, como bem observara Marx (2013, p. 877):

à medida que o capital é acumulado, a situação do trabalhador, seja sua remuneração alta ou baixa, tem de piorar. [...] Portanto, a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital.

A pandemia de Covid-19 escancarou as relações antagônicas entre capital e trabalho, intensificando, com isso, a exploração dos trabalhadores, o aumento do desemprego, da fome e da miséria – ao mesmo tempo em que dobrou a riqueza dos mais ricos do mundo – gerando situações degradantes como a exposta na manchete do jornal O Globo.

Sobre a contradição entre o aumento dos níveis de pobreza e da riqueza acumulada pelos capitalistas, vale destacar o que diz o relatório da Oxfam (2022, p. 8), segundo o qual “um novo bilionário surge a cada 26 horas desde o início da pandemia. Os dez homens mais ricos do mundo dobraram suas fortunas, enquanto mais de 160 milhões de pessoas foram empurradas para a pobreza.” Esse acúmulo desigual da riqueza, além de ser uma característica intrínseca à formação social capitalista, decorreu, na pandemia, em virtude dos altos índices de desemprego e inflação, que provocou a alta dos preços dos gêneros alimentícios.

Além disso, muitos serviços foram transferidos para plataformas on-line, que exigiu outros tipos de qualificação, aumentando, assim, a “população trabalhadora excedente” (MARX, 2005). Esse excedente, na visão de Marx (2005, p. 735) é “[...] a alavanca da acumulação capitalista e, mesmo, condição de existência do modo de produção capitalista. [...] constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se fosse criado e mantido por ele”.

Neste contexto, enquanto alguns enriquecem ainda mais, pessoas ultrapassam a linha da extrema pobreza e estão morrendo por diversos motivos relacionados às desigualdades, inclusive de fome, por não terem mais como comprar comida e não conseguirem de volta seus empregos e/ou postos de trabalho. “Em um mundo de recursos abundantes, a fome mata, no mínimo, mais de 2,1 milhões de pessoas por ano” (OXFAM, 2022, p. 12).

No Brasil, pessoas passaram a morar nas ruas e em assentamentos improvisados por não conseguirem mais pagar aluguéis de suas casas; alguns trabalhadores que permaneceram empregados foram obrigados a aceitar redução salarial; o auxílio emergencial proposto pelo governo não possibilitou a compra da cesta básica. Todo este contexto tem levado

milhões de brasileiros a sobreviverem de doações e restos de alimentos jogados em lixões e depósitos (STROPASOLAS; GIOVANAZ, 2021).

Vale ressaltar que o Brasil chegou a sair do Mapa da Fome em 2014, devido às políticas de redução da insegurança alimentar em governos anteriores. No entanto, desde o ano de 2016 já era observado uma redução do índice de segurança alimentar. Em 2017, a Emenda Constitucional do Teto dos Gastos públicos (EC n.º 95/2017), que congelou os investimentos em serviços públicos por um período de 20 anos, forçou o fechamento de diversos restaurantes populares. Entre 2017-2018, a insegurança alimentar teve aumento de 33,3% em relação a 2003 e de 62,2% em relação a 2013 (STROPASOLAS; GIOVANAZ, 2021).

Esta situação se agravou na pandemia, como mostra a pesquisa intitulada “Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil”, realizada em 2.180 domicílios nas cinco regiões do país, em áreas urbanas e rurais, entre 5 e 24 de dezembro de 2020. Segundo esta pesquisa, do total de 211,7 milhões de brasileiros, 116,8 milhões conviviam com algum grau de Insegurança Alimentar e, destes, 43,4 milhões não tinham alimentos em quantidade suficiente e 19 milhões (9% da população) enfrentavam a fome, com pobreza extrema (REDE PENSSAN, 2021).

Voltando à nossa SD, chama-nos atenção, ainda, a cor da pessoa que está a recolher os ossos “rejeitados” pelo supermercado: trata-se de um homem negro. O olhar que captura a imagem deste homem na fotografia – de costas, curvado sobre os restos de carne e ossos – amplia o efeito de sentido que personalizaria a identidade de um sujeito singular para o enquadrar numa identidade de classe que, historicamente, se reproduz em sujeitos pobres, marginalizados, homens e mulheres negras na periferia do capitalismo.

Sobre isso, a pesquisa da Rede Penssan (2021, p. 10) aqui mencionada, mostrou também que a “IA [insegurança alimentar] grave das família [sic] foi maior quando esta pessoa era do sexo feminino, ou de raça/cor da pele autodeclarada preta/parda ou com menor escolaridade”. Contudo, as pesquisas, reportagens e o próprio Estado brasileiro silenciam que estes dados refletem uma necropolítica institucionalizada há séculos no país para eliminar corpos negros e pobres, residentes nas periferias e zonas rurais brasileiras. É justamente este grupo étnico o mais atingido em crises econômicas e sanitárias, como a pandemia da Covid-19.

Dados sobre fome e riqueza na pandemia reafirmam a leitura sobre os efeitos do capitalismo e sua exploração exacerbada. No entanto, mesmo que pessoas em situação de pobreza extrema e fome seja uma realidade muito

comum em vários países subdesenvolvidos, as imagens da reportagem do Jornal o Globo causaram espanto, como se fosse uma novidade. A novidade é que uma situação já existente se agrava ainda mais ao ponto de provocar espantos, mas este espanto também é atravessado por discursos diversos.

Sobre isso, vale trazer aqui algumas reflexões de Candido (2011, p. 172) quando afirma que “é verdade que a barbárie continua até crescendo, mas não se vê mais o seu elogio, como se todos soubessem que ela é algo a ser ocultado e não proclamado”. Se em outros tempos e formações sociais se defendia que as pessoas em situação de pobreza e miséria eram fruto de castigo ou vontade divina, hoje “a imagem da injustiça social constrange”, requerendo disfarces (CANDIDO, 2011, p. 173). É este discurso transversal que atravessa a postura de sensibilidade diante da situação de fome na pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, com este artigo, lançar um olhar discursivo sobre o problema da fome na conjuntura que fez eclodir a pandemia de COVID-19. Partindo de noções da AD pecheuxiana – em especial a de CP –, numa perspectiva materialista, foi possível observar, na análise da manchete do jornal O Globo aqui trabalhada, um movimento de produção de sentidos que expõe a natureza perversa e contraditória do funcionamento da formação social capitalista, personificada na miséria humana manifesta nos corpos famintos, humilhados na desumana “fila da fome”.

Pela articulação entre as CP amplas e estritas analisadas, foi possível, dessa forma, verificar dizeres sobre a fome no Brasil e no mundo, sendo sua compreensão perpassada, pois, pelo entendimento das determinações histórico-sociais e ideológicas que compõem a sociedade vigente. Quando pensamos a categoria CP, na perspectiva ontológica do materialismo histórico dialético, como fundamental para a apreensão de um objeto discursivo a ser analisado, consideramos, portanto, com Silva Sobrinho (2014), a tomada de posição por uma AD de caráter revolucionário, que toma a luta de classes como motor do processo histórico, capaz de produzir uma crítica radical ao capitalismo, sem cair nas armadilhas das análises idealistas de cunho burguês, as quais tendem a apagar a relação entre língua, sujeito e história e silenciar o político e o ideológico nas produções discursivas, “neutralizando por vezes a práxis revolucionária”.

Entendendo que “a noção de condições de produção designa um modo de ler o discurso” (DE NARDI, 2020, 3:29), acreditamos, portanto, ser necessário se tomar partido por uma leitura pautada no

materialismo histórico dialético quando se trabalha com essa categoria. Entendemos, assim, que

só quando articulamos o **dizer** com suas **condições de produção** (relações sociais de caráter material e historicamente determinadas) é que as contradições do discurso reaparecem e desvelam a verdadeira face de suas contradições, ou seja, o seu real caráter material do sentido (SILVA SOBRINHO, 2010, p. 255).

Diremos, por fim, que recorrer a noção de CP é pensar, como pontua De Nardi (2020, 4:50), “a relação de um discurso e dos sujeitos do discurso com as relações de produção, reprodução e transformação das relações sociais que constituem todo processo discursivo, nele delineando trajetórias de sentidos”. Trata-se, assim, de tomar a categoria CP como essencial para entender como os discursos se constituem nas relações com o sujeito em sua participação na produção social, sendo igualmente fundamentais para se compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção dos sentidos.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CAVALCANTE, Alexandre Souza. **O discurso do Programa Escola “sem Partido” e a ofensiva do conservadorismo na educação brasileira**. Maceió: EDUFAL: Imprensa Oficial Graciliano ramos, 2021.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. Vídeo (5:45) Condições de Produção. **Publicado pelo canal enciDIS UFF**, 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=FrToVjnXwVk&feature=emb_title. Acesso em: 14 nov. 2020.

FIGUEIRA, Luís Fernando Bulhões. Não há discursos sem ideologia(s). IN: PAULA, Luciane de (org.). **Discursos em perspectiva: humanidades dialógicas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama (et al.). **Análise do discurso: fundamentos & práticas**. Maceió: EDUFAL, 2009.

LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do ser social volume 14**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

MAGALHÃES, Belmira. O Sujeito do Discurso: um diálogo possível e necessário. In: **Revista Linguagem em (Dis)curso**. Programa de Pós-Graduação em ciências da linguagem Unisul. Vol 3 Especial. Santa Catarina, 2003. p. 73-90.

MAGALHÃES, Belmira. **A crise estrutural do capitalismo e o irracionalismo.** [S.I.:S.N.], (s/d).

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário:** práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 1996.

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política: livro 1. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. 20 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MÉSZÁROS, István. **A Montanha que Devemos Conquistar:** reflexões acerca do Estado. São Paulo: Boitempo, 2015.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

NUNES, Iara. Particularidade da insegurança alimentar no modo de produção capitalista. In: **Cadernos Gepe** – Periódico Acadêmico do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ética da UFPE. v1, n1. Dezembro/2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosgepe/article/view/252883>. Acesso em: 10 mar. 2022

ORLANDI, Eni Puccinelli. ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: LAGAZZI, S.; ORLANDI, Eni Puccinelli (Orgs.) **Introdução às Ciências da Linguagem.** Discurso e textualidade. Campinas: Pontes. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli; RODRIGUES, Suzy Lagazzi (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem:** Discurso e Textualidade. Campinas, SP: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise do Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. In: **Cad. Est. Ling.**, Campinas, (42): 21-40, 2002.

OXFAM. **Relatório A desigualdade mata:** a incomparável ação necessária para combater a desigualdade sem precedentes decorrente da Covid-19. Tradução de Korn Traduções. Oxfam International, Oxford, jan. 2022. DOI: 10.21201/2022.8465. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/a-desigualdade-mata/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel

Pêcheux. GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). Campinas: Unicamp, 2014b. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automático do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). Campinas: Unicamp, 2014. p. 159- 249.

REDE PENSSAN. Insegurança alimentar e covid-19 no Brasil. **VIGISAN Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, 2021. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em: 24 mar. 2022.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Os (des)arranjos das lutas entre posições idealistas e materialistas na Análise do Discurso. In: BALDINI, Lauro José Siqueira (Orgs.). **Análise do Discurso e Materialismos: práticas políticas e materialidades/volume 2**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p. 59-84.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. O analista do discurso e a práxis sócio-histórica: um gesto de interpretação materialista e dialético. In: **Conexão letras: estudos linguísticos e Literários e Suas Interfaces Com a Filosofia Marxista**. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. - Vol. 9, n. 12. - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Análise do Discurso: um olhar materialista sobre as evidências do sentido. In: SILVA, Leilane Ramos da; KO FREITAG, Raquel Maisnter. **Linguagem e reprodução discursiva II: outros estudos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. **Discurso, Velhice e Classes Sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica**. Maceió: EDUFAL, 2007.

STROPASOLAS, Pedro; GIOVANAZ, Daniel. **Brasil com fome: pandemia e desmonte do Estado agravam drama dos trabalhadores**. São Paulo, Brasil de Fato, 11 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/11/brasil-com-fome-pandemia-e-desmonte-do-estado-agravam-drama-dos-trabalhadores>. Acesso em: 24 mar. 2022.

TONET, Ivo. Expressões sócio-culturais da crise capitalista na atualidade. IN: CFESS/ABEPS (Orgs.). **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília: CFESS, 2009.

INTERPRETAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE LEITURAS LITERÁRIAS ADAPTADAS MULTIMODAIS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Maria Verônica Tavares Neves Cardoso

Helena Gomes Wielewicki

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo resulta de um recorte de minha tese de doutoramento³³, na qual desenvolvemos uma proposta de trabalho com adaptações de textos literários do escritor estadunidense Edgar Allan Poe, nele produzimos atividades com adaptações da arte literária para a arte musical. Trabalhamos com dois álbuns temáticos adaptados de textos de Poe, por dois grupos de rock.

O primeiro álbum foi “The Raven”, de Lou Reed e o segundo, “The Shadow of the Raven”, de Nox Arcana. Para o embasamento teórico, utilizamos conceitos de teoria dos multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2008) e os conceitos de texto adaptado desenvolvido por Hutcheon (2011). Para efetivação dessa proposta, tomamos como ponto de partida o conceito de letramento literário desenvolvido por Zappone (2008), no entanto, sugeri a ampliação do termo letramento, no singular, do sintagma letramento literário, para letramentos/multiletramentos literários (CARDOSO, 2021), por entender que essa ampliação seria mais pertinente à proposta pedagógica utilizada ao longo da pesquisa de campo.

Com vistas a atingir o objetivo dessa pesquisa e entender de que maneira os alunos colaboradores se envolvem com o texto literário multimodal, elaboramos uma proposta de trabalho com a Literatura em Língua Inglesa ancorada nas Teorias dos Multiletramentos e na Teoria da

33 - Orientado pela profa. Dra. Vera Helena Gomes Wielewicki da UEM- Universidade Estadual de Maringá-PR.

Adaptação, que tomou como base textos literários do escritor estadunidense Edgar Allan Poe e as adaptações realizadas pelas bandas de rock: Nox Arcana e por Lou Reed, ex-integrante da Banda Velvet Underground.

A proposta foi desenvolvida por mim e pelos alunos colaboradores da primeira série do Ensino Médio de uma escola pública estadual, localizada na cidade de Palmeira dos Índios-AL, ao longo do ano de 2019. O trabalho foi desenvolvido nas aulas de Língua Inglesa, com carga horária semanal de duas horas aulas (às terças e às quintas-feiras), totalizando 61 horas de aulas, durante os três bimestres do ano letivo (2º, 3º e 4º) de 2019. A pesquisa contou com vinte e seis alunos/colaboradores e a professora regente.

Por meio desta pesquisa, procuramos verificar se o engajamento dos alunos da primeira série do Ensino Médio de uma Escola Pública da cidade de Palmeira dos Índios – AL, com práticas de leituras literárias adaptadas multimodais e multiculturais, pode fomentar novas concepções (diferentes da visão já construída), em relação à literatura e ao ensino de literatura em LI, estudadas através de releituras/adaptações de duas obras temáticas conceituais de duas bandas de rock: *The Raven*, (2003), de Lou Reed, e *Shadow of the Raven* (2007), do grupo estadunidense Nox Arcana; ambos, baseados nos textos literários do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, verificando, nos textos adaptados e escolhidos para a proposta, o que é conservado, transformado e atualizado por essas adaptações.

As atividades que deram origem aos artefatos multimodais e às propostas de ensino tinham objetivo de colocar os alunos como designers-produtores de sentidos, por meio da prática do letramento crítico. Além dos artefatos multimodais, os registros com as notas de campo e os fotográficos foram de fundamental importância para auxiliar as nossas reflexões. Para fins de análise, adotamos os princípios e passos da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (1977).

ANÁLISE DE ARTEFATOS MULTIMODAIS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nesta seção, nos propomos a apresentar e analisar dois artefatos multimodais produzidos pelos alunos colaboradores da pesquisa, devido à impossibilidade de trazer todos os artefatos multimodais produzidos por eles, trouxemos apenas dois para descrição e análise. O primeiro foi uma adaptação filmica do corvo e, em seguida, apresentamos a produção de um vídeo denominado pela aluna por *Poe and Reed: Literature and Music*.

UMA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DO CORVO

Para a produção do artefato multimodal vídeo – uma adaptação fílmica de “The Raven”, realizada por quatro alunas (K, D, C e N)³⁴, foi usado um aplicativo para a criação de vídeos, denominado *Video Show*, disponível para celular *Android* e *iPhone (IOS)*, sem limites da quantidade de imagens a serem usadas. É um editor grátis que é utilizado para criar vídeos com as fotos da galeria do celular. A ferramenta permite inserir fotos e vídeos, selecionar músicas para criar uma trilha sonora, além de adicionar textos e efeitos animados para deixar o filme personalizado, no estilo *Movie Maker*. O *App* é muito utilizado para criar clipes românticos ou homenagens para postar nas redes sociais.

As alunas selecionaram dez ilustrações do poema “The Raven”, feitas em 1863, por Paul Gustave Doré, que além de pintor e desenhista, foi um dos mais produtivos ilustradores franceses de livros em meados do século XIX. Ele chegou a ilustrar mais de 120 obras de autores como: Rabelais, Dante Alighieri, Honoré de Balzac, Miguel de Cervantes, John Milton, Samuel Taylor Coleridge, Lord Byron, Edgar Allan Poe, entre outros. Seu estilo se caracterizou pela inclinação para a fantasia, mas também produziu trabalhos mais sóbrios.

As alunas que realizaram esse artefato multimodal gostam muito de literatura e leem, com certa frequência, romances cor de rosa; três delas já leram adaptações de *Alice Adventure in the world*, de Lewis Carrol; *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe; e *Carol Christmas*, de Charles Dickens³⁵, conforme responderam no questionário aplicado. Quando estávamos estudando “The Raven”, por meio das animações, elas assistiram à adaptação dos Simpsons, em língua inglesa, e outra traduzida por Machado de Assis.

Assim sendo, levei o livro com o poema “The Raven”, numa edição trilingue, pois traz o poema em língua inglesa, traduzido para a língua portuguesa, por Machado de Assis e Fernando Pessoa, e uma terceira, em francês, por Charles Baudelaire. Fizemos a leitura colaborativa das estrofes em língua inglesa, comparando as adaptações e apresentando características dos personagens (o narrador e o corvo) entre as adaptações e como apareciam na língua inglesa.

Para construir a narrativa ficcional adaptada de “The Raven”, as alunas selecionaram 10 imagens entre as 30 do ilustrador que elas encontraram na internet. Essas escolhas se mostraram coerentes com a

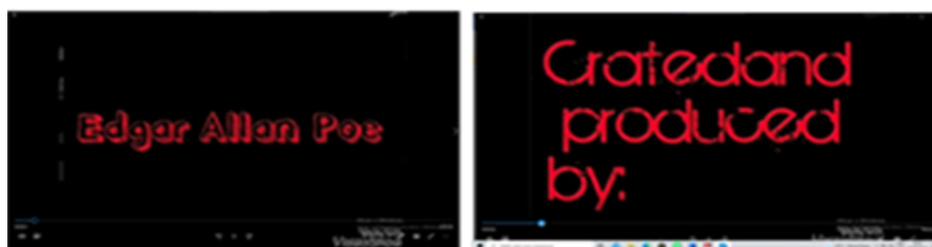
34 - Como são quatro alunas, optamos por não fazer uso das letras no decorrer do texto. Usaremos o termo as alunas. Salientamos que, conforme Comitê de Ética, para preservar as identidades dos estudantes e como a turma era formada por 26 alunos, cada um recebeu como pseudônimo uma letra do alfabeto.

35 - Elas leram essas obras da literatura inglesa adaptadas para a língua portuguesa.

proposta que elas criaram para recontar a história do corvo (*The Raven*), conforme ilustraremos através de figuras dos prints das cenas capturadas do vídeo produzido por elas.

Para a abertura do vídeo, as alunas trazem, na tela inicial, em vermelho com o fundo preto, o nome do autor do poema; a segunda imagem anuncia quem criou e produziu o vídeo (*Created and Produced By*); a terceira surge em movimentos de entradas e saídas rápidas da esquerda para a direita e vice-versa, com os nomes das alunas, mas o print foi retirado para preservar suas identidades, conforme o Comitê de Ética. As três telas iniciais têm o fundo preto com as letras destacadas em vermelho. Ver figura (1 e 2).

Figura 1 Figura 2

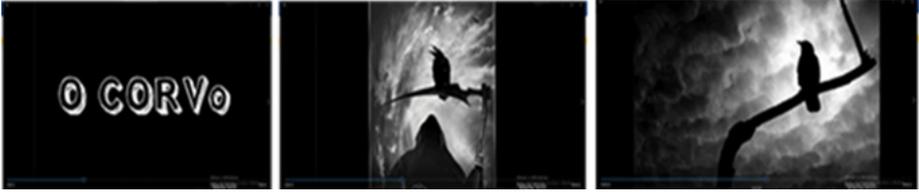


Fonte: arquivos de coleta de dados da pesquisa.

Para a linguagem verbal escrita, elas usaram dois tipos diferentes de fontes: a *Imprint MT shadow*, para o nome de Edgar Allan Poe e a *Arial Nov Cond*. A escolha das cores das letras em vermelho, sendo lançadas ao som da canção de um lado para o outro em um fundo preto, dá um destaque expressivo que lembra o início de filmes de suspense ou terror, pois a combinação dessas cores remete ao sangue e à morte ou, simplesmente, reforça o caráter sombrio do poema de Poe.

As alunas, além das imagens que são as ilustrações escolhidas para recontar o poema, também utilizaram um fundo musical, com parte da canção “Nevermore”, do álbum temático *Shadow of the Raven*, de Nox Arcana, que tanto no poema quanto na canção pode significar a escuridão causada pela falta de luz e o desassossego do personagem narrador pela perda da amada, bem como a angústia de não a reencontrar, isso somado à agonizante e perturbadora presença do corvo e à repetição daquilo que soava como morte para o narrador: “Nevermore”.

Figura 3 Figura 4 Figura 5



Fonte: Arquivos de coleta de dados da pesquisa.

Na terceira tela, também com o fundo na cor preta, surge o nome do poema em língua materna: “O Corvo” (ver figura 3). Desta vez, a opção de cor para as letras muda do vermelho para o branco. As alunas marcam o início da narrativa com o título do poema e a apresentação do personagem homônimo com um matiz de cores entre preto, cinza e branco, permanecendo, ao longo de toda a narrativa, o fundo preto com a imagem em tons acinzentados e preto (ver figuras 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13). Nas duas últimas cenas, que marcam o fim da narrativa, a cor vermelha é usada novamente nas letras para destacar a expressão “nunca mais” (*Nevermore*), acompanhada da penúltima imagem do corvo empoleirado sobre o busto de Palas (ver figura 12), e a última tela traz a morte em posição de descanso sobre a terra e o corvo alçando um voo (ver figura 13).

Figura 6 Figura 7 Figura 8



Figura 9 Figura 10 Figura 11



Figura 12 Figura 13



Fonte: Arquivos de coleta de dados da pesquisa.

As adaptadoras optaram por utilizar três modos de representação: visual, sonoro e verbal escrito, com prevalência dos modos visual e sonoro, haja vista que a narrativa é contada por meio das imagens, seguindo como roteiro o encaminhamento delimitado: após a tela com o nome do corvo, a posterior traz a imagem da personificação da morte com a ave repousando na gadanha que aquela carrega, o símbolo da morte. Desse modo, é impactante a tripla presença da morte simbolizada pelas imagens do corvo, da personificação da morte e pela gadanha. A imagem vai se movimentando e sendo substituída pela do corvo sobre a foice e vai fechando num close do animal sobre a foice (ver figuras 4, 5 e 6).

Na sexta imagem, o corvo aparece num superclose³⁶ lateral, dominando, praticamente, toda a cena. Esse tipo de plano é utilizado para revelar as características da personagem com mais força e intensidade dramática. Essa imagem, associada aos efeitos sonoros produzidos pela atmosfera melancólica e obscura que predomina na canção “Nevermore”, amplia o clima de suspense e terror do surgimento da criatura soturna, que aparece na cena seguinte, voando em direção ao quarto do personagem narrador do poema.

Percebe-se que há uma predileção das alunas em destacar o corvo e a sua simbologia no início da narrativa. Sobre os personagens, elas explicaram que escolheram as cenas conforme as estrofes do poema que elas consideraram mais representativas para contar sobre o encontro da ave com o narrador personagem. Consideramos a escolha e o ponto de vista das alunas muito criativos e acertados. No decorrer da explicação, faremos a inserção da estrofe do poema, como foi pensado por elas, para cada cena. No vídeo produzido, o personagem narrador do poema aparece na oitava, nona, décima e décima primeira cena.

Na oitava (ver figura 08), ele tem o seu quarto invadido pelo animal, cena essa que se reporta aos eventos ocorridos na sétima estrofe do poema:

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore;

Not the least obeisance made he, not a minute stopped or stayed
he, But, with mien of lord or lady perched above my chamber
door- Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door-
Perched and sat, and nothing more.³⁷

36 - Jacques Aumont e Michel Marie no livro *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema* (2003).

37 - Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça, / Entrou grave e nobre um Corvo dos bons tempos ancestrais. / Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento, / Mas com ar sereno e lento pousou sobre os meus umbrais, / Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais, / Foi, pousou, e nada mais. (7ª estrofe do poema “O Corvo”, tradução de Fernando Pessoa, 1924). In: POE, Edgar. *The Raven*. Ed. Trilingue (Inglês, Português e Francês). São Paulo: Empíreo, 2015.

A nona cena (ver figura 09) ilustra o momento em que o homem senta para conversar com o estranho visitante e está situada na décima segunda estrofe do poema:

But the Raven still beguiling my sad fancy into smiling,
Straight I weeled a cushioned seat in front of bird, and bust and door;
Them upon the vevelt sinking, I betook my self to linkin
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore –
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous Bird of yore/Meant in croaking “Nevermore”.³⁸

Na décima cena (ver figura 10), podemos comparar com a exaltação do eu lírico na 15ª e 16ª estrofes, quando ele se levanta e poderia dizer:

“Prophet!” said I, “thing of evil! – prophet still, if Bird or devil! –
Whether tempter sent, or wheter tempest tossed thee here ashore,
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted-
On this home by horror haunted – tell me truly, I implore-
Is there – Is there balm in Gilead? – tell me – tell me, I implore!”
Quoth the Raven “Nevermore”.³⁹

E na 16ª estrofe complementa:

“Prophet!” said I, “thing of evil” – Prophet still, if Bird or devil!By
that Heaven that bends above us – by that God we both adore-Tell
this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore –
Clasp a rare and radiante maiden, whom the angels name Lenore.
Quoth the Raven “Nevermore”.⁴⁰

Na décima primeira cena (ver figura 11), o personagem encontra-se caído diante da ave, demonstrando fragilidade e submissão. Segundo

38 - Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura, / Sentei-me defronte dela, do alvo busto, e meus umbrais; / E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira / Que queria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais, / Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais, / Com aquele “Nunca mais” (12ª estrofe do poema “O Corvo”, tradução de Fernando Pessoa, 1924). In: POE, Edgar. The Raven. Ed. Trilingue (Inglês, Português e Francês). São Paulo: Empíreo, 2015.

39 - “Profeta”, disse eu, “profeta - ou demônio ou ave preta! -/ Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais, / A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo / A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atrais / Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais / Disse o Corvo, “Nunca mais” (14ª estrofe do poema “O Corvo”, tradução de Fernando Pessoa, 1924). In: POE, Edgar. The Raven. Ed. Trilingue (Inglês, Português e Francês). São Paulo: Empíreo, 2015.

40 - “Profeta”, disse eu, “profeta - ou demônio ou ave preta! -/ Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais, / Dize a esta alma enristecida, se no Éden de outra vida, / Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais, / essa cujo nome sabem as hostes celestiais! / Disse o Corvo, “Nunca mais” (15ª estrofe do poema “O Corvo”, tradução de Fernando Pessoa, 1924). In: POE, Edgar. The Raven. Ed. Trilingue (Inglês, Português e Francês). São Paulo: Empíreo, 2015.

a Gramática do Design Visual – GDV, de Kress e Van Leeuwen (2006), a interação entre imagem (produtor) e leitor (espectador da imagem) envolve os participantes representados (pessoas, lugares, coisas representadas em imagens) e os participantes interativos (pessoas que se comunicam com outras por meio de imagens, os produtores e os leitores/espectadores dessas imagens).

No caso da cena, o personagem narrador é o participante representado que, visto do ângulo do qual é mostrado, em relação aos participantes interativos produtores ou leitores/espectadores da imagem, dá a esses uma sensação de posição de poder em detrimento daquela em que se encontra o personagem. Esse tipo de ângulo favorece ao leitor interpretar a cena e ver o personagem como derrotado, fragilizado.

Nessa cena, ele está derrotado, caído, desanimado, pois só ouviu do Corvo “*Nevermore*”, ou seja, nunca mais teria como encontrar sua amada Lenora. As alunas associam as duas últimas estrofes do poema a essas cenas:

Be that word our sign of parting, Bird or fiend!” I shrieked,
upstarting- “Get the back into the tempest and the Night’s
Plutonian shore!

Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
Leave my loneliness unbroken! – quit the bust above my door!”

take thy beak from out my heart, and take thy form from off my
door! Quoth the Raven“*Nevermore*.”⁴¹

E segue a última estrofe:

(And The Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;

And his eyes have all the seeming of a demon’s that is dreaming,

And the lamp lighto’er him streaming
throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the
floor

Shall be lifted – *nevermore*)!⁴²

41 - “Que esse grito nos apartes, ave ou diabo?”, eu disse. “Parte!? Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais! / Não deixes pena que ateste a mentira que disseste! / Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais! / Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!” / Disse o Corvo, “*Nunca Mais*” (17ª estrofe do poema “*O Corvo*”, tradução de Fernando Pessoa, 1924). In: POE, Edgar. *The Raven*. Ed. Trilíngue (Inglês, Português e Francês). São Paulo: Empireo, 2015.

42 - Abri então a vidraça, e eis que, com muita negação, / Entrou grave e nobre um Corvo dos bons tempos ancestrais. / Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento, / Mas com ar sereno e lento pousou sobre os meus umbrais, / Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais, / Foi, pousou, e nada mais. (7ª estrofe do poema “*O Corvo*”, tradução de Fernando Pessoa, 1924). In: POE, Edgar. *The Raven*. Ed. Trilíngue (Inglês, Português e Francês). São Paulo: Empireo, 2015.

Após a análise da atividade, fica a compreensão de que as alunas apreenderam o sentido de um texto adaptado, pois, ao elaborarem o artefato, tiveram de fazer escolhas de mídia, de modos (visual, sonoro, verbal escrito), não escolhendo as imagens de forma aleatória, conforme explicado, mas apresentando a compreensão sobre o que queriam narrar, a partir do poema, para fazê-lo significar por meio das imagens. A canção que usaram também foi adequada. Esperávamos que elas usassem “The Raven”, mas optaram por “Nevermore”, uma vez que acharam que era mais propícia para destacar a fala do corvo em resposta às perguntas do narrador.

As alunas tornaram a narrativa longa possível de ser contada em um vídeo bem curto. Podemos considerar que elas fizeram uso da sinestesia, visto que as adaptadoras, de forma criativa e consciente, tiveram de fazer seleções e tomar decisões até chegar à escolha dos modos como iriam comunicar seu texto. A sinestesia é a maneira que elas usaram para alternar esses modos e fazê-los significar. Segundo Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 184):

A sinestesia é uma maneira poderosa de apoiar e aprofundar o processo de ensino e aprendizagem, na medida em que se pode escolher expressar algo em palavras ou construir mais sentido usando uma figura ou um diagrama. Saber como representar e comunicar coisas de várias maneiras não é apenas uma questão de habilidade em lidar com diferentes modos, mas, sobretudo, uma questão de obter uma compreensão complexa e, nesse sentido, mais profunda dessa coisa.

O artefato produzido apresenta intertextualidade tanto com a canção de Nox Arcana quanto com o poema de Edgar Allan Poe. A intertextualidade nada mais é do que a influência ou relação entre dois ou mais textos, analisando as referências existentes entre eles. Tais referências podem ser notadas de formas explícitas ou implícitas e representadas sob diferentes maneiras, sejam elas auditivas, visuais ou escritas. Ela é uma espécie de diálogo entre as construções visíveis no conteúdo, na forma ou em ambas as situações.

É um fenômeno amplamente verificado em música, conforme as canções que trabalhamos na proposta desenvolvida na escola com os alunos e aqui apresentadas. Mas também, encontramos intertextualidade no cotidiano, em inúmeras outras situações, como nas propagandas publicitárias, nas artes plásticas, na dança, na literatura, nos seriados, nos filmes, nas séries, nas novelas, entre outras manifestações artísticas ou não.

POE AND REED: LITERATURE AND MUSIC

Para a realização deste artefato multimodal, os alunos utilizaram uma ferramenta tecnológica chamada *Chatter Pix Kids*⁴³, um aplicativo de educação interessante, porque possibilita aos alunos trabalharem a criatividade e a oralidade, visto que eles sentem muita dificuldade em se expressarem na língua inglesa por timidez e falta de um repertório vocabular. Essa ferramenta, de forma lúdica e simples, além de acessível e gratuita, ajuda a trabalhar a oralidade e permite o compartilhamento do material com os colegas.

Figura14: Edgar Allan Poe⁴⁴ **Figura 15:** Lou Reed (Old Poe)⁴⁵



Fonte: Arquivos de coleta de dados da pesquisa.

Conforme consta nas orientações do aplicativo, o aluno faz registros fotográficos do que deseja representar; abre o aplicativo; seleciona a foto desejada na galeria de fotos; desenha uma boca na foto selecionada e grava a mensagem desejada, que pode ser feita na hora ou pode já estar gravada e ser inserida.

O uso do *app* é prático, atrativo e útil para as aulas de língua inglesa, pois possibilita a prática da oralidade programada, já que na vida cotidiana vem se tornando cada vez mais natural gravar áudios para vídeos curtos, *whatsapp*, *podcasts*. O *TikTok* também tem sido muito utilizado, um aplicativo para *Android* e *iPhone* (*iOS*) voltado, exclusivamente, para a gravação e publicação de vídeos curtos, que podem ter entre 15 e 60 segundos, sendo a dublagem o foco principal, muito utilizado nas redes sociais.

A escola pode e deve usar tais recursos nas suas práticas pedagógicas inclusive e direcionados para a produção de vídeos com conteúdos educativos que podem ser compartilhados nas redes sociais, partindo-se da premissa de que alguns alunos já usam no seu cotidiano, mas que podem aprimorar seus usos para outras aprendizagens.

43 - *Chatter Pix Kids* é um aplicativo de educação desenvolvido pela Duck Duck Moose, LLC. A última versão do *Chatter Pix Kids* by Duck Duck Moose é 1.7.

44 - Este desenho foi, originalmente, produzido pelo aluno da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, do curso de Letras e me foi dado de presente. Levei o quadro para uma apresentação na aula de leitura onde desenvolvemos a proposta. Alguns alunos o reproduziram, dentre eles, essa.

45 - *Old Poe* é o nome dado há um dos personagens criados por Lou Reed em várias canções do álbum temático *The Raven*, produzido por ele, a partir dos textos de Poe.

Com a crescente necessidade de acessibilidade para todos, o que tem sido cada vez mais urgente após a pandemia, o contato com a oralidade não se dá apenas face a face (conversa simultânea), mas por meio de muitas outras possibilidades aventadas pelas tecnologias.

Os tempos mudaram e dentro das possibilidades de cada comunidade escolar, podemos inserir cada vez mais esses recursos como ferramentas que auxiliem a aprendizagem. O aplicativo mencionado, por ser de fácil utilização e gratuito, pode ser usado tanto por alunos mais tímidos, pois ele grava a sua fala e, depois, pode ouvir, mostrar aos colegas, como foi feito com essa atividade, como pode ser usado por alunos com mais experiência em *reading* e *speaking*.

Os alunos se divertem quando compartilham, mas também apresentam pontos de vista, criticam, elogiam e têm a oportunidade de ouvir suas vozes, reconhecer semelhanças e diferenças de timbre e entonação. Isso cria outra atmosfera para inserir o trabalho com a oralidade que, inclusive, na Base Nacional Comum Curricular-BNCC, aparece como um dos eixos majoritários (escrita, leitura, oralidade), já contemplado pelas Orientações Curriculares do Ensino Médio-Língua Estrangeira, OCEM-LE (2000). Além dos eixos citados, a Base traz os eixos linguístico e intercultural, que perpassam todos os demais, visto que a multiculturalidade deve estar presente em todos os eixos.

Isso ratifica a importância de trabalhos com a língua que levem em conta as múltiplas linguagens e, para isso, precisamos de professores e alunos multiletrados. Os avanços tecnológicos se expandem cada vez mais, de forma acessível, e mais pessoas hoje têm acesso à tecnologia de comunicação do que em um passado não muito distante, o que se deve muito aos avanços da própria tecnologia. Entretanto, uma parcela bastante significativa da população não tem esses recursos⁴⁶, aumentando, inclusive, a desigualdade social em tempos de pandemia.

Mesmo conscientes dessas desigualdades, sabemos que o uso cada vez maior da internet aponta para a necessidade de, em nossas aulas, inserirmos práticas de leitura que envolvam os alunos em leituras multimodais de forma crítica, e que incentivemos a produzir textos mais eficientes e úteis ao desenvolvimento das aprendizagens.

No caso do artefato produzido, a aluna optou por usar uma das imagens reproduzida pela colega R, que havia feito alguns desenhos de Poe para uma atividade anterior com o objetivo de ilustrar a fanzine produzida pela equipe dela. A aluna usou os desenhos com a permissão

46 - Esse aplicativo foi trazido pela aluna G, que gosta de ler textos da internet em língua inglesa, sempre ouve músicas em inglês e assiste a muitas séries com legendas em inglês.

da colega. Desse modo, fotografou o desenho da imagem de Poe, visto que pretendia criar a imagem de um dos personagens das canções de Lou Reed, denominado “Old Poe”.

Seguindo os passos do aplicativo, ela gravou com a própria voz, um excerto da canção, que foi apenas interpretada, mas ela imprimiu um tom de sofrimento e de cansaço à fala da personagem, o que produziu um bom resultado. Esse aplicativo traz um efeito interessante na imagem, que é uma fotografia, logo é estática. A diferença ocorre após desenhar uma boca na imagem (uma atividade aparentemente simples), mas requer uma boa coordenação, paciência e movimentos leves dos dedos para desenhar sobre a tela em cima da boca que já consta na imagem.

Faz-se um traço horizontal para poder dar a impressão de que a boca da imagem se movimenta e produz os sons. Alguns alunos sentiram dificuldade em desenhar a boca corretamente para dar a ideia de que a imagem estava emitindo o som, uma vez que o traço horizontal deve ficar bem alinhado com a boca para indicar que ocorrem movimentos labiais da fala e que demonstrem uma orientação coordenada com a expressão oralizada, ou seja, a voz dada à imagem produzida pelos alunos ou gravada de alguma situação comunicacional.

Aqui, observamos um dos modos de significar, a linguagem gestual, que se constitui através das expressões corporais, dos movimentos das mãos e dos braços, das expressões faciais, das apresentações corporais, das roupas, dos adereços, que imprimem certa linguagem corporal, conforme explicam Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020). É possível verificarmos essa preocupação da aluna com a linguagem gestual para compor a imagem de um guitarrista de banda de rock (os óculos, a guitarra, por exemplo).

Essa atividade é bastante divertida e ajuda os alunos, principalmente, aqueles mais tímidos, a se expressarem através do personagem criado por eles, ou escolhido, já pronto no banco de fotos. A aluna usou a imagem disponibilizada pela colega, conforme mencionado anteriormente. A imagem é um desenho de Edgar Allan Poe. Esta, portanto, serviu como base para a transformação da imagem, por meio do uso de recursos do aplicativo (decorar), ganhando nova interpretação.

O personagem ganha, assim, um novo sentido dado pela aluna, ou seja, ela usa uma adaptação da imagem do escritor de literatura Edgar Allan Poe que, somada a alguns recursos do aplicativo, remete à metáfora visual de um roqueiro – o adaptador da canção, Lou Reed (Figura 15). Mas também, a imagem representa o personagem criado por ele e que faz parte de algumas de suas canções.

Desse modo, a aluna adapta o texto, apresentando intertextualidade de três maneiras, conforme ela explicou na socialização do trabalho. Na primeira adaptação, ela quis apresentar uma metáfora visual das artes, conjugando Literatura e Música, justificando, assim, o título que ela criou para o artefato “Poe and Reed: Literature and Music”.

Ao unir as imagens de Poe (escritor) e de Poe (roqueiro), transformada pela aluna através do uso dos adereços disponíveis no aplicativo, ela consegue interferir na imagem inicial e apresentar uma releitura da primeira. O efeito é alcançado, inclusive, com a inserção de cores vibrantes (o vermelho e o amarelo), que produzem, nesse contexto, uma sensação de alegria e vivacidade, em contrapartida com as cores sombrias (preto e cinza), que acentuam o ar melancólico e triste impresso ao personagem pelo desenhista, diferente também do uso que a cor vermelha imprimiu ao sentido na contextualização do vídeo de “The Raven”, produzido pelas colegas e apresentado em seção anterior.

O uso da cor tem grande importância na composição de um texto multimodal, o que evidencia a necessidade de se trabalhar, com os alunos, esse recurso no texto. O uso das cores, como parte interacional da composição dos textos multimodais funciona, conforme Kress e Van Leeuwen (2006), como um dispositivo semiótico formal capaz de representar atitudes, ressaltar informações e estabelecer coerência e coesão nos textos, a depender do contexto em que estejam inseridas.

Desse modo, o uso das cores produz um laço coesivo que tem um significado definido no texto e no contexto a que as narrativas pertencem, visto que criam uma espécie de rima textual, ressaltando informações, atraindo a atenção do leitor para alguns pontos e possibilitando uma leitura em que os sentidos vão sendo construídos de acordo com cada uso.

Se confrontado com o uso, nesse outro artefato ora analisado, podemos comparar os diferentes sentidos produzidos pela utilização da mesma cor. No primeiro exemplo, do vídeo “The Raven”, a cor vermelha passa o significado representacional de sangue, simbolizando a morte e o sofrimento causado pela dor que o personagem narrador teve com a perda da amada e a insistente negação da ave agoureira, imprimindo mais dor e mais sofrimento, portanto, um sentido negativo.

Neste artefato, o significado representacional é outro. Apesar de ser a mesma cor, ela produz a sensação de que o rock representado pelos dois elementos (a guitarra e os óculos na cor vermelha) pode ser representado como alegria, energia, ação, aventura, excitação, o que, de certa forma, remete ao estilo musical.

De igual modo, a cor usada nas notas musicais foi a amarela, que também é uma cor que remete à alegria e ao otimismo, pois no estudo de design, ela também costuma ser vinculada ao sol, que é amarelo e sempre nasce radiante, fazendo oposição às saturações do cinza (preto, branco), que aparecem na primeira imagem de Poe, por ser uma cor neutra e fria que pode representar tristeza, desmotivação, falta de ânimo e sentimento depressivo.

O cinza, em diversas saturações, pode ser associado à intensidade do sentimento de tristeza, bem como no simbolismo com o jogo das cores preto e branco, a prevalência do cinza em diversos tons remete à velhice. Observemos que essas saturações do cinza predominam no personagem chamado Old Poe (Figura 15), mas pela inserção dos adereços coloridos (vermelho e amarelo) que, por serem cores vibrantes, agregam outros sentidos à nova paisagem visual. No entanto, mesmo assim, o cinza pode simbolizar o adjetivo (“Old”) ao qual o nome do personagem está ligado, ou seja, “este é o velho Poe, um roqueiro feliz, alegre, vibrante”.

A segunda intertextualidade remete ao tema do vício, uma vez que o problema das drogas (o álcool) é outro ponto que está simbolizado pela garrafa de bebida alcoólica, nas duas imagens, e que serve de corpo para os dois personagens. Quando observamos a primeira imagem, percebemos que o aluno que produziu o desenho relacionou a imagem de Poe à bebida, na medida em que substituiu o corpo dele por uma garrafa de *whisky*, como é comum observar esse problema na biografia do autor. De igual modo, encontramos, na biografia de Lou Reed, várias menções à dependência dele de álcool e outras drogas. Essa relação foi realizada porque os alunos fizeram as fanzines e pesquisaram sobre a vida e a obra dos autores.

Desse modo, os problemas são comuns tanto a Poe quanto a Reed, pois ambos enfrentaram, ao longo de suas vidas, sérios conflitos com o álcool, mas também remetem a um dos temas da narrativa ficcional de Poe, o conto “The Black Cat”, lido pelos alunos, o qual apresenta o tema do alcoolismo que agrava o estado de humor do personagem narrador, fazendo com que ele cometa atos assassinos.

Assim sendo, o problema do uso excessivo de bebida aparece no conto, conforme uma citação retirada da narrativa ficcional lida pelos alunos: “[...] uma noite, ao voltar para casa, **muito embriagado**, vindo de um dos meus antros da cidade, [...] essa malevolência demoníaca, **acentuada pelo álcool**, vibrava cada fibra da minha constituição” (POE, 2010, p. 51, grifos nossos)⁴⁷.

A garrafa de bebida representa, assim, uma metáfora visual para tratar do tema alcoolismo, o que confere intertextualidade tanto no tocante aos

47 - Excerto retirado do livro *Histórias extraordinárias de Edgar Allan Poe*. Traduzido por Antônio Carlos Vilela. Ilustrado por Poly Bernadete. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

aspectos da vida real dos autores (presentes nos textos biográficos) quanto a um dos temas abordados no conto *The Black Cat* (narrativa ficcional).

Por fim, a terceira intertextualidade da adaptação dialoga com um dos personagens criados por Lou Reed, Old Poe, no seu álbum temático, ele tanto cria personagens como títulos de canções usando o sobrenome de Poe seguido dos adjetivos *Young* ou *Old*. Acreditamos que o roqueiro usou o nome do autor dos contos como uma forma de homenageá-lo. Nesse caso, a aluna usa a metáfora visual do personagem (escritor/cantor) e o nomeia como Old Poe, conforme fez Reed. Além disso, ela performatiza um excerto da canção produzida por Reed, intitulada “Old Poe”. Usa a introdução da canção, que não é cantada, mas oralizada pela aluna de forma dramática, conforme o excerto “*As look back on my life if I could have glourious moment – the wondrous opportunity to compreehend – the chance to see my younger self one time – to converse o hears his thoughts*” (LOU REED, 2010, p. 732)⁴⁸ e a aluna complementa “*I am Old Poe*”.

Esse tipo de artefato multimodal condiz com a proposta solicitada na atividade porque apresenta mais de um modo de significar (visual, oral e gestual). A aluna se apropriou de recursos disponíveis (um aplicativo, mas também de um desenho de outra colega, dos conhecimentos adquiridos sobre adaptação, multimodalidades, intertextualidade, literatura, música, somados a outros conhecimentos de suas práticas sociais) e usa tudo isso como “um bloco de construção” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020) e, como uma *designer*, projeta outros significados que, embora apresentem semelhanças com os primeiros significados criados, nunca serão os mesmos dos anteriores, pois, conforme os autores citados, “se tornam significados retrabalhados (*redesigned*)”.

Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) ilustram bem esse processo quando definem o *redesigned* como um “resíduo”, “um traço de transformação” deixado no mundo social. Nesse contexto, “os textos do processo de *designing*” de uma pessoa se tornam recursos disponíveis para outras, num processo de contínua ressignificação de sentidos. Se confrontamos o conceito de intertextualidade textual, conforme Hutcheon (2011) define o processo, respeitando os limites de cada teoria, acredito que se abre um diálogo na forma de construir significados de um texto como um processo de *design* e um texto como adaptação.

A aluna demonstrou, no processo de adaptação de sua narrativa ficcional, habilidades que não se limitaram à repetição, mostrando

48 - O velho Poe: “Quando revejo minha vida – se pudesse ter o momento glorioso – a incrível oportunidade de compreender – a chance de me ver mais jovem uma só vez – de conversar... de ouvir seus pensamentos” (SCHWARTZ; GALINDO, 2010, p. 423).

capacidades de iniciativa, escolha e percepção crítica para o desempenho da atividade proposta. Dessa forma, o conceito de adaptação coaduna com as perspectivas teóricas propostas por Hutcheon (2011), que a compreende como um processo de criação, visto que essa prática pressupõe e envolve tanto uma (re)interpretação quanto uma recriação.

Corroboramos com a proposição de Rickli (2015, p. 2) quando afirma que Hutcheon (2011) “propõe em seu livro *Uma Teoria da Adaptação*, que cada pessoa desenvolve a própria teoria da adaptação. Nisso ressoa a ideia de que a adaptação realizada é apenas uma, entre tantas possibilidades.

A adaptação foi experienciada pela aluna, de acordo com Hutcheon (2011), enquanto um texto palimpséstico, por meio da lembrança de outros textos que ressoam através da repetição com variação. A aluna fez alusão à bebida (trazendo uma informação do mundo real dos autores) e a textos biográficos para fazer intertextualidade com um personagem de ficção, recriado por ela, ao usar a imagem do Poe real (escritor) e fundi-la com a ideia da metáfora visual do roqueiro (simbolizando Lou Reed), e depois o nomeou como “Old Poe”, remetendo ao nome de um dos personagens criados por Reed, em suas canções adaptadas da literatura de Poe. Em Reed, temos um caso em que se percebe uma mudança de adaptação do mundo real para o mundo ficcional, conforme Hutcheon (2011).

Diante disso, a escolha da aluna de como recontar a narrativa de diferentes modos está intimamente relacionada ao seu papel de leitora, à habilidade que desenvolveu de ler “além do texto”, à leitura criativa e à capacidade de construir sentidos ao relacionar seu artefato a outras produções (ao desenho da colega, aos textos biográficos, ao conto e à canção), somando-se ainda às próprias experiências e a seus saberes para a leitura.

Por meio das discussões em sala, a aluna percebeu que há mais a ser observado e valorizado em uma adaptação do que simplesmente sua “fidelidade” ao “texto fonte”. Acredito, pelos resultados dos trabalhos analisados até aqui, que não só a aluna em pauta, mas, de modo geral, todos os alunos perceberam que uma adaptação representa uma nova leitura, uma forma (dentre tantas outras) de ver a produção artística/literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com literatura via animações, canções e livros adaptados na Proposta com Multiletramentos literários nas aulas de LI, mostrou que as práticas de leitura multimodal estão presentes no dia a dia dos alunos e que podem ser implementadas também na sala de aula de LI como forma de atualizar as práticas já existentes.

O trabalho envolveu leituras e produções multimodais a partir de textos, demonstrando a sua eficácia para o desenvolvimento da criticidade, apesar de ter causado um certo estranhamento nos alunos e em mim, pelo desconhecimento desse tipo de prática letrada multimodal, dadas as limitações teóricas com o campo da música, principalmente.

O desenvolvimento de um tipo de proposta como essa deixou evidente a receptividade e as mudanças no comportamento nas atitudes dos alunos, tanto no envolvimento com a língua inglesa quanto com as leituras, pois proporcionou o contato com leituras plurais de textos que envolvem outras formas de fazer sentido, mostrando-se um trabalho profícuo.

Conforme Jenkins (2013), muitos jovens são leitores acostumados a se manifestar nas redes através de *blogs*, *vlogs*, *fóruns*, *postagens* em redes sociais sobre séries, filmes, games ou músicas favoritas e, também, sobre política, meio ambiente, direitos humanos, entre tantos outros tópicos. Contudo, também temos muitos jovens, que têm pouco ou nenhum acesso a essas redes, alguns nem eletricidade têm em suas residências, algo que foi observado com os participantes da pesquisa. Essa desigualdade gritante, somada a tantas outras questões impostas para esses jovens estudantes, coloca a escola como um *locus* de possibilidades, principalmente com o desenvolvimento de propostas que levem em consideração a agência dos alunos, a sua leitura e as suas vozes.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. (Tradução de L. de A. Rego & A. Pinheiro). Lisboa: Edições 70, 1977.

CARDOSO, Maria Verônica Tavares Neves. **A literatura em Língua Inglesa, via adaptações, no Ensino Médio público: leituras plurais e (multi) letramentos literários**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Maringá, PR, 307 f. 2021.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Changes the role of schools. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. New York: Routledge, 2006. p. 121-243.

COPE, B.; KALANTZIS, M. C. Language education and multiliteracies. In: HORNBERGER, N. H. (Org.). *Encyclopedia of language and education*, v.1. New York: Springer, 2008. p. 195-211

GRUPO DE NOVA LONDRES. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. In COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.). **Multiliteracies:**

literacy learning and the design of social futures. Routledge: Psychology Press, 2000, p.9-37.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

KALANTZIS; Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. 2020. **Letramentos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London/NY: Routledge, 1996[2006].

POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. Ilustrações Poly Bernatene. Trad. Antônio Carlos Vilela. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

POE, Edgar. **The Raven**. Ed. Trilíngue (Inglês, Português e Francês). São Paulo: Empíreo, 2015.

REED, Lou. **Atravessar o fogo: 310 letras**. Tradução de Christian Schwartz e Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

RICKLI, Andressa Deflon. **Cinema e Literatura: a adaptação em cena**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ, 2015.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Fanfics - um caso de letramento literário na cibercultura? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 29-33, abr./jun. 2008.

A CONSTITUIÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE EM MEMES DA INTERNET

Deywid Wagner de Melo
Marcos Vinícius Lúcio Fragoso

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Meme é um gênero textual que faz parte do acervo histórico e cultural de uma sociedade, e não se configura como um recurso meramente ilustrativo. As narrativas meméticas comportam textos com linguagem verbal e não-verbal que juntas produzem maior efeito de sentido quando estão relacionadas com os demais critérios da textualidade, como a intertextualidade que é uma característica inerente ao gênero em questão.

O presente estudo tem sua produção desenvolvida no campo de conhecimento da Linguística Textual e dos Estudos de Gêneros Textuais e obtém, como problemática, a análise das relações intertextuais que podem ser encontradas no gênero em pauta através de análises realizadas, a fim de verificar que a intertextualidade é um fator constitutivo nos memes encontrados na internet.

O objeto de estudo que denomina este conjunto de conhecimentos e que dá forma ao gênero textual meme configura-se na exposição e a explicação de como se dá a relação constitutiva entre o gênero textual analisado neste trabalho, a manifestação dos fenômenos intertextuais e suas classificações. Dessa forma, esta pesquisa objetiva compreender a difusão dos memes como gênero textual da internet, bem como suas manifestações e relações estabelecidas com outras produções.

Os gêneros textuais apresentam uma função social em determinada situação comunicativa, pois sua finalidade é promover interação verbal entre os falantes. Nesse sentido, toda comunicação irá se firmar através de um gênero textual, que carrega características dinâmicas, variáveis e autênticas como afirma Marcuschi (2008). Assim sendo, podemos pensar no meme como um mecanismo social da linguagem que possibilita a comunicação entre os falantes, abarcando a intertextualidade como um

fator da textualidade que corrobora para este processo cognitivo, cultural e histórico que é realizado por intermédio dos gêneros textuais.

Com a popularidade da rede mundial de computadores no século XX, as manifestações das narrativas meméticas passam a ganhar cada vez mais força e utilização pelos internautas, uma vez que este gênero textual pode ser compreendido, genuinamente, também como um gênero virtual. Além disso, como o mundo digital através das redes sociais passa a fazer parte do cotidiano da maioria das pessoas e os memes são produções intrínsecas à internet, podemos afirmar, logo, que esse gênero textual e seus critérios da textualidade passam a ser mais comuns no dia a dia das pessoas.

Nesse panorama, os estudos acerca da memética e da intertextualidade, com a proliferação dos memes, passam a ser mais frequentes pelo interesse que o gênero em questão desperta nos leitores. Assim, surge o título do presente estudo “A Constituição da Intertextualidade no Gênero Meme da Internet”, que insere o trabalho aqui apresentado numa perspectiva de abordagens conceituais sobre gênero textual, as manifestações de intertextualidade e suas classificações, e como verificar essas manifestações intertextuais nos memes da internet. Importante também destacar que se trata de uma pesquisa de conclusão de curso e está vinculada ao DALLT – Grupo de pesquisa: Descição, Análise Linguística, Literatura e Texto do Curso de Letras – Língua Portuguesa, Campus de Arapiraca da UFAL.

Dessa forma, o presente trabalho pretende fomentar saberes que possam auxiliar estudiosos da linguagem e quaisquer leitores do gênero em questão para que eles possam reconhecer e empregar as estratégias linguísticas para interpretação e análise dos memes, reconhecendo a intertextualidade como principal critério da textualidade para esse gênero.

O referencial teórico desenvolvido sustenta-se, predominantemente, nas teorias sobre o estudo dos gêneros textuais de Marcuschi (2008) e Koch e Elias (2009), nas abordagens acerca do surgimento do conceito meme – Dawkins (2007), Recuero (2009), nas abordagens sobre conceitos de intertextualidade – Koch e Elias (2008), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Samoyault (2008) e nas exposições desenvolvidas por Cavalcante (2012) que, por sua vez, fundamenta-se na (re)organização feita por Piègay-Gros (1996), entre outros autores.

A metodologia utilizada, neste trabalho, traz abordagens de caráter qualitativo e bibliográfico, com análises de cunho mais descritivo que exploratório, visto que essas análises buscam descrever de forma geral determinado objeto, para o desenvolvimento da pesquisa, sustentando-se em princípios teóricos da Linguística Textual e em Estudos sobre o Gênero Textual.

Este trabalho é organizado na apresentação da problematização da pesquisa, objetivos e justificativa, referencial teórico, metodologia, discussões e análises, considerações finais e referências.

Nessa perspectiva, o presente estudo objetiva analisar o meme da internet como gênero textual, embasando-se nas relações intertextuais, a fim de verificar que esse critério da textualidade é um fator constitutivo dessa produção digital para a promoção e garantias de sentidos nesse texto.

PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa é desenvolvida com o interesse em descobrir se as relações de intertextualidade são, de fato, elementos constitutivos da estrutura, estilo e temáticas abordadas nas narrativas meméticas. Com isso, evidencia-se a disposição em analisar as relações da intertextualidade nesses textos de suporte midiático.

Outrossim, foram lançadas algumas reflexões que ajudaram a nortear a construção de conhecimentos que são concretizadas nesta pesquisa: Os memes da internet podem ser classificados como gênero textual? A intertextualidade é, de fato, elemento constituinte e preponderante para formação e significação desse gênero? E qual a função social do gênero textual em pauta?

Dessa forma, embasado em pressupostos da Linguística Textual, como estudos de gêneros, sua composição e funcionamento, e a tipificação das relações de intertextualidade, como um dos critérios da textualidade, é que os tópicos de reflexão serão respondidos, confirmando a possibilidade da natureza intrínseca da formação de sentido dos memes como gênero textual graças à constituição intertextual presentes neles.

OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS

O presente estudo tem como interesse principal compreender a difusão dos memes como gênero textual da internet, bem como suas manifestações e relações estabelecidas com outras produções. Além disso, podemos pensar ainda em mais objetivos que se podem alcançar com esta pesquisa.

Nesse panorama, como interesses específicos, o trabalho busca perceber as características que formam os memes da internet; entender o que faz o meme ser considerado um gênero textual; e encontrar e analisar as relações intertextuais presentes nessas produções e a quais textos elas fazem menção.

O gênero textual meme foi eleito para ser, junto à intertextualidade, tema central deste trabalho, porque seu uso tem sido recorrente, nos últimos anos, em todos os contextos comunicativos da sociedade, por muitas pessoas de todas as idades, sexo e ideologias. Além de portar um caráter autêntico e capaz de se replicar para outras realidades ressignificando, em cada uma delas, seus sentidos, os memes da internet se comportam como elo entre muitas outras produções textuais e discursivas, tendo como objetivo ridicularizar, persuadir, fazer menção a algo ou a alguém, criticar e entre muitas outras finalidades.

Sendo assim, este trabalho apresenta-se relevante, pois oferta possibilidade a estudiosos da linguagem e a qualquer leitor aprofundarem seus conhecimentos acerca dos memes e suas propriedades, bem como identificar a relação que as narrativas meméticas estabelecem com outros textos físicos ou virtuais, além de desmistificar ideias superficiais sobre o conceito dos memes da internet, colocando-os, de fato, como gênero textual e não como uma produção banal e sem significações.

A partir deste estudo, podemos compreender a formação de estilo e de sentidos dos memes da internet através das relações de intertextualidade presentes, sejam elas de co-presença (explícita ou implícita) ou de derivação. Além disso, acreditamos, também, que o presente trabalho pode contribuir para que estudiosos da linguagem e quaisquer leitores utilizem os conhecimentos produzidos como meio de facilitar o estudo e a compreensão dos memes e suas relações intertextuais presentes nas práticas sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo do entendimento de que o meme da internet é, de fato, caracterizado como um gênero textual e a intertextualidade é um critério da textualidade fundamental para a sua produção de sentido, esta proposição de pesquisa percebe as características que formam os memes da internet, entendendo o que faz um meme ser considerado um gênero textual e analisando as relações intertextuais presentes nessas produções e a quais textos elas fazem menção.

Primeiramente, é necessário entender que o estudo dos gêneros textuais não é algo intimamente relacionado com as pesquisas das últimas décadas, mas desde a formação do conhecimento em sociedade, pois a noção de gênero textual é introduzida por Platão e Aristóteles. Dessa forma, Marcuschi (2008) afirma que:

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX (MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Assim sendo, os gêneros textuais fizeram e fazem parte de todo o processo sociocultural da humanidade, ganhando novas significações e conceitos com o passar do tempo e dos autores que prestam estudos a essa área do conhecimento que analisa os textos. Nesse sentido, atualmente, não somente a literatura carrega o interesse pelos gêneros textuais, mas a área da Linguística que estuda o texto - quer escrito, quer oral - com foco na comunicação e interação entre os interlocutores, ou seja, a Linguística Textual, além dos Estudos de Gêneros.

Os gêneros têm ganhado mais ênfase no plano dos estudos textuais por serem entidades que se apresentam como formas essenciais que auxiliam e firmam a prática comunicativa de nossa sociedade, além de abarcar várias áreas de pesquisa que se interessam pelo estudo, garantindo uma vasta multidisciplinaridade às análises feitas.

Além disso, podemos pensar que a prática dos gêneros textuais não é uma atividade puramente ligada ao domínio das formas linguísticas e sim ao seu desempenho num contexto comunicativo e social. Koch e Elias (2009, p. 61) afirmam que “dominar um gênero consistiria no próprio domínio da situação comunicativa [...]”, portanto, quando se tem profunda intimidade com o gênero textual, há a facilidade de realizar linguisticamente os objetivos da comunicação.

Graças a essa natureza, os gêneros textuais também funcionam como um poderoso instrumento para a integração social, uma vez que sua plena realização se dá no ato da comunicação dos interlocutores, fortalecendo, assim, as relações sociais, humanas e linguísticas.

Tendo em vista que os gêneros textuais surgem com a criação de novos contextos de informações, para garantir o estabelecimento do processo de comunicação e interação entre os interlocutores com seus objetos sociocomunicativos estabelecidos, podemos pensar no meme da internet, um gênero ascendente que surge com o princípio e o avanço da globalização.

Atualmente, o processo de comunicação e interação realiza-se por quaisquer pessoas que portem os aparelhos midiáticos necessários para executar tal ação e é com esta percepção que se pode afirmar que o planeta, a cada dia, tem se transformado numa imensa aldeia global.

Convém lembrar que, com a revolução industrial, as tecnologias têm sido cada vez mais frequentes no dia a dia das pessoas. Apesar de

esse contexto histórico ser dividido em fases, com suas características particulares, podemos inferir que todos os aparatos desenvolvidos no período revolucionário estavam e estão diretamente interligados com o intuito de tornar prática a rotina das pessoas objetivando facilitá-la.

O século XX situa-se na terceira fase da revolução industrial, período voltado para o desenvolvimento da ciência, tecnologia, eletrônica e robótica. Nesse momento, é criada a internet, dispondo um vasto sistema informacional, além de unir usuários de todas as partes do globo terrestre por meio de uma relação dialógica virtual.

Nesse viés, redes sociais como Facebook, Instagram, WhatsApp e entre muitas outras têm sido locais de interação e fortalecimento das relações comunicativas. Com o avanço da rede mundial de computadores, foi possível, nessa área, visualizar um desenvolvimento maior na forma de se comunicar e de se fazer comunicação.

À medida que os meios tecnológicos evoluem, surgem novas atividades comunicativas que dão forma a novos gêneros textuais, promovendo a interatividade que é uma ferramenta primordial para a internet e seus respectivos gêneros de suporte digital.

Nesse panorama de revolução industrial, globalização e ascensão da internet, surge um novo, influente e muito usado gênero textual: o meme da internet, que a cada dia ganha mais espaço no mundo virtual através das redes sociais, abrindo espaços para manifestações de opiniões, críticas sociais, reflexões e novos hábitos sociocomunicativos.

A palavra meme é uma abreviação da palavra grega *mimese* que significa imitar. O conceito foi, originalmente, cunhado por Richard Dawkins em sua célebre obra “O Gene Egoísta”, publicado em 1976. Nesse sentido, Dawkins (2007, p. 148) define Meme como “unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação”, ou seja, como um vírus no sentido de replicação informacional.

Para Dawkins (2007):

Da mesma forma como os genes se propagam no “fundo” pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no “fundo” de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro (DAWKINS, 2007, p. 148).

Assim sendo, em ambientes comunicacionais da internet, a palavra meme remete à viralização de conteúdos das mais variadas esferas de temas nas redes digitais. Enquanto os genes replicam informações de corpo para corpo, os memes as propagam de um cérebro para outro. Dessa forma, a comunicação através das informações surge e se multiplica de forma espontânea, recontextualizando várias modalidades de formas, mediante a notoriedade de algum acontecimento de determinado contexto sociopolítico, visando à crítica, produção de comentários, reflexões, indignações, pautados muitas das vezes na sátira e ironia.

Além disso, para um meme sobreviver e manter seu sentido no mundo virtual, ele necessita de algumas características inerentes para o efeito de significação e sua popularização. Para Recuero (2009):

Dawkins (1979) e Blackmore (1999) apontam como características essenciais dos memes para a sua sobrevivência: a longevidade, a fecundidade e a fidelidade das cópias. A longevidade é a capacidade do meme de permanecer no tempo. A fecundidade é sua capacidade de gerar cópias. Por fim, a fidelidade é a capacidade de gerar cópias com maior semelhança ao meme original (RECUERO, 2009, p. 124).

Assim, essas particularidades devem estar associadas às narrativas meméticas para auxiliar as produções desse gênero a se perpetuarem e garantirem máximos significados e replicações de informações na rede de computadores.

O meme se replica no tempo e espaço tornando-se um poderoso meio viral que acontece e faz menção a maioria dos textos da atualidade como vídeo, imagem, frase, ideia, música e entre outros que se espalham entre vários usuários, alcançando muita popularidade.

Se é aceitável pensar que os variados gêneros textuais estão relacionados à prática comunicativa e interação social, logo, podemos inferir que os memes também fazem parte desse rol de gêneros textuais por desempenhar os mesmos objetivos sociocomunicativos. Para Recuero (2009, p. 122), os memes são gêneros “potencializados pela rede e parte da dinâmica social desses ambientes”.

Por sua vez, o meme é um gênero textual virtual, concretizado em textos midiáticos que, para Melo Junior, Morais e Santos (2020), tem a capacidade de expor e argumentar situações humanas por meio de discursos empíricos vividos ao longo do tempo.

Além disso, Dawkins (2007) postula uma corrente específica para o estudo formal do gênero meme: a memética, a qual trata os humanos não apenas como produto de uma evolução biológica, mas de uma evolução

cultural, que tem uma capacidade transformativa textual, ou seja, aptidão em modificar e transformar as informações de um texto do cotidiano, ocupando novos sentidos e novas formas.

Como os gêneros estão associados à linguagem que, por sua vez, é dinâmica, a memética, como estudo formal deste gênero, apresenta igual dinamicidade, logo, esse é o processo em que uma ideia ou meme muda conforme é passado de uma pessoa para outra. A dinamicidade memética cresce quando esse gênero é replicado de uma maneira descuidada ou até mesmo com pontos omissos e ambíguos.

Podemos pensar, agora, em um critério que garante significados e sentido pleno ao gênero textual meme: a intertextualidade. Para Cavalcante (2012):

O conceito de intertextualidade surgiu no âmbito da crítica literária, com a autora Julia Kristeva (1974), para quem todo texto é realmente um mosaico de citações de outros textos. Kristeva, na verdade, se apoiava no postulado bakhtiniano do dialogismo, conforme o qual qualquer enunciado é resposta a enunciados anteriores e potencializa o surgimento de outros enunciados, quer imediatos, quer distantes (CAVALCANTE, 2012, p. 146).

O termo intertextualidade pode ser pensado como um importante fator da textualidade que, apoiado no dialogismo bakhtiniano, considera toda produção de texto um elo de referências entre outros textos (texto-fonte e demais produções), firmando, assim, a intertextualidade em várias relações constitutivas.

Koch e Elias (2008) defendem que:

A intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos (KOCH; ELIAS, 2008, p. 86).

Ainda para as autoras Koch e Elias (2008), a intertextualidade acontece quando um dado texto faz menção a outro, utilizando um intertexto de uma produção anteriormente feita a qual faz parte dos conhecimentos enciclopédicos da sociedade em geral.

A intertextualidade é considerada um critério da textualidade, como postula Marcuschi (2008), que tem como principal objetivo firmar uma conversação e a comunhão de ideia de uma produção com outra(s), visto que nenhum texto é solitário e uma de suas essências é, justamente, referenciar outras obras.

Dessa maneira, Cavalcante (2012) aborda, nos estudos acerca da conversa entre textos, a perspectiva de Genette (1982) que estuda tais processos no texto literário. A proposta é, mais tarde, reorganizada por Piègay-Gros (1996), aplicando-a também aos estudos literários. A sugestão resume-se à divisão das relações intertextuais em relações de co-presença que estão subdivididas em explícitas (citação, referência) e implícitas (plágio e alusão) e de derivação (paródia, travestimento burlesco e pastiche).

Vale ressaltar que, para o processo de intertextualidade se firmar e causar significação ao texto, é necessário tanto que o leitor, minimamente, tenha ciência do texto-fonte, como busque ativar seus conhecimentos pela busca de produções textuais anteriores que, de alguma forma, mantenham relações (de co-presença ou derivação) com o texto em análise, pois, em alguns casos, os intertextos podem assumir e transmitir novos conceitos em novas perspectivas.

Assim, a intertextualidade, fator primordial para a construção textual, define-se como o conjunto de relações constitutivas de um texto com outros. Marcuschi (2008, p. 131), ao pensar sobre o fenômeno em questão, afirma que “[...] a intertextualidade colabora com a coerência textual. É hoje estudada detidamente porque tem importância fundamental ao relacionar discursos entre si [...]”.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta abordagem metodológica qualitativa, pois ele se detém na qualidade da interpretação e descrição do objeto de estudo da pesquisa em questão, não elegendo a quantificação como instrumento relevante para a análise dos dados.

Desse modo, Paiva (2019, p. 13) afirma que as formas de análise de uma pesquisa qualitativa “incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interação, de documentos (textos, imagens, filmes ou música), etc. Esse tipo de pesquisa é também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística”, e todos esses procedimentos de compreensão, interação e análises de produções, bem como os resultados que foram traduzidos em conceitos/ideias são seguidos no presente trabalho confirmando sua natureza mais qualitativa em detrimento da quantitativa.

Este estudo embasa-se por ter procedimentos qualitativos com ênfase na pesquisa bibliográfica, já que boa parte dos conceitos apresentados foram obtidos através de uma revisão de literatura com a seleção de informações já existentes e contextualização dos dados encontrados para a fomentação

do objetivo central da pesquisa, e objetivo descritivo, pois os dados são analisados e descritos cuidadosamente através do entendimento dos fatos.

O aporte teórico da pesquisa concentra-se, principalmente, em Marcuschi (2008), Koch e Elias (2008, 2009) no que se refere ao tratamento com os gêneros textuais. Em relação ao gênero textual meme foram evocados estudos cunhados por Dawkins (2007), Recuero (2009) e Melo Júnior, Morais e Santos (2020). Quanto à conceituação de intertextualidade e de suas manifestações, foram usados como fundamentação os conceitos desenvolvidos por Koch e Elias (2008), Cavalcante (2012), Koch, Bentes e Cavalcante (2007) e Samoyault (2009).

Os memes coletados foram retirados da internet para análise. Páginas abertas de redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e afins servirão como meio de pesquisa das produções meméticas utilizadas neste trabalho. A fim de tornar uniforme o objeto da pesquisa, todos os memes compartilharão da mesma perspectiva: abordagens políticas no cenário do governo do país (2019-2022).

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho são, assim, estabelecidos:

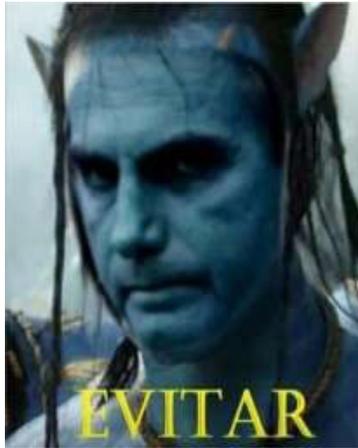
Revisão da literatura a respeito da concepção de gênero textual, a compreensão da contextualização do gênero meme e ainda a intertextualidade como fator preponderante na constituição das narrativas meméticas;

Análise de memes da internet, observando o contexto sociocomunicativo e as relações intertextuais presentes no referido gênero textual.

DISCUSSÕES E ANÁLISES

Para ilustrar os tópicos desenvolvidos até aqui, segue a análise de dois memes. O primeiro foi encontrado na rede social *Tweet*, no perfil Humor Político, publicado no dia 23 de novembro de 2021. A narrativa memética a seguir comunga com a obra fictícia “Avatar” que foi produzido tanto nos cinemas, no ano de 2009, sob direção de James Cameron, quanto com o livro “A Ciência de Avatar”, publicado em 2015, de Stephen Baxter.

Figura 1: Meme “Evitar”



Fonte: (HUMOR POLÍTICO, 2021).

Observando as relações que o meme acima tem com as obras já supracitadas, afirmamos que o texto em análise deforma o texto-fonte, criando uma produção concretizada em um intertexto que se concentra no limbo entre as diferenças e as semelhanças da narrativa memética com a obra “Avatar”. Dessa forma, encontramos, no meme em questão, a presença da relação intertextual por derivação do tipo paródia, pois percebemos que nessa relação intertextual o texto preexistente é retrabalhado, como afirma Samoyault (2008).

Nesse exemplo, temos a transformação da obra precedente com uma modificação do personagem principal, Avatar caracterizado de Bolsonaro, e do nome do filme/livro, com a substituição do fonema /a/ pelo /e/. Nesse caso, o sujeito Bolsonaro foi recategorizado. Ademais, é de extrema importância que nesse tipo de relação intertextual, o leitor ative seus conhecimentos de mundo para reconhecer a presença do intertexto e relacione-o com a obra original.

A paródia visa desenvolver funções discursivas que “podem ser humorísticas, críticas, poéticas etc.” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007, p.137) e é a partir dessa função que conseguimos compreender e interpretar a presente produção.

A relação intertextual do meme em questão visa uma crítica direta ao presidente da república da ocasião, apelando ao sarcasmo, pois no filme “Avatar” há um jogo de interesses pelo planeta onde vivem os avatares, para extrair o que há de mais precioso, semelhantemente, é o que o governo Bolsonaro tem feito com as reservas naturais do Brasil, através de algumas ações que vão de encontro às pautas ambientais e ecológicas.

O segundo Meme foi encontrado no *Tweet*, no perfil aberto @bielgoulartp, e publicado no dia 17 de agosto de 2018. A produção que será analisada começou a ser compartilhada na internet, após o debate com os presidenciáveis na emissora de televisão brasileira RedeTv. Na ocasião, o então candidato em tela não apresentava uma boa desenvoltura nas respostas às perguntas feitas e um discurso não consistente aos temas sorteados para o debate. Dessa forma, houve uma repercussão negativa nas redes, gerando Memes como o que será analisado a seguir.

Figura 2: Meme “Mente Vazia”



Fonte: (GOULART, 2018).

Ao observarmos o presente texto, rapidamente, nosso conhecimento enciclopédico é ativado e somos reportados para o provérbio popular: “Mente vazia é oficina do diabo”. A partir disso, podemos inferir que estamos diante de um caso especial de intertextualidade que é classificada como *détournement*, um tipo particular de paródia. Essa relação visa uma pequena deformação de pequenos textos como, por exemplo, os provérbios populares.

Aqui, vemos que o vocábulo diabo foi trocado por Bolsonaro para garantir sátira no sentido que o Meme quer provocar nos leitores. Dessa forma, essas personalidades são aproximadas, sugerindo aos leitores que pessoas com mentes vazias, ou seja, com pouco esforço de pensamento crítico, são facilmente manipuladas por figuras negativas. Acontece uma recategorização “diabo”, referindo a Bolsonaro.

Essa transformação que ocorre no texto-fonte, como a substituição de palavras, é sutil, porém não impede que o texto apresente argumentos e discursos bem definidos, já que as modificações feitas nos fragmentos ressignificam o contexto de produção, orientando para novas significações e sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou corroborar com os estudos da linguagem numa perspectiva linguístico-textual através de estudos sobre a constituição da intertextualidade como fator primordial na formação e significação das narrativas meméticas presentes na internet.

Percebeu-se que os Memes analisados, instrumentos virais, trabalham com elementos da textualidade, com maior ênfase na intertextualidade, em um processo de identificação e tipificação coletiva, demonstrando a construção de sentido que é possível edificar nestas produções. Dessa maneira, vimos que não se trata apenas de uma forma de entretenimento para algum determinado público nas redes sociais, mas de uma reflexão acerca das relações que esse gênero exerce sobre outros e sobre a sociedade.

Além disso, os estudos também evidenciam que as produções meméticas são eivadas de multissignificação, longevidade, fidelidade e fecundidade. Tais características podem ser percebidas pelos leitores através de seu repertório bibliográfico e conhecimento enciclopédico. Nesse viés, os indivíduos que não possuem uma coletânea ampla terão possíveis dificuldades na compreensão dos sentidos constituídos no gênero em questão.

Constata-se que os processos intertextuais e as múltiplas vozes estão presentes neste gênero nos exemplares analisados, promovendo uma interação entre a produção textual e o leitor, não limitando o gênero a um processo de decodificação ou extração do pensamento do autor. Assim, não é de muito interesse perceber como os Memes estarão representados ou as temáticas que eles abordarão, em todos eles existe um hipertexto, existindo através de processos intertextuais, que é responsável pela produção de sentido do gênero meme.

Pode-se compreender, então, que as técnicas intertextuais vão muito além da linguagem presente nos textos verbais, no caso dos Memes, é indispensável que o leitor indague o vínculo das relações de intertextualidade e seus tipos com as demais imagens que o compõe para que seja possível uma compreensão mais ampla dos sentidos produzidos pelo gênero textual.

Por fim, a partir deste trabalho, podemos compreender a formação de estilo e de sentidos dos Memes da internet através das relações de intertextualidade presentes nele, sejam elas de co-presença (explícita ou implícita) ou de derivação. Além disso, acreditamos, também, que o presente trabalho pode contribuir para que estudiosos da linguagem e

quaisquer leitores utilizem os conhecimentos produzidos como meio de facilitar o estudo e a compreensão dos Memes e suas relações intertextuais presentes nas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOULART, Gabriel. **Só passando para lembrar #DebateRedeTV**. [S. l.], 17 ago. 2018. Twitter: @bielgoulartp. Disponível em: <https://twitter.com/bielgoulartp/status/1030644106257686528?s=20>. Acesso em: 30 nov. 2021.

HUMOR POLÍTICO. **#Memes**. [S. l.], 23 nov. 2021. Twitter: @HumorPoliticobr. Disponível em: <https://twitter.com/humorpoliticobr/status/1463180929422307332?s=21>. Acesso em: 29 nov. 2021.

KOHC Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

KOHC, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

KOHC, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO JUNIOR, José Nildo Barbosa de; MORAIS, Eduardo Pantaleão de; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Aspectos Retóricos No Gênero Textual Meme Na Internet.

fólio – Revista de Letras, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 49-79, 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SAMOYALT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

A PATEMIZAÇÃO E OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS EM MATÉRIAS DO JORNAL O DIA SOBRE O SANATÓRIO MEDUNA

Francisco Herbert da Silva
João Benvindo de Moura

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho apoia-se na Análise do Discurso Semiolinguística, de forma específica, nas noções de ato de linguagem, contrato de comunicação, *pathos* e imaginários sociodiscursivos, a fim de compreender os discursos acerca da loucura, produzidos pelo jornal piauiense O Dia e publicados através de notícias ou reportagens sobre o sanatório Meduna, localizado na cidade de Teresina, capital do Piauí. A pesquisa se propõe a buscar respostas para as seguintes inquietações: quais os efeitos de sentido materializados em notícias e reportagens publicadas pelo jornal O Dia sobre o sanatório Meduna? Como o jornal lida com a patemização para informar e persuadir seus leitores?

Nosso objetivo geral consiste em analisar a produção de sentidos acerca da loucura num veículo midiático. Já os objetivos específicos são: compreender as notícias e reportagens enquanto atos de linguagem; explicitar o contrato de comunicação estabelecido entre o veículo de comunicação e seus leitores; desvelar o fenômeno da patemização na construção da finalidade comunicativa do jornal no que tange à credibilidade (informar) e à captação (afetar pela emoção), além de classificar os saberes nos quais se assentam os imaginários sociodiscursivos mobilizados pelo jornal.

Esta investigação se justifica pela necessidade de uma melhor compreensão da materialidade discursiva presente nas notícias e reportagens publicada pelo jornal O Dia sobre a diversidade do público

internado no sanatório Meduna, assim como entender de que forma o jornal tratou, na época, de questões polêmicas, tais como relatos de agressão e morte dentro da instituição.

Até o presente momento, no banco de dados da *Capes* não se encontrou nenhuma pesquisa tendo essa materialidade textual-discursiva como escopo de análise. As investigações históricas acerca do referido manicômio apontam para uma situação de invisibilidade dos seus pacientes portadores de doenças mentais, ao tempo em que se percebe um foco acentuado na visibilidade do sanatório como instituição extremamente eficiente na recuperação dos internos. Percebe-se, ainda, uma preocupação considerável com a reforma psiquiátrica no contexto piauiense.

Assim, partiu-se do trabalho de Franklin e Rêgo (2018) que busca compreender a invisibilidade do portador de doenças mentais em notícias do jornal *O Dia* no período de 1954 até 2010. Também consideramos a discussão de Franklin e Teixeira (2021) que analisa a “construção da figura do louco no Piauí a partir de matérias publicadas no jornal *O Dia*, no período de 1970 a 2019”. A preocupação das autoras foi abordar sobre a problemática da loucura em notícias do jornal *O Dia*, destacando, principalmente, a questão da Reforma Psiquiátrica no contexto brasileiro, tendo como foco, a noção de “formação discursiva”, de Michel Foucault, com o objetivo de identificar as construções simbólicas presentes nos enunciados analisados.

Para esta pesquisa tomamos como base Charaudeau (2005; 2016), além de Pauliukonis e Gouvêa (2012), por dissertarem sobre o ato de linguagem e o contrato de comunicação, assim como Corrêa-Rosado (2014) ao sintetizar, em seu artigo, as principais categorias da Análise do Discurso Semiolinguística. Além do mais, compreendemos ser necessário discorrer sobre a patemização discursiva, proposta por Charaudeau (2007 e 2010) e discutida por Emediato (2007). Ambos consideram a existência da *visada patêmica*, sendo que o primeiro aborda a patemização no discurso e o segundo analisa as emoções no discurso jornalístico. Também nos baseamos em pesquisas sobre essa temática publicadas em Moura e Magalhães (2021); Moura e Lopes (2021); Moura e Rocha (2021).

Nas páginas seguintes, discorreremos sobre ato de linguagem e o contrato de comunicação a fim de se compreender a articulação discursiva empreendida pelo jornal *O Dia* ao tratar de temas sensíveis ocorridos no sanatório Meduna. Em seguida, damos ênfase aos aspectos patêmicos, buscando relacioná-los com as noções de princípio de influência e imaginários sociodiscursivos, numa perspectiva semiolinguística.

ANÁLISE DO DISCURSO SEMIOLINGUÍSTICA

Esta pesquisa toma como base teórica a Análise do Discurso Semiolinguística (doravante ADS), uma vertente da Análise do Discurso Francesa, proposta por Patrick Charaudeau, cuja teoria tem como ponto de partida sua tese de doutorado defendida em 1980. É importante ressaltar a existência de diversas correntes da Análise do discurso, porém a perspectiva teórica e metodológica de Charaudeau se diferencia das demais pelo seu caráter psicossocial e pela ressignificação das noções de sujeito e de ideologia.

Nesse contexto, no âmbito das teorias da enunciação, com ênfase na Semiolinguística, destaca-se o papel do sujeito no ato de linguagem através de dois componentes: o verbal e o situacional. Ainda corroborando essa discussão, Charaudeau (2005) apresenta a perspectiva Semiolinguística, comparando:

[...] os fatos de linguagem a alguns outros fenômenos psicológicos e sociais: a ação e a influência. Nessa perspectiva, o que se pretende é tratar do fenômeno da construção psico-socio-linguística do sentido, a qual se realiza através da intervenção de um sujeito, sendo, ele próprio, psico-socio-linguístico. (CHARAUDEAU, 2005, p. 1).

Nesse sentido, a linguagem que se manifesta através das várias semioses nos possibilita a produção de sentidos variados, exercendo, assim, a função de determinar intenções situadas a partir das interações estabelecidas entre os sujeitos. No âmbito dos estudos da teoria semiolinguística, é importante destacar que o ato de linguagem é visto como uma relação contratual que inclui os sujeitos protagonistas e parceiros. Respectivamente, esses sujeitos se constituem num duplo circuito (interno e externo), bem como pertencem à encenação do dizer e do fazer, conforme postula Charaudeau (2016).

Também é necessário discutir sobre o duplo processo de semiotização do mundo adotado na ADS. Através do processo de *transformação*, o mundo a significar converte-se em mundo significado por meio de uma ação do sujeito falante. Já o processo de *transação* possibilita fazer deste mundo significado um objeto de troca através da interação com outro sujeito, o qual desempenha o papel de destinatário, segundo Charaudeau (2005).

Quanto ao espaço enunciativo, numa forma mais ampla, as pesquisadoras brasileiras Pauliukonis e Gouvêa (2012) evidenciam-no através de dois princípios básicos que buscam fundamentar todo ato comunicativo: o princípio da alteridade e o princípio da identidade. O primeiro princípio traz uma reflexão de que todo ato de linguagem se

constitui através da troca entre dois parceiros, que se reconhecem como semelhantes e que compartilham saberes e finalidades comuns entre eles; enquanto sujeitos tidos como diferentes é porque cada um exerce uma função particular, especificamente, quando se considera no ato de linguagem o sujeito comunicante e o sujeito interpretante. Em suma, os parceiros estão comprometidos num processo recíproco, mas não simétrico no que se refere ao reconhecimento e à diferenciação existente entre eles.

Quanto ao princípio da identificação (o *ethos*), há a possibilidade de o indivíduo fazer os seguintes questionamentos: quem sou eu? Que imagem eu consigo projetar para o outro? Na articulação da construção da identidade estão relacionados os dados biológicos e psicossociais que, conseqüentemente, são os dados atribuídos pelos outros pelo comportamento do próprio sujeito, sendo possível levantar a seguinte pergunta: o que se pretende ser? Nesse contexto, esses princípios direcionam para a construção de duas identidades: a identidade social e a identidade discursiva, conforme Pauliukonis e Gouvêa (2012).

Diante dos princípios de alteridade e identidade citados anteriormente, com base na Teoria Semiolinguística, Charaudeau (2005) destaca o princípio de alteridade, mas também o princípio de pertinência, da influência e da regulação. O princípio de pertinência se constitui quando os parceiros no ato de linguagem reconhecem os universos de referência pertencentes ao objeto de transação, sendo que estes sujeitos, de acordo com esse princípio, podem compartilhar saberes, porém, não são obrigados a adotar os saberes sobre o mundo no que se refere aos valores psicológicos e sociais acerca dos comportamentos. Também neste princípio há a exigência de que haja apropriação dos atos de linguagem considerando o contexto, sendo acrescentada a noção de finalidade ao contexto de enunciação.

O princípio de influência busca afetar emocionalmente o parceiro, pois o sujeito enunciatador enquanto produtor de um ato de linguagem tem como finalidade atingir o outro que, certamente, pode fazê-lo agir, bem como pode afetá-lo emocionalmente ou orientá-lo quanto ao pensamento. Já o princípio de regulação se constitui como o conjunto de restrição ao sistema, havendo, assim, uma relação com o princípio de influência, principalmente quando se considera o que os parceiros sabem sobre o ato de linguagem do qual estão participando. Para não haver um conflito ou ruptura na troca implícita ao ato de linguagem, os parceiros, necessariamente, precisam proceder com a regulação implicada no jogo de influência, sendo importante recorrer ao quadro situacional, assim como assegurar uma compreensão mínima entre os parceiros, caso contrário a troca não se efetiva, de acordo com Charaudeau (2005).

O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO

Para esta discussão, partimos da ideia de que toda encenação discursiva que se constitui no e pelo ato de linguagem entre os sujeitos só se efetiva de fato, ou seja, ganha sentido, através do contrato de comunicação. Tal noção tem origem em Charaudeau (2005; 2016), reverberando, posteriormente nas investigações de pesquisadores brasileiros como Corrêa-Rosado (2014), Moura (2020), Pauliukonis e Gouvêa (2012). Vale ressaltar que esses últimos fazem uma releitura de contrato proposto por Charaudeau.

Neste contexto, o ato de linguagem com vista a sua produção pode ser denominado como uma aventura/expedição do ponto de vista de sua intencionalidade, pois, necessariamente, precisa-se considerar que um ato parte de um projeto global de comunicação planejado pelo sujeito comunicante (EUc). Com base na organização da comunicação, o EUc leva em consideração o que está disponível no conjunto de competências, com ênfase na liberdade, mas também nas restrições que se encontram na ordem relacional do ato de linguagem, sempre com o propósito de que o ato precisa ter sucesso, sendo que a garantia do sucesso da comunicação está em consonância com as interpretações do sujeito interpretante (TUi) e do destinatário (TUd).

Nessa perspectiva, entende-se que “a noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais”. (CHARAUDEAU, 2016, p. 56). Diante disso, é possível compreender que o EUc, no ato de linguagem, considera que o TUi esteja em consonância com o que é projetado pelo EUc, reconhecendo-se dentro de uma prática social de comunicação. Assim sendo, o contrato de comunicação contribui para que os parceiros se reconheçam através de traços identitários e que efetivamente se realize o ato de comunicação, considerando, assim, o contrato como um espaço de restrições, ou seja, um lugar constituído de regras que não devem ser descumpridas pelos sujeitos, sob pena de comprometer a comunicação.

No âmbito da discussão acerca do contrato de comunicação, Charaudeau (2005; 2016) propõe um modelo de estruturação do contrato através de três níveis: situacional, comunicacional e discursivo. O primeiro se constitui como um espaço externo, ou seja, um lugar do espaço de restrições do ato de linguagem. Nesse nível é o lugar em que se determina a finalidade do ato, sendo necessário considerar o seguinte questionamento: “estamos aqui para dizer o quê?”. Também aqui está presente a identidade dos parceiros no que tange à troca linguageira através da pergunta “quem

fala a quem?”, bem como o *domínio do saber* (sobre o quê?) que se refere ao objeto de troca no ato de linguagem entre os parceiros e o dispositivo (os sujeitos estão presentes fisicamente ou não? Eles se constituem em quantos? Quais são os códigos utilizados na comunicação?), ou seja, o dispositivo está relacionado com as circunstâncias materiais que ocorrem na comunicação, o espaço físico.

O nível comunicacional refere-se ao lugar em que são determinados o modo de falar ou escrever com ênfase no contexto situacional, se constituindo, assim, como um ambiente que define os papéis linguageiros dos sujeitos. Nesse nível tem-se como pergunta norteadora: de que modo se fala ou escreve? O último nível proposto por Charaudeau (2005; 2016) é o discursivo, sobre o qual daremos destaque nesta pesquisa por enfatizar, especificamente, as condições de legitimidade, credibilidade e captação. Essa última condição, especificamente, contribui para identificar e descrever os efeitos patêmicos presentes nas matérias de jornais sobre o sanatório Meduna, por tratar-se de um princípio que se debruça em compreender a influência e a regulação no ato de linguagem.

Portanto, os atos de comunicação são vistos como “encenações” por levar em consideração o resultado da combinação de uma determinada situação de interação e da organização discursiva, bem como o emprego de marcas linguísticas mostrando a necessidade da competência tanto para produção quanto para interpretação do discurso que ultrapassa o conhecimento linguístico e as regras de combinação, ou seja, suscitando um saber mais global acerca das operações discursivas realizadas em contextos específicos de interação social.

A NOÇÃO DE PATHOS

A noção de pathos, com origem em Aristóteles, foi retomada pela semiolinguística a partir da percepção de que a persuasão pela emoção constitui na principal estratégia discursiva utilizada na sociedade moderna. Para discutir sobre os efeitos patêmicos faz-se necessário considerar o duplo processo de semiotização do mundo, de acordo com Charaudeau (2005), com ênfase no processo de transação, principalmente, quando se destaca neste processo o princípio de influência. Desse modo, o sujeito quando produz um ato de linguagem tem como objetivo a adesão do seu parceiro, às vezes, contribuindo para uma ação, afetando-o emocionalmente ou orientando-o no seu pensamento.

Assim, o ato de linguagem pressupõe que o sujeito, quando faz uso das operações discursivas, está diante de quatro processos, a saber: 1) processo

de regulação (conjunto de restrição do sistema), 2) processo de identificação (*ethos*), 3) processo de dramatização (*pathos*) e 4) processo de racionalização (*logos*). Para essa pesquisa, tomamos como base o terceiro processo, a fim de analisar a materialização da emoção (fazer-sentir) em matérias do *Jornal O Dia* quando abordados fatos relacionados ao sanatório Meduna.

No âmbito dos estudos da Semiologia, quer seja quando se considera o princípio da influência no ato de linguagem, quer seja quando se aborda sobre as emoções, ambos estão na ordem do intencional, ou seja, visam atingir seu parceiro. Nesse contexto, é importante destacar que as emoções, identificadas num determinado ato de linguagem, estão ligadas aos saberes de crença, conforme Charaudeau (2007; 2010). Os sujeitos partilham de conhecimentos, às vezes, de forma global ou restrita, fazendo com que se reconheça que “estes conhecimentos são relativos ao sujeito, às informações que ele recebeu, às experiências que ele teve e aos valores que lhe são atribuídos, pode-se dizer que as emoções, ou os sentimentos, estão ligados às crenças”. (CHARAUDEAU, 2007, p. 241). Desse modo, essas crenças estão ancoradas na observação empírica das trocas linguageiras e que contribuem para a produção do discurso com ênfase em sistemas de valores apoiados em normas de referências.

Nesse sentido, Charaudeau (2010, p. 34) argumenta que “a análise do discurso não pode se interessar pela emoção como realidade manifesta, vivenciada por um sujeito”. Diante disso, compreende-se que o *pathos* deve ser visto como um efeito visado (suposto), uma vez que não há nenhuma garantia sobre o efeito produzido, já que a emoção no discurso não está diretamente relacionada com o que é vivenciado, constituindo-se como um possível surgimento dos efeitos patêmicos em um sujeito específico e em um contexto particular.

Assim, faz-se necessário considerar que os [...] “efeitos patêmicos, mais que em outro lugar, se apoiam em crenças: tensão na finalidade comunicativa entre credibilidade e captação” (CHARAUDEAU, 2010, p. 45). Também é importante refletir sobre a organização do universo patêmico, ou melhor, a maneira como são classificadas as emoções no discurso. Para Charaudeau (2007; 2010), há diferentes e várias formas de classificar o *pathos*, dependendo dos critérios de classificação. Para ele, é necessário levar em consideração o interesse, as normas sociais e o grau de generalidade (caráter mais geral em detrimento do caráter mais específico). Quanto ao grau de racionalidade, a patemização pode ser tratada discursivamente por meio de oposição de efeitos, quer seja cognitivo, pragmático ou axiológico, por exemplo. Charaudeau (2007, p.243) apresenta a seguinte classificação:

“tópica da dor e seu oposto, o prazer; tópica da angústia e seu oposto, a esperança; tópica da antipatia e seu oposto, a a-simpatia”.

Já o princípio da influência e a finalidade comunicativa de captação (afetar pela emoção) estão inclusas num campo temático no qual se apoia o dispositivo de comunicação em que a organização das tópicas se imbricam com os imaginários sociodiscursivos através de saberes partilhados entre os sujeitos.

OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Os atos de linguagem são investidos de saberes, às vezes, do *pathos* (quando E_U afeta T_Ud pela emoção), do *ethos* (a imagem de si do enunciador) e do *logos* (razão). Diante disso, aqui, buscam-se as contribuições dos imaginários sociodiscursivos para se compreender os efeitos patêmicos presentes em matérias publicadas pelo Jornal O Dia sobre o sanatório Meduna. Assim, toma-se como base teórica para esta discussão Charaudeau (2017), por abordar os saberes de conhecimento e os saberes de crença, partindo de um conceito mais genérico, em que o termo “imaginário” deixa de ser considerado como a existência apenas da imaginação, sem considerar a realidade. Na sequência, o autor traz uma definição que contempla os atos de linguagem, principalmente quando afirma que o imaginário se constitui pela apreensão do mundo através das práticas sociais, proporcionando, desse modo, a significação dos objetos no mundo, com ênfase na produção de determinados fenômenos sociais, assim como a constituição dos seres humanos e de seus comportamentos.

Quanto à estruturação dos imaginários no que tange à mecânica das representações sociais, a produção dos discursos pode ser estruturada em saberes de conhecimento e saberes de crença. Para isto, “os saberes de conhecimento tendem a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo. Uma verdade que existe fora da subjetividade do sujeito”. (CHARAUDEAU, 2017, p. 581). Sobre os discursos produzidos sob o olhar dos saberes de conhecimento não cabem julgamento, não sendo possível impressões subjetivas por se tratar da verdade que está relacionada aos fatos do mundo, possibilitando explicação objetiva dos fenômenos colocados frente ao homem e desprovidos de toda subjetividade, já que o enunciador é visto como impessoal. Desse modo, os saberes de conhecimento se dividem em dois tipos: o saber científico e o saber de experiência.

O saber científico refere-se às explicações construídas sobre o mundo através da aplicação do conhecimento do mundo e da maneira como ele funciona, tendo em vista que esse conhecimento está na ordem dos

critérios científicos, sendo assim baseado em observações, experimentos e dados quantitativos (cálculo), ou seja, é um saber que se pauta em instrumentos que podem ser aplicados por qualquer pessoa que tenha o mesmo conhecimento. Em suma, esse conhecimento está na ordem do que é provado, ligado ao que se denomina teoria.

Já o saber de experiência é aplicado ao conhecimento no todo, visto que esse tipo de saber não se preocupa com a garantia da comprovação do conhecimento. Desse modo, [...] “todo indivíduo pode se valer de um saber de experiência desde que o tenha experimentado e que possa supor que qualquer outro indivíduo na mesma situação tenha experimentado a mesma coisa” [...] (CHARAUDEAU, 2017, p. 582). Esse autor, como forma de explicar sobre o saber de experiência, traz o seguinte conhecimento popular: “o sol nasce e se põe todos os dias” (um saber de experiência) quando se leva em consideração que “a terra gira entorno do sol” (saber científico). Portanto, o saber de experiência é um conhecimento universalmente partilhado, não havendo a necessidade da comprovação para se compreender um determinado fenômeno.

Na sequência, abordamos os saberes de crença por estarem diretamente relacionados às avaliações e aos julgamentos que atribuímos ao mundo, os comportamentos e os pensamentos dos seres a fim de que se possam descrever e explicar o conhecimento sobre os fenômenos do mundo, pois isso independe do posicionamento do sujeito, visto que a crença parte do olhar dado pelo sujeito acerca da legitimidade dos eventos e das ações humanas. O saber de crença se estrutura em dois tipos: o saber de revelação e o saber de opinião.

Nessa perspectiva, o saber de revelação se constrói na suposição da existência de verdade, porém, essa verdade é exterior ao sujeito. No entanto, diferentemente do saber de conhecimento, o saber de revelação não se inclui na ordem da comprovação ou verificação do conhecimento, posto que esse tipo de discurso se constitui sob a modalidade de evidência. Com o objetivo de esclarecer esse tipo de saber, Charaudeau apresenta o conhecimento partilhado universalmente de que “Jesus é filho de Deus”, ou seja, um saber revelado que se sustenta pela evidência, recusando a crítica, uma verdade que, quando contrariada, se dá por meio da negação da fé.

Quanto ao saber de opinião, refere-se ao processo de avaliação pelo sujeito e ao julgamento dos fenômenos do mundo. Nesse contexto, [...] “existem inúmeros julgamentos a respeito dos fatos do mundo, julgamentos dentre os quais o sujeito faz escolha segundo diversas lógicas: do necessário, do provável, do possível, do verossímil, e nos quais mais intervém a razão que a emoção”. (CHARAUDEAU, 2017, p. 584). Dentre os

vários julgamentos possíveis envolvidos no ato de comunicação, destacam-se as operações discursivas e o princípio de captação (afetar pela emoção) através de situações sensíveis a fim de conquistar a adesão do TUD.

No âmbito da manifestação do saber de opinião como o conhecimento que se constitui através de inúmeros julgamentos dos saberes do mundo mediante diversas categorias de opinião, destacam-se as seguintes: opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva. A opinião comum engloba de forma genérica os conhecimentos universais que são largamente partilhados, como exemplo, os provérbios, os ditados populares, assim como outros enunciados que se caracterizam de valor geral.

Já a opinião relativa tem um escopo mais limitado, pois parte de um sujeito individual ou de um grupo, sendo possível nas operações discursivas a adesão ou a oposição do julgamento, já que esse tipo de opinião se inscreve em um espaço de discussão envolvendo outros grupos além daquele em que surge a proposição da opinião, por se referir a um espaço de discussão democrática. Por outro lado, a opinião coletiva é um julgamento realizado por um grupo a respeito de outro grupo.

Como forma de exemplificar essa categoria, pode-se pensar na afirmação de que o “Rio de Janeiro é a cidade maravilhosa”, ou seja, um julgamento atribuído à cidade e que contribui para a diferenciar das demais cidades brasileiras. Portanto, os saberes de conhecimento e os saberes de crença nos possibilitam compreender as operações discursivas numa interrelação com a discussão acerca do *pathos*, principalmente porque os discursos, por vezes, manifestam-se através do princípio de captação, em que o enunciador influencia o interlocutor pela emoção.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo possui natureza básica e qualitativa, por abordar questões subjetivas e analisar os efeitos patêmicos relacionados às representações sociais, crenças e opiniões com ênfase no meio social. Assim sendo, essa investigação busca compreender, descrever e explicar a manifestação do *pathos* e dos imaginários sociodiscursivos em notícias publicadas pelo jornal *O Dia* sobre o sanatório Meduna. Para isto, considerou-se para efeito de análise 5 (cinco) matérias publicadas nos seguintes anos: 1976, 1979, 1992 e 2010.

Quanto ao objetivo, a pesquisa pode ser considerada descritiva e explicativa. É descritiva porque busca observar e analisar a ocorrência do fenômeno discursivo da patemização correlacionada aos imaginários. A pesquisa também é explicativa por considerar os fatores que são

determinantes ou que contribuem para a presença das categorias que nos propomos investigar. Em relação aos procedimentos técnicos, se constitui como documental, tendo em vista que analisa documentos midiáticos ainda não pesquisados anteriormente no campo da Análise do Discurso.

A PATEMIZAÇÃO, OS IMAGINÁRIOS E O SANATÓRIO

Inicialmente, entende-se ser necessário fazer uma caracterização das circunstâncias de discurso, a fim de contextualizar o sanatório Meduna enquanto uma instituição que contribuiu tanto para o tratamento psiquiátrico de pessoas quanto abrigou indivíduos com vícios diversos. O referido sanatório nasceu a partir de um projeto do médico psiquiátrico piauiense Clidenor de Freitas Santos. Sua inauguração aconteceu em 21 de abril de 1954. A princípio, a proposta do médico era oferecer um tratamento moderno em que o afeto deveria ser mais importante quando comparado com os tratamentos existentes e dolorosos na área da psiquiatria. O manicômio atendeu à sociedade piauiense por mais de meio século, até que os tratamentos mais modernos foram substituindo a necessidade de internação. O sanatório fechou suas portas em 23 de maio de 2010.

De forma geral, as instituições psiquiátricas brasileiras proporcionavam aplicações de tratamentos tormentosos e desumanos. Nesse contexto, podemos tomar como exemplo os relatos existentes no livro autobiográfico do escritor Austregésilo Carrano Bueno, onde conta sua experiência nos hospitais psiquiátricos de Curitiba e do Rio de Janeiro. Seu relato serviu de base para o filme *Bicho de Sete cabeças*. Além dele, é importante citar os relatos existentes no livro “Holocausto brasileiro”, de Daniela Abrex. Nessa obra, ela narra as situações ocorridas no maior hospício do Brasil, o Colônia, na cidade mineira de Barbacena. Esta obra denuncia os tratamentos desumanos aos quais os pacientes eram submetidos, muitos deles sem possuir sequer um diagnóstico de insanidade. O lugar serviu de cadeia para presos políticos, moças “desonradas”, pessoas indesejadas em suas famílias, dentre outras situações. Trata-se de um verdadeiro holocausto com registro até mesmo de comercialização de partes do corpo de pessoas que ali faleciam. Todo esse contexto servirá de base para a nossa análise.

A partir da discussão de espaço enunciativo com vista no princípio da influência, por ser o princípio que contribui para o entendimento dos efeitos patêmicos, selecionamos e analisamos os enunciados extraídos das matérias. Assim, o enunciador das notícias, enquanto produtor de um ato de linguagem, busca persuadir os leitores do jornal através de uma

narrativa sensível, uso de expressões/palavras carregadas de sentimentos, como exemplo, a ênfase dada às denúncias de agressão e de morte, bem como a divulgação do trabalho realizado pelo sanatório Meduna no contexto da sociedade piauiense.

Também recorreremos à concepção de contrato de comunicação, a fim de assegurar uma compreensão mínima, assim como observar o acordo sobre as representações languageiras para que haja reconhecimento entre os parceiros. Essas discussões contribuem para a análise da patemização como uma estratégia discursiva presente nas matérias examinadas. Nesse sentido, o contrato se organiza em níveis como: a finalidade do ato (neste caso as notícias analisadas), a identidade dos parceiros (os sujeitos presentes nas notícias), o domínio do saber (o assunto abordado em cada matéria) e o dispositivo (as circunstâncias materiais da comunicação).

Ao se analisar o *corpus* composto pelas matérias do jornal O Dia, cujos sujeitos enunciadorees buscam demonstrar a situação do hospital psiquiátrico, conseguimos identificar e analisar nas notícias selecionadas a tópica da dor, do amor e da esperança.

Iniciaremos com a análise da primeira notícia publicada em 1976. Ela tem como título: “Médico agride mulher no Meduna”, conforme figura 01.

Figura 1: O Dia, 03 de agosto de 1976, capa.



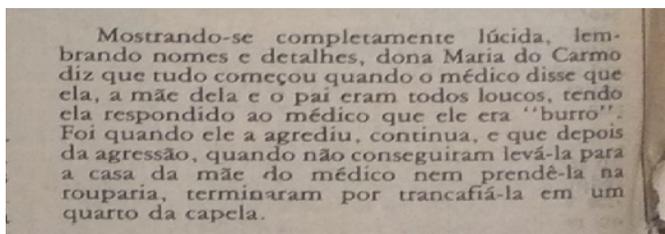
Fonte: Jornal O Dia

No título da notícia, é possível evidenciar a tentativa de produzir a indignação dos leitores em face de uma atitude inapropriada e cruel por parte de um médico psiquiatra. É importante ressaltar que a mulher agredida não era uma paciente, mas sim uma funcionária do hospital. O jornal enuncia a partir da situação em que se encontrava a mulher, relatando a existência de hematomas no corpo, destacando o relato da funcionária no início da matéria: “apresentando vários hematomas no corpo e dizendo estar ainda em estado de choque por conta de uma surra que levou de um médico, compareceu à redação de O Dia” [...].

Ainda com o enfoque na tópica da dor, a funcionária, cujo nome é Maria do Carmo, que exercia a profissão de servente, relata ao jornal outras situações de agressões dentro da instituição. A título de exemplo, afirmou ouvir uma narrativa de agressão do Médico Moacir Monteiro, com tentativa de estrangulamento de funcionários. Assim, o jornal recorre à estratégia discursiva da tópica da dor a fim de demonstrar aos leitores a existência de situações de irregularidade dentro do hospital.

Nesse contexto, é importante destacar que os efeitos patêmicos estão correlacionados aos imaginários que permeiam uma determinada sociedade, por exemplo, quando se toma como base os seguintes termos: louco, maluco, doido, burro, etc. Nessa perspectiva, pode-se identificar no trecho da notícia, figura 2, a presença do saber de revelação, principalmente, por se tratar uma ideia fechada sobre uma evidência, no caso, a loucura, pois o julgamento atribuído a uma pessoa com doença mental se constituiu como um lugar de verdade exterior ao sujeito, necessitando, assim, de diagnóstico que comprove sua verdadeira sanidade.

Figura 2: O Dia, 03 de agosto de 1976, capa.



Fonte: Jornal O Dia

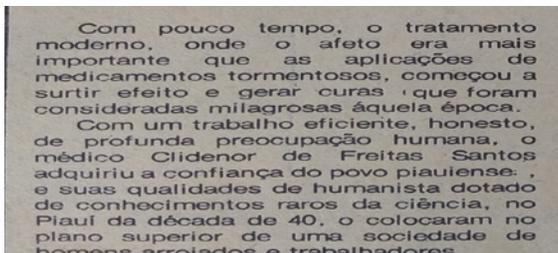
Diante do trecho da notícia acima, o jornal enuncia tomando como base as circunstâncias nas quais a funcionária do sanatório Meduna se encontrava quando compareceu para efetivar a denúncia de agressão. Assim, a narração dá ênfase ao aspecto de lucidez da funcionária do hospital, destacando as lembranças detalhadas do fato ocorrido. Também é importante enfatizar sobre os termos “loucos” e “burro” no trecho da matéria; chama a atenção os aspectos que caracterizam os imaginários sociodiscursivos, pois trata-se de visões de mundo que estão ancoradas em saberes de crença, especificamente, quando se considera que a rotulação de “louco” parte de um sujeito que deveria primar pelos preceitos psiquiátricos.

Nesse sentido, a noção de loucura aos poucos foi tomando uma dimensão externa às questões psíquicas, sendo considerados loucos pessoas que fugiam dos padrões sociais estabelecidos por uma dada sociedade. É importante destacar, também, o efeito de sentido atribuído à palavra “burro”, já que essa se relaciona àquele sujeito com falta de inteligência, ou seja, uma característica atribuída ao médico pela funcionária agredida, quando o médico afirmou que tanto Dona Maria quanto o pai e mãe dela eram loucos. Assim, esse imaginário pode ser partilhado por um sujeito específico ou por um grupo restrito, visto que a ideia de loucura abrangia outras esferas sociais, por exemplo, a prostituição, os mendigos, etc. Por sua vez, as pessoas internadas no sanatório Meduna nem sempre eram diagnosticadas com problemas mentais, conforme os exemplos apontados

anteriormente, porém, durante o período de internação, eram submetidas a tratamentos psiquiátricos.

A notícia publicada em 21 de abril de 1979, cujo título é “Meduna” aborda o projeto do médico Clidenor de Freitas Santos, no que diz respeito à construção e a proposta de tratamento psiquiátrico da instituição privada. Para isso, a matéria chama atenção para a necessidade de um tratamento humanizado quando comparado como o Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu, na década de 1940, época em que Clidenor retornou a Teresina e assumiu a direção deste hospital. No âmbito da discussão acerca do *pathos*, o jornal utiliza-se da estratégia da emoção, ou seja, a tópica do amor, para conquistar adesão do TUD, que seria o leitor da coluna social do jornal O Dia, conforme figura 3.

Figura 3: O Dia, 21 de abril de 1979, capa.



Fonte: Jornal O Dia

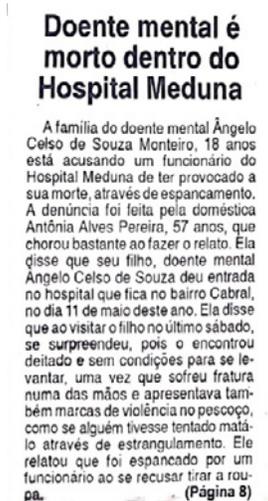
De acordo com o texto, Clidenor rompeu com uma prática de tratamento desumano vivenciado enquanto diretor do Hospital Areolino de Abreu, em 1940. A situação do hospital contribuiu para que a proposta da construção do sanatório Meduna, proporcionando à sociedade piauiense um tratamento moderno, em que o afeto deveria ser levado em conta como uma das premissas do tratamento. Isso se evidencia quando na notícia se enfatiza que “com um trabalho eficiente, honesto, de profunda preocupação humana, o médico Clidenor de Freitas Santos adquiriu a confiança do povo piauiense, e suas qualidades de humanista dotado de conhecimentos raros da ciência, no Piauí da década de 40” [...].

Diante disso, o enunciador usa a estratégia da patemização, especificamente, da tópica do amor e da compaixão, por destacar a preocupação de Clidenor com os pacientes internados no Hospital Areolino de Abreu, pois entendia que as pessoas internadas na instituição eram submetidas a um tratamento que não os levam a cura, mas sim, agravava ainda mais o comportamento do homem. Em contraposição à tópica do amor observamos a tópica da maldade, ao recordar o tratamento agressivo e desumano que existia, sem nenhum resultado eficiente quando comparado

à proposta de tratamento de Cledinor. Com o objetivo de sensibilizar o leitor acerca do projeto do médico, no final da matéria, reforça-se a ideia de uma pessoa humanizada e de uma força emocional, contribuindo fortemente para o tratamento psiquiátrico aplicado no Piauí.

A notícia da figura 4 revela uma situação totalmente contrária ao projeto de Clidenor, divulgado na matéria analisada na figura 03.

Figura 4: O Dia, 14 de agosto de 1992, capa.



Fonte: Jornal O Dia

O enunciador, representado pelo jornalista do jornal O Dia, apresenta uma denúncia de morte dentro do Hospital Meduna, tomando como base o relato de Antônia Alves Pereira, mãe de Ângelo, o paciente morto. Nessa perspectiva, o EUE usa da estratégia da patemização ao chamar a atenção para a morte de uma pessoa que tem problemas mentais e que, durante a permanência na instituição, o paciente apresentava marca de violência, principalmente na região do pescoço, como indício de estrangulamento.

Assim, partindo da concepção de *pathos* como um efeito visado (ou suposto) sem haver uma garantia do efeito produzido, se entende que o enunciador joga com o sentido/os das palavras, buscando provocar no interlocutor uma sensibilidade ao tratar da morte, especificamente, uma pessoa sem estabilidade mental, ou seja, incapaz de se defender das agressões sofridas dentro do Meduna. Também se faz necessário refletir sobre os saberes de crença, com ênfase no saber da opinião coletiva, visto que ao pensar sobre a “morte”, dependendo da cultura a qual o sujeito esteja inserido, terá sentido diferente. Além disso, no título da notícia, a antiga expressão “louco” sofre uma modificação e passa a ser utilizado o

termo “doente mental”. Assim, o termo “doente”, no sentido literal, nos direciona ao entendimento que é aquele sujeito com alguma enfermidade, necessitando de tratamento especializado, ao invés daquele que seria excluído do convívio social, principalmente, quando se trata da loucura.

O enunciador joga com as emoções no título da notícia ao narrar para o leitor que não se trata de uma morte qualquer, mas sim a morte de um doente mental, ocorrida dentro de uma instituição que tem especialidade em tratamento psiquiátrico, bem como no decorrer da narrativa é enfatizado que Ângelo sofreu agressão, destacando-se uma fratura na mão e hematomas no pescoço. No que tange à construção da notícia e à finalidade comunicativa, sendo constituída, por um lado, pelo caráter informativo e, por outro, pela adesão do interlocutor através do caráter de captação (atingir pela emoção), buscou-se compreender a construção da figura do louco no sanatório Meduna. Assim sendo, a matéria apresenta várias vozes, por exemplo, a da vítima, a da mãe da vítima e a do jornalista que produziu a notícia. No entanto, vale destacar que Ângelo, considerado um doente mental, foi o único que não dialogou diretamente com o enunciador da notícia.

Na última notícia analisada, publicada em 23 de maio de 2010, tem-se o encerramento das atividades do sanatório Meduna. A matéria buscou reviver a história e o projeto do médico Cledinor de Freitas Santos, enfatizando que o Meduna surgiu a partir das inquietações dele, na década de 40, período em que esteve na direção do “Asilo de Alienados Areolino de Abreu”, cujo prédio foi inaugurado em 24 de janeiro de 1907, na época, sob a direção de Marcos Pereira de Araújo. Nesse sentido, somente em meados da década de 40 a situação do asilo apresentou sinais de melhora quando Cledinor assumiu a direção da instituição, propondo algumas sugestões, tais como a retirada das correntes dos doentes mentais. Também propôs a alteração do nome do hospital de “Asilo de Alienados Areolino de Abreu” para “Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu”.

A notícia publicada em 23 de maio de 2010 tem como título *Sanatório Meduna: o sonho de um “Dom Quixote”*. De acordo com a narrativa da matéria tem-se como objetivo apresentar o sonho de Cledinor junto à população piauiense, destacando o papel humanizador do médico em propor uma forma de tratamento diferenciado daquele utilizado no Hospital Areolino de Abreu. Logo no título, metaforicamente, o profissional é tido como um sujeito sonhador e idealizador que através de uma atitude heroica projeta uma instituição de tratamento psiquiátrico em que o afeto é mais importante do que qualquer aplicação de medicamento ou outro tipo de tratamento agressivo. Diante disso, evidencia a tópica do amor em relação às pessoas loucas, sujeitos incapazes e submetidos a situações de

tratamentos desumanos. Conforme a figura 05 é possível identificar a tópica da dor e da maldade correlacionada à tópica do amor.

Figura 4: O Dia, 23 de maio de 2010, p.3.

O que não foi esquecido foi a colocação em todos os quartos, e até no pátio, nos troncos de cajueiros, de pesadíssimas correntes destinadas às pernas dos doentes. Essas pobres criaturas, muitas andavam nuas, eram vistas como animais, até mesmo por alguns profissionais de saúde.

As famílias que internavam seus doentes – na maioria das vezes – os esqueciam, não mais visitando-os ou mantendo qualquer contato. Outras mais recomendavam seus parentes a médicos, mas isolando-os do

convívio. Um dos objetivos desse isolamento era esconder essa “mancha” da família para a sociedade, já que poucos pais se aventuravam a entregar seus filhos para contrair casamento com alguém que tivesse parentes acometidos de loucura. O preconceito era imenso, safando-se dele apenas aqueles muito ricos que, aos olhos dos menos abastados, passavam como exóticos.

A situação desses doentes só viria a ser modificada a partir de 1940, quando o médico Cledinor de Freitas Santos as-

Fonte: Jornal O Dia

De acordo com o trecho da notícia, o enunciador busca persuadir o leitor a respeito do fato de que Cledinor tinha uma tendência humanizadora quando descreve a situação vivida pelos pacientes internados no Areolino de Abreu em 1940. Partindo da concepção de que as emoções devem ser tratadas como efeitos visados, conforme Charaudeau (2010), é que o enunciador joga com as palavras, enfatizando as correntes no quarto, no pátio e troncos de árvores a fim de prender os doentes mentais dentro do Hospital Areolino de Abreu. A presença da tópica da dor/sufrimento, por exemplo, se constitui como uma estratégia do jornal para mostrar que Cledinor propôs algo totalmente diferente, tanto no período em que esteve na direção daquele hospital quanto em relação à proposta da construção do Meduna, visto como uma solução para o tratamento psiquiátrico no Piauí.

A notícia também chama a atenção para o isolamento social das pessoas consideradas loucas, às vezes esquecidas pela família no hospital, sem qualquer contato. Ou seja, a loucura isolava o sujeito do convívio social, o que nos leva a refletir sobre a contribuição do sanatório Meduna como uma instituição que serviu de base para o processo de higienização social, principalmente, para as pessoas diagnosticadas como loucas ou simplesmente dependentes do álcool. Assim, o indivíduo louco precisava ser escondido da família, uma vez que era considerado uma “mancha” (algo feio) para a sociedade, já que uma pessoa louca poderia prejudicar o casamento dos demais na família. O imaginário coletivo de “loucura” fazia referência àquele sujeito incapaz de conviver socialmente. Por vezes, a concepção de loucura estava atribuída a outras representações sociais, como: pessoa com vício de alcoolismo, os mendigos, as prostitutas. Os julgamentos atribuídos aos loucos eram imensos, sendo menos perceptíveis àqueles muitos ricos que, na visão dos pobres, eram vistos como exóticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo central analisar os efeitos patêmicos em matérias do jornal *O Dia* sobre o Sanatório Meduna. À guisa dessa reflexão sobre o *pathos* e os imaginários sociodiscursivos compreendeu-se que as notícias e as reportagens se constituem na demonstração de situações irregulares ocorridas dentro da instituição. Logo no título das notícias, o jornal procura sensibilizar os leitores acerca de fatos que impactam à sociedade, como, por exemplo, a agressão sofrida por uma funcionária e a morte de um paciente dentro do Meduna. Porém, há notícias que procuraram dar visibilidade à proposta do médico Cledinor acerca da construção do sanatório. As matérias destacam um homem com perfil humanizador, sensível ao modelo de trabalho adotado com pacientes diagnosticados com problemas mentais. Além do mais, ele sempre se demonstrou contrário ao tratamento desumano da década de 40 quando assumiu a direção do Hospital Areolino de Abreu.

Na análise, foi possível evidenciar a tópica da dor, quando há relato de agressão e de morte de paciente dentro do Sanatório Meduna. A tópica do amor e a tópica da esperança se evidenciam através do projeto do médico Cledinor ao propor a construção do Sanatório Meduna, pois, ao vivenciar pacientes acorrentados no Hospital Areolino de Abreu, despertou a necessidade da desconstrução de uma prática de tratamento desumano e agressivo aos pacientes, pois a proposta da construção do Meduna traria esperança e mudança na área da psiquiatria no Piauí, principalmente, com a proposição de um tratamento eficiente em que, necessariamente, deveria ser levado em conta a afetividade na condução dos pacientes com problemas mentais.

Quanto à contribuição da discussão acerca dos imaginários sociodiscursivos, foi possível destacar a construção do imaginário que se tem de “louco” ancorado em saberes de crença através de uma opinião relativa, visto que está relacionada a um indivíduo específico, ou a um grupo restrito. Na análise, também se enfatizou sobre a “morte” como um saber de crença ancorado no saber de opinião coletiva, pois ao pensar sobre a morte, necessariamente, precisa-se considerar a cultura na qual o sujeito se encontra inserido.

Por fim, as análises nos mostraram, ainda que embrionária, a necessidade de uma reflexão acerca do processo de higienização social através do sanatório Meduna. Ou seja, é possível perceber que o hospital serviu de apoio tanto para o tratamento psiquiátrico como também para o tratamento de pessoas com alcoolismo, por exemplo. Assim, as pessoas

consideradas loucas, envolvidas com drogas e vício de alcoolismo eram retiradas do convívio social e internadas na instituição psiquiátrica. No entanto, será um tema a ser explorado em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (org.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html> Acesso em: 20 jul.2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Pathos e discurso Político**. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília. As emoções no discurso. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **A Patemização na televisão como estratégia de autenticidade**. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia. As emoções no discurso. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/857>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos. **Revista memento**, V. 5, n.2, julho-dezembro de 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826>.

EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida; MENEZES, William; MENDES, Emília. **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.p. 290-309.

FRANKLIN, Camila Fortes Monte; RÊGO, Ana Regina Barros. O sanatório Meduna e a invisibilidade do louco nas matérias do jornal O Dia. **V Encontro Nordeste de História da Mídia**, Recife, 2018.

FRANKLIN, Camila Fortes Monte; TEIXEIRA, Juliana Fernandes. A construção da figura do louco no Piauí no jornal O Dia: um panorama de 1970 a 2019. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 177-197, jan./jul. 2021.

MOURA, João Benvenuto de. **Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte: um retrato do Piauí**. Teresina: Editora Pathos, 2020. Disponível

em: <http://editorapathos.com.br/analise-discursiva-de-editoriais-do-jornal-meio-norte-um-retrato-do-piaui/> Acesso em: 30 jan. 2023.

MOURA, João Benvido de; MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio (org.). **Fluxos discursivos na sociedade em rede**. São Carlos: Pedro & João editores, 2021. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/fluxos-discursivos-na-sociedade-em-rede/> Acesso em: 30 jan. 2022.

MOURA, João Benvido de; LOPES, Maraisa (org.). **Discursos, imagens e imaginários**. São Carlos: Pedro & João editores, 2021. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/discurso-imagens-e-imaginarios/> Acesso em: 09 fev. 2022.

MOURA, João Benvido de; ROCHA, Max Silva da. **Semiolinguística e Retórica: interfaces**. Teresina: Editora Pathos, 2021. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/semiinguistica-e-retorica-interfaces/> Acesso em: 15 abr. 2022.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Texto como discurso: uma visão semiolinguística. **Revista Desenredo**, volume 8, número 1, 2012. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2638> Acesso em: 11 nov. 2020.

MARCAÇÃO EXPLÍCITA DE PLURAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL (PB)

Elias André da Silva

Aldo Matheus do Nascimento Silva

Ana Patrícia Alves Limeira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Português do Brasil marca o plural nos seguintes contextos: em todos os elementos de uma frase, receptivos a essa flexão; apenas no determinante do nome e no elemento verbal; unicamente nos elementos do constituinte nominal; ou em apenas um dos constituintes nominais (AZALIM *et al*, 2018; CRISTÓFARO-SILVA, ALMEIDA E GUEDRI, 2007; LINS, 2018, CRISTÓFARO-SILVA, 2012). Há consenso entre os pesquisadores citados sobre a ocorrência da marca de plural em elementos mais à esquerda da frase, e com maior produtividade no determinante do constituinte nominal, mas isso não se repete com relação à motivação da prevalência mais à esquerda. O objetivo deste artigo é elucidar a motivação para a prevalência e admissão de a marca de plural localizar-se em elementos mais à esquerda, em detrimento dos elementos núcleo do escopo verbal ou mesmo nominal. Parte-se da hipótese de que regra mais geral seja o gatilho para o fenômeno, haja vista dados coletados para este estudo indicarem marcação de plural que escapam aos fatores Topicalização, Paralelismo formal, Saliência fônica ou mesmo Acomodação fonético fonológica. Os resultados desse estudo foram extraídos de Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), ciclo 2021-2022, mantido pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL/Fapeal⁴⁹, intitulado “Prevalência da Marcação de Plural em Constituintes Não Verbais para o Português do Brasil (PB)”⁵⁰.

Este artigo está organizado em cinco seções, que se interligam pelas seguintes ideias: Problematização do tema; Procedimentos adotados, Apresentação, Análise e Discussão dos dados, Considerações iniciais e finais.

49 - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Alagoas

50 - Participaram deste projeto os pesquisadores de Iniciação Científica Aldo Matheus do Nascimento Silva, Daniel Mendonça da Silva, Bruno Lima Barros, Ana Patrícia Alves Limeira, além do Prof. Me. Cleidson Jacinto de Freitas (IFAL – Campus Maragogi).

PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA

Construções do tipo (1) “As meninas brincam!”, com marcas de plural evidenciadas no determinante do constituinte nominal, no núcleo do constituinte nominal, e no elemento verbal, ou seja, foneticamente realizada três vezes – por isso redundante –, é a estrutura esperada e consagrada pela norma padrão culta do Português do Brasil (PB).

Entretanto, são muito produtivas a esta língua construções com apenas duas marcas de plural, como em (2) “As meninas brinca!”, com plural marcado nos dois elementos mais à esquerda, mas restrito ao SN argumento externo – em seu Determinante (D) ou Núcleo (N). Pretere-se a informação verbal de manifestar o plural – mesmo que alçada a elemento fundador e estruturante de sentenças. São também produtivas construções como (3) “As menina brinca!”, com apenas uma marca de plural e em D do SN mas ainda restrito a ele, mesmo que composta por três elementos e ainda com preferência de localização sempre mais à esquerda.

Diferentemente, observa-se a não gramaticalidade para a ocorrência de única marca de plural localizada no verbo (4) e no núcleo nominal (5), quando determinado, reforçando a prevalência de posições mais à esquerda: (4) * “A menina brincam!” e em (5) * “A meninas brinca!”. Em resumo, o plural se realiza, gradativamente, em todos os elementos implicados como em (1), em apenas dois dos elementos implicados como em (2) e também única vez como em (3). Outro aspecto importante refere-se a que se garanta gramaticalidade à marcação de número plural apenas no elemento nominal, mesmo para combinação de estrutura dotada de elementos nominal e verbal, ou seja, em Sintagma Oracional (SO).

Essas três distribuições de marca de número plural são gramaticais e produtivas no PB, como postulam Azalim et al (2018); Cristófaros-Silva, Almeida, Guedri (2007); Lins (2018) e Cristófaros-Silva (2012). Esses autores convergem suas hipóteses em torno da ideia de que o fenômeno acima indicado seria motivado por questões fonológicas – economia linguística, por perda de material fonético, e mesmo textuais-discursivas – como a topicalização; sem que se indiquem especificamente como se dão. Essas noções podem ser resumidas no que indica Cristófaros-Silva (2012):

O fenômeno opcional de ausência de marca de plural no PB tem suscitado amplo debate na literatura devido a sua relação com a organização gramatical (SCHERRE, 1998; SCHERRE & NARO, 2003; DUARTE, 1996; GUY 1981 e GUY, 1989). Ou seja, o fenômeno está relacionado com aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos e fonológicos. Assim, em um sintagma nominal a marca de plural pode ocorrer em todos os constituintes, ou seja, no artigo,

no substantivo e no adjetivo ou a marca de plural é preservada somente no constituinte mais à esquerda do sintagma nominal “os meninos bonitos” e “os menino bonito”, ou “uns dias alegres” e “uns dia alegre”. Por outro lado, nos verbos a natureza singular ou plural da flexão de número é expressa pelo pronome pessoal ou pelo sujeito (simples ou composto). Por exemplo, os sintagmas verbais “nós ficamos” ou “Maria e José cantavam” apresentam indicação de plural no pronome ou no sujeito composto e também ocorre indicação fonológica de plural na flexão verbal. Entretanto, a marca fonológica de plural pode, opcionalmente, não ocorrer na flexão verbal, como em: “nós ficamo” ou “Maria e José cantava” (CRISTÓFARO-SILVA, 2012, p. 3).

A autora, citando fontes, recupera que a não marcação de plural no PB se dá por questões gramaticais, mas abrindo a fatores semânticos, sintáticos, morfológicos e fonológicos. Em seguida, indica as possíveis localizações das marcas de plural, excetuando a elas o elemento verbal.

A pesquisa da qual resulta este artigo busca, entre outras coisas, reavaliar em que posição a flexão de plural se dá mais produtivamente no PB para os dados coletados, considerando sua tendência a posições mais à esquerda, decrescente em sentido anti-horário. Persegue também se há motivação morfológica, sintática ou morfossintática para essa predileção, por operações inerentes à língua ou por convenções externas, como a que se prevê em Arnauld e Lancelot (1992 [1612-1694]):

A significação vaga dos nomes comuns e apelativos, de que falamos, no Capítulo IV, forçou não só a colocá-los em dois tipos de número, singular e plural, para determiná-la, mas que, em quase todas as línguas, se inventassem certas partículas, denominadas *artigos*, que lhes determinassem a significação de outra maneira, tanto no singular como no plural (ARNAULD; LANCELOT, 1992 [1612-1694], p. 51 – grifo dos autores).

O corpus foi montado com informações de usos reais da língua por adultos jovens e/ou seniores, em produções não monitoradas. Esses dados estão sendo considerados do ponto de vista da quantidade e da qualidade, sob a luz de revisão bibliográfica de estudos disponíveis sobre a temática. Mesmo a pesquisa lidando com elementos de variação, não pretende considerar aspectos específicos desta linha de investigação. Assume-se, então, que não se trata de uma pesquisa de abordagem sociolinguístico variacionista, educacional ou paramétrica, apesar de não se descartar o desdobramento dos achados em pesquisas dessa área, a posteriori. A discussão parte da observação de que construções como (1) *As meninaØ brincaØ!*, com traço mais plural (+p) apenas no determinante, satisfaçam gramaticalidade para sentenças do Português Brasileiro (PB).

A ideia de essa marca flexional preferir elementos do nome, sobretudo o seu determinante, é fortalecida pela gramaticalidade de construções como (2) “Meninas brincaØ!” contraposta a Meninas brincam. A agramaticalidade de (3) * “A meninas brincaØ/brincam.” e (4) * “MeninaØ brincam.” confirma o fenômeno. Apesar de estudiosos do assunto para o PB (AZALIM et al, 2018; CRISTÓFARO-SILVA, ALMEIDA, GUEDRI, 2007; LINS, 2018; CRISTÓFARO-SILVA, 2012) se fixarem em fatores morfológicos, sintáticos e mesmo discursivos, busca-se aqui determinar fator mais geral que justifique esse fenômeno, como a pertinência a nível \pm^{51} gramatical / \pm lexical para predileção de hospedagem da marca explícita de número, sobretudo do plural, em determinados elementos e em outros não.

Como podem ser vistas, construções como (5) “As meninaØ brincaØ, sim!”, com apenas uma marcação de plural em contraponto a (6) “As meninas brincam, sim!”, com três marcas de plural, indica que plural único no determinante (Artigo A, em As) é satisfatória à pluralização da sentença. Além disso, construções do tipo (7) “As/Umãs meninaØ brincaØ, sim!”; (8) “As/Umãs meninas brincam, sim!”; (9) “Meninas brincaØ, sim!”; (10) “Meninas brincam, sim!” em contraponto a (11) * “A/Umã meninas brincaØ/brincam, sim!”; e (12) * “MeninaØ brincam, sim!” fortalecem a ideia de que a marca de plural é parcialmente bloqueada para o elemento verbal, mas é atraída para o nome, demonstrando predileção a esse elemento em realizações orais (CRISTÓFARO-SILVA, 2007).

Entretanto, ocorrências como (13) “A genteØ vaiØ.”; (14) “AØ genteØ vamos.”; (15) “Nós queremos.”; (16) “Nós quer.”; (17) * “Eu/ele/você querem/queremos.”; (18) “Eu, ele e você queremos.”; (19) “Tu dizes/dizØ.”; (20) * “Tu dizemos/dizem.” precisam ser testadas para robustecerem as discussões levantadas neste artigo e constituem dados para discussão posterior à proposta. As sentenças (15 a 19) ocorrem com pronominalização + verbos e sem determinantes, mesmo assim seguem a linha de raciocínio discutida. Algumas com a presença de elementos não artigos, como pronomes, garantem a gramaticalidade (13), (14), (15) e (16), enquanto o uso de outras classes de pronomes + verbo e com marca de plural no elemento verbal não garantem gramaticalidade: (17) e (20).

No sentido do que foi apresentado acima, a importância desta pesquisa reside em 1) busca não apenas ocorrências com marcação de plural com predileção a elementos periféricos determinadores e nomes como fator de variação linguística, mas 2) verificação de que, sobretudo, seja possível determinar as motivações para isso e de que ordem seriam elas: internas ou externas à língua, por exemplo, ou ainda de ordem mais geral.

51 - Plus Minus Sign.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os Procedimentos Metodológicos dessa pesquisa são de caráter qualitativo, haja vista sua base de verificação e testagem de hipóteses considerar as qualidades e produtividade dos dados levantados para a montagem do *corpus*. Para sua consecução foram adotadas as seguintes etapas: (1) Revisão bibliográfica disponível para uso em argumentação de autoridade com a qual se possa ler o *corpus*, ou mesmo reconsiderar indicações teóricas que não se confirmem para os dados obtidos. (2) Levantamento de dados que representem a distribuição da marca de número plural (não) convencional, prevista como padrão normativo do PB em 57 produções orais e 13 produções escritas espontâneas e de adultos jovens e seniores, confirmados para o PB, em depoimentos de opiniões disponíveis – em áudios em formato música e vídeo – na Rede Mundial de Computadores. (3) Busca de dados de marcação de plural não convencional prevista como padrão normativo do PB escrito e orais em contextos de usos de aplicativos de mensagens de avaliações de produtos e vídeos de domínio público disponíveis no Youtube, haja vista se tratar de registro escrito sem exigência convencional, inclusive considerando-se o não monitoramento e anonimato dos informantes. (4) Verificação da produtividade de distribuição espacial da flexão de plural com marca explícita nesses dados. (5) Submissão de dados intuitivos de marcação de plural explícita não convencionais para o padrão culto do PB a testes com falantes nativos alagoanos e pernambucanos.

Os dados coletados foram organizados em três quadros para facilitação de acesso e visualização das informações. A análise das marcas de número plural explícitas ocorreu pela testagem da gramaticalidade, distribuição e produtividade das ocorrências. Essas etapas e ações foram realizadas por cada um dos autores da pesquisa e por todos os participantes do projeto de pesquisa que resultou neste artigo. Suas atividades se deram por definição de funções individuais – seleção e tratamento de dados –, mas sistematicamente socializadas com os demais membros. A verificação de distribuição do número plural importa para confirmar ou não, nos dados acessados, o que dizem estudos anteriores sobre o tema.

Para essa elucidação, as marcas de flexão de número das sentenças-dados foram identificadas como presentes em Distribuição Anterior, quando se dá apenas em determinante (D) localizado mais à esquerda e no interior do constituinte nominal (SN); Distribuição Média, quando ocorre no interior do elemento nominal e em todos os seus componentes (D + N), mas ainda restrita ao SN; Distribuição Plena, quando encontra-se no elemento verbal e nos componentes do elemento nominal (D + N + V);

Distribuição Posterior, marcada apenas no elemento verbal (V); e casos Não Previstos (+D/-N+V), tidos como aqueles em que não ocorrem marcações Anterior, Média ou Plena.

A revisão bibliográfica em periódicos foi construída usando a seguinte técnica: Foram buscados estudos sobre a temática da concordância de número e sua marcação em publicações oriundas das cinco regiões do Brasil, a fim de que fossem contemplados amplamente pesquisadores do tema. Essa decisão se demonstrou eficiente do ponto de vista da exaustividade de busca, mas convergiu para um total de apenas quatro artigos sobre o assunto (AZALIM et al, 2018; CRISTÓFARO-SILVA, ALMEIDA, GUEDRI, 2007; LINS, 2018; e CRISTÓFARO-SILVA, 2012), o que demonstra que esses estudos se concentram em nichos.

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS EM PLANO GERAL

O Quadro 1⁵² consegue demonstrar o comportamento geral dos dados coletados, assim organizados para melhor visualização. Ele se estrutura em três colunas: a primeira traz os números totais relativos, total absoluto e totais percentuais; a segunda apresenta a modalidade de ocorrência – oral e escrita –, a terceira indica a distribuição de ocorrência do plural em posições Anterior, Média, Plena, Posterior e Não Prevista.

Quadro 1: Marcação de número plural

	MODALIDADE		DISTRIBUIÇÃO DA MARCA DE PLURAL				
			ANTERIOR	MÉDIA	PLENA	POSTERIOR	NÃO
	ORAL	ESCRITA	D	D + N	D+N+V	V	PREVISTA
TOTAIS RELATIVOS	57	13	43	15	4	0	8
TOTAL ABSOLUTO	70		70				
TOTAIS PERCENTUAIS (%)	81,5	18,5	61,5	21,5	6	0,0	11,5

Fonte: Elaboração dos próprios autores

A leitura do quadro 1 confirma achados de pesquisas anteriores sobre a concordância de número para o PB. Uma delas é a produtividade de marcação explícita de número plural em posição mais à esquerda. Entretanto, outras indicações dessas mesmas pesquisas não se confirmam para os dados analisados.

Como é possível verificar, a maioria dos dados onde se percebeu o fenômeno da marcação de plural prevalece para a modalidade oral do

52 - Os dados reais serão apresentados durante as discussões específicas na Seção 5.

PB, haja vista um total absoluto de 57 ocorrências orais para 13 escritas, respectivamente 81,5 e 18,5 por cento. Isso já foi constatado⁵³, com base em dados produzidos por falantes de Maceió/AL, em estudo anterior, chegando-se à conclusão de que “o plural recebe marcação, em geral, apenas no primeiro elemento do sintagma nominal. Logo, é possível inferir que na fala é usada uma construção sintática distinta do que se tem preestabelecida pela norma padrão” (LINS, 2018, p. 65).

Essas constatações confirmam que a oralidade tende a ser mais livre do que a escrita no quesito obediência a um padrão único de uso da língua. Isso pode explicar o porquê de apenas terem sido encontradas 13 ocorrências não padrão em dados escritos em número percentual um quarto menor que em dados orais, a saber, 18,5%. Nesse sentido, há de se compreender a “lisergia’ convergente e quase unânime à indicação de a motivação para o comportamento da língua nessa ordem pertencer ao nível fonético fonológico, como insistem Azalin et al (2018):

Dentre os fatores linguísticos tidos como relevantes na realização da concordância variável no interior do DP, encontramos: o contexto fonológico subsequente, o princípio da saliência fônica e o princípio do paralelismo formal, sendo que os dois últimos têm sido identificados como os mais importantes (AZALIN et al, 2018, *apud* BRANDÃO, 2013; CHAVES, 2014).

Entretanto, não se deseja negar que tal evento seja observado, mas pretende-se aqui um afastamento da ideia de totalidade para isto, mas que haja um fator mais geral que o justifique, conforme os dados assim indiquem. Coloca-se então como possibilidade coincidente, mas não como condição *sine qua non*. Como se pode verificar, das 70 ocorrências, 43 preferiram a marcação de plural em posição Anterior – apenas em único elemento do Sintagma Nominal (SN), o mais à esquerda, em um percentual muito representativo, 61,5 por cento. E trata-se de fato já confirmado por Lins (2018, p. 66):

A análise da posição da variável nos dados dos sintagmas nominais segue o seguinte acontecimento: a posição à esquerda - a posição de proeminência tópica - favorece mais marcas explícitas de plural do que a posição à direita, independentemente do nível de escolarização dos falantes. Elementos não nucleares à esquerda do núcleo favorecem marcas explícitas; elementos não nucleares à direita do nome desfavorecem-nas (LINS, 2018, p. 66).

Como se pode ver no Quadro 1, a posição Média para a marca de plural – presente em elementos periféricos (D) e nucleares (N) do SN – se

53 - Inclusive sobre a ocorrência de marca de plural explícita no primeiro elemento do sintagma nominal.

manifestou em 15 dos 70 dados, num percentual de 21,5 – quase um terço em números absoluto e percentual, tomando como paridade as ocorrências em posição Anterior. A posição Plena – com marca em todos os elementos de SN e em V – se coloca em seguida, com um número absoluto de quatro (04) ocorrências, representando seis (6,0) por cento do total das marcações de plural. A posição Posterior – com marca de plural apenas no elemento Verbal – não ocorreu, representando a inexpressividade. As ocorrências Não Previstas – marcações atípicas de plural e que fogem à Anterioridade, Plenitude e Posterioridade – quase parearam com as ocorrências Plenas, por oito (08) aparições, onze e meio (11,5) por cento de representatividade. Isso indica que essa forma de plural realizada em todos os elementos, conhecida tecnicamente como redundante (CRISTÓFARO-SILVA, 2012) é menos produtiva para o PB.

De forma geral, a leitura do quadro um (1) confirma os estudos acessados sobre esse tema: Prevalência da marca de plural nos elementos mais à esquerda na sentença com a marcação de plural mínima em posição Posterior, menor uso em marcação Plena, produtividade mínima em posição Média e produtividade importante e prevalente em posição Anterior. Para além da constatação desses fenômenos, este artigo pretende discutir e sugerir, acima de tudo, motivação díspar das apresentadas até agora para esse comportamento de marcação do número plural no PB.

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ESCRITA

Considerando o Quadro 2, será possível avançar na discussão que se constitui foco desse estudo, no sentido de que sejam contestados argumentos para motivação do comportamento da marca (in)explícita de número plural no PB. Estes argumentos são apresentados por estudos anteriores a esse, tendentes a indicar que a noção, sobretudo, de que o fator fonético-fonológico se constitua gatilho para o fenômeno.

Quadro 2: Dados de marcação de número plural na escrita

DADOS		DISTRIBUIÇÃO DA MARCA DE PLURAL				
		ANTERIOR	MÉDIA	PLENA	POSTERIOR	NÃO PREVISTA
		D	D + N	D+N+V	V	D-N+V
11 ⁵⁴	Fui ao ensaio da Junina Remelexo e foi os melhores ensaios da minha vida. Instagram	X				
12	Se tu não responde o story da sua mina elogiando relaxa que os cara responde . Instagram	X				
13	Pra quem andam dizendo que a gente não se dar que comece nossos festejo mais esperado . Instagram	X				
14	Ir pro show, as conta que espere. Instagram	X				
24	As mulher de bem votam no casal Bolsonaro. ⁵⁵					X
25	Em que mundo esses blogueiro vive? ⁵⁶	X				
26	Jogar pra os bichos comer . ⁵⁷		X			
28	As evidências das provas materiais vai mostrar a verdade. ⁵⁸		X			
29	Deveria ser os dois cassado . ⁵⁹		X			
30	*?Esse presos não estão fazendo nada nas cadeia. ⁶⁰					X
31	Por que os soldados vai pra guerra? ⁶¹		X			
35	*?Essa é uma reliquias que os Alagoanos tem . ⁶²					X
42	Daqui a pouco sai os gols dele . ⁶³		X			
TOTAIS RELATIVOS		05	05	00	00	03
TOTAL ABSOLUTO		13				
TOTAIS PERCENTUAIS (%)		38,5	38,5	00	00	23

Fonte: Elaboração dos próprios autores

54 - A numeração dos dados se referem à ordem original de coleta.

55 - UOL NOTÍCIAS <https://www.facebook.com/124493634232128/posts/6679323418749084/>

56 - UOL NOTÍCIAS <https://www.facebook.com/124493634232128/posts/6679270472087712/>

57 - UOL NOTÍCIAS <https://www.facebook.com/124493634232128/posts/6679270472087712/>

58 - Página Record Altamira Facebook https://fb.watch/bBL_vvf8kw/

59 - Página SPTV Bom Dia SP e G1 SP. <https://www.facebook.com/569361039814687/posts/4867868373297244/>

60 - Comentário de vídeo no canal Recod News Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=GLZe3m00c74>

61 - Canal Recod News Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=GLZe3m00c74>

62 - Comentário de vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=Jb8t8JplkSg>

63 - Comentário de vídeo https://www.youtube.com/watch?v=13kCHZ_JUXM

Esse Quadro, então, apresenta os dados escritos nos quais se observou a marcação de plural na escrita e suas respectivas localizações nas sentenças.

A análise dos dados mostra que as ocorrências de marca de plural em posição Anterior – apenas no Determinante – e Média – presentes em todos os elementos do SN – se deram em iguais números absolutos (05) e percentuais (38,5).

Isso indica que, para os dados escritos alcançados por essa pesquisa, a marcação fora do padrão culto suplanta o padrão esperado para a escrita. Isso significa também que, em se tratando dessa modalidade, não há o que se balizar foneticamente para motivação dessas ocorrências, numa clara assimetria do que propõem Azalin et al (2018), quando afirmam que

Dentre os fatores linguísticos tidos como relevantes na realização da concordância variável no interior do DP, encontramos: o contexto fonológico subsequente, o princípio da saliência fônica e o princípio do paralelismo formal, sendo que os dois últimos têm sido identificados como os mais importantes (AZALIN et al, *apud* BRANDÃO 2013; CHAVES 2014).

Nos dados constantes do Quadro 1 não é possível fazer enquadramento de quaisquer dos dados no que se indica na citação acima, sobretudo, por serem dados da escrita. O que mais poderia se aproximar do que demonstram os dados seria o fator do paralelismo formal, que não é obedecido em (12,13, 14, 24, 25); entretanto, pode ser considerado em (11, 26, 28, 29, 31, 35 e 42). Mesmo nesse contexto, não é possível explicar a não ocorrência desse paralelismo entre as unidades SN e SV, haja vista não serem contaminados com a marcação da concordância observada no interior dos SNs.

Essas constatações convidam à indicação de que haja fator mais geral que justifique a ausência da marca de plural em elementos localizados mais à esquerda, seja para construções em nível de SN ou de SV, inclusive para a escrita. Sem deixar de lembrar que, quando essa marca de número plural falta a quaisquer dos elementos, se faz exigência no elemento mais à direita para se fazer viável, mas especificamente no Determinante do SN, como se vê no primeiro grupo de dados.

Ao se considerar ainda os casos Não Previstos deste Quadro (2), há ocorrências como (24) “As mulher de bem votam no casal Bolsonaro”, em que ocorrem marcação de plural em único elemento do SN, mais especificamente, em seu Determinante e no elemento verbal; (30) ?*”Esse presos não estão fazendo nada”, em que o plural é marcado no núcleo do SN e na locução verbal. Esses casos foram considerados não previstos porque a posição da marca de plural não segue o padrão variacional compartilhado

pela maioria dos dados, ou tem sua viabilidade comprometida⁶⁴ ao ser testado com nativos do PB.

Como se pôde constatar, os dados aqui reunidos não se enquadram no que era previsto nos estudos já realizados sobre esse tema. Ademais, esses mesmos estudos tendem a justificarem esse fenômeno com motivações de ordem mais do âmbito da oralidade, mas que não se confirmam quando esses dados são verificados também na escrita.

Dito isto, se passa à análise dos dados da oralidade, a fim de que eles possam apresentar, mais substancialmente, alternativa de argumentação mais premente à predileção para marcação de número plural mais à esquerda, ou que venham manter as linhas argumentativas já apresentadas em outros trabalhos.

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ORALIDADE

O Quadro 3⁶⁵ adota o mesmo padrão organizacional do Quadro 2, com exceção de um aspecto: os dados serão valorizados numericamente, mas apresentados qualitativamente, ou seja, foram selecionados com base em sua qualidade, enquanto representativo dos demais dados para cada grupo. Isso se justifica pelo quantitativo levantado, 57 em número absoluto e 81,5 em percentual, o que poderia tornar redundante a análise. Assim sendo, dos 57 dados orais de marcação de plural foneticamente realizada, 16 estão apresentados e discutidos exaustivamente, a partir da seção 5.1.

Quadro 3: Marcação de número plural na oralidade

	DISTRIBUIÇÃO DA MARCA DE PLURAL				
	ANTERIOR	MÉDIA	PLENA	POSTERIOR	NÃO PREVISTA
	D	D + N	D+N+V	V	D/-N+V
TOTAIS RELATIVOS	38	10	04	00	5
TOTAL ABSOLUTO	57				
TOTAIS PERCENTUAIS (%)	66,5	17,5	7	00	9

Fonte: Elaboração dos próprios autores

64 - Por exemplo, o dado 30 mais se considerou um lapso de digitação, haja vista ser constatada a explicitação da marca de plural nos demais elementos, inclusive em V.

65 - Os dados reais e em sua totalidade serão apresentados durante as discussões específicas na seção 5.

Este Quadro dá conta de que a categoria oral foi a de maior produtividade, como demonstrado no quadro 1, com número absoluto de 57 e um percentual de 81,5 por cento de todos (70) os dados.

Numa análise interna desta categoria, há a seguinte distribuição de ocorrências: De 57, 38 preferiram a marcação de plural em posição Anterior – em único elemento do Sintagma Nominal (SN), mais à esquerda –, em um percentual muito representativo, de 66,5 por cento. A posição Média para a marca de plural – nos elementos periféricos (D) e nucleares (N) do SN – se manifestou em 10 dos dados analisados, num percentual de 17,5 – quase um terço em número absoluto e um terço em percentual, tomando como paridade as ocorrências identificadas como Anterior.

A posição Plena – marcada em todos os elementos de SN e V – se coloca em seguida, com um número absoluto de quatro (04) ocorrências, representando sete (7) por cento do total de marcações de plural observadas. A posição Posterior – ocorrida apenas no elemento Verbal – não ocorreu no universo pesquisado. As ocorrências Não Previstas – marcações atípicas de plural e que fogem à Anterioridade, Plenitude e Posterioridade – quase parearam com as ocorrências Plenas (04), aparecendo cinco (05) vezes, nove (09) por cento. Esse dado coloca essas duas marcações em proximidade de uso, indicando que essa forma de plural realizada em todos os elementos, conhecida tecnicamente como redundante, ainda se dá produtiva para o PB, mesmo para dados orais.

MARCAÇÃO DE PLURAL EM POSIÇÃO ANTERIOR PARA DADOS ORAIS

Cinco (05) dados representam aqui as ocorrências em posição Anterior, com marcação explícita de número apenas no determinante (D) do SN: (1) **As mina** aqui do baile sempre **passa** exalando. (3) **As mulher pulou** pelada. (4) Por isso que **as bitch já chega** jogando. (15) Quando **seus colega cresce** você cresce junto. (53) Que **venha as consequência**. Os dados (1), (3), (4), (15) e (53) representam qualitativamente as ocorrências em posição Anterior⁶⁶. Nos dois primeiros, há coincidência de a operação tópica

66 - **As mina** aqui do baile sempre **passa** exalando. Fonte: Música “Mil grau”, por “Glória Groove”. <https://www.youtube.com/watch?v=E4g6t0u45ZA>

Deixa **os perreco falar** quando eu mandar. (Música “A caminhada”, por “Glória Groove”. <https://www.youtube.com/watch?v=cZ7f491O5yo>

As mulher pulou pelada. Música “Festa bem louca”, por “Mc Brisola”. <https://www.youtube.com/watch?v=fVyM2FDR1ow>

Por isso que **as bitch já chega** jogando. Música “Tipo vagabundo”, por “Mc Brisola e Mc Don Juan”. <https://www.youtube.com/watch?v=ENKyjBSGN3A>

Os menino imbicou no auge. Música “4M no toque”, por “Mc Hariel e Mc Pedrinho”. <https://www.youtube.com/watch?v=HOug-9YSxsg>

Os de agora não sabe o sufoco. Música “Profissão de risco”, por “NSC”. https://www.youtube.com/watch?v=TAw_1v70_aE

hospedar a marcação de plural. Entretanto, os três últimos desqualificam este argumento por não se localizarem função de tópico, haja vista suas ocorrências se darem em plano secundário ao elemento tópico (Por isso que; Quando; Que venha), considerando-se a ocorrência de superfície. No dizer de Dubois et al (1999, p. 590), a “Topicalização é uma operação linguística que consiste em fazer de um constituinte da frase o “o tópico”, isto é, o tema, de que o resto será o comentário”. O que se pode observar é que, em (4) mesmo que não se constitua tópico o SN *as bitch*, ou mesmo o Determinante deste SN, a marca de plural está presente. Na mesma esteira, em (15), o SN *seus colega* não se constitui tópico, nem tão pouco o Determinante (*seus*). Já em (53), mesmo se constituindo tópico do SN, as *consequências* não ocorre mais à esquerda e seu Determinante (*as*) não aparece como tópico.

Defende-se que, se assim fosse sustentada essa premissa, o plural seria marcado nos dois elementos do tópico, vez que é o SN tópico e não apenas um de seus elementos. Nesse sentido, é possível afirmar que a

Nessas porra que me abandonou. Música “Profissão de risco”, por “NSC”. https://www.youtube.com/watch?v=TAaw_1v70_aE

Quando seus colega cresce você cresce junto. Entrevista com Whindersson Nunes | The Noite (19/03/18) https://www.youtube.com/watch?v=_iNDIJO3Xuc

Tem uns cara no youtube que não consegue ver. Entrevista com Whindersson Nunes | The Noite (19/03/18) https://www.youtube.com/watch?v=_iNDIJO3Xuc

Os moleque sabia fazer valer a pena. Roda Viva | Mano Brown | 2007 <https://www.youtube.com/watch?v=IaQWmNkqkSg>

As pessoa que vive perto de mim. Roda Viva | Mano Brown | 2007 <https://www.youtube.com/watch?v=IaQWmNkqkSg>

Essas coisa convence as pessoas. Roda Viva | Mano Brown | 2007 <https://www.youtube.com/watch?v=IaQWmNkqkSg>

As mulher gosta disso. Roda Viva | Mano Brown | 2007 <https://www.youtube.com/watch?v=IaQWmNkqkSg>

Quando os jogador começou a curtir. GABIGOL – Podpah <https://www.youtube.com/watch?v=wofpNlwy-DM>

Os cara me chamou pra levar o troféu. The Noite (27/04/16) - Entrevista com Amaral <https://www.youtube.com/watch?v=P8klPy5DBA>

Nem nos docinho que está na mesa. Canal Sarah de Araújo Youtube, min 20:50. <https://www.youtube.com/watch?v=TW-CpXLfkQXs>

Os cara tudo esforce. Canal Jovem Pan Esportes Youtube, min 11:27. <https://www.youtube.com/watch?v=szr-q2ugSQQ>

A não ser uns afavore que dá uma ideia. Música “Quem vai chorar”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=Jb8t8JplkSg>

Por que os governante trai? Música “Quem vai chorar”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=Jb8t8JplkSg>

Continua sempre os mesmos problema. Música “A vida é desafio”, por Racionais MC’s <https://www.youtube.com/watch?v=Wb3rvC6z5ao>

As coisa melhorou. Música “É corre”, por JP 64 <https://www.youtube.com/watch?v=t4s9IHKGxZY>

Os plano foi à lona. Música “Quando a chuva cai”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=ocU30toXuGU>

Sempre fica os garotão sentido que vai cobrar. Música “O crime é foda”, por NSC https://www.youtube.com/watch?v=AbE-j3CZio_4

As foto não ajuda. Música “O crime é foda”, por NSC https://www.youtube.com/watch?v=AbEj3CZio_4 Música “O crime é foda”, por NSC https://www.youtube.com/watch?v=AbEj3CZio_4

Vai ser dois caixão. Música “Lingua de lagartixa”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=K1QJqicvY1g>

As correria aqui não para. Música “Dia das crianças”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=oZq8XF1v4E>

As criança é inocente. Música “Dia das crianças”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=oZq8XF1v4E>

Meus filho é fruto da minha união contigo. Música “Rei Salvador”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=muq->

Os que curte contrário esqueceu que nós tá onde tá sem vocês?. Música “País da corrupção”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=BKlGAb2JQoo>

Que venha as consequência. Música “País da corrupção”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=BKlGAb2JQoo>

Os que quer me corromper!. Música “Todo corrupto é assassino”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=G7KR-23dhk5Y>

Esses pau no cú não quis gastar 10 mil. Música “Todo corrupto é assassino”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=G7KR23dhk5Y>

As lembrança só me dá. Música “Ao menos um abraço”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=fh18g21Yhlo>

As lembrança só me aborrece. Música “Bença pai”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=9zg1JMSWiWo>

Os conselho dos malandro mais velho falava de Deus pra mim. Música “Bença pai”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=9zg1JMSWiWo>

Os menor sonhador hoje esbanjam suas conquista. Música “Cavalo de Troia”, por Mc Kevin. <https://www.youtube.com/watch?v=CR7QizUf6Jo>

Os bico que me vê. Música “Vida loka” pt. 1, por Racionais. <https://www.youtube.com/watch?v=sMz2WTnILSM>

Os pensamento clama. Música “Sem você aqui pt. 2”, NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=-y8OIOYBs0o>

operação de topicalização não garante argumento seguro para atração da marca explícita de plural.

MARCAÇÃO DE PLURAL EM POSIÇÃO MÉDIA PARA DADOS ORAIS

Outros quatro (04) dados representam as ocorrências em posição Média, com explicitação em todos (D+N±A) os elementos do SN: (33)**As pessoas que te ajudou**. (49)**As páginas de rap**, lógico, não **vai divulgar** esse som. (62)**As ruas me obrigou** vem lançando um jeito novo. (66)**As flores vive**. Os dados (33), (49), (62) e (66) representam qualitativamente as ocorrências em posição Média⁶⁷. Essas quatro ocorrências apresentam coincidência de a marca de plural explícita nos elementos em posição de tópico; dessa vez de forma plena, no SN – As pessoas; As páginas; As ruas –, e não apenas no D dos SNs. Entretanto, esses dados são desautorizados pelas ocorrências anteriores, haja vista a aplicação dessa regra não excluir a sua gramaticalidade, em que a marca +P⁶⁸, apesar de se localizar no SN, limita-se a seu Determinante, além de os SNs não operarem em posição de tópico, como discutido na análise anterior.

MARCAÇÃO DO PLURAL EM POSIÇÃO PLENA E POSTERIOR PARA DADOS ORAIS

Duas (02) das ocorrências Plenas⁶⁹, marcadas explicitamente em todos os elementos de SN e em V, foram selecionadas para análise: (52) **Minhas letras são banais**. (65)**Seus olhos são negros**. A posição Plena

67 - **As irmãs metralha** vem lançando um jeito novo. Música “Quadrado de oito”, por “Bonde das maravilhas”. <https://www.youtube.com/watch?v=pXM6v3JnT7s>

Nossas falhas tem que ser corrigida. Entrevista Completa Marinho <https://www.youtube.com/watch?v=RNv-P-3dvo4>

As pessoas que te ajudou. Canal Jovem Pan Esportes Youtube, min 11:10. <https://www.youtube.com/watch?v=szr-q2ugSQQ>

As páginas de rap, lógico, não vai divulgar esse som. Música “Big Bosta Brasil”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=xfBd65GoUOY>

As criança é inocente. Música “Dia das crianças”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=oZq8XFLVv4E>

As ruas me ensinou o certo. Música “Bença pai”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=9zg-LJMSWiWo>

As ruas me obrigou. Música “Bença pai”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=9zg1JMSWiWo>

As flores vive. Música “Sem você aqui pt. 2”, NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=-y8OIOYBs0o>

As rosas murchar. Música “Sem você aqui pt. 2”, NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=-y8OIOYBs0o>

Os manos do Exaltasamba vai vir. Música “Vida loka” pt 1, por Racionais. <https://www.youtube.com/watch?v=sMz2WTnILSM>

68 - Mais Plural

69 - **Uns querem te ajudar**, outros só quer um vacilo. Música “Flor de Lis”, por JP <https://www.youtube.com/watch?v=Z5A6Zcn3QjA>

não requer, para este trabalho, discussão detalhada, haja vista atender, mesmo que na oralidade, a marcação de número plural explícita; ou seja, redundantemente em todas os seus elementos receptivos a isto. A posição Posterior, com marcação explícita de plural apenas no verbo não ocorreu no universo pesquisado, por isso não será objeto de discussão neste espaço.

MARCAÇÃO DO PLURAL EM POSIÇÃO NÃO PREVISTA PARA DADOS ORAIS

Aqui importa considerar mais específica e profundamente os casos Não Previstos, pois chamam atenção pelo fato de compartilharem explicitação simultânea de plural no Determinante do SN e em V. Cinco (05) dados representam os casos em Posição Não Prevista⁷⁰: (9) **Meus coleguinha** da escola todos **tinham** pai. (10) **As pessoa** no POPline **tão** aqui rindo. (22) **Os cara são** gênio. (46) **Os menor daqui não tiveram** muita sorte. (60) **Meus irmão são** tudo. Esse comportamento foi qualitativamente considerado, pois preserva o traço mais plural (+P) justamente nos elementos mais viáveis à hospedarem flexão e para todos os casos. Além disso, os verbos implicados nessas construções são comuns em funcionamento como auxiliares, sem força lexical, mas com importante valor gramatical.

Nesse sentido, faz-se importante considerar o que Othero (2009, p. 133) defende: “em predicados com sequência **verbo auxiliar + verbo principal** [grifo no original], quem ocupa a posição de núcleo de IP⁷¹ é o verbo auxiliar”. Para ele, o verbo auxiliar é núcleo da função flexional, ou seja, posição onde se hospedam as licenças flexionais para estes verbos em funcionamento auxiliar.

É interessante observar nos dados (09, 10, 22, 46 e 60) que os verbos utilizados são justamente os verbos TER (2x), ESTAR (1x) e SER (2x), colocados por Almeida (1978) como verbos restritos à formação de

Minhas letras são banais. Música “País da corrupção”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=BK-IGab2JQoo>

Seus olhos são negros. Música “Sem você aqui pt. 2”, NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=-y80lOYB-s0o>

As flores morrem. Música “Sem você aqui pt. 2”, NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=-y80lOYBs0o70> - **Meus coleguinha** da escola todos **tinham** pai. Música “Ao menos um abraço”, por “NSC”. <https://www.youtube.com/watch?v=fhI8g2lYhlo>

As pessoa no POPline **tão** aqui rindo. TikTok @acervodememes

Meus irmão são tudo. Música “Bença pai”, por NSC. <https://www.youtube.com/watch?v=9zg1JMSWiWo>

Os cara são gênio. GABIGOL – Podpah <https://www.youtube.com/watch?v=wofpNlwy-DM>

Os menor daqui não tiveram muita sorte. Música “Dia das crianças”, por NSC <https://www.youtube.com/watch?v=oZq8XFIVv4E>

71 - Inflexional Phrase: Posição em que, segundo a Teoria Gerativa, ocorre o fenômeno da flexão. (Raposo, 1992)

auxiliaridade com participios no PB: “Com o participio, há no português praticamente restrição de uso aos auxiliares *ser, estar, ter e haver...*[grifo do autor].” (ALMEIDA, 1978, p. 26). Isso leva a entender que essa categoria verbal é celeiro para flexão de número, que em locuções verbais com participios lhes garante as informações flexionais de modo, tempo, pessoal e mesmo número. Além disso,

Pensar em processo de gramaticalização para o verbo auxiliante, não deve significar de forma alguma esvaziamento ou perda de sentido. A valorização recente da estrutura linguística e, conseqüentemente, da significação gramatical, elevado ao mesmo plano de importância da significação léxica, para o significado global de uma unidade, acentua a impropriedade de se falar em esvaziamento de sentido, pois o que ocorre de fato é a transformação de uma significação léxica em uma significação gramatical (ALMEIDA, 1978, p. 25).

É possível seguir a ideia posta nesta citação, na linha 1, sobre o caráter gramatical desses verbos e de sua importância, aplicando-a também à explicitação da marca de plural. Isso também é corroborado por Camara Jr. (2004, p. 93), indicando-os como “recurso gramatical da flexão de plural”. A essa altura, não se devem colocar questões sobre a ideia de que a expressão de número se trata de uma propriedade gramatical. Do contrário, se faz impositivo que a mesma regra seja aplicada aos elementos que, em funcionamento livre, mas gramatical do PB, se fazem prediletos à marca explícita de número plural, constituindo-se regra bem mais geral.

Não se pretende negar o achado dos pesquisadores citados aqui neste trabalho, mas importa revisitar que as regras e gatilhos indicados por eles para que a marca de plural tenda a aparecer em elementos mais à esquerda da frase se fazem muito lacunar e segmentada. Importa a indicação de regra mais geral em torno desse fenômeno, o fator gramatical, pois caso se apliquem à escrita normas específicas da oralidade, há de se falar em contaminação da escrita por ocorrências da oralidade, como ponto fora da curva, não como regra a ser considerada. Como defende Camara Jr. (2003), “a escrita não reproduz fielmente a fala, como sugere a metáfora tantas vezes repetida de que ‘ela é a roupagem da língua oral’. Ela tem as suas leis próprias e tem um caminho próprio” (CAMARA Jr. 2003, p. 20).

Ao se observarem atentamente os dados, constata-se que esse fenômeno se dá num movimento decrescente, e que parte do elemento mais lexical para o mais gramatical, ou seja, essa marcação vai sendo desprezada primeiramente nos elementos verbais (V) significativos e núcleos de Sintagmas Nominiais (N), sendo preservada nos elementos

mais gramaticais, como verbos não plenos e Determinantes de SNs, independentemente de sua localização na frase.

Línguas analíticas possuem palavras gramaticais e lexicais e como indica Carvalho (1999, p. 14), as gramaticais “só têm função dentro da língua estudada. Às vezes, nem sempre podem ser traduzidas e assinalam relações entre termos. São elas artigos, preposições, conjunções etc.”. As lexicais “têm que nomear a realidade extralinguística [...] Estas palavras são os substantivos, adjetivos, verbos, advérbios de modo e alguns pronomes que têm conteúdo temático (de significado)” (CARVALHO, 1999, p. 14).

Como exemplo claro disto, é possível indicar o que acontece com as locuções verbais e seus tempos compostos. Essas construções são estruturadas em, pelo menos, duas partes – o verbo auxiliar e o principal, aos quais cabem os papéis respectivos de, prioritariamente, hospedar as flexões, e deter a informação do conteúdo verbal. Isso pode ser indicado na linha de que é no elemento menos lexical que se localizam as flexões de tempo, modo, pessoa e número mais apropriadamente, no caso dos verbos auxiliares. Essa mesma regra, já presente na língua, pode ser aplicada e servir como explicação do fenômeno que ocorre com a marcação explícita de número plural.

Como foi demonstrado até o momento, pelos estudos acessados e por este apresentado, dos elementos viáveis à marcação explícita de plural, o que mais prevalece é o determinante do SN, independentemente de sua posição na sentença. Esse elemento é também menos lexical e o mais gramatical dentre todos passíveis de hospedar a marca explícita de plural, assim se constituindo gatilho para marcá-lo qualitativamente, desprezando-se redundâncias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discutiu o fenômeno de a marca explícita de plural, no Português do Brasil (PB), tender a se manifestar em elementos localizados mais à esquerda da frase. Essa tendência é observada quando, num movimento decrescente – da direita para a esquerda – a explicitação do número plural despreza elementos mais lexicais e aloja-se nos de ordem mais gramatical, como o Determinante (D) do Sintagma Nominal (SN) mais à esquerda, ou mesmo o Verbo (V) provido de menor força lexical quando se mantém neste elemento em estruturas de SV. Adotou como hipótese central a ideia de essa predileção ocorrer não por fatores segmentados de localização ou de aspectos fonéticos-fonológicos, como defendem os estudos do tema. Por isso, busca indicar regra mais geral que justifique esse fenômeno.

Um das premissas defendidas dá conta de que fatores de ordem puramente fonológica não se devem aplicar a questões que se estendem produtivamente à escrita. Pelo menos não como regra, por se tratarem de sistemas diferentes e que precisam assim ser considerados, como apregoa Câmara Jr. (2003, p. 20): “Ela tem as suas leis próprias e tem um caminho próprio”. Nesse sentido, fatores como saliência fônica e acomodação fonético-fonológica não devem ser aplicados como determinadores a fenômenos que permeiam também a escrita. Os dados apresentados, analisados e discutidos indicam que fatores textuais-discursivos também são controversos para a explicação do fenômeno da marcação do plural, pois mostraram que os fatores topicalização e paralelismo formal, apresentados por Cristófaros-Silva (2012), não interferem definitivamente na posição da marca do plural, como se comprova na seção 5.1.

Entretanto, este estudo serviu para confirmar que, como defendem Azalim et al (2018); Cristófaros-Silva, Almeida, Guedri (2007); Lins (2018) e Cristófaros-Silva (2012), há tendência de o plural ocorrer mais à esquerda, seja em D de SNs, em D e em N de SNs, em D de SNs argumentos externos e em V; ou ainda redundantemente, em todos os elementos viáveis. Ocorrências do plural apenas em V não foram verificadas, da mesma forma que apenas em N de SNs e em V simultaneamente. Outro fato importante é o de que o universo de dados acessado traz ocorrências plenas para a oralidade e ausência dessa para a escrita, quando se esperava o contrário, haja vista a primeira ser menos monitorada, e a última mais exposta à monitoramento. Plural marcado em elementos tópicos também ocorreu, mas o inverso se deu, desautorizando-o como definidor de sua preservação nesse contexto.

Finalmente, afirmar que fatores fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos ou morfossintáticos determinem que elementos periféricos (artigos e outros) de nomes em posição de núcleo (substantivos) atraiam a marca de plural se coloca, além de muito segmentado, lacunar e pouco generalizador. Nessa perspectiva, tomando como base os dados aqui acessados, postulações de Câmara Jr. (2003) e de Almeida (1978), infere-se que as motivações a que esses elementos sejam mais receptivos à marca explícita de número plural – estando ou não em posição de tópico – são internas e de natureza puramente gramatical, haja vista os elementos periféricos gozarem de traço +Gramatical (+G) e os mais nucleares, cujo se faculta a marca de plural, serem dotados de traço +Lexical (L).

Em outras palavras, conforme indica Carvalho (1999, p. 14), o traço +G indica que a significação de tais elementos acontece, apenas, no uso da estrutura linguística, não possuindo carga semântica própria, o que o

difere, portanto, de elementos dotados de um traço +Lexical (+L) – com significação extralinguística. A justificativa para tal afirmação, de acordo com os dados coletados, não pode ser associada plenamente – conforme apregoadado na literatura consultada – à hipótese da proeminência da posição de tópico, pois mesmo não ocorrendo neste contexto, constituintes não verbais tendem a receber marca explícita de plural, como visto na seção 5.4.

Sobre a flexão dos elementos com traço +G, é perceptível que essa pode acontecer para número e gênero, apesar de não se registrar seguramente variação deste, mesmo na oralidade. Esse aspecto se apresenta como reforço à proposição a que chega este estudo: traço mais gênero é de ordem lexical e não gramatical; do contrário, essa variação seria observada ordinariamente na língua. Assume-se, portanto, que a flexão de número seja mais gramatical e menos lexical – por isso faculta a presença da marca de número em elementos lexicais. Diferentemente disto, assume-se que a flexão de gênero seja mais lexical e menos gramatical, não facultando a explicitação para elementos implicados⁷². Nesse sentido, a variação do plural se dá por questões internas à língua, não se confirmando o que está previsto em Arnauld e Lancelot (1992[1612-1694]).

Ratifica-se, então, que a prevalência da marcação de plural convencional ausente em núcleo de constituintes verbais e de constituintes nominais acontece em virtude da propriedade menos gramatical desses elementos. Essa proposição pode ser pareada à estrutura de construções perifrásticas (Verbo Auxiliar + Verbo Principal), para as quais o verbo auxiliar hospeda os traços gramaticais de Número, Modo e Tempo. Abre-se, desse modo, espaço para a elucidação de que marcas gramaticais hospedam variação também de número em construções outras.

Assim, tem-se que “Determinante” e “Verbos de funcionamento auxiliar”, enquanto elementos mais gramaticais, atraem para si as flexões. Isso foi possível verificar na análise dos casos não previstos, para os quais houve prevalência de marcação explícita de plural no Determinante do SN e no Verbo de propriedade menos lexical.

Afirma-se conclusivamente que a marcação explícita de plural se dar em elementos mais gramaticais e não em elementos mais lexicais em construções do PB se deve à regra geral de que elementos mais gramaticais atraem para si a flexão de número, e não apenas essa. Isso pode ser claramente comprovado nas apresentação, análise e discussão da marcação de plural tidas como casos não previstos, na seção 5.4. Nesse sentido, assume-se que o observado nos estudos anteriores acessados se confirma,

72 - Estudo sobre a (não) variação de gênero encontra-se em andamento, em forma de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação no Curso de Letras da UFAL, campus Arapiraca.

mas como um subconjunto de um conjunto maior, o fator gramatical. Assim, fatores morfológicos, fonológicos, sintáticos se constituem hipônimos de regra geral para a marcação explícita de número no PB, o hiperônimo nível gramatical.

Por fim, com a confirmação desta nova hipótese, não se buscar exaurir o fenômeno estudado ao longo deste artigo, haja vista a necessidade se estudarem os casos com estruturas pronominais e também a concordância de gênero e de elementos preposicionados. Contudo, espera-se que os resultados em questão possam contribuir para robustecer as discussões sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Joao. **Introdução aos estudos das perífrases verbais de infinitivo**. São Paulo: Ilhpa-Hucitec, 1978.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. Tard. Bruno Fregni Basseto e Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1612-1694].

AZALIN et al. Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. In. **D.E.L.T.A.** Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo -, v. 6, n. 1, p. 514-545, 2018.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARVALHO, Nelly Medeiros. **A palavra é**. Recife: Liber, 1999.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Organização Fonológica de Marcas de Plural No PB. **Revista da Abralín**. Vol. XI, nº1, jul. de 2012 (273-306).

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; ALMEIDA, Leonardo; GUEDRI, Christine. Perda da marca de plural no português brasileiro: contribuições da Fonologia. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 207-228, jul./dez. 2007.

LINS, Neilton Farias. Apagamento do Plural na Concordância Nominal do Falante de Maceió. In. **Letra Magna**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 14 - n.22 - 1º Semestre - 2018 - ISSN 1807-5193, p. 63-67.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **A gramática da frase em português** [recurso eletrônico]: algumas reflexões para a formalização da estrutura frasal em português. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em <http://www.pucrs.br/edipucrs/gramaticadafrase.pdf>. Acessado em 12.2011.

LETRAMENTO CRÍTICO E DECOLONIALIDADE: CONSTRUINDO ESPAÇOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

Natália Luczkiewicz da Silva
Flávia Colen Meniconi

A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL

A linguagem perpassa todas as esferas sociais. A forma como nos comunicamos com as pessoas em contextos específicos e as escolhas linguísticas/discursivas realizadas, nos inscrevem em grupos sociais predeterminados. Nesse sentido, “a linguagem é parte irredutível da vida social, o que pressupõe relação interna e **dialética** de *linguagem-sociedade*” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 11, grifos das autoras).

Os discursos se configuram como construções históricas, retomados e ressignificados a cada uso, nos quais podemos assumir lugares de privilégios ou de silenciamento. Eu, Natália, enquanto mulher cis, hétero, branca, classe média baixa e filha de um nordestino com uma sulista, sou atravessada por diversas estruturas sociais e discursivas (RESENDE, 2009). De forma semelhante, eu, Flávia, mulher cis, hétero, parda, classe média e filha de belo-horizontinos, marco o meu lugar de fala no contexto marcado por desigualdades e injustiças sociais.

Em uma sociedade racista eu, Natália, nunca fui violentada pela cor da minha pele, pela textura do meu cabelo ou por meus traços físicos. Já, eu, Flávia, vivenciei momentos de racismo quando morei na Espanha e perguntaram-me se no Brasil todos eram escuros como eu. Esse questionamento levou-me a percepção de que, naquele contexto, eu era considerada negra, pela cor parda da minha pele, pelos meus traços físicos e pelos meus cabelos cacheados.

Entretanto, em uma sociedade homofóbica, nunca fomos desrespeitadas por nossa orientação sexual, por andar na rua de mãos

dadas com um homem, nunca apanhamos ou fomos humilhadas por isso. Em contrapartida, em uma sociedade machista, vivenciamos, diariamente, o que é “ser mulher”, ou melhor, “tornar-se mulher” (BEAUVOIR, 2005), as imposições que foram construídas historicamente pelo colonialismo e pelo patriarcado.

Todas às vezes que saímos de casa, andando sozinhas pelas ruas ou pegamos um Uber, rezamos para que naquele dia não seja a nossa vez de ser desrespeitadas, aliciadas, violentadas. Enfim, de acordo com Simone Beauvoir, nos tornamos mulheres, a partir de todo esse processo de violência pelo qual passamos, respaldadas no discurso machista e patriarcal. Também, resistimos! Hoje, estamos em um curso de pós-graduação para questionar essas narrativas que acabaram construindo restrições em nossa forma de ser e de se comportar, pois, de tanto ouvirmos essas repetições – as repetições constantes de uma descrição podem se tornar um fato (SILVA, 2000) -, compartilhamos de muitas ideias machistas, buscando trabalhar no sentido de suas desconstruções no âmbito formativo.

Nesse ínterim, trazemos as palavras de Silva (2000), em relação à repetição de construções discursivas que circundam a identidade dos sujeitos, “aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo”. Nessa discussão, o autor traz o conceito ampliado de “performatividade”, proposto por Judith Butler (1990), que diz respeito às construções linguísticas repetidas em diferentes atos comunicativos que ganham forma em uma fixação preconceituosa da identidade. Observemos, pois, o papel que a linguagem desempenha sobre a nossa vida enquanto sujeitos sociais.

Jacques Derrida (1981) discute sobre a concepção de “binarismo” e nos mostra como esse conceito representa um processo de inclusão / exclusão. As construções linguísticas binárias, como homem x mulher, branco x negro, heterossexual x homossexual, rico x pobre, normal x anormal, bom x ruim e outras, colaboram para o estabelecimento do que é positivo e do que é negativo, no qual nunca existirá uma relação horizontal, isto é, as pessoas que se enquadrarem dentro de um dos grupos sempre serão tomadas como superiores às que estão em posição contrária. Por esse motivo, é preciso questionar a fixação da identidade, sobretudo, nos ambientes escolares, tomando-a como algo marcado pela indeterminação e pela instabilidade e tratando-a como uma questão política (SILVA, 2000).

Outrossim, podemos compreender o papel da linguagem em nossas práticas sociais e as nuances que ela pode assumir, não só no que diz respeito às questões de raça, gênero, sexualidade e configuração

econômica, mas também, em outras situações que permeiam as práticas sociais e linguísticas, que ocorrem dentro e fora da escola e que precisam ser discutidas, refletidas e questionadas, como: a gordofobia, a xenofobia, a condição de pessoas com os mais variados tipos de deficiência, a falta de acesso a serviços essenciais, todos esses temas devem ser trabalhados nos contextos escolares como forma de (re)existência de grupos silenciados/marginalizados.

Diante disso, justificamos a nossa escolha por um trabalho que envolve o letramento crítico e a decolonialidade no ensino de línguas, no sentido de que, primeiramente, os alunos possam conhecer as narrativas hegemônicas que circulam nas mais diversas esferas sociais, de modo a refletirem e criticarem essas construções, criando possibilidades concretas de ressignificação, visibilizando narrativas outras. Defendemos, acima de tudo, que é preciso “atacar as condições ontológicas-existenciais e de classificação racial e de gênero; incidir e intervir, interromper, transgredir, desencaixar e transformá-las de maneira que superem ou desfaçam as categorias identitárias [...]” (WALSH, 2013, p. 55).

Conforme apontam Ramalho e Resende (2011, p. 11), “a linguagem se mostra um recurso capaz de ser usado tanto para estabelecer e sustentar relações de dominação quanto, ao contrário, para contestar e superar tais problemas”. Buscamos, então, um trabalho que supere problemas, frutos do colonialismo, capitalismo e patriarcado (SANTOS, 2019).

LETRAMENTO CRÍTICO: ATRIBUINDO NOVOS SIGNIFICADOS AO FIXO E IRREDUTÍVEL

“Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?”, corroborando com a discussão de Mortatti (2007), compreendemos que não basta apenas saber decodificar e codificar o alfabeto, é necessário interferir sobre as informações, uma vez que os sentidos não estão postos na materialidade linguística, mas são construídos a partir dela, nas vias de negociação de sentidos (KOCH, 2014).

Street (2014), partindo da Teoria do Multiletramentos, aponta para dois tipos de concepções: o letramento que dialoga como o sentido de alfabetização e o letramento como prática social, vistos por meio dos enfoques autônomo e ideológico. O primeiro concebe o letramento desvinculado de seu contexto de produção, relacionando a aquisição da escrita ao desenvolvimento cognitivo. Enquanto o segundo considera os mecanismos e usos sociais da língua.

O letramento é um processo que vai além da alfabetização, pois pressupõe o uso significativo da língua em qualquer esfera social, sendo assim, “a compreensão da diversidade e do mundo plural pode contribuir para a vivência e o aprendizado sobre o ‘lidar com as diferenças’ nas relações entre pessoas e contextos heterogêneos” (MONTE MÓR, 2019, p. 1084).

De acordo com Soares (1998, p. 39), no Brasil, o precursor do termo *letramento* foi Kato (1986), que buscou na palavra inglesa *literacy*, como forma de denominar “o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita”. Desse modo, não há como desprender a linguagem das práticas sociais, pois, se ela não for usada nas lutas para resistir, torna-se um elemento perigoso de apagamento e marginalização.

Movidos pela luta em busca de reconhecimento e representatividade, alguns grupos sociais têm reivindicado seus espaços a partir de movimentos contra hegemônicos, configurando-se em práticas de letramentos de resistência (KLEIMAN, 2010). Assim, a escola passa a ser um ambiente de reconhecimento, de discussão e de reflexão sobre a identidade e a diferença. Em relação ao papel de um professor e pesquisador de linguística aplicada, Moita Lopes (2009) destaca que

É crucial abrir a pesquisa para vozes alternativas de modo que seja possível revigorar a vida social ou construí-la por meio de outras narrativas, aquelas normalmente apagadas no decorrer da modernidade, como as dos pobres, mulheres, indígenas, negros, homossexuais etc. Essas vozes podem não somente apresentar alternativas para compreender o mundo contemporâneo, mas também podem colaborar na produção de uma agenda anti-hegemônica. (MOITA LOPES, 2009, p. 37).

A produção de uma agenda anti-hegemônica pode ser iniciada na sala de aula a partir do momento em que consideramos a particularidade de cada aluno que, por sua vez, é permeado por características sociais e individuais que lhes constituem como sujeitos e que são construídas e reconstruídas na relação do “eu” com o “outro”. Quando as vozes desses alunos são ouvidas, o conhecimento prévio é visto como o fator singular que mais influencia a aprendizagem, uma vez que o aluno poderá relacionar os conhecimentos escolares aos conhecimentos advindos de suas experiências particulares, tornando o processo de ensino e aprendizagem significativo.

Nas palavras de Kleiman (2008, p. 490), “os estudos do letramento defendem uma concepção pluralista e multicultural das práticas de uso da língua escrita”. A autora defende que “quando a prática social estrutura as atividades da sala de aula, o eixo do planejamento é a ação” (*Ibidem*, p. 508). Por esse motivo, defendemos o trabalho com o letramento crítico, em

sala de aula, a partir de textos com temáticas decoloniais que despertem a reflexão e criticidade dos alunos, promovendo mudanças de paradigma e interferindo em situações sociais concretas.

O letramento crítico “trata da participação de indivíduos em práticas letradas de forma consciente e ativa, não apenas atuando nestas práticas, mas também as transformando” (VILAÇA; ARAÚJO, 2019, p. 340). O principal objetivo desse tipo de letramento é induzir os alunos a refletir e participar das discussões sociais, políticas e econômicas. Santos e Meniconi (2018) estabelecem a relação entre o texto e as práticas sociais, destacando que o letramento crítico permite ressignificar as ações, em busca de uma transformação.

O letramento crítico concebe a língua como discurso, como construtora de novos significados, identidades e posições, visto que, por meio dela, entendemos e interpretamos as nossas experiências. Em outras palavras, o letramento crítico é uma prática educacional que concebe a língua como formadora de ideias e valores que permitem ao sujeito ser capaz de (re)significar suas próprias crenças e valores, a fim de provocar a transformação social (SANTOS; MENICONI, 2018, p. 121).

Dessa maneira, acreditamos que trabalhar com os letramentos em uma perspectiva crítica permite que, de algum modo, haja uma mobilização a favor de mudanças das estruturas sociais e discursivas, sobretudo, no que diz respeito às narrativas de segregação, visto que este trabalho pode contribuir para “o desprendimento de práticas linguístico-discursivas hegemônicas a fim de que outras condições sociais possam ser pensadas e construídas”. (MOREIRA JÚNIOR, 2020, p. 67).

Nessa perspectiva, defendemos ainda que trabalhar com o letramento crítico em sala de aula, a partir de propostas decoloniais, poderia ser o início de fragilização dos padrões, compreendendo que o conhecimento é ideológico, pois há “a necessidade do desenvolvimento do olhar crítico do professor a fim de analisar de que maneira aspectos políticos, linguísticos e culturais estão atrelados a concepções de ensino de língua e como essas perspectivas e ideologias estão representadas nos materiais didáticos” (PARDO, 2019, p. 213).

Destarte, a partir do momento em que o estudante é convidado a discutir sobre temáticas que estão próximas da realidade social, possibilitamos que vivencie espaços de discursos contra hegemônicos e crie argumentos que reforcem posicionamentos construídos nesse sentido, sejam eles por meio de um autorreconhecimento ou por meio da empatia, colaborando na busca por uma mudança social. Assim, o letramento

crítico pode ser entendido como uma expansão e ampliação de olhares, pois “deixo de pensar como antes, ou melhor, quando eu adiciono outros significados a algo que eu já tinha como dado, fixo e irreduzível” (BEZERRA, 2019, p. 909). Após assumir que o letramento crítico propõe uma mudança de paradigmas, seria possível pensarmos em um *letramento decolonial*?

COLONIALIDADE (S) X DECOLONIALIDADE

A sociedade brasileira foi construída sobre o suor, sangue e corpos dos povos indígenas e negros. A colonização trouxe graves consequências para esses povos que, por meio de uma violência física e simbólica, foram proibidos de se expressarem culturalmente e religiosamente. Esses aspectos estão intimamente relacionados ao poder da linguagem. Quijano (1999, p. 230) destaca que “na sociedade colonial, apenas alguns colonizados podiam ter acesso à leitura, à escrita e, exclusivamente, à língua dos dominadores, com fins específicos”.⁷³

As teorias que versam sobre os estudos decoloniais apresentam alguns conceitos que merecem destaque, uma vez que a opção por um deles configura em uma tomada de posicionamento. Santos (2019) critica a criação do termo “colonialidade”, cunhado pelo estudioso da rede Modernidade/Colonialidade, Anibal Quijano, pois considera que o termo colonialismo expressa, suficientemente, o atual contexto de exploração, de silenciamento e marginalização, nesse sentido, o colonialismo, assim como o capitalismo e o patriarcado são elementos indispensáveis para compreender as múltiplas formas de revestimento do projeto hegemônico. Segundo o autor:

Procurando explicar a continuação do colonialismo após o colonialismo histórico, no contexto da América Latina, Anibal Quijano (1991) propôs o conceito de “colonialidade”, que se tornou um marco fundamental do projeto descolonial. Na minha perspectiva, na verdade, não é necessário qualquer outro termo. Assim como o capitalismo assumiu formas muito diversas durante os últimos cinco séculos, sendo que, apesar disso, continuamos a identificá-lo como “capitalismo” (SANTOS, 2019, p. 164-165).

Ao propor o termo “colonialismo”, Boaventura critica a criação do termo “colonialidade” para se referir ao processo de exploração e violência dos grupos silenciados/marginalizados, uma vez que o colonialismo, mesmo se referindo a um movimento de imposição, cujo o principal objetivo é a posse de terras, pode ser visto como algo recorrente em nossos

73 - Texto original: y en la sociedad colonial, sólo algunos entre los colonizados podrían llegar a tener acceso a la letra, a la escritura, y exclusivamente en el idioma de los dominadores y para los fines de éstos.

dias atuais, que não está muito longe da realidade brasileira, quando pensamos na situação em que as populações indígenas vêm passando com o garimpo ilegal.

O termo colonialismo remete ao modo em que a cultura europeia foi imposta aos povos de outras culturas, a exemplo da indígena e da africana, como forma de padrão de poder. Bonnici (2005) conceitua o colonialismo como:

O modo peculiar como aconteceu a exploração cultural durante os 500 anos causada pela expansão europeia. O colonizador, representante da civilização europeia, fundamentada na ideologia da supremacia da raça branca, cristã e patriarcal desempenhava o papel de impor a civilização europeia ao resto do mundo (BONNICI, 2005, p. 262).

No entanto, somos adeptas ao termo colonialidade, considerando-a, assim como Quijano, como um movimento resultante do colonialismo, em que a “colonialidade” traz à tona o vínculo entre o passado e o presente, com implicações não só territoriais, mas também, nas questões mais subjetivas da constituição da identidade dos sujeitos.

De acordo com Oliveira e Candau (2010), a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, por meio do mercado capitalista mundial e da ideia de gênero e raça. Nesse ínterim, a colonialidade está presente na sociedade em diferentes níveis e pode multiplicar-se por meio de três dimensões, são elas: a colonialidade do poder, do saber e do ser.

A colonialidade do poder trata-se de um padrão colonial que produziu discriminações sociais, a partir da divisão da sociedade em raças e/ou etnias, funcionando como um “marco no qual operam as outras relações sociais, de tipo classista ou estamental” (QUIJANO, 1999, p. 438).

A divisão da sociedade em raça e etnia gerou uma repartição social que ganhou materialidade com a colonização do trabalho, em que povos negros e indígenas eram considerados raças inferiores e sem capacidade intelectual, por isso, eram destinados ao trabalho escravo; enquanto os povos europeus desfrutavam de poder aquisitivo, acesso à educação e à cultura erudita. A perpetuação dos discursos de inferiorização social manteve o poder nas mãos dos colonizadores, acarretando na colonização do saber.

A colonialidade do saber é um tipo de colonialidade filosófica e epistemológica, na qual os conhecimentos produzidos nos espaços escolares e acadêmicos satisfazem os interesses da classe dominante (CASTRO GÓMEZ, 2007). Com os avanços decorrentes do poder financeiro e simbólico, passou-se a se produzir conhecimentos ditos científicos e universais, calcados no apagamento de muitas vozes e no silenciamento de muitas histórias.

Nesse sentido, Santos (2019, p. 17) propõe o termo ‘epistemologias do sul’ para designar “a produção e a validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que tem sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo colonialismo, capitalismo e patriarcado”, para que os grupos sociais oprimidos possam representar o mundo como seu e nos seus próprios termos. Assim, o entendimento de Epistemologias do Sul, não diz respeito ao sul geográfico, mas ao sul global, epistêmico e marginalizado (PENNYCOOK; MAKONI, 1957).

Essa proposta de Boaventura visa uma prática de resistência aos movimentos de que o conhecimento do sul é associado ao grotesco e ao tradicional, sendo essa produção de conhecimento um paradigma de invisibilização, enquanto o conhecimento do norte é visto como científico e válido. Com isso, o objetivo das epistemologias do sul não é acabar com as diferenças entre o norte e o sul, mas acabar com as hierarquias de saber (SANTOS, 2019).

A colonialidade do poder⁷⁴ reflete na colonialidade do saber e, por conseguinte, ambas direcionam a colonialidade do ser. Assim, “a colonialidade do ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de caráter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades” (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 96). Nesse tipo de colonialidade, persevera a negação da existência do outro, daquele que não pertence ao grupo social de prestígio.

Na colonialidade do ser, vemos a negação mais violenta da identidade, em que “não basta ao colonizador limitar fisicamente o colonizado, com suas polícias e seus exércitos, o espaço do colonizado. Para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colonizador faz do colonizado uma quinta essência do mal” (FANON, 2003, p. 35).

74 - Os conceitos de colonialidade propostos por Quijano e por outros autores da rede modernidade/colonialidade, conforme citados, restringem-se ao conceito de raça e etnia, no entanto, há outras relações de poder que são alvo da colonialidade, dentre elas, as questões que envolvem gênero e sexualidade, conforme é criticado por Maria Lugones (2010). Santos (2019) assume a influência do patriarcado no silenciamento imposto às questões de gênero e sexualidade.

A colonialidade do poder, do saber e do ser carregam discursos que estão estruturados na memória social e que demandam uma manifestação ampla e constante de resistência, para que a cada dia, tenhamos chances de desconstruir essas narrativas, em busca de narrativas outras. “O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se construir o sujeito colonial como Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária subjetividade” (SPIVAK, 1942, p. 47).

Em um sentido de oposição à colonialidade, trazemos a perspectiva decolonial que compreende que “as relações desiguais de poder forjam identidades subalternizadas [...] Nesse sentido, a perspectiva decolonial é uma forma de compreender e atuar no mundo, caracterizando-se como opção teórica, epistêmica e política na busca de (re)pensar a colonialidade” (DE QUEIROZ et al., 2019, p. 130).

A esse movimento de resistência e ressurgência da colonialidade, podemos chamar de decolonialidade (QUIJANO, 1999; WALSH, 2003) ou descolonialidade (SANTOS, 2019), os autores fazem uso dessas terminologias na mesma perspectiva, a qual parte da ideia de luta contra as narrativas hegemônicas. Contudo, Walsh (2013) destaca que o des-colonial é uma possibilidade de desfazer o colonial e de apagar suas marcas, enquanto o de-colonial denota uma atitude de luta e de resistência ao que se manteve como herança. Assim, é possível viver em uma sociedade marcada pelas feridas provocadas pelas colonialidades, ao tempo em que, questionamos e agimos contra elas.

Não acreditamos que seja possível se desmembrar do passado, pois nossas histórias, como sujeitos sociais, são atravessadas por tudo aquilo que vivemos, trazendo-nos ensinamentos ou feridas coloniais (MIGNOLO, 2008). Nesse sentido do ser/fazer decolonial e *sentipensar* (SANTOS, 2019), considerar o passado é muito importante para a busca de uma justiça social. Sendo assim, se hoje precisamos discutir essas temáticas com tanta veemência é porque criou-se essa necessidade, visto o sofrimento de tantos indivíduos subalternizados. Nesses termos, Moita Lopes (2009) completa que

Indicar, porém, como a branquitude, a heterossexualidade e a masculinidade foram construídas consistentemente como raça, sexualidade e gênero ao torná-las visíveis no discurso escolar é um modo de desnaturalizá-las e, portanto, de chamar atenção para outros tipos de posicionamentos interacionais, por meio dos quais podemos construir outras narrativas sobre nossas vidas sociais (MOITA LOPES, 2009, p. 44).

Podemos pensar em práticas de letramento decolonial, em que os alunos possam conhecer as relações de poder que deram encaminhamento para os diversos tipos de colonialidade, possam debater sobre o papel social e a ideologia repercutida em cada texto e discurso que eles acessam no dia a dia. Além de conhecer e reconhecer, os alunos deverão ter acesso às discussões, reflexões, críticas, mudanças de paradigmas e a materialização desse conhecimento em sua vida enquanto sujeito social, uma vez que a escola pode assumir dois papéis distintos:

Assim como na dualidade remédio-veneno, escolas e universidades podem representar oportunidades, inclusão social, cultural e econômica e, ao mesmo tempo, reforçar ou promover desigualdades, segregação, exclusão, intolerância em relação às diferenças, sendo essas últimas [as diferenças] muito indesejadas num ambiente em que não há aceitação ao que foge ao padrão estipulado. (MONTE MÓR, 2019, p. 1086).

Se a escola não assume uma postura feminista, antirracista, antihomofóbica e tolerante, ela acaba perpetuando discursos eurocentrados que considera as identidades sociais, culturais e individuais, como uma coisa exótica e estranha. É preciso letrar os alunos criticamente e decolonialmente, pois antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença, é preciso explicar como ela é ativamente produzida (SILVA, 2000).

Devemos levar em conta que “a decolonialidade não é uma teoria a seguir, mas um projeto para assumir. É um processo acional para pedagogicamente andar”, que requer aprendizagem, desaprendizagem e reaprendizagem de todos (WALSH, 2013, p. 67). Ao assumir o projeto decolonial, tomamos como ponto de partida a ressignificação de práticas coloniais do poder, do saber e do ser, em busca de uma pedagogia decolonial.

NOSSA PROPOSTA DE SER/FAZER DECOLONIAL

Tilio (2021) realiza um trabalho de reinterpretação da Pedagogia dos Multiletramentos e apresenta quatro fatores integrantes: prática situada (*situated practice*), instrução aberta (*overt instruction*), enquadramento crítico (*critical framing*) e prática transformada (*transformed practice*). A prática situada assume que, no contexto da sala de aula, os conhecimentos compartilhados pelos alunos devem ser o ponto de partida para as discussões, fazendo com que haja sentido no processo de ensino e aprendizagem, pois os conteúdos e temáticas trabalhadas conversam com práticas concretas do uso da língua, em situações sociais específicas. O autor considera que

O ponto de partida para a produção de uma unidade curricular e/ou didática é a prática situada (situated practice). Estabelecer uma prática situada significa criar condições para que os alunos sejam situados (como se estivessem “imersos”) em práticas sociais que lhes sejam familiares e/ou que lhes pareçam relevantes. A construção do conhecimento sempre faz mais sentido quando parte de experiências já conhecidas (TILIO, 2021, p. 36).

Em seguida, vem a instrução que tem o objetivo de “promover um entendimento consciente, sistemático e analítico de conteúdos por meio da descrição e interpretação de diferentes modos de significação, investindo notadamente na análise e exploração de gêneros e práticas discursivas” (Ibidem, p. 37).

O terceiro elemento é o enquadramento crítico, ou postura crítica, conforme observa o autor, por considerar que o termo “enquadramento” apresenta uma noção de estabilidade quando, na verdade, a criticidade dos alunos é construída, reconstruída e desenvolvida a cada nova discussão. Assim, “com uma postura crítica, espera-se que os alunos possam ter domínio crescente sobre suas práticas, trazidas para o contexto pedagógico na prática situada em direção a construção de práticas transformadoras” (Ibidem, p. 38).

O último elemento proposto pela pedagogia dos multiletramentos é a prática transformada, considerada o ponto de chegada, não numa perspectiva de finalização, mas de meta a ser alcançada. No entanto, sobre a escolha terminológica, o autor afirma que a palavra ‘transformada’ pode levar a uma interpretação de que a prática foi concluída e acabada, enquanto que a opção ‘transformadora’ apresenta um caráter mais dinâmico e processual, remetendo a uma construção contínua de conhecimento.

Desse mesmo modo, assumimos que “prática transformadora” se aplica melhor aos estudos do letramento crítico e da decolonialidade, uma vez que pressupõe um movimento de retroalimentação: discussão, reflexão, crítica, ação. A ação, ou prática transformadora, não pode ser vista como o fim do processo, mas como um novo começo de reavaliação, passando por todo o processo novamente⁷⁵. Tilio (2021) desprende-se do segundo e do terceiro movimento, considerando apenas o ponto de partida da prática situada e o ponto de chegada da prática transformadora, em que os outros elementos são entendidos como onipresentes e imbricados nesse processo.

Para um trabalho que convirja a prática situada e a prática transformadora no processo de desenvolvimento do letramento crítico, em

75 - Essa discussão conversa com o modelo transformacional de Bhaskar (1998), sobre as mudanças nas estruturas sociais, em que as estruturas controlam as ações sociais, no entanto, a repetição de ações que dissociam dessas estruturas podem provocar novas estruturas.

sala de aula, a partir de temáticas decoloniais, defendemos a necessidade de levar em consideração a realidade do aluno, as mazelas pelas quais ele passa, os temas mais recorrentes em suas relações familiares e sociais e quais são os textos que esse aluno lê, ouve e produz.

O professor pode partir de uma temática em específico e trazer textos de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008) diversos que possam direcionar as discussões, sejam eles charges, memes, curta-metragem, diário reflexivo, reportagens, propagandas, poemas, letra de músicas, comentários em redes sociais, entre outros. Hoje, dispomos de uma infinidade de opções para trabalhar em sala de aula, a internet e os aparelhos digitais têm se tornado um campo fértil para as práticas pedagógicas, isto é, se a realidade da escola e do aluno permitir o acesso a esses mecanismos. Além disso, o professor pode partir de temáticas diversas, discutindo um gênero textual específico, convidando o aluno a participar e produzir seus próprios textos, ressignificando conhecimentos e experiências.

Neste espaço, propomos um trabalho com o *Poetry Slam*. O poetry slam é um gênero artístico-literário que surgiu nos Estados Unidos, em 1986, e chegou ao Brasil, em 2008. Apesar desse gênero circular pelo país há mais de uma década, está ganhando um maior destaque nos últimos anos, a partir da divulgação em redes sociais como o *Youtube*, em que as batalhas são gravadas e disponibilizadas para um acesso posterior.

O slam começou a ser pensado e reproduzido nas comunidades como forma de resistência e de problematização de diversos temas e, aos poucos, foi introduzido em campeonatos, como o Slam Interescolar de São Paulo, organizado pelo Slam de Guilhermina, atraindo o público jovem (SOUZA, 2021). Este gênero se caracteriza por batalhas de poesias cantadas que, diferentemente, do *hip-hop*, não são improvisadas, mas produzidas com antecedência, podendo o participante levar um papel para consulta, na hora da apresentação.

Além disso, as letras podem conter intertextualidade (BAKHTIN, 2011) com outras produções artísticas e literárias. A apresentação do slam também pressupõe uma performance do participante, tanto na forma de rimar como na expressão corporal. Abaixo, apresentamos a letra do slam “Ser mulher é sentir medo, e você não entende o que é isso”, produzido por Daisy Coelho, disponível no canal do *Youtube* “Manos e Minas”⁷⁶.

Ser mulher é sentir medo./ E não venha me dizer que você entende o que é isso./ Ser mulher é sentir medo./ É carregar o peso da culpa./ É conviver todos os dias com possíveis inimigos./ E você, não entende o que é isso./ Ser mulher é sentir medo./ De desfrutar da própria liberdade, da

76 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QRxdJunk0JE>.

própria solidão./ É ter roubada de si todos os dias o direito de ir e vir./ E você, não entende o que é isso!/? Ser mulher é sentir medo. Entende?/ Não, não entende./ É ser controlada, julgada, assediada, abusada, acusada e lutar contra isso todos os dias./ E você, você, não entende o que é isso./ Ser mulher é sentir medo./ Aguentar o seu preconceito, aguentar o seu julgamento, parir os seus filhos, abaixar a cabeça./ Você, que não entende o que é isso e nunca vai saber, aprenda:/ São dois olhos, dois ouvidos e uma boca./ Guarde a sua inútil opinião apenas pra você. Aceite./ O jogo começou a virar e dessa vez, não é você que vai falar./ Ser mulher ainda é sentir medo,/ Mas nunca mais, nunca mais vai ser se calar.

No canal do Youtube Manos e Minas, circulam muitos vídeos de apresentações de slam que tratam sobre variadas temáticas, como as imposições sociais à figura feminina (destacado na letra acima); questões que envolvem o racismo, como na letra do slam “Eu sou a menina que nasceu sem cor”⁷⁷, da artista Mídrria; gordofobia, entre outras temáticas de relevância social e que envolvem silenciamento.

De acordo com Spivak (1942, p. 67), “a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. Vejamos como essas discussões ainda são tão recentes, na sociedade contemporânea, evidenciando as estruturas sociais e simbólicas que orientam as relações humanas. Os silenciamentos se dão por meio de várias dimensões: gênero, sexualidade, raça, classe social, religião... Os indivíduos que são classificados como os “outros”, em algum desses elementos, sofrerão implicações e precisarão resistir em cada uma delas.

O slam apresentado desperta uma série de reflexões sobre o que é ser mulher na sociedade brasileira, o medo que sentimos todos os dias, de ser violentadas fisicamente, sexualmente, verbalmente, psicologicamente e patrimonialmente, silenciando, muitas vezes, por medo, por falta de empatia social, por considerarem que a mulher é a culpada pelas agressões.

Este texto denuncia a constituição social da mulher como ser que deve ceder aos caprichos da figura masculina e instrumento de procriação, sem ter voz sobre o seu próprio corpo, pois as “meninas são ensinadas a ficar caladas e sorrir quando discordam”⁷⁸. Nessa letra, observamos um movimento de resistência, em que há a retomada de narrativas patriarcais,

77 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o6zEzP7pudQ&t=3s>.

78 - Trecho de uma fala de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora Nigeriana, concedida à rede BBC Brasil, em 6 de março de 2017.

em busca de uma reflexão que gera uma atitude decolonial: “Ser mulher ainda é sentir medo/ Mas nunca mais, nunca mais vai ser se calar”.

O trabalho com esse gênero artístico, nas aulas de língua, poderia ocorrer seguindo alguns passos: 1. apresentar o gênero para os alunos; 2. analisar textos desse gênero, observando a postura crítica e subversiva; 3. convidar artistas que produzem slam para falarem sobre suas experiências e apresentarem algumas produções; 4. estudar os contextos das batalhas de slam e escolher a(s) temática(s) que serão discutidas, considerando a particularidade dos alunos participantes; 5. ofertar uma oficina ou quantas forem possíveis e/ou necessárias; 6. produzir os slams; 7. compartilhar as produções com os colegas de turma, com o objetivo de melhorias; 8. preparar a apresentação oral e a expressividade dos alunos para o momento de exposição; 9. apresentar o slam para a comunidade; e, 10. divulgar as produções nas redes sociais.

Nessa perspectiva, acreditamos que cada etapa proposta contribuiria para uma prática transformadora, partindo de um contexto de prática situada, conforme discutido na Pedagogia dos Multiletramentos (TILIO, 2021). Primeiramente, é preciso que apresentemos o gênero para os alunos, para identificarmos a receptividade, uma vez que muitos deles podem não conhecer ou confundir com outros gêneros, como o rap e o hip-hop. Situar o gênero, observar o propósito comunicativo e os meios de circulação devem ser os primeiros passos do trabalho docente.

É importante destacar que o aluno não deve ser obrigado a produzir o slam e nem deve ser coagido a produzir em troca de nota, pois o intuito deste trabalho é contribuir para a sua formação cidadã e não a proliferação de situações de imposição de poder, em uma relação verticalizada entre professor e aluno. Após o estabelecimento desse contrato pedagógico⁷⁹, podemos partir para o segundo passo.

Nesta segunda etapa, é importante que nós levemos alguns vídeos de apresentação de slam, bem como, a letra do slam impressa, para que possamos fazer uma análise crítica e observar os recursos linguísticos e discursivos utilizados pelos autores, identificando as figuras de linguagem mais utilizadas, a forma como a crítica é construída e as relações intertextuais⁸⁰ (BAKHTIN, 2011).

Outro ponto relevante é convidar artistas que produzem slam, para que eles possam falar sobre as suas experiências, como conheceram

79 - Adotamos o termo com o intuito de defender a relação democrática com o aluno em seu processo de vivência de novas experiências de ensino e construção de conhecimentos.

80 - O slam é um gênero artístico e literário que costuma apresentar intertextualidade, com a retomada de discursos machistas, homofóbicos, racistas, gordofóbicos, entre outros; para que apresente uma resposta a esses discursos, de forma subversiva.

o gênero, como essas produções têm impactado as suas vidas enquanto cidadãos, além de fazer a apresentação de algumas produções. Esse momento de partilha pode fazer com que o aluno reconheça que existem pessoas locais que produzem textos desse gênero, não sendo algo restrito a regiões específicas do Brasil ou a comunidades particulares - embora saibamos que esse gênero apresenta um campo de atuação mais amplo nas periferias, ecoando vozes de luta e de resistência (NEVES, 2017); contudo, o slam não pode ser restrito a apenas esse espaço, pois se configura como uma ferramenta fundamental para um trabalho pedagógico crítico e reflexivo.

Após esse momento de aprendizagem e de trocas com os artistas, cada aluno, individualmente ou em grupo, poderá escolher um tema que faça parte da sua vida social, seja enquanto sujeito silenciado/marginalizado ou como forma de entrar na luta pela visibilidade desses grupos. A primeira opção fará com que o aluno reflita sobre os impactos da colonialidade na sociedade moderna, buscando uma atuação como agente crítico e construtor da sua própria narrativa. Enquanto, a segunda opção provocará o sentimento de empatia, o reconhecimento de possíveis privilégios do grupo ao qual pertence e, sobretudo, o não-silenciamento diante de práticas opressoras.

Escolhido o tema, passaremos para a quinta e a sexta etapas, que dizem respeito à(s) oficina(s) de produção. Nesse momento, os alunos poderão iniciar as produções, com orientações do professor. Como mencionamos anteriormente, é preciso que o aluno se sinta confortável para produzir, nesse sentido, cada um pode escolher se gostaria de produzir sozinho ou com um pequeno grupo de colegas, pois esse diálogo poderá ajudar no processo de produção criativa.

Além disso, sabemos que cada aluno possui habilidades específicas, então, alguns se expressam melhor oralmente, outros têm maior domínio da escrita, outros possuem um vocabulário literário mais extenso. O que não podemos fazer é com que o aluno não queira participar por se achar incapaz de produzir o slam, desse modo, a possibilidade de troca com outros colegas poderá instigá-lo a colaborar para a elaboração do texto.

Com o texto em mãos, passamos para a sétima etapa, que aponta para o compartilhamento das produções com os colegas da turma. Essa fase é importante, pois desenvolve o espírito de colaboração, em que os alunos poderão sugerir melhoria nos textos dos colegas, uma vez que não temos como objetivo colocar os alunos em uma atmosfera competitiva, comparando a produção ou inferiorizando a dos colegas, nem caracterizando uma ou duas produções como “a(s) melhor(es)” ou a(s) que se “encaixa ou

encaixam melhor no gênero”. Feito esse exercício de melhoramento do texto, partimos para a materialização performática do trabalho.

De acordo com Zumthor (2014), a performance é um fator primordial nas apresentações de slam, pois ela possibilita um diálogo entre os interlocutores, com vistas a coconstruir os sentidos. Neste ponto, é importante que os alunos atuem na perspectiva do *sentirpensar*, que utilizem o corpo como forma de leitura e de expressividade. Uma leitura com as pausas nos locais adequados, com uma entonação apropriada ao texto, com uma expressão facial e com os movimentos dos braços sintonizados fará com que o espectador, além de entender o texto, o sinta. Quantas vezes lemos um poema e não sentimos nada, mas quando alguém declama com essa atitude performática, nos faz arrepiar?

Dessa forma, o aluno que produziu o texto é o mais indicado para realizar essa performance. Assim, após esse preparo, podemos organizar um evento na escola, chamar a comunidade e fazer a apresentação dessas produções. Se os alunos e a comunidade escolar tiverem de acordo, as apresentações podem ser gravadas e compartilhadas em uma rede social específica, feita para a turma ou na rede social da escola, como forma de divulgação do trabalho.

A proposta de divulgação nas redes sociais surgiu a partir da compreensão do papel que essas ferramentas têm assumido em nossas vidas, sobretudo, nos últimos dois anos, com o advento da pandemia da Covid-19, em que o nosso trabalho e a nossa comunicação ficaram praticamente restritos aos ambientes virtuais. Desse modo, as redes sociais podem servir tanto como um ambiente de proliferação de discursos de ódio, ou apresentar um movimento inverso: servir de espaço para dar voz aos silenciados, travar lutas e efetuar denúncias contra às injustiças sociais. Vejamos como essa última etapa do trabalho corrobora para o que chamamos de movimento circular das práticas transformadoras, pois essa prática pode gerar novas práticas situadas e partir para outras transformações.

Diante disso, ressaltamos que o trabalho com esse gênero, assim como com qualquer outro conteúdo didático, depende de um conhecimento prévio da turma, sendo necessária uma adaptação do planejamento a cada contexto específico. Assim, consideramos que essa sugestão de trabalho caminha para uma postura autocrítica, reflexiva e decolonial, podendo despertar os seguintes sentimentos e habilidades nos alunos participantes: autonomia, criticidade, criatividade, expressividade, reflexão, empatia, cooperação, mudança de perspectiva, relação horizontal entre professor e aluno, representatividade, entre outros fatores.

Esses movimentos poderão intervir nas práticas sociais dos alunos e das pessoas que presenciarem as apresentações na escola e nas redes sociais, bem como nossa vida, enquanto professores. Mas e a Língua Portuguesa? Língua não é só gramática, língua é prática social (BAKHTIN, 2011), e esse trabalho com o slam proporciona o exercício da escrita e da leitura situadas (letramento crítico).

Nesse sentido, concluímos que o trabalho com o poetry slam, nas aulas de língua, colabora para o desenvolvimento do letramento crítico e decolonial dos alunos, discutindo, refletindo e criticando as narrativas coloniais, e praticando posturas decoloniais, a fim de que possam criar suas próprias histórias, resistindo, (re)existindo, resignificando o poder, o saber e o ser.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BEZERRA, Selma Silva. Reflexões sobre colonialidade de gênero e letramento crítico em aulas no ensino médio. **Rev. Bras. Linguíst. Apl.**, v. 19, n. 4, p. 901-926, 2019.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá, PR: Eduem, 2005.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Londres: Routledge, 1990.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago.; GROSGOUEL, Ramon. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 79-93.

DERRIDA, Jacques. **Positions**, Chicago: University of Chicago Press, 1981.

FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

KLEIMAN, Angela B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. **Linguagem em (dis)curso**, Santa Catarina, v. 8, n. 3, p.487-575, set. 2008. Semestral.

KLEIMAN, Angela B. **Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar**. *Perspectiva*, Florianópolis. v. 28, n. 2, 375-400, jul./dez. 2010.

- KOCH, Ingedore Villaça. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.
- LUGONES, Maria. **Toward a Decolonial Feminism**. *Hypatia*, v. 25, n. 4, 2010, p. 742-759.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 71-114, mar. 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Literatura, língua e identidade, [S. l.], n. 34, p. 287-324, 2008.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá**. Niterói, n. 27, p. 33-50, 2009.
- MONTE MÓR, Walkyria.; SANTOS, Aline Silva. Práticas discursivas e concepção/ensino-aprendizagem de língua(s) na contemporaneidade: uma entrevista com Walkyria Monte Mór. Práticas discursivas e concepção/ensino-aprendizagem de língua(s) na contemporaneidade. **Revista Eventos pedagógicos**, v. 10, n. 2 (2019), p. 1081-1090.
- MOREIRA JÚNIOR, Rusanil dos Santos. Por uma Pedagogia Decolonial no ensino de Língua Espanhola: uma experiência remota durante a pandemia da Covid-19. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.30, 2021.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?. In: SCHOLZE; ROSING. **Teoria e práticas de letramento**. Brasília – DF: INEP, 2007.
- NEVES, Chintya Agra de Brito. Slams: Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017.
- OLIVEIRA, Luiz Fernando de.; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 115-140, 2010.
- PARDO, Fernando da Silva. Decolonialidade e ensino de línguas: perspectivas e desafios para a construção do conhecimento corporificado. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 8, n. 3, p. Port. 200-221 / Eng. 198-218, set. 2019. ISSN: 2317-2347.
- PENNYCOOK, Alastair; MAKONI, Sinfree. **Innovations and challenges in applied linguistics from the global South**, New York, NY: Routledge, 1957 [2019].
- QUEIROZ, Atuan Soares de.; SANTOS, Edinei Carvalho dos.; C.; OLIVEIRA, Kelly Cristina Nunes de.; et al. Ensino de língua portuguesa: uma proposta

de sequência didática baseada nos estudos decoloniais. **Revista do GELNE**, v. 20, n. 2, p. 127-141, 4 fev. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Dispositivo**, v. 24, n. 51, p. 137-148, 1999.

RAMALHO, Viviane.; RESENDE, Viviane. **Análise de Discurso (para a Crítica): o texto como material de pesquisa**. Campinas (SP): Pontes, 2011.

RESENDE, Viviane. **Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico: implicações interdisciplinares**. Campinas, SP: Pontes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Gustavo Correia dos.; MENICONI, Flávia Colen. Ensino-aprendizagem de Língua Espanhola no Projeto Casas de Cultura no Campus da Universidade Federal de Alagoas: propostas e encaminhamentos para formação crítica. **Leitura**, [S. l.], v. 2, n. 61, p. 115-136, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Fabiana Oliveira de. O poetry Slam no Ensino de Língua Espanhola: uma proposta para o letramento literário crítico. **Trabalhos em Linguística Aplicada** [online]. 2021, v. 60, n. 3, pp. 645-658.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TILIO, Rogério. (Re)interpretando e implementando criticamente a Pedagogia dos Multiletramentos. **Revista Linguagem em Foco**, v.13, n.2, 2021. p. 33-42.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa.; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de. Letramento crítico: compreender e lidar criticamente com as diversas práticas sociais contemporâneas. Anais do XXIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia: Textos Completos. **Cadernos do CNLF**, vol. XXIII, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019.

WALSH, Catherine. Introducción. Lo Pedagógico Y Lo Decolonial: Entretejiendo caminos. In: _____. **Pedagogías Decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir**. Quito Ecuador, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

UMA ANÁLISE DO PROPÓSITO COMUNICATIVO EM POSTAGENS POLÍTICAS DE DEPUTADOS FEDERAIS NO INSTAGRAM

Emanuelle Maria da Silva Piancó

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os gêneros são estudados por meio da esfera de produção, que compreende as evoluções e o surgimento de novos gêneros a partir do contexto social e das transformações na forma de comunicação. Neste trabalho, objetiva-se verificar o propósito comunicativo em posts de natureza política na rede social *Instagram*⁸¹. Essa ferramenta tem características textuais que expõem um aspecto da vida dos usuários, os quais constroem o seu perfil a partir das postagens (*posts*) que, em sua maioria, ficam arquivadas no perfil, formando a imagem pessoal e/ou profissional construída pelo usuário (RAMOS; MARTINS, 2018).

A relevância deste estudo consiste em dar atenção aos atuais gêneros, que se desencadeiam, em grande proporção nos aplicativos digitais, uma vez que, na atualidade o *Instagram*, tanto por meio de *post* quanto de outros recursos, como o *story*, *reels* e etc., tem se apresentado como ferramenta para promoção de campanhas eleitorais, já que legisladores se utilizam de suas redes sociais para difundir seus ideais e interesses defendidos.

A pesquisa de abordagem qualitativa, interpretativa e descritiva foi desenvolvida por meio da geração de dados por meio do *Instagram*, a partir do qual se selecionou *posts* dos perfis pessoais de dois deputados federais: Túlio Gadelha e Marília Arraes. A razão por que esses perfis foram escolhidos, deve-se, respectivamente, ao crescimento nas redes sociais, do primeiro usuário, desde 2019 e, ao constante engajamento do segundo

81 - *Instagram* é uma rede social de compartilhamento de fotos, vídeos e mensagens, criada em 2010, por Kevin Systrom e Mike Krieger que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los (RAMOS; MARTINS, 2018).

(PARADOXZERO⁸², 2019). Há também a relevância social deste estudo, visto que são deputados de Pernambuco, que propõem defender os direitos de seu povo, na instância federativa, e engatilham posicionamentos, utilizando-se do texto no espaço digital, motivo deste estudo.

Este artigo foi subdividido em cinco seções: na primeira, discorre-se acerca dos estudos dos gêneros, traçando um conciso percurso histórico; na segunda, apresentam-se breves considerações sobre os Estudos Retóricos de Gêneros (ERG), tradição evidenciada nesta pesquisa; na terceira, propõe-se o estudo do gênero a partir da situação social e retórica; na quarta, discute-se a respeito do propósito comunicativo; e na quinta, há a apresentação dos procedimentos metodológicos e a análise de posts de temática política, coletados no *Instagram*.

ESTUDO DE GÊNEROS

Para iniciar estas discussões, se faz importante destacar que o estudo dos gêneros é realizado desde a antiguidade com Aristóteles e Platão, que conceberam as primeiras definições de gêneros textuais, por meio das perspectivas retóricas e literárias. Esses estudos têm se intensificado na atualidade com investigações que observam o processo evolutivo dos gêneros enquanto construto social.

Nesse sentido, a noção de gêneros corresponde à análise dos elementos históricos, sociais e contextuais que permeiam o funcionamento comunicativo e regem uma comunidade discursiva. Bezerra (2017) defende que um gênero é construído mediante a coletividade, em que são estabelecidas formas próprias para cada interação. Os gêneros determinam as formas de comunicação das pessoas, orientam a composição textual adequada para cada âmbito social, bem como garantem a interação entre os interlocutores.

Configuram-se como gêneros os textos que fazem parte do nosso cotidiano e exercem dimensões sociocomunicativas, definidos pela sua função, objetivos e estilos, concretamente realizados. Segundo Marcuschi (2008, p. 149), “a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso a uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral”.

Nesse contexto, compreende-se que os gêneros são produtos da linguagem em funcionamento e o seu crescente estudo, desde o século XX, embora tenha desencadeado diferentes abordagens nas tradições

82 - PARADOXZERO. [online] Disponível em: <https://paradoxzero.com/2019/12/09/deputados-pernambuco-redes-dezembro-2019/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

linguísticas - por exemplo, a Linguística Sistêmico-Funcional (ESF), os Estudos de gênero para Fins Específicos (ESP) e os Estudos Retóricos de Gênero (ERG) - todas têm em comum a análise do gênero a partir da noção de contexto.

Neste artigo, evidencia-se a tradição do ERG, visto que se trata de uma abordagem que considera as “ações sociocognitivas complexas e dinâmicas” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 83) para o ensino dos gêneros. Essa concepção teórica se preocupa em compreender os gêneros enquanto cognição situada, dessa forma, toma como ponto de partida a noção de que os gêneros assumem dinamicamente os modos de conhecer, ser e agir de uma comunidade.

OS ESTUDOS RETÓRICOS DE GÊNEROS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Os Estudos Retóricos de Gêneros (ERG), também denominados *Nova Retórica*, se caracterizam por observar o texto enquanto produção, analisando os gêneros no contexto progressivo e intersubjetivo. Esta corrente surgiu em oposição aos ideais aristotélicos (*Retórica Antiga*), diante da preocupação em reconhecer a diversidade dos gêneros contemporâneos, bem como suas funções e dinâmicas.

Esses estudos nascem com as pesquisas retóricas, no contexto europeu, sob a ótica de pesquisadores como Carolyn Miller, que se dedicou ao estudo dos gêneros, considerando a forma e a função, a reprodução, a estabilidade e a modificação, atualizando, desse modo, os pressupostos de Aristóteles. Assim, o pioneirismo de Miller, nessa abordagem, deve-se ao desenvolvimento da noção de gênero como ação social. Para a autora os gêneros são:

[...] tipificações sociais, padrões de interação social-simbólica recorrente e socialmente reconhecíveis. Assim, os padrões aos quais damos nomes e sobre quais atores sociais comentam são culturalmente significativos. Em outras palavras, é instrutivo ver os gêneros como categorias de construtos vernaculares, em vez de teóricas, que têm significado para quem cria e se envolve, em vez de observadores externos que procuram explicá-los. (MILLER, 2012, p. 129-130).

Nesse sentido, a pesquisa retórica de gênero não se concentra em identificar a forma de comunicação, mas em analisar o propósito e compreender uma situação regida pela “ação conjunta”. Ademais, a ERG compreende que o gênero pode ser um direcionador dos parâmetros

culturais e “chave para entender como participar das ações de uma comunidade” (MILLER, 2012, p. 41).

Essa teoria também teve influência dos estudos de Bazerman e Swales, que se dedicaram às pesquisas relacionadas ao gênero enquanto situação recorrente e situado a partir de um propósito comunicativo. Esses autores dialogam com os estudos de Miller, que em sua teoria, defende a concepção de existência e motivo como pressupostos para ação retórica do gênero.

Nesse contexto, a perspectiva de ERG leva em consideração o coletivo, visto que as ações retóricas se devem não só as intenções, mas as situações discursivas que são um preceito para a existência do gênero, por isso, motivam determinados usos. Ademais, de acordo com Miller (2012, p. 44):

aquilo que aprendemos quando aprendemos um gênero não é apenas um padrão de formas ou mesmo um método de realizar nossos próprios fins. Mais importante, aprendemos quais fins podemos alcançar: aprendemos que podemos elogiar, apresentar desculpas, recomendar uma pessoa para outra, assumir um papel oficial, explicar o progresso na realização de metas. Aprendemos a entender melhor as situações em que nos encontramos e as situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente. (MILLER, 2012, p. 44).

Entende-se que o gênero se constitui na e pela ação social, já que os elementos estruturais não são privilegiados, embora constituam a ação não são significativos, uma vez que a ação possibilita a essência interacional. Dessa forma, os interlocutores por possuírem uma infundável coleção de gêneros, consoante às necessidades, são estimulados a ativá-los coerentemente no momento da interação.

Portanto, na tradição de Estudos Retóricos de Gêneros a visão de gênero como artefato cultural e instrumento para exercer a comunicação é fundamental para que se compreenda que os gêneros existem à medida que os usuários o reconhecem e o distinguem. Por isso, a perspectiva de ERG proporciona orientações, que auxiliam traçar estratégias para construir, agir e situar-se na realidade social.

O GÊNERO COMO SITUAÇÃO SOCIAL E RETÓRICA

Os gêneros têm papel importante na sociedade, visto que estruturam as manifestações comunicativas e orientam a interação, além de intervir nas transformações espaço-tempo. A depender do objetivo comunicativo de um falante e da situação interacional que se pretende atender, selecionam-se gêneros para contemplar o significado que se objetiva.

Compreende-se, desse modo, que os gêneros ao mesmo tempo em que se estruturam a partir da sociedade, não se ancoram a ela, pois se organizam diante das variações culturais de uma dada comunidade e ajustam-se às necessidades de uso comunicativo. Nesse sentido, para Swales (1990, *apud* MILLER, 2012, p. 51) “os gêneros pertencem às comunidades discursivas, não a indivíduos”.

Observa-se que ao definir os gêneros como artefato cultural, Miller (2012) demonstra que eles podem ser moldados pelos indivíduos, mas seguem as normas coletivas de uma comunidade, cultura e intenção comunicativa. Os gêneros podem ser compreendidos como as diferentes semioses empregadas em um texto, as quais serão adequadas a partir do propósito comunicativo e da situação social.

Considerando este aspecto, os gêneros são estudados a partir das contribuições que exercem na ordenação e estabilização das práticas interativas. Percebe-se, assim, que eles são diversificados e infinitos, pois se relacionam às inúmeras atividades humanas e são concebidos/materializados através de textos, que conduzem a comunicação.

Ademais, o conhecimento que construímos a respeito dos gêneros estão sempre associados aos contextos, nos quais estamos inseridos como sujeitos atuantes. Seguindo esse pensamento, salienta-se que para Bazerman (2011, p. 23) os gêneros: “são *frames* para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído”. Todas as práticas sociais desse modo, são executadas por meio da linguagem e esta é direcionada pelos gêneros textuais, que determinam a comunicação.

Os gêneros se constituem por um arcabouço de possibilidades, os quais são direcionados por composições “substanciais, estruturais, sintáticas e lexicais” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 66), que se referem à natureza prototípica de um gênero e se relacionam ao propósito comunicativo, o qual contribui significativamente para análise de gêneros (SILVA, 2020).

Desse modo, Koch e Elias (2008, p. 107) salientam que “todo gênero é marcado por sua esfera de atuação que promove modos específicos de combinar, indissolivelmente, conteúdos temáticos, propósito comunicativo, estilo e composição”. Percebe-se, assim, que as atividades discursivas desenvolvidas no meio social são determinadas e direcionadas pelo propósito comunicativo, que define a função de um dado gênero. Consoante a Biasi-Rodrigues (2005), no decurso da história, os propósitos podem sofrer adaptações e incitar mudanças ao gênero, como se observará na seção a seguir.

O PROPÓSITO COMUNICATIVO

A noção de propósito comunicativo, concebida por Swales (1990), como categoria imprescindível e privilegiada para a análise de gêneros, admite a compreensão das funções sociais dos gêneros. Nesse sentido, convém apresentar o conceito de propósito comunicativo defendido por Swales (1990, *apud* BIASI-RODRIGUES; BEZERRA, 2012, p. 234):

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um certo conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva original e desse modo passam a constituir a razão subjacente ao gênero. A razão subjacente delinea a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado que opera no sentido de manter o escopo do gênero, conforme concebido aqui, estreitamente ligado a uma ação retórica comparável. (SWALES, 1990, p. 58).

Diante disso, sob a ótica de Swales (1990), o propósito comunicativo não diz respeito à estrutura do gênero, mas sim às escolhas do conteúdo e ao estilo que se relacionam à ação social. Desta forma, conforme Swales (1990), os gêneros são eventos sociais ou comunicativos, que atuam em função do contexto cultural, exercendo influência nas diversas situações interativas.

As atividades discursivas desenvolvidas no meio social são direcionadas pelo propósito comunicativo, que indicam a função e a finalidade de um gênero. Ademais, Swales (1990) também considera o contexto e os participantes como essenciais para a construção do propósito comunicativo de um gênero. Para o autor, no decurso da história, os propósitos podem sofrer adaptações e incitar mudanças à estrutura do gênero.

Nessa ótica, conforme Biasi-Rodrigues (2007), os gêneros se adaptam a todo e qualquer desejo comunicativo, visto que o propósito comunicativo está associado ao que os gêneros desejam realizar na sociedade. No entanto, deve-se considerar que o propósito de um gênero não é único nem pré-estabelecido, pois nos propósitos comunicativos que são realizados por um gênero pode haver propósitos específicos ou “intenções particulares”. Assim, a noção de propósito comunicativo permite compreender que, em um dado momento de interação, os gêneros sempre darão opções para o estabelecimento eficaz da atividade comunicativa.

Consoante a Bezerra (2017, p. 56-57), “[...] O gênero é concebido como uma entidade dinâmica sujeita a mudanças constantes, que correspondem

a mudanças nas atividades mediadas [...]”. Neste embasamento, os gêneros são ferramentas que auxiliam atingir os propósitos comunicativos almejados, correspondendo também à dimensão social, específica ao contexto cultural e situacional da interação.

As transformações dos gêneros, a partir dos avanços sociais, decorrem do surgimento de novos propósitos comunicativos que eficazmente surgem para atender as evoluções sociais e interacionais. Nessa perspectiva, Biasi-Rodrigues (2007) destaca que os gêneros funcionam como escopo interacional das comunidades discursivas e revelam os propósitos comunicativos dessas comunidades.

O propósito comunicativo, desse modo, orienta adequações dos gêneros aos distintos âmbitos sociais, possibilitando diferentes usos da linguagem em diversos contextos de interação. Neste viés, conforme Biasi-Rodrigues (2007) os propósitos comunicativos podem ser alterados e desencadear mudanças nos gêneros, ao longo da história e do uso, tendo em vista que novos propósitos surgem, seja para orientar uma atividade discursiva, seja para adequar-se a um determinado contexto.

De acordo com Araújo (2006), embora o propósito comunicativo não seja o único meio para identificação de gêneros, trata-se de um aspecto para o seu reconhecimento que, a partir das situações discursivas, encaminham os gêneros mediante os objetivos pretendidos, sua forma de ser e de agir. Dessa maneira, os gêneros podem ser apresentados em diversificadas formas de interação, a partir de textos diferentes, tais como: o bilhete, a carta, o e-mail, um *outdoor*, o diálogo no aplicativo *Whatsapp*, os *posts* no *Facebook* e/ou *Instagram*. A este respeito, Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012, p. 233) salientam que

A manifestação de um propósito comunicativo comum não implica, naturalmente, uma rigidez estrutural na construção dos gêneros. A maleabilidade em si, traço constitutivo da produção e circulação dos gêneros, não invalida a sua identificação através de propósitos comunicativos específicos.

Os propósitos são fundamentais na investigação de gêneros, dado que as funções sociais do gênero são melhor reconhecidas e articuladas, independente do suporte ou aparato tecnológico e midiático que esteja inserido. A este respeito, Dionísio (2011) enaltece que, atualmente, a sociedade é digital, pois as diferentes semioses combinam-se a fim de construir comunicação.

Nesse sentido, as plataformas digitais têm possibilitado espaços de interação síncrona e assíncrona, que tanto podem funcionar como

ferramenta para divulgação de informações, quanto para distração e interação ou como mecanismo estratégico para persuadir o outro. O gênero utilizado e as semioses recorridas pelos usuários dessas plataformas, para composição de um post, por exemplo, dependerá do propósito comunicativo do gênero.

ANÁLISE DO PROPÓSITO COMUNICATIVO EM POSTS POLÍTICOS NO INSTAGRAM

A seguir são apresentadas análises de dois posts de deputados federais, selecionados por meio da rede social *Instagram*. Para tanto, buscou-se estabelecer procedimentos para análise dos propósitos comunicativos dessas postagens, uma vez que o texto publicado nas redes sociais funciona estrategicamente. Ademais, ao criar uma publicação há ações que orientam e/ou desencadeiam reações, que podem ser positivas ou negativas, acarretando aprovação ou desaprovação do material postado. Conforme Lima (2015) concebe-se o post como gênero por considerar que

[...] sua função comunicativa básica, é tornar algo público, num contexto eminentemente interativo. [...] Publicado um determinado material, aquele conteúdo aparece na rede e pode ser visualizado pelo público determinado pelo sujeito que o postou. A partir de tal visualização, o público pode demonstrar sua interação com o material veiculado, ou com quem o postou, exercendo algumas ações como: compartilhar o conteúdo publicado, curtir e/ou comentar.

Assim, este estudo de abordagem qualitativa, ancora-se na interpretação e na descrição dos dados que são analisados enquanto processo. Metodologicamente, seguiram-se os seguintes procedimentos para geração de dados: a) seleção de perfis pessoais de deputados federais; b) apuração de postagens; c) separação por temática, data de publicação e maior engajamento; d) análise dos dados e resultados.

O *corpus*, formado por meio da coleta de posts nos perfis pessoais dos deputados Túlio Gadelha (@tulio.gadelha) e Marília Arraes (@mariliaarraes), assume natureza política, por se tratar de postagens de deputados em exercício, que visam alcançar o público que os acompanha (seguidores) que, em sua maioria, se constitui de eleitores ou pessoas que podem se tornar seus eleitores. A depender do objetivo comunicacional, os deputados publicam diferentes textos, que assumem compósitos interacionais diversos. Apresenta-se, a seguir, os posts selecionados e as análises:

Figura 1: Posicionamento de Túlio Gadelha



Fonte: Perfil oficial do deputado Túlio Gadelha.

A figura 1, selecionado no perfil pessoal do *Instagram* do deputado Túlio Gadelha, refere-se ao posicionamento do parlamentar à votação do projeto de lei que propõe aumento do fundo eleitoral para o financiamento de campanhas. Esse projeto que estava em tramitação no congresso nacional foi votado no último dia 20 de dezembro de 2021. O parlamentar utilizou sua rede social para expor sua posição de voto, para tanto, personalizou a postagem com os recursos que o *Instagram* dispõe, postando assim, em forma de carrossel⁸³ (várias fotos de uma única vez) um compósito textual permeado de diferentes semioses, que se relacionam aos fatores sociais e políticos.

Para a análise, o post foi capturado pelo celular e organizado da esquerda para a direita, conforme a ordem de postagem. Na primeira imagem, temos o post inicial permeado pelo verbal, imagético e gestual, com a foto do referido deputado, que está com semblante sério, braços semi-cruzados, trajando terno e gravata. Além disso, há o texto: “Fui contra o aumento do fundo eleitoral para R\$ 5,7 bi. Veja como votou cada deputado”.

A imagem que remete à localização do deputado no cenário da Câmara dos Deputados Federais, aliada ao verbal, chama a atenção não só para o posicionamento do parlamentar, diante da votação em questão, mas também para a atuação dos demais deputados, uma vez que a postagem direciona o público a conhecer a votação dos outros. Para isso, o primeiro post apresenta uma seta que aponta para a direita, indicando que basta o leitor passar para o lado que terá acesso às informações prometidas, as quais são apresentadas em forma de tabela, expondo os estados, nomes dos parlamentares e votos.

83 - Embora o post tenha 10 fotos, para a análise trouxemos apenas 4 delas, considerando a semelhança das demais.

Ademais, o deputado Túlio Gadelha também se utiliza do texto na legenda da publicação, o qual contribui para a construção de propósitos da postagem. Ao contextualizar sobre a votação em questão, encaminha para o motivo do post, que evidencia os interesses da atual conjuntura política que a partir de seu posicionamento, infere-se o comprometimento com os direitos dos cidadãos e destaca-se o descaso de outros deputados. Pode-se concluir, também, que ele (Túlio Gadelha) seria um parlamentar digno para o cargo, por se preocupar com o povo, enquanto os demais estariam atentos aos interesses pessoais.

Assim, acredita-se que os fatores de produção e contextualização contribuem significativamente para a recepção dos interlocutores, os quais nas redes sociais interagem tanto simultaneamente quanto podem construir a comunicação de forma assíncrona. O propósito coexiste em forma de conexões entre um post publicado e os comentários que denotam a recepção e podem evidenciar se o intuito do gênero foi alcançado. As curtidas (likes) e compartilhamentos também são elementos que denotam o alcance de um post, os quais podem indicar o propósito comunicacional do gênero, que se efetiva a partir de uma ação retórica.

Figura 2: Divulgação de entrevista

mariliaarraes

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NÃO POUPA NENHUMA DE NÓS. NÃO IMPORTA A IDEOLOGIA OU PARTIDO.

MARÍLIA ARRAES PARA MARIE CLAIRE

mariliaarraes Pessoal, dei uma entrevista super bacana para a edição deste mês da Revista Marie Claire (@marieclairebr). Dentre outros assuntos, expliquei que se precisar abrir mão de exercer o meu mandato para tirar a licença maternidade, não vou tirar.

Defendo e sempre defenderei os direitos conquistados por nós, mulheres, em todos os campos. Mas jamais poderia deixar de exercer meu mandato, que é dedicado ao povo brasileiro, pernambucano - e em especial às mulheres - ainda mais quando sabemos quantas batalhas teremos pela frente. E aliás, é justamente de olho nessa absurda discrepância de tratamento entre os parlamentares homens e mulheres que estou na linha de frente para instituir na Câmara dos Deputados o trabalho remoto para gestantes.

1.847 curtidas

Acessa o link na bio e aproveita a leitura!

Fonte: Perfil oficial da deputada Marília Arraes.

A figura 2, adquirido no perfil pessoal de Marília Arraes, construído por diferentes semioses, divulga uma entrevista concedida pela deputada à Revista Marie Claire. Isso pode ser inferido a partir do texto apresentado na

legenda, no qual ela comenta a principal pauta da entrevista e destaca a sua defesa pelos direitos das mulheres, aproximando-se do público feminino.

O post inicial apresenta uma foto dela e a seguinte frase: “A violência de gênero não poupa nenhuma de nós. Não importa a ideologia ou partido”; o conjunto de semioses direciona o leitor à crítica feita pela deputada, consoante às diferenças entre os direitos trabalhistas femininos e masculinos, e ao seu posicionamento diante do cargo assumido, visto que Marília Arraes propõe que embora as mulheres tenham o direito de afastar-se do cargo para “aproveitar” a sua licença maternidade, ela não pretende fazê-lo se isso lhe custar o não exercício do mandato, pois seu trabalho direcionado ao povo, em especial sua luta pelos direitos das mulheres, não pode ficar em segundo plano.

Assim, o gênero em análise assume propósitos comunicativos persuasivos, que buscam propagar para o seu público, não só a entrevista, mas o aproximar da realidade pessoal/profissional da parlamentar, diante da construção de seu perfil: mulher comprometida com os ideais do povo e que desbrava, na câmara dos deputados, projetos que proporcionem melhores condições de trabalho às mulheres. Infere-se, desse modo, que a publicação, realizada em 20 de dezembro de 2022 é composta também de hiperlinks, que direcionam a outros textos. O primeiro link apresentado é o nome de usuário, no *Instagram*, da revista (@marieclariebr) que sugere aos seguidores que vale a pena acessar o referido perfil.

Ao final da legenda a deputada também sugere que se faça a leitura da entrevista na íntegra, propondo que os seguidores acessem ao link da revista on-line os encaminhando para a biografia do seu perfil. Esses passos só são possíveis porque se trata de um gênero digital, que dispõe de diferentes recursos para a construção leitora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se, portanto, que as relações físicas são levadas para o espaço digital, concretizando a interação. Os gêneros são eventos comunicativos com capacidade de adaptação, originados a partir das necessidades dos indivíduos, perante aos avanços no meio social e cultural (MARCUSCHI, 2008).

A interação por meio de posts no *Instagram* tem desencadeado mudanças que refletem o seu impacto na comunicação dos sujeitos, além de serem utilizados com diferentes propósitos, demonstrando que a situação retórica exerce influências significativas na construção dos gêneros,

produzidos e organizados a partir do contexto, com a finalidade de atingir o público a quem se direciona.

Nesse interim, compreendemos que o objeto de estudo em análise tem grande relevância no cenário político e social do país, por isso, estudá-lo à luz do propósito comunicativo permite entender os propósitos de uma interação no domínio discursivo digital. Ademais, os atores sociais selecionam versões linguísticas e/ou semióticas mais aceitáveis para a construção de um discurso, que se constrói progressivamente na interlocução.

Por fim, percebeu-se que o propósito comunicativo funciona como direcionador para que se alcance os objetivos de uma dada comunicação, por isso é primordial para a análise de gêneros. As análises demonstraram que o propósito pode ser considerado responsável por expor as intenções do autor, que se adaptam de acordo com as circunstâncias. Em razão disso, considera-se o propósito comunicativo como um traço relevante para o reconhecimento de um dado gênero, que atende as especificidades de uma comunidade, as quais são reconhecidas pelos membros que dela fazem parte.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. **Os chats**: uma constelação de gêneros na Internet. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.

BAWARSHI, Anis S; REIFF, Marys Jo. **Gênero**: História, teoria, pesquisa, ensino. Tradução: Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad.: HOFFNAGEL, Judith Chambliss. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola, 2017.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. O papel do propósito comunicativo na análise de gêneros: diferentes versões. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET), 4., Tubarão, SC. **Anais**. Tubarão/SC: UNISUL, 2007. p. 729-742.

BIASI-RODRIGUES, Bernardete; BEZERRA, Benedito Gomes. Propósito Comunicativo em Análise de Gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, p. 231-249, jan./abr. 2012.

DIONÍSIO, Angela Paiva. **Gêneros textuais e multimodalidade**. In: KARWOSKI, Acir Mario, GAYDECZKA, Beatriz, BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). **Gêneros textuais, reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Raquel Freitas de. **O par post/comentário em rede social: um estudo a partir da noção de gêneros textuais**. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. p. 183. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Trad.: HOFFNAGEL, Judith Chambliss. São Paulo: Parábola, 2012.

RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos; MARTINS, Analice de Oliveira. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Texto Digital**. Florianópolis, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018, p. 117-133. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-288.2018v14n2p117>. Acesso em: 16 dez. 2021.

SILVA, Iraci Nobre da. **Análise sociorretórica de introduções de artigos científicos no quadro dos letramentos acadêmicos de graduandos pibidianos em três áreas disciplinares**. 223 f. Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Doutorado em Ciências da Linguagem, 2020.

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Aldo Matheus do Nascimento Silva

É acadêmico do Curso de Letras - Língua Portuguesa (Licenciatura) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus Arapiraca/Sede. É membro do Núcleo de Pesquisa em Estudos Literários, Artes e Ensino (NELIEN)/CNPq e do grupo de pesquisa Descrição, Análise Linguística, Literatura e Texto (DALLT)/CNPq.

E-mail: aldo.matheus@arapiraca.ufal.br

Alexandre Souza Cavalcante

Doutorando em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL). Mestre em Letras e Linguística (UFAL/2019). Especialista na área de Educação em Direitos Humanos e Diversidade (EDHDI) – (UFAL/2012). Graduado em Letras/Português (UNEAL/2013); Professor de Língua Portuguesa das redes públicas municipais de Arapiraca/AL e Girau do Ponciano/AL. Membro do Grupo de Estudos em Discurso e Ontologia (GEDON/PPGLL/UFAL).

E-mail: alexandresouzac60@gmail.com

Ana Patrícia Alves Limeira

Cursa Letras na UFAL, campus Arapiraca/Sede. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Descrição e Análise Linguística, Literatura e Texto – DALLT.

E-mail: ana.limeira@arapiraca.ufal.br

Deywid Wagner de Melo

Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Mestre e Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atuou, na função de coordenador de área como bolsista Capes, nos Projetos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), edição 2018/2020 e 2020/2022. Atualmente, é professor efetivo, Adjunto IV, do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus de Arapiraca e exerce, nesta universidade, o cargo de Procurador Educacional Institucional (PEI).

E-mail: deywid@arapiraca.ufal.br

Eduardo Pantaleão de Moraes

É graduado em Letras pelo Centro Universitário CESMAC (2010), especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Academia Alagoana de Letras/Universidade Cidade de São Paulo (2011), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2015) e doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2019). É professor de Linguística e Língua Portuguesa, do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – São Miguel dos Campos. Além disso, é membro do Grupo de Estudos do Texto e da Leitura (GETEL/CNPq/UFAL), do Grupo de Pesquisa Linguagem e Retórica (CNPq/UNEAL), do Grupo de Estudos Político-Midiáticos (GEPOMI/UEM).

E-mail: epmoraisal@gmail.com

Elias André da Silva

Doutor em Letras pela UFPE (2012), Mestre em Letras e Linguística pela UFAL (2003), licenciado em Letras (1999) e Professor Adjunto 2 da UFAL – Campus de Arapiraca. Atua principalmente em Sintaxe, Morfologia, Gramática Descritiva, Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Textos. Coordena os Estágios de Letras da UFAL, Campus de Arapiraca e é Líder do Grupo de Pesquisa Descrição e Análise Linguística, Literatura e Texto – DALLT.

E-mail: elias.andre@arapiraca.ufal.br

Emanuelle Maria da Silva Piancó

Mestranda em Linguística, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Linguística Aplicada na Educação, pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Graduada em Letras/Português, pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Palmeira dos Índios/AL. Integra o Grupo de Estudos do Texto – GESTO/PPGL/UFPE, liderado pela professora doutora Suzana Leite Cortez. Também é integrante do Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua (GEEAL/UNEAL/CNPq), liderado pela Professora Doutora Maria Margarete de Paiva.

E-mail: emanuellemariapianco@gmail.com

Flávia Colen Meniconi

Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1999), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003) e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2015). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas, do Curso de Letras/Espanhol (FALE/UFAL) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/FALE/UFAL). É membro dos grupos de pesquisa: 1- Letramento, Educação e Transculturalidade (LET); 2- Grupo de estudo do texto e da Leitura (GETEL). É coordenadora do Projeto Casas de Cultura no Campus (Língua Espanhola) e do Programa de Iniciação à docência (PIBID/Espanhol).
E-mail: flavia.meniconi@fale.ufal.br

Francisco Herbert da Silva

Doutorando em Linguística, pelo PPGEL-UFPI. Mestre em Letras, pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Especialista em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Graduado em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Tenho experiência na área de Letras Português, atuando, em especial, com os seguintes temas: Argumentação e Discurso. Atualmente, sou Professor Substituto, da área de linguagem, na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Campus de Timon.
E-mail: herberty_silva@hotmail.com

Helena Gomes Wielewicki

Possui graduação em Letras Português Inglês pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Arapongas (1986), mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992), doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (2002) e pós-doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (2009). Aposentou-se como professora associada da Universidade Estadual de Maringá em dezembro de 2019. Atualmente, é professora colaboradora voluntária no Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM.
E-mail: vhwielewicki@gmail.com

João Benvindo de Moura

Possui doutorado e pós-doutorado em Linguística pela UFMG. Mestre e especialista em Linguística pela UFPI com graduação em Letras-Português pela mesma instituição. Docente da graduação e pós-graduação em Letras da UFPI. Editor da revista Form@re. Fundador e atual coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD/UFPI/CNPq. Membro do GT sobre Argumentação, da ANPOLL.

E-mail: jbenvindo@ufpi.edu.br

John Hélio Porangaba de Oliveira

Doutor em Ciências da Linguagem com interesse em processos de organização linguística e identidade social baseados em gêneros e letramentos acadêmicos. O autor dedica atenção para as práticas e para os processos de produção de gêneros por uma compreensão de finalidades específicas (socais, processuais e comunicativas/interativas). Partindo do contexto para o texto, o autor toma como relevante o estudo dos conjuntos de práticas da comunidade discursiva e o trabalho com resumos específicos, socialmente nomeados com uma identificação.

E-mail: jhpoingles@gmail.com

Josefa Joyce Silva do Nascimento

Licenciada em Letras/Português, pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) campus III, em Palmeira dos Índios. É integrante do Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua (GEEAL/UNEAL/CNPq), liderado pela Professora Doutora Maria Margarete de Paiva.

E-mail: j-joyce2508@hotmail.com

José Nildo Barbosa de Melo Junior

Possui doutorado em Linguística (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, da Universidade Federal de Alagoas; mestrado em Linguística (2016) pela mesma universidade; especialização em Linguística pela Faculdade Unyleya (2018); e graduação em Letras - Português/Espanhol pelo Centro Universitário Cesmac (2013). Realiza pesquisas nas áreas de Análise da Conversação, Análise Crítica do Discurso, Linguística Textual e Retórica. Atualmente, é professor efetivo da área de Língua Portuguesa do Ensino Médio, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL). É líder do Grupo de Estudos em Texto, Argumentação, Discurso e Conversação (GETADIC/CNPq/UNEAL-IFAL) e membro do Grupo de Estudos do Texto e da Leitura: Perspectivas Interdisciplinares (GETEL/CNPq/UFAL).

E-mail: nildo.barbosa@ifal.edu.br

Josenilda Rodrigues de Lima

Doutoranda em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL). Mestra em Educação (UFAL/2019). Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UFAL/2016). Graduação em Serviço Social (UFAL/2013). Graduanda em Letras Português (UFAL). Integra o quadro de servidores da Universidade Federal de Alagoas. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa: Discurso e Ontologia - Gedon, do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL).

E-mail: josylima20@hotmail.com

Marcos Vinícius Lúcio Frago

Graduado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pós-graduando no curso de especialização em Produção Textual pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Atuou como bolsista CNPq no Projeto intitulado Letramentos e os Gêneros Textuais no Ensino de Língua Portuguesa do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) e como residente no Programa de Residência Pedagógica - RP/UFAL. Atualmente, é professor de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio Cristo Redentor e da Escola de Educação Básica Santa Catarina.

E-mail: marcosviniciusarapiraca@gmail.com

María Margarete de Paiva

Doutora em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM). Mestre em Letras e Linguística, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduada em Letras (Língua Portuguesa e respectivas Literaturas), pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É Professora Assistente da Universidade Estadual de Alagoas, desde 2004. Atualmente, é coordenadora do curso de Letras. É líder-fundadora do Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua (GEEAL/UNEAL).

E-mail: margarete_paiva@hotmail.com

María Alice da Rocha

Graduanda do curso Letras/Português da Universidade Estadual de Alagoas, campus São Miguel dos Campos. Integra o Grupo de Estudos em Texto, Argumentação, Discurso e Conversação – GETADIC/UNEAL, liderado pelo professor doutor Eduardo Pantaleão de Moraes. Foi bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Alagoas (FAPEAL), entre 2019 a 2020.

E-mail: alicerocha895@gmail.com

María Verônica Tavares Neves Cardoso

Doutora em Letras, pela Universidade Estadual de Maringá/UEM/PR (2021). Possui graduação em Letras Português Inglês e suas Literaturas pela FFPA/AL. Especialização em Tecnologia Educacional pelo Cesmac/AL. Especialização em Psicopedagogia Institucional, pela UCB/RJ; Mestrado em Educação, pela UFAL – Universidade Federal de Alagoas (2011). Atualmente é professora do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL campus III. Participa como Docente Orientadora do Programa de Residência Pedagógica - PRP, do núcleo de Língua Inglesa com o Projeto “Letramento Literário, Adaptação, Multimodalidades e Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa na Educação Básica”.

E-mail: veronica10proftavares@gmail.com

Max Silva da Rocha

Atualmente, cursa doutorado em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI). Foi professor voluntário do curso de Letras da UNEAL/Palmeira dos Índios entre 2020 e 2022. Possui mestrado em Linguística, pelo PPGLL/UFAL; especialização em Linguística Aplicada na Educação, pela UCAM e licenciatura em Letras/Português, pela UNEAL/Palmeira dos Índios. É sócio efetivo da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). É vice-líder do Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua (GEEAL/UNEAL). Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD/UFPI).
E-mail: msrletras@gmail.com

Natália Luczkiewicz da Silva

Graduada em Letras/Português e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Especialista em Linguística Aplicada à Educação pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Foi aluna bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Atualmente, é pesquisadora voluntária do Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua (GEEAL-UNEAL) e do Grupo de Estudos em Letramento, Educação e Transculturalidade (LET). É mestranda em Linguística, na linha de pesquisa Linguística Aplicada e Processos Textual-Enunciativos, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL).
E-mail: natalia2luczkiewicz@gmail.com

Pedro Antonio Gomes de Melo

É doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), especialista em Língua Portuguesa e mestre em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente, é membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e Professor Titular, ambas funções ligadas ao curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus III.
E-mail: pedro.melo@uneal.edu.br

Silvio Nunes da Silva Júnior

Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/UNEB) e no Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade de Pernambuco (PROFLETRAS/UPE). É professor efetivo da SEDUC/AL e da SEMEDE – Palmeira dos Índios/AL. É membro do GT Ensino e Aprendizagem na perspectiva da Linguística Aplicada (EAPLA) da ANPOLL. Pesquisador do GEDEALL/CNPq/UFAL e um dos líderes do GENA/CNPq/UNEAL.

E-mail: silvionunesdasilvajunior@gmail.com

Sóstenes Ericson

Estágio pós-doutoral em Linguística (Unicamp); Estágio pós-doutoral (em andamento) em Ciencias y Humanidades pela Universidad Autónoma de la Ciudad de México – UACM; Doutorado em Linguística (UFAL); Mestre em Serviço Social (UFAL); Graduado em Letras – Língua Inglesa e suas Literaturas (UNEAL); Graduado em Enfermagem (UPE); Graduando em Pedagogia (UNINTA). Líder 2 do Grupo de Estudo em Análise do Discurso (GrAD/CNPq); Líder 1 do Grupo de Estudo Trabalho, Ser Social e Enfermagem (GETSSE/CNPq). Estuda trabalho e gênero, na perspectiva materialista do discurso.

E-mail: sericson1@hotmail.com

A importância dos trabalhos que se apresentam nesta coletânea é imensurável, uma vez que abordam assuntos sobre política, formação de professores, ensino de línguas, entre outros, que podem servir como reflexões sobre diferentes fenômenos linguísticos, mas também podem ser aplicados na escola, como forma de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem. Assim, tanto na prática acadêmica enquanto universo de pesquisa, quanto na prática pedagógica, este livro tem o potencial de viabilizar sólidas contribuições acerca das relações entre linguagem e sociedade, pois os seres humanos, inscritos socialmente, são seres de palavra, de discurso. Os estudos sobre língua, texto e discurso têm um compromisso inadiável com a sociedade, haja vista que a língua não é transparente; todo texto apresenta elementos explícitos e implícitos que precisam ser interpretados; e o discurso carece ter seu funcionamento apreendido a partir de sua materialização. Por isso, a necessidade de obras como esta, redigida por pesquisadores e pesquisadoras capazes de mostrar, de forma pormenorizada, de que maneira os sentidos são construídos.

Max Silva da Rocha

Doutorando em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

 editora
PATHOS